

NATTERER

Andanças de um Extraordinário Naturalista.

**Johann Baptist Natterer e seu Protagonismo
na Expedição Científica Austríaca no Brasil (1817-1835)**

Texto

Fernanda Silva Dias de Aquino

Mestre em Linguística Aplicada – UFRJ

Jéssica Uhlig

Professora de Língua e Literatura Alemã e Mestre em Linguística Aplicada – UFRJ

Luiz Barros Montez

Professor Titular da Faculdade de letras da UFRJ

Rafael Chaves dos Santos

Doutor em Linguística Aplicada – UFRJ

Andanças de um Colecionador.

Registros de Natterer em Cartas, Diários e Anotações

Texto

Luiz Barros Montez

Professor Titular da Faculdade de letras – UFRJ

Naturalistas Austríacos no Brasil

Texto

HR. Prof. Mag. Dr. Christa Riedl-Dorn

Chefe do Departamento de História das Ciências

do Naturhistorisches Museum Wien – NHMW

Tradução do alemão para português

Kristina Michahelles – Casa Stefan Zweig

Cronologia dos viajantes

Vitor Vieira e Hugo Moss

Revisão dos textos

Prof. Dr. Marcelo J. Fernandes

Revisão dos layouts

Anna Catharina Miranda

Edição das imagens

José Paulo Monteiro Soares e Maria da Glória Afflalo

Design visual

Maria da Glória Afflalo (a+a design)

Realização do mapa atual

George Milek

© Kapa Editorial e Editora Index

A propriedade intelectual dos textos pertence aos autores, bem como as informações contidas nos capítulos, prefácios e outros textos que apresentamos nessa edição.

Os créditos das imagens das Instituições aparecem na folha créditos fotográficos com o nome das Instituições e dos fotógrafos.

Todos os direitos desta edição são reservados a Kapa Editorial e Editora Index. Essa obra como um todo ou parte dela não poderá ser reproduzida de forma alguma, inclusive em fotocópias, ou quaisquer mídia impressa ou eletrônica, ou mesmo transferida acidentalmente para qualquer outro uso sem a permissão por escrito do detentor do *copyright* da obra, sob pena de serem aplicadas as sanções da Lei no Brasil, a Lei nº 9.610, de 1998 que regula os direitos autorais, cuja gestão está a cargo da Diretoria de Direitos Intelectuais, do Ministério da Cidadania.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Agência Brasileira do ISBN – Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB – 7/6971

N282

Natterer na expedição austríaca no Brasil (1817-1835)

organizadores : Cristina Ferrão e José Paulo Monteiro Soares.

Petrópolis : Kapa Editorial : Editora Index, 2019

300 p. : il. ; 31 cm

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-81403-00-3

1. Brasil – Descrição e viagens. 2. História natural – Brasil. 3. Botânica – Brasil. 4. Etnografia – Brasil. I. Natterer, Johann Baptist, 1787-1843.

II. Ferrão, Cristina. III. Soares, José Paulo Monteiro. IV. Título

CDD 918.1

Organizadores

Cristina Ferrão

José Paulo Monteiro Soares

NATTERER

na expedição austríaca ao Brasil
(1817-1835)

Kapa Editorial & Editora Index | 40 anos

Rio de Janeiro | Petrópolis | São Paulo

2019





FERDINAND LUKAS BAUER
Conchocarpus macrophyllus.
Litografia colorida à mão, 1820.
NHMW

Mensagem dos patrocinadores

Há muitas décadas estimulamos as empresas nas quais temos participação a patrocinarem publicações que divulguem conhecimentos sobre o Brasil, sua economia, história, natureza e expressões artísticas. Clemente Mariani (1900-1981) deu início a essa tradição na década de 1940, quando tornou-se presidente do Banco da Bahia S.A., e seus descendentes consideraram importante prosseguir no mesmo caminho.

Ao longo dos anos, através dessa atividade, aproximamo-nos da figura histórica da Arquiduquesa Leopoldina (1797-1826), que por seu papel político e pelo estímulo que deu ao conhecimento científico contribuiu para a criação de nosso Estado-nação.

O livro que agora patrocinamos traz descrições e relatos associados à Missão Austríaca no Brasil, destacando a figura de Johann Natterer (1787-1843), devido à excelência de seu trabalho como naturalista e etnologista.

A missão foi projetada pelo Ministro do Exterior do Império Austríaco, Klemens Von Metternich (1773-1859), a partir de novembro de 1816, enquanto faziam-se os acertos para o casamento de Leopoldina com o Príncipe Herdeiro do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve, Pedro de Alcântara (1798-1834). Já antes das núpcias, realizadas por procuração em maio de 1817, partia de Trieste a expedição para o Brasil.

Em seu texto, Christa Riedl-Dorn mostra que a presença austríaca no Brasil antecede em mais de um século a Missão. O esforço de catequização dos jesuítas no Novo Mundo, que os brasileiros bem conhecem através de Manuel da Nóbrega (1517-1570) e José de Anchieta (1534-1597), atuantes no século XVI, prosseguiu no século seguinte com a contribuição de austríacos, entre os quais se destaca Anton Clemens von und zu Rechegg, cavaleiro e barão de Kaltern (1655-1733), que durante quase 42 anos viveu na região das Missões, então uma fronteira mal definida entre terras portuguesas e espanholas, catequizando os índios Guaranis. Sua narrativa de viagem tornou-se bastante popular.

O Século das Luzes aumenta o interesse por relatos e documentação de viagens a países exóticos. Europeus de língua germânica têm acesso a essas narrativas a partir de 1778, com a tradução para o alemão da obra *A Voyage Round the World in His Britannic Majesty's Sloop, Resolution, Commanded by Capt. James Cook, During the Years 1772, 3, 4, and 5*, de Georg Forster (1754-1794), naturalista alemão de origem escocesa, que com seu pai, o também naturalista e pastor Johann Forster (1729-1798), participou da segunda viagem de James Cook. Membro da Royal Society com apenas 22 anos, Georg Forster foi um prolífico escritor e tradutor para o alemão de narrativas de viagens pelo mundo, tendo traduzido inclusive os Diários de James Cook (1728-1779) e William Bligh (1754-1817).

Em 1785, aos 21 anos, Alexander von Humboldt (1769-1859), então estudante universitário, conhece Georg Forster em Gottingen. No ano seguinte um grupo, que incluía Forster como professor e Humboldt como aluno, viaja pela Europa Continental visitando jardins botânicos, minas, portos e igrejas.

Dez anos mais tarde, von Humboldt, então membro do grupo de intelectuais líderes do Classicismo de Weimar, embarca para seu périplo pelo continente americano, excluía a colônia portuguesa do Brasil, que durou de 1799 até 1804. A partir de 1807, de volta a Paris, Humboldt inicia a publicação de sua obra *Le voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799-1804*.

As grandes transformações militares e políticas na Europa do início do século XIX foram acompanhadas por outras nos campos científico e técnico, das quais Humboldt foi um grande influenciador e divulgador.

Leopoldina, com seu interesse por botânica e mineralogia, que a levou a aproximar-se de José Bonifácio de Andrada (1763-1838), mineralogista e principal articulador da Independência do Brasil, foi contemporânea de Humboldt, assim como Klemens Von Metternich, articulador de um projeto de recuperação do prestígio das monarquias conservadoras. Ambos foram influenciados por suas ideias e abrigados sob sua égide.

Johann Natterer passou 18 anos no Brasil, sendo 11 na Amazônia. O destaque dado neste livro a ele, seus relatos e suas coleções deve-se ao esforço feito pela Embaixadora Marianne Feldmann para trazer para o Rio de Janeiro uma exposição de objetos e ilustrações do antigo *Brasilianum* (Museu Brasileiro), em Viena, povoado pelas coleções de Johann Natterer entre 1821 e 1935. A exposição faria parte das comemorações dos 200 anos da chegada da Arquiduquesa Leopoldina ao Brasil, mas pelas dificuldades burocráticas inerentes a um projeto desse tipo a iniciativa frutifica apenas agora, na forma deste livro.

Johann Natterer, assim como outros membros da Missão Austríaca e de sua contemporânea Missão Bávara ao Brasil, tem sua história de vida essencialmente vinculada ao nosso país, como demonstram os textos de Fernanda Silva Dias de Aquino, Jéssica Uhlig Amorim Vasconcelos de Araújo, Luiz Barros Montez, Rafael Chaves Santos e Christa Riedl-Dorn. É claro que essa história era também ligada ao seu tempo, às virtudes e vícios da ciência e ideologias de então. Seu olhar sobre o Brasil, e especificamente sobre a Amazônia, produziu descrições científicas extraordinárias e auxiliaram o progresso do conhecimento das ciências naturais e da etnologia. Não surpreende que Alfred Russel Wallace (1823-1913), naturalista que desenvolveu a teoria da seleção natural paralelamente a Charles Darwin (1809-1882), tivesse Natterer como uma referência ao viajar pela Amazônia entre 1848 e 1852.

Natterer apontou para o futuro através da ciência, embora tenha se prendido ao passado pelo modo como se comportou e escreveu a respeito da escravidão no Brasil. É verdade que Grã-Bretanha e França só eliminaram de forma definitiva a escravidão em suas colônias em 1833 e 1905, respectivamente. Entretanto, a naturalidade com que reagiu ao sistema escravista brasileiro demonstra que ele não levou em conta a condenação pública do tráfico de escravos feita pelas potências europeias no Congresso de Viena de 1814-15, referindo-se à atividade como um “comércio repugnante aos princípios de humanidade e moralidade universais”.

Ao patrocinar este livro buscamos homenagear os naturalistas e etnologistas que geraram conhecimento a partir do contato com a diversidade de nossa natureza e de nossos povos indígenas, percebendo o valor de ambos para o bem estar das futuras gerações.

Igualmente homenageamos a Arquiduquesa Leopoldina pelo seu papel e exemplo na constituição do nosso Estado e para o estímulo de nossa pesquisa científica.







Griffinia hyacinthina.

Nota dos editores

As relações entre a Áustria e o Brasil têm uma história que se estende por séculos. O acervo – que é imenso – é considerado um dos mais importantes sobre o Brasil. Desde 1995, nossas editoras, Index e Kapa, vem dedicando um atento olhar sobre esse acervo. Em mais de 40 anos atuando no Brasil e no exterior – com publicações e edições como esta – já realizamos muitos sonhos, dentre os quais destacam-se: a publicação das coleções referentes ao Brasil Holandês no século XVII, contendo 23 livros; a coleção *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira*, do século XVIII, contendo 21 livros; e sobre o século XIX, com esta edição, totalizam 12 livros.

A imperatriz Leopoldina, com sua Missão Austríaca, trouxe ao Brasil vários pintores, cientistas e naturalistas que recolheram esse precioso acervo. Alguns estão em Museus na Áustria, onde fomos pesquisar, como o Weltmuseum Wien, Naturhistorisches Museum Wien (NHMW), Akademie der bildenden Künste Wien (K.AKAD), para citar os mais importantes.

Neste livro, além das coleções de Natterer, não poderíamos deixar de incluir os outros artistas e cientistas que vieram na mesma expedição. Naturalmente, muitas das pinturas e reproduções feitas dos materiais coletados foram realizadas posteriormente, na Áustria, a partir dos originais e materiais de campo vindos do Brasil.

Pesquisamos também no Brasil, no Museu Imperial de Petrópolis, no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no Museu Histórico Nacional, no Museu Nacional – UFRJ e em coleções particulares. Além do fato desse importante acervo da nossa história estar depositado nas mencionadas coleções, outro sonho se torna realidade com esta nova obra: disseminar a História do Brasil e criar um belo livro de referência.

Não podemos deixar de agradecer a Pedro H. Mariani e a Glória Mariani – parceiros raros na edição desta obra – que, com seus comentários e observações, contribuíram para a beleza estética e com o seu conteúdo intelectual. Agradecemos também ao sempre atencioso André Krepel por sua eficiência, Maria da Glória Afflalo que sabe bem como lidar com os desafios que se apresentam durante a edição de livros, bem como a embaixada da Áustria no Brasil e a sua equipe sempre presente em nossas edições, além dos autores e todos que fizeram parte da realização deste livro.

Cristina Ferrão
José Paulo Monteiro Soares

MICHAEL SANDLER
Griffinia hyacinthina
Litografia colorida à mão, impressa pelo
Instituto Litográfico de Viena, 1820.
NHMW

Prefácio

Marianne Feldmann
outubro, 2019

Meu primeiro contato com Johann Natterer foi em 1988 quando, como jovem diplomata recém-chegada na Embaixada da Áustria em Brasília, ajudei um professor da Universidade desta capital – cujo nome não me recordo – a preparar uma viagem a Viena a fim de procurar os vestígios dos naturalistas que acompanharam a jovem arquiduquesa Leopoldina em sua viagem nupcial para o Brasil.

O professor voltou entusiasmado devido às vastas coleções que encontrou no Museu de História Natural – onde havia mais de 150.000 objetos – e da coleção etnográfica do então chamado Museum für Völkerkunde – um Museu de Antropologia que hoje se chama Weltmuseum Wien. O acervo deste último – composto por mais de 2.000 objetos que são fruto das viagens de Johann Natterer ao Brasil entre 1817 e 1835 – era uma maravilha. Com isso, tive a ideia de organizar uma exposição fotográfica da arte plumária colecionada por Natterer, porém, com o nascimento da minha primeira filha e a subsequente licença-maternidade, não pude ter tempo para realizar este sonho.

Voltando para meu antigo posto, em 1995, a primeira tarefa foi procurar parceiros para organizar essa exposição. Para minha surpresa, já existia um projeto similar: o Professor Vitor Leonardi, da Universidade de Manaus, estava preparando uma missão para conhecer o acervo do Museu de Antropologia de Viena (Weltmuseum Wien). Conseguimos o financiamento com empresas austríacas e o resultado foram 350 belíssimas fotos reunidas em uma exposição em Brasília. O evento repercutiu nos principais jornais brasileiros. O Estadão e a Folha de São Paulo dedicaram páginas inteiras à importância desta memória sobre o Brasil na capital austríaca. “*Brasil encontra tesouro indígena do século 19 perdido na Áustria*” era a manchete de um dos titulares.

Na abertura da mostra em Brasília, na UNB, conheci um dos diplomatas que mais trabalhou e se dedicou na preservação do acervo cultural brasileiro: o Embaixador Wladimir Murtinho. Na ocasião ele me apresentou a sua grande amiga de longa data, a editora Cristina Ferrão, que, junto com José Paulo Monteiro Soares, era responsável por uma linha de edição de livros sobre o resgate de documentos e iconografias históricas em arquivos no exterior chamado, como bem dizia o Embaixador, “Projeto Resgate”. Este contato frutifica até hoje e culmina agora no presente livro que está em suas mãos.

Juntos fomos descobrir os “tesouros perdidos” em Viena, que não estavam tão perdidos assim, mas muito bem catalogados e incrivelmente bem preservados. É impossível descrever a emoção que se sente ao ver de perto o vasto material colecionado por Natterer. Entramos nos porões dos museus vienenses, imaginamos as peripécias do transporte de cada objeto que havia saído do Rio Amazonas e seus afluentes até chegar em Viena, onde foram expostos primeiramente no Castelo do Belvedere. Mais tarde, devido à preciosidade do tesouro, o Imperador Francisco I – pai de Leopoldina e naturalista apaixonado – abriu as portas de um palácio no centro de Viena para que se transformasse no primeiro (e único) museu dedicado exclusivamente ao Brasil na Europa, o “*Brasilianum*”.

As publicações que se seguiram – decorrentes destes nossos primeiros contatos – são muitas. Dentre elas destaco uma edição completa sobre as aquarelas de um dos companheiros da viagem de Natterer ao Brasil, o jovem pintor Thomas Ender, e *Olhares Cruzados*, um livro que até hoje é uma importante edição comemorativa sobre os 200 anos da chegada de D. Leopoldina ao Brasil. No entanto, sempre ficamos com o propósito de, em algum momento, dedicar uma edição importante a este homem que talvez tenha sido o maior colecionista do mundo sobre a história do Brasil. Natterer tinha um olhar não somente científico, mas também uma profunda sensibilidade artística que pode ser notada em cada objeto que se encontra hoje em Viena.

E aqui está a edição de um livro magnífico que finalmente conta não só ao público brasileiro, mas também de outros países, quem foi Johann Natterer. Nas pesquisas em português, seu nome aparecia somente como ornitologista (outra faceta importante deste grande homem). Ou seja, não havia vestígios de sua memória em nenhum museu brasileiro dedicado à Amazônia. No Museu Goeldi, por exemplo, era um completo desconhecido.

Gostaria muito de ver uma exposição com a grande quantidade de material colecionado por Natterer no país de origem dessas peças tão preciosas. Quando fui embaixadora no Brasil, de 2012 a 2016, fizemos um grande esforço para realizar essa tarefa, mas infelizmente esse sonho ainda não se realizou. Outras belíssimas exposições foram feitas sobre D. Leopoldina, a jovem que deu origem à expedição científica austríaca. Foram homenagens bem merecidas por esta mulher que se tornou – talvez – a primeira “brasileira” da história, e que teve a coragem de motivar seu esposo a permanecer na nova pátria tropical como Imperador.

Mas nunca é tarde. Hoje, depois dos Museus ao longo da História terem sofrido incêndios, como o Museu Brasilianum, O Museu Bocage em Lisboa e o Museu Nacional – para não estender a lista a outros países –, as coleções de Johann Natterer são ainda mais relevantes, já que nelas a memória do Brasil está muito bem conservada.

Quero agradecer profundamente a Pedro Mariani, a quem tive o prazer de propor a parceria para esta publicação, além de ser quem transformou nosso sonho em realidade, apoiando e participando dessa realização.

Faço votos para que este livro seja o início de um novo e ambicioso projeto que visa trazer o acervo de Natterer – e também de outros viajantes austríacos que vieram acompanhando D. Leopoldina – para o Brasil. Talvez este seja o momento preciso – quando o mundo está despertando para a importância da Amazônia e para o clima mundial, e também sobre a importância da biodiversidade deste país e seus usos ainda inimagináveis – para se chamar atenção e mostrar o amor de um austríaco originário do Tirol no início do século 19 por esta região tão emblemática.

Sumário

- 19 **A trajetória de um extraordinário naturalista. Johann Baptist Natterer e seu protagonismo na expedição científica austríaca no Brasil (1817-1835)**
Fernanda Silva Dias de Aquino, Jéssica Uhlig Amorim
Vasconcelos de Araújo, Luiz Barros Montez e Rafael Chaves Santos
- 129 **Andanças de um colecionador**
Registros de Natterer em cartas, diários e anotações.
Luiz Barros Montez
- 196 **Naturalistas austríacos no Brasil**
Christa Riedl-Dorn
- 297 **Cronologia de viajantes**







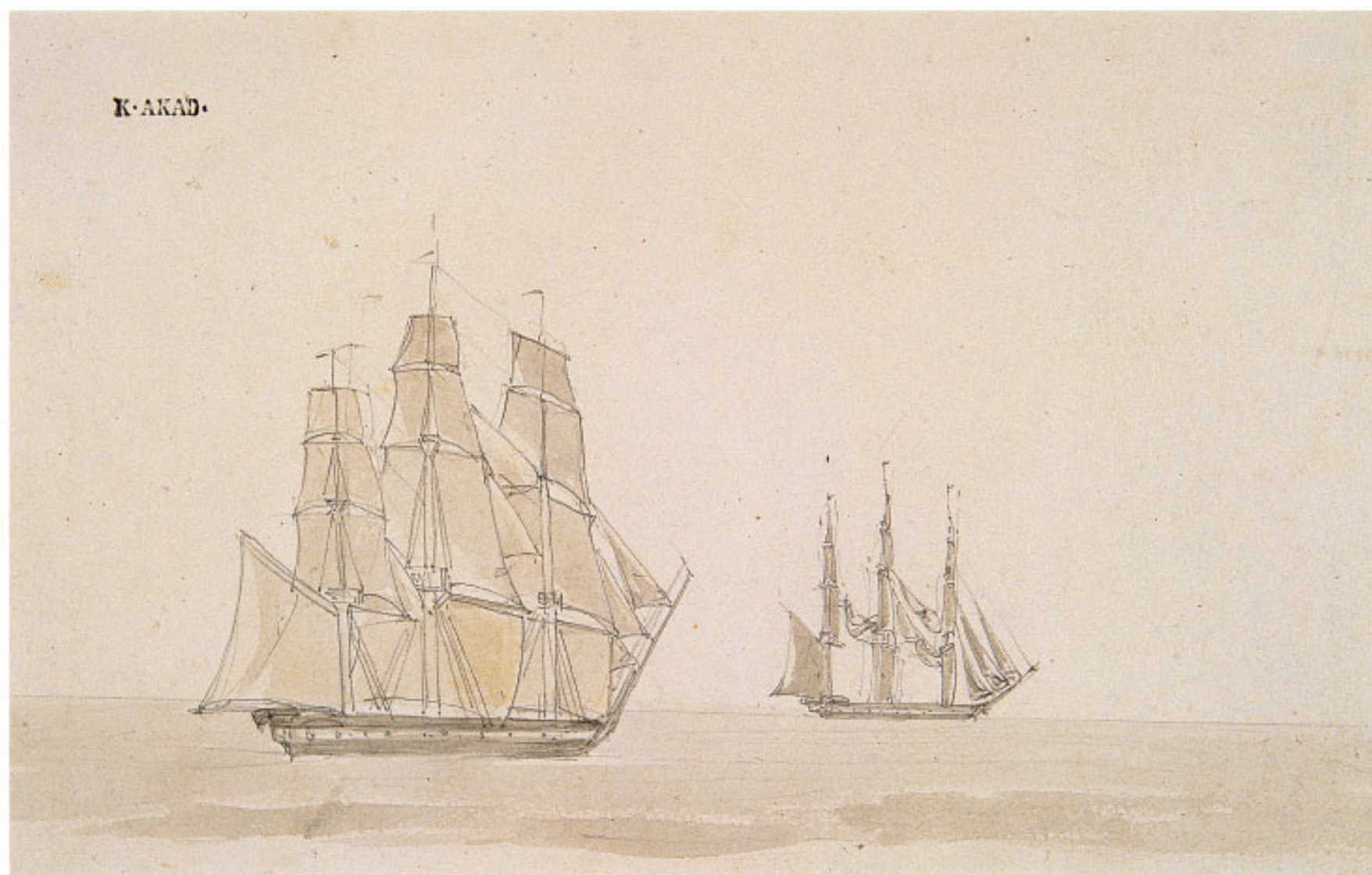
321.
Nr. 179. Musik am Vordertheil der Fregatte Austria, gez. während der Fahrt am Ocean.

A trajetória de um extraordinário naturalista.

Johann Baptist Natterer

e seu protagonismo na expedição científica austríaca no Brasil (1817-1835)

Fernanda Silva Dias de Aquino
Jéssica Uhlig Amorim Vasconcelos de Araújo
Luiz Barros Montez
Rafael Chaves Santos



THOMAS ENDER
Fragatas *Austria* e *Augusta*.
Lápis aquarelado. 200x277mm.
K. AKAD

THOMAS ENDER
Música na parte dianteira da fragata
Austria, desenhada durante a travessia,
em 1817.
Lápis aquarelado. 437x409mm.
Este desenho também é dedicado à vida
e ao trabalho à bordo da fragata, e mostra
a tripulação em um ensaio para uma festa.
K. AKAD



THOMAS ENDER
Marinheiros dançando à bordo da fragata
Austria.
Lápis, parcialmente aquarelado
200x284mm.
K. AKAD

Cinco de novembro de 1817.

Chega ao Rio de Janeiro a fragata austríaca, de nome *Augusta*, que partira de Trieste sete meses antes. Tiros de canhão anunciam a chegada da pequena frota, encabeçada pela tão aguardada embarcação portuguesa *D. João VI*, que transporta a arquiduquesa Leopoldina, cujo enlace matrimonial com D. Pedro havia sido realizado por procuração em Viena em maio do mesmo ano e seria festejado durante vários dias no Brasil. Outra fragata austríaca que os acompanhara, a *Austria*, já havia aportado em 14 de junho do mesmo ano. Na *Augusta*, chegava Johann Baptist Natterer, protagonista do maior empreendimento científico de germânicos no Brasil Oitocentista: a expedição científica austríaca.

Composta por 14 integrantes, a expedição tinha entre outras finalidades ampliar os conhecimentos científicos do império austríaco sobre o maior país sul-americano. Para Natterer, a viagem significaria a sua mais importante realização científica, e a mais longa de sua vida em terras estrangeiras – o naturalista permaneceu 18 anos no Brasil. A expedição, da qual ele participou inicialmente como zoólogo, foi concebida, organizada e executada por ensejo do casamento real entre a arquiduquesa austríaca e o príncipe herdeiro do trono português. A união dinástica foi um dos resultados do Congresso de Viena, ocorrido em 1815, após o fim das guerras napoleônicas.





Leopoldina Arquiduquesa da Áustria, princesa real do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, duquesa de Bragança.

JEAN-BAPTISTE DEBRET.
Chegada da arquiduquesa Leopoldina
ao Rio de Janeiro em 1817.
Litografia colorida de Thiery segundo
desenho de Jean-Baptiste Debret de
*Voyage pittoresque et historique au
Brésil*, Paris, 1834-1939.

Guerras e fuga para o Brasil

Percorrer a história das primeiras décadas do século XIX é revisitar acontecimentos que transformaram radicalmente o mundo. Invasões militares, tratados internacionais de paz, alianças entre potências, conquistas e reconquistas de vastos territórios são apenas alguns aspectos que exemplificam essas mudanças. Vivia-se uma época de revoluções, e nem o Brasil saiu ileso de suas consequências. Os ventos revolucionários na França de 1789 e seus desdobramentos posteriores mudaram também o rumo de nossa história.

As forças mudancistas na França derrubaram um sistema que antes parecia estável. As monarquias vizinhas tentaram interromper os acontecimentos naquele país, empenhando-se em restabelecer o poder do rei. Os conflitos rapidamente desdobraram-se em guerras entre franceses e alemães e intervenções recíprocas, ao final das quais emergiu a República. Desde o seu surgimento, o conflito entre a França e os países vizinhos só se acentuou. O exército francês assumiu o protagonismo militar, e um jovem oficial corso iniciou sua caminhada rumo ao poder. Após um golpe de estado, desfechado em 18 de brumário de 1799 (segundo o novo calendário republicano), Napoleão enfeixou grande poder em suas mãos como cônsul da França. O período do Consulado dura até 1804, quando o militar criou então um novo Império e coroou a si próprio imperador dos franceses. Nesse governo, os problemas que antes pareciam insolúveis foram resolvidos como por um milagre. Em pouco tempo, Napoleão estabeleceu na França um Código Civil, uma concordata com a Igreja e um Banco Nacional, consolidando o poder da burguesia. Ao mesmo tempo, o imperador francês entrou novamente em conflito com os países vizinhos no continente. As invasões napoleônicas causaram mudanças drásticas na configuração geopolítica do território europeu, com a dissolução de impérios e reconfiguração de fronteiras geopolíticas, incluindo anexações ao território francês.

Insatisfeitas com as ações francesas, as demais potências europeias reuniram-se contra as investidas de Napoleão, tentando conter as forças e as ideias francesas que se espalhavam rapidamente pela Europa. Porém, o poderio militar da França derrota seus concorrentes em diferentes batalhas entre 1805 e 1807. Naqueles anos de guerra se estabelecia um conflito fundamental entre a Inglaterra e a França, que disputavam principalmente o controle pelos mercados europeus e coloniais ultramarinos. A Inglaterra havia muito se estabelecera como uma potência marítima, de modo que seria difícil para Napoleão derrotá-la em um conflito bélico. Como solução, o imperador francês decretou em 1806 o bloqueio continental, determinando o fechamento de todos os portos europeus para impedir o comércio com a Inglaterra tendo como objetivo enfraquecer a economia do país.

Era imprescindível que todos os países europeus com saída para o mar aderissem ao bloqueio, mas essa estratégia não pôde ser levada a cabo. Portugal resistia às ordens de Napoleão devido à sua longa submissão comercial à Inglaterra. D. João, regente português, viu-se pressionado a tomar uma atitude frente às ameaças de invasão francesa e aos velhos acordos com os ingleses. A iminente chegada das tropas francesas a Portugal, que já atravessavam suas fronteiras, pressionou D. João a tomar uma decisão, que seria inédita na história das aristocracias europeias: em 1808, às pressas, a corte de Lisboa embarcou em direção ao Brasil, amparada pelo apoio naval inglês.

Essa manobra política de D. João não foi uma ideia repentina, surgida exclusivamente a partir das ameaças francesas imediatas. O continente europeu passara por repetidas complicações políticas e conflitos bélicos desde a Revolução Francesa em 1789. Em meio às potências da Europa, Portugal mostrava-se um Estado fragilizado; nesse contexto, o estadista português vinha discutindo diariamente o plano de transferência da corte. Quando a iminente chegada dos franceses encurralou os portugueses, tornou-se indispensável proceder e tratar dos preparativos da mudança para o Brasil.

Enquanto a família real portuguesa se aventurava em direção à sua colônia, a metrópole ficava à sorte da ocupação estrangeira. A decisão do regente D. João de transferir-se para o Brasil



mudou radicalmente o destino dos dois países, uma vez que o retorno da corte portuguesa à Europa não aconteceria tão cedo. Na metrópole, uma delegação com participação inglesa ficaria responsável pelos poderes, fortalecendo os interesses comerciais e estratégicos da Inglaterra. A crescente participação inglesa no mercado português aprofundava cada vez mais a submissão de Portugal. Estas vantagens avançaram ainda mais quando D. João, ainda na Bahia, promoveu a abertura dos portos brasileiros em 1808, concedendo aos ingleses um acesso quase exclusivo, já que os outros países europeus ainda estavam sujeitos ao bloqueio de Napoleão.

Naquele momento a França começou a sofrer as consequências de sua própria medida. Sem ter como suprir a demanda aberta pelo bloqueio continental, a interdição levada a cabo por Napoleão acabou enfraquecendo o seu próprio país. Os longos anos de guerra também desgastaram os franceses, sobretudo pela resistência da Inglaterra, da Prússia, da Áustria e da Rússia. A situação se agravou quando a Rússia decidiu, em 1812, quebrar o bloqueio continental e entrar novamente em guerra contra os franceses. Àquela altura, as tropas francesas não mais conseguiam derrotar seus inimigos, e Napoleão sofreu sucessivas derrotas nos anos seguintes. Arruinado, o imperador por fim renunciou ao trono em 1814 e foi enviado ao exílio na Ilha de Elba.

Os vitoriosos restabeleceram, então, a dinastia Bourbon na França, e conduziram Luís XVIII ao trono francês. Ao mesmo tempo, os países aliados decidiram reunir-se no Congresso de Viena para reorganizar a Europa nos moldes pré-revolucionários. O evento sofreu uma interrupção quando, em 1815, Napoleão conseguiu escapar do exílio e se restabelecer como imperador. Novamente os países aliados reuniram-se para derrotá-lo meses depois na Bélgica, durante a Batalha de Waterloo. Esta foi a última batalha de Napoleão, definitivamente derrotado e exilado na ilha de Santa Helena, onde permaneceria até sua morte, em 1821.

A dinastia Bourbon foi novamente alçada ao poder na França. Com isso, os países europeus retomaram as negociações de paz no Congresso de Viena, que se estenderam até 1815. O chanceler austríaco, Clemens Wenzel Lothar von Metternich, liderou os trabalhos cujos objetivos consistiam em reconfigurar as fronteiras europeias, estabelecer um acordo de paz e restaurar a ordem absolutista, levando o continente de volta à situação anterior e às turbulências do fim do século XVIII.

Enquanto a Europa se esforçava para restabelecer-se, a corte portuguesa ainda permanecia no Brasil e não demonstrava sinais de retorno. A transferência da família real transformava as relações entre metrópole e colônia com o estabelecimento do Rio de Janeiro como sede do governo. Na América, D. João criava um aparato administrativo baseado no que já existia em Portugal, com o estabelecimento de escolas de ciências, da Imprensa Régia, do Banco do Brasil e de outras instituições burocráticas estratégicas, o que deu grande impulso ao desenvolvimento político e administrativo da nova sede da metrópole. No entanto, após seis anos no Brasil, D. João encontrava-se em uma posição delicada. Não havia mais desculpas para ficar longe de Portugal; dentro e fora do país se exercia enorme pressão para o seu retorno. Sem a intenção de ceder às exigências inglesas, ainda em 1815 D. João decidiu elevar o Brasil à condição de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, formalizando a categoria em que o Brasil foi internacionalmente graduado pelos representantes das potências no Congresso de Viena.

A reunião de paz dos países europeus tornou-se também uma oportunidade para D. João consolidar a estratégia de neutralizar a dominação inglesa. Ao longo das negociações, Portugal investiu em uma aliança política com um dos impérios mais poderosos do continente naquela época: a Áustria. As negociações tiveram início em 1816, e incluíam um grande negócio de Estado: o casamento entre os herdeiros das casas Bragança e Habsburgo. A aproximação era benéfica aos países não apenas pelos motivos portugueses. Clemens von Metternich viu nela uma oportunidade de aumentar o intercâmbio industrial e comercial entre os dois reinos¹, além de fortalecer a monarquia portuguesa.

1 LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I: um herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 77.



— D. Pohl's Reise in Brasilien, vom November 1817 bis Februar 1821

Johann Natterer's Reisen in Brasilien vom November 1817 bis August 1831. — I^{te} Reise vom November 1817 bis November 1818 — II^{te} Reise vom November 1818 bis März 1820 — III^{te} Reise vom Juli 1820 bis Februar 1821

— IV^{te} Reise vom Februar 1821 bis September 1822 — V^{te} Reise vom October 1822 bis December 1824 — VI^{te} Reise vom Jänner 1825 bis Juli 1829 — VII^{te} Reise vom Juli 1829 bis Juny 1830 — VIII^{te} vom Juni 1830 bis August 1831



LUKAS BETZIC
Mapa do Brasil com a rota de viagem de
Johann Natterer e Johann Emanuel Pohl,
novembro de 1817 / fevereiro 1821.
NHMW



Caixa de d. Pedro
Presente de d. Pedro para
seu sogro, imperador Francisco I.
NHMW

JEAN-BAPTISTE DEBRET
O rei d. João VI e o imperador d. Pedro I.
Litografia colorida de Thierry segundo um
desenho de Jean-Baptiste Debret.
Voyage pittoresque et historique au Brésil,
Paris, 1834-1839.

Os laços entre o Brasil e a Áustria

O casamento dinástico como modo de estabelecer alianças políticas já era uma longa tradição na política dos Habsburgos, da qual a arquiduquesa estava ciente. Carolina Josefa Leopoldina de Habsburgo-Lorena, filha do imperador Francisco I e da imperatriz Maria Tereza da Áustria, nasceu em novembro de 1797 no seio de uma das dinastias mais poderosas da Europa, e viveu sua infância e adolescência em uma época de profundas mudanças nas estruturas políticas. Entretanto, teve pouco contato com os acontecimentos externos e, assim como seus irmãos e irmãs, foi acostumada ao cerimonial da corte e criada segundo as obrigações de uma filha do imperador Habsburgo: foi preparada para seu futuro papel de esposa e mãe temente a Deus. Sua educação incluía estudos de leitura, escrita, matemática, alemão, francês, italiano, história, geografia, música, literatura, física, latim, canto e trabalhos femininos, além das disciplinas de ciências naturais, pelas quais ela se interessava bastante, principalmente a mineralogia, a zoologia e a botânica. Em uma carta à sua irmã Maria Luísa, ao relatar uma visita a um gabinete de minerais em Praga, a arquiduquesa escreveu que “poderia passar o dia inteiro lá dentro sem comer nada”². Leopoldina chegou a cogitar ser mineralogista da corte, caso não lhe arrançassem um marido. No entanto, isso não foi necessário.

Com as negociações políticas entre Portugal e Áustria e o acordo do casamento, Leopoldina iniciou seus estudos da língua portuguesa e da história do Brasil e de Portugal. Tal foi o seu empenho em preparar-se para o matrimônio que ela reorganizou sua coleção mineralógica e escreveu um catálogo francês segundo o método Haug de classificação³, após receber a falsa informação de que seu futuro esposo também seria mineralogista. Tais atitudes demonstravam tanto a dedicação de Leopoldina ao seu futuro desempenho como esposa e integrante da casa Bragança quanto sua predileção pela história natural.

Aliás, não apenas a arquiduquesa estava interessada nos estudos e práticas científicas. Quando as negociações para o matrimônio foram iniciadas, o imperador Francisco I já tinha em mente a montagem de uma expedição científica com o objetivo de coletar objetos que enriqueceriam o seu Imperial e Real Gabinete de Objetos Naturais. A partir do século XIX as ciências se profissionalizaram, passando a empregar novos métodos e práticas. Nesse contexto, as viagens científicas passaram a exigir novos planejamentos, determinados pelo uso de equipamentos específicos e pelas instruções de professores universitários. Elas demandavam a criação de estruturas institucionais que as amparassem, como museus e sociedades científicas. As viagens ganharam novas dimensões como forma de comunicação e de aquisição de conhecimento, pois tornaram-se um meio de coletar dados e fornecer materiais para a pesquisa em história natural.

Por outro lado, além de objetivos científicos a expedição brasileira também serviria a interesses de outra natureza. Através da expedição científica no Brasil, Viena poderia ampliar seus conhecimentos sobre o território e os recursos naturais do país sul-americano, na época ainda muito superficiais, e com isso trazê-lo para a órbita dos interesses econômicos e políticos do Estado austríaco. Por todos estes motivos, a corte austríaca aproveitou o ensejo do casamento para pôr em marcha seus planos de concretizá-la.



Maria Teresa, segunda esposa do Imperador Francisco I, mãe de Leopoldina.
Gravura pontilhada de Karl Hermann Pfeifer segundo uma pintura de Josef Kreuzinger.

Ouro lavado (*wuschgold*) de S. Vicente, Mato Grosso enviado para Viena por Natterer.
NHMW

2 Carta de Leopoldina a Maria Luísa, Praga, maio de 1810, in: KANN, Bettina, LIMA, Patrícia de Souza (org.). *D. Leopoldina: cartas de uma imperatriz*. Trad. de Guilherme João de F. Teixeira e Tereza Maria S. De Castro. São Paulo: Estação Liberdade, 2006, p. 183.

3 Carta de Leopoldina a Maria Luísa, Viena, 21 de novembro de 1816, in: KANN, Bettina, LIMA, Patrícia de Souza (org.). *D. Leopoldina: cartas de uma imperatriz*. Trad. de Guilherme João de F. Teixeira e Tereza Maria S. De Castro. São Paulo: Estação Liberdade, 2006, p. 261.

“Confesso que o sacrifício que devo fazer deixando minha família, quem sabe para sempre, será muito doloroso para mim; mas esta aliança dá muito prazer a meu pai; separando-me dele terei o consolo de saber que me conformei a seus anseios, estando convencida de que a providência dirige de uma forma particular, o destino de nossas princesas e de que obedece à sua vontade quem se submete aos pais”
(carta de Leopoldina à sua tia Maria Amélia em 10 de dezembro de 1816).



A expedição científica austríaca

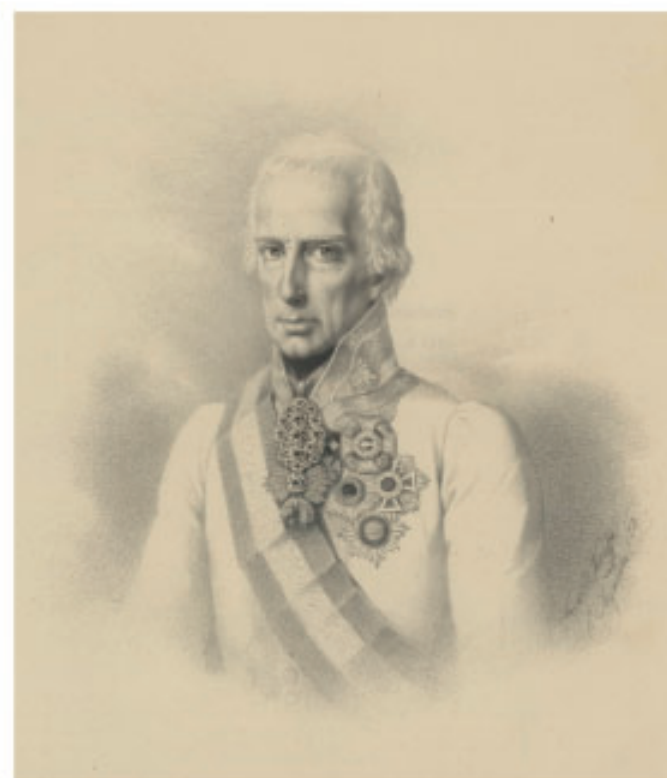
O contrato de casamento entre D. Pedro e Leopoldina havia sido concluído e assinado em novembro de 1816. Logo após a cerimônia, celebrada em maio do ano seguinte, tiveram início os preparativos para a realização da expedição. O chanceler austríaco Metternich, também muito interessado pelas ciências naturais, assumiu a direção geral do empreendimento. A direção científica coube a Karl von Schreibers (1775-1852), desde 1806 diretor do Imperial e Real Gabinete de Objetos Naturais em Viena. Uma de suas incumbências foi escolher a equipe de cientistas e auxiliares. Schreibers indicou os nomes do zoólogo Johann Natterer (1787-1843), do botânico Heinrich Wilhelm Schott (1794-1865) e do caçador e preparador de objetos taxonômicos Dominik Sochor (?-1826).

Inicialmente designado por Metternich e Schreibers para chefiar a expedição no Brasil, Natterer esbarrou na vontade do imperador. O barão Andreas von Stifft, seu médico particular e conselheiro de Estado, intercedeu em favor de Johann Christian Mikan (1769-1844), professor de História Natural na Universidade de Praga, persuadindo Francisco I a nomeá-lo como chefe da equipe científica. O imperador assentiu, possivelmente em função de uma circunstância hierárquica: por não ser professor universitário, Natterer não poderia assumir um posto superior ao de Mikan. A decisão do imperador gerou um grande mal-estar a Natterer, que escreveu a Metternich manifestando seu desagrado por ver naquela nomeação um gesto de desconfiança quanto à sua pessoa e aos seus conhecimentos. Segundo o missivista, Mikan não estaria acostumado às tarefas práticas de colecionistas, era um acadêmico, e ainda por cima estrangeiro, de modo que achava triste ter de se submeter a ele e pensar que o acadêmico poderia um dia colher a recompensa pelos seus méritos⁴. O zoólogo escreveu também ao próprio imperador, esgrimindo basicamente os mesmos argumentos, e concluindo que Mikan não seria um nome adequado à condução da expedição por não possuir experiência com a prática de viagem. Nela, Natterer reafirma seu trabalho como zoólogo no Gabinete e sua experiência em viagens e no trato com coleções⁵.

Apesar de insistir em suas competências e habilidades, os esforços de Natterer foram em vão. O imperador Francisco I não abriu mão da nomeação de Mikan como chefe da expedição e encerrou a discussão, declarando que o relacionamento entre os dois era determinado pelo trabalho de cada um, assim como pelos assuntos científicos confiados a eles⁶. Ambos seriam responsáveis por suas respectivas áreas de trabalho, de modo que Mikan seria responsável pela botânica, tendo Schott como assistente, e Natterer pela zoologia, tendo Sochor como assistente de caça.

Outros expedicionários foram nomeados para a viagem ao Brasil. Designaram-se Johann Baptist Emanuel Pohl (1782-1834), como mineralogista, além de Thomas Ender (1793-1875) e Johann Buchberger (?-1821), respectivamente como pintor de paisagens e pintor de espécimes botânicos. A própria Leopoldina indicou também Rochus Schüch (1788-1844), seu professor de mineralogia, Johann Kammerlacher, médico e ornitólogo, o pintor G. K. Frick e Franz Josef Frühbeck (1795-?), como ajudante de Schüch.

Não apenas o império austríaco estava interessado em fomentar os conhecimentos de história natural. Também o rei da Baviera, Maximilian I, desejava estimular a ciência em seus territórios. A seu pedido juntaram-se ao empreendimento os bávaros Johann Baptist von Spix (1781-1826), zoólogo, e Carl Philipp Friedrich von Martius (1794-1868), médico e botânico. Já o grão-duque Fernando de Toscana indicou o botânico Joseph Raddi (1770-1829). Com estes completa-se a lista dos 14 integrantes da viagem científica ao Brasil.



KARL JOSEPH ALOYS AGRICOLA, com base em uma pintura de Johann Peter Krafft, O imperador Francisco I/II, litografia, Viena, 1828. NHMW

4 Carta de Johann Natterer a Clemens von Metternich, Viena, 27 de dezembro de 1816.

5 Carta de Johann Natterer a Francisco I, Viena, 27 de dezembro de 1816.

6 Instrução a Karl von Schreibers, 29 de janeiro de 1817. SCHMUTZER, Kurt. *Der Liebe zur Naturgeschichte halber: Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817-1835*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2011, p. 26.

(...)

“Que essa circunstância não me seja indiferente, não me seja levado a mal que eu o admita. Minha honra, a confiança em minha retidão e em meus conhecimentos encontram-se aqui ameaçados. E se, além disso, me orgulho de possuir conhecimento sobre como se fazem coleções de história natural e de já tê-lo comprovado, seria triste eu ter de me submeter a um professor estrangeiro do qual não estou convencido de que não venha algum dia a colher a recompensa pelos meus méritos. Eu peço por isso que Vossa Alteza interceda benevolmente, para que esta expedição seja desmembrada em duas partes”

(carta de Johann Natterer a Clemens Wenzel Lothar von Metternich, Viena, 27 de dezembro de 1816).

“O relacionamento entre o senhor Mikan e Natterer determina-se pela consideração natural de suas categorias de trabalho, como também pelos assuntos científicos confiados a eles. (...) O senhor professor Mikan está em uma posição à frente do senhor Natterer; esta posição não pode, contudo, exercer influência direta sobre os ramos científicos que estão confiados especialmente a um e a outro”

(Instrução a Karl von Schreibers em SCHMUTZER, K. Der Liebe zur Naturgeschichte halber. Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817-1835. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2011, p. 26).

Os expedicionários a serviço do Imperial Real Gabinete de Objetos Naturais de Viena subordinavam-se às ordens de Karl von Schreibers, diretor científico da viagem. O projeto era uma oportunidade para que as práticas científicas desses viajantes contribuíssem para o estudo e conhecimento de uma grande e notável parte do planeta e enriquecessem as ciências e instituições da monarquia com suas coleções. Até a época da expedição o Brasil havia sido pouco explorado por cientistas europeus. Com a expedição a Áustria poderia ampliar suas coleções e abrir novos campos de pesquisa. Para realizar esses objetivos, os integrantes deveriam seguir duas instruções básicas de Schreibers: coletar plantas, animais, sementes, frutas, animais e descrevê-los cientificamente. Para tanto, os naturalistas eram instruídos a não permanecerem muito tempo em um mesmo lugar, uma vez que o objetivo principal consistia em obter uma visão geral sobre as espécies do Brasil, e não de seus detalhes.

Tal foi a importância dada à expedição que esta contou com uma verba anual de 40.000 florins – uma vultosa quantia à época – além de outros desembolsos destinados ao embarque das coleções e ao transporte de animais vivos. Cada participante também recebia um salário conforme sua função; e grandes também foram os gastos com o material enviado ao Brasil para uso dos naturalistas: 5.097 florins.

Para chegar à América, foram preparadas duas fragatas: a fragata *Austria*, na qual viajaram Mikan e sua esposa, Thomas Ender, Spix e Martius; Natterer, Schott e Sochor embarcaram na fragata *Augusta*. Os demais participantes viajaram a partir de Livorno nos navios portugueses *São Sebastião* e *D. João VI* – este último transportou Leopoldina.

Após aportarem no Rio de Janeiro, os naturalistas finalmente começaram seus trabalhos. Percorreram inicialmente os arredores da cidade, para então, a partir de 1818, realizarem viagens de longa duração a lugares mais distantes, agora divididos em grupos.

Por uma série de circunstâncias pessoais, alguns expedicionários retornaram já em 1818 a sua terra natal. Contudo, três anos depois já eram circunstâncias políticas as que fizeram o governo austríaco ordenar o retorno de toda a equipe à Europa. Ordenou-se em Viena o encerramento da expedição em 1821. Mas o empreendimento estendeu-se ainda por cerca de 14 anos. Um de seus membros relutava em retornar à sua terra natal. Contrariando e contornando as ordens expedidas pela Áustria para dar fim à viagem, Johann Natterer conseguiu driblar as adversidades e logrou permanecer no Brasil até 1835. Sua obstinação e firmeza de propósitos resultaram em extraordinárias coleções que até hoje possuem insuperável valor científico para diversas áreas do conhecimento.

Um par de brincos (*atu-bulínia*)

Bororo da Campanha (Biriboconnê),
Rio Paraguai, Mato Grosso, Brasil,
em torno de 1825.

12 e 13 anéis de tucum, respectivamente,
pingentes de conchas, penas, fibras
vegetais, algodão, resina, C. 5,5 a 5,9 cm.
Col. Natterer

Johann Natterer caracteriza esses brincos
muito elaborados, confeccionados por
homens, como adornos destinados
exclusivamente a "meninas crescidas".
Não se descobriu o eventual significado
simbólico das mãos. (CF).

Weltmuseum Wien

Vitrine VI da Exposição da Casa Imperial
Objetos dos Paresi (Paresi) e Cariuna,
em torno de 1840. Aquarela.

Weltmuseum Wien





HEINRICH WILHELM SCHOTT
Johann Oberer
Anthurium affine S[chott]
guache, s/d.
NHMW

HEINRICH WILHELM SCHOTT
Wenzel Liepoldt,
Caladium asperulum,
guache, s/d.
NHMW



Caladium asperulum L.

Lepelletier

Trajetória de um naturalista

Johann Baptist Natterer nasceu em Laxenburg no ano de 1787. Era filho de Joseph Natterer sênior e Maria Anna Theresia Schober, e irmão de Joseph Natterer. O pai foi falcoeiro do imperador Francisco I na residência imperial em Laxenburg, e colecionador de insetos, aves e mamíferos, estes últimos empalhados por ele mesmo. Francisco I, interessado em ciências naturais, fechou em 1793 a falcoaria, comprou todo o acervo de Joseph Natterer e contratou-o para trabalhar em seu Gabinete de Objetos Naturais em Viena. A família mudou-se então para a capital do império, onde posteriormente os dois filhos do casal seguiriam os passos do pai, trabalhando no Gabinete. Em 1801, Joseph Natterer assumiu a função de ajudante voluntário. Cinco anos mais tarde, Karl von Schreibers, diretor da instituição, nomeou Joseph Natterer sênior como primeiro inspetor do departamento de zoologia. A partir de então o filho Joseph passou a ser responsável pelas coleções de aves e mamíferos.

Em 1794, antes de iniciar sua prática científica junto ao pai, Johann Natterer estudara na Escola normal de piaristas em Viena, onde também cursou o *Gymnasium*⁷. Mas Natterer não finalizou seus estudos regulares. Estes foram interrompidos pelas viagens de coletas que o jovem Natterer começara a realizar, sem remuneração, pelas terras do império austríaco. Sua primeira viagem ocorreu em 1804, quando tinha ainda 17 anos, na ocasião em que acompanhou seu pai em regiões da atual Hungria. Pai e filho pesquisaram os pântanos no Lago Neusiedl, próximo a Pamaggen, Wallern e Antau, passando pelo rio Tisza até alcançarem a região do Banat. No ano seguinte, Natterer novamente viajou duas vezes ao Neusiedl, porém, desta vez, sozinho.

Entre 1806 e 1808, Natterer realizou diversas viagens por territórios da Europa como a cordilheira do Wechsel e a atual Croácia, sendo obrigado por Karl von Schreibers a fazer descrições pormenorizadas de tudo aquilo que obteve em suas viagens. Natterer executava muito bem suas tarefas, e contribuiu diversas vezes com o Gabinete Imperial não somente cuidando de seu acervo; também coletava objetos para o mesmo e acompanhava remessas de objetos provenientes de outras instituições. Em 1808, Natterer foi incumbido de ir a Trieste receber uma remessa de objetos de história natural proveniente do Egito. Na ocasião, aproveitou para coletar peixes e helmintos durante a viagem. No ano seguinte, pelo esforço e dedicação demonstrados nesta missão, o naturalista foi contratado para trabalhar no Gabinete de Objetos Naturais como estagiário sem remuneração. Nos anos seguintes, adquiriu amplos conhecimentos em cursos livres na Real Academia e na Universidade de Viena. Estudou química e botânica, história natural e anatomia. Além disso, teve aulas de italiano, francês, inglês, filosofia e desenho. Com isso o jovem Natterer aperfeiçoou habilidades que, junto às experiências obtidas nas viagens anteriormente realizadas, foram de grande valor durante sua estadia no Brasil.

Ainda em 1809, durante as guerras napoleônicas, Natterer foi incumbido de levar em segurança para Temesvár (hoje na atual Romênia) as coleções de museus, bibliotecas, e da câmara de tesouros, além de outras coleções imperiais. Naquela cidade aproveitou para viajar junto ao caçador Dominik Sochor até a fronteira otomana. Após o acordo de paz com a França, o naturalista transportou todas aquelas coleções de volta a Viena. No ano seguinte, Natterer realizou uma viagem à Morávia, cujos resultados científicos lhe renderam um aclamado trabalho sobre vermes intestinais, publicado conjuntamente com Karl von Schreibers e o parasitologista e higienista Johann Gottfried Bremser.

JOHANN BAPTIST NATTERER
Vista lateral de um piaú,
Leporinus fasciatus
(Characiformes, Anostomidae).
D[orsal] 10, c[audal] 19, a[nal] 9,
v[entral] 11, p[ectoral] 15, nº 110.
[Vila Bela do] Mato Grosso,
14 de outubro de 1828.
NHMW

7 Que é equivalente ao antigo liceu e habilita a entrada no ensino superior.

Ciente de sua contribuição e desejoso de continuar sua formação na área científica, Natterer escreveu uma carta ao arquiduque austríaco Johann Sebastian, que em 1811 criara o Museu Joanneum, um centro de pesquisa e formação científica. O objetivo de Natterer era conseguir uma vaga como funcionário de conservação, uma posição que não tinha alcançado no Gabinete de Objetos Naturais. Na carta Natterer explica como seguira o caminho profissional do pai, como se afeiçoara à história natural e se dedicara a ela, aprendendo os conhecimentos necessários para um naturalista. Estudara zoologia, um pouco de mineralogia e botânica; conhecia línguas estrangeiras; aprendera com seu pai a empalhar animais; sabia desenhar e coletar adequadamente animais, até mesmo vermes intestinais. Tinha ainda vasta experiência com as viagens científicas feitas pelo Gabinete de Objetos Naturais. Com suas atividades, enriquecera o Gabinete Imperial com muitas espécies animais, inclusive espécies raras e novas. Embora considerasse bom e permanente sua colocação no Gabinete, o missivista escreve que não seria possível que três pessoas da mesma família tivessem simultaneamente o mesmo cargo na instituição. Por isso pede ao arquiduque que considere a possibilidade de conceder-lhe um posto de trabalho no Joanneum. Entretanto, apesar desta solicitação, não se conservou qualquer registro de que Natterer tenha realmente trabalhado neste museu.



Nos anos seguintes o naturalista continuou suas atividades como viajante colecionista. Em 1812, viajou pela Itália com incentivo de seu pai, onde percorreu o sul da Calábria. Em 1813, ficou novamente responsável pelo transporte das coleções do imperador, dessa vez para Fischamend, realizado por questões de segurança devido às guerras contra Napoleão. Em 1814, nova viagem levou-o a Trieste, onde foi buscar para o imperador animais provenientes da Baía de Trípoli. Em 1815, quando finalmente cessaram os conflitos bélicos, o naturalista viajou a Paris por incumbência de Schreibers com o objetivo de trazer de volta a Viena os objetos artísticos e científicos que haviam sido levados por Napoleão. Natterer ganhou grande experiência com estas viagens. Por sua dedicação às coleções imperiais, no ano seguinte ele foi finalmente nomeado supervisor-assistente do Imperial e Real Gabinete de Objetos Naturais de Viena, desta vez recebendo normalmente um salário.

No ano de 1816, quando a ideia de uma viagem científica ao Brasil saiu da condição de simples cogitação para se transformar em planejamento concreto, Natterer viu-se diante de uma grande oportunidade ao ser convidado a integrar o empreendimento. O país sul-americano era à época ainda pouco conhecido pelos europeus. A falta de informações sobre seu território e suas populações tornara-o algo muito distante também no imaginário dos austríacos. Durante muitos anos a corte portuguesa havia proibido a entrada de estrangeiros em sua colônia americana, mantendo-a por séculos como terra ignota. Com a vinda da família real portuguesa ao Brasil e a abertura dos portos a partir de 1808, suspenderam-se boa parte das restrições à vinda de estrangeiros. Após esses acontecimentos, muitos europeus puderam vir ao Brasil e explorá-lo ao longo dos anos, alguns inclusive contratados pelo próprio D. João, como o grupo de artistas franceses formado por Nicolas-Antoine Taunay, Auguste-Marie Taunay, Jean-Baptiste Debret, Grandjean Montigny e Simon Pradier, que se ocupou da representação artística da nova realidade da corte portuguesa. A expedição austríaca foi, nesse sentido, uma inédita e extraordinária oportunidade aberta ao mundo da ciência pelas novas relações estabelecidas entre Portugal e Áustria.

Após os preparativos para o início da expedição, os participantes foram divididos em duas fragatas que partiram do porto de Trieste em 10 de abril de 1817. A comitiva de Leopoldina seguiria mais tarde, após a realização do casamento por procuração. Natterer embarcou na fragata *Augusta*, assim como Sochor e Schott. O espaço no navio era muito apertado, reservando pouco espaço para os viajantes. Enquanto Natterer e Schott tiveram sua própria cabine, Sochor não teve a mesma sorte. Natterer mostrou-se satisfeito com seu alojamento, onde poderia trabalhar, e esperava ter uma viagem tranquila e confortável. Não obstante, os meses de travessia do Atlântico não seriam uma aventura calma e fácil.



Já nas primeiras horas de viagem, as fragatas enfrentaram uma tempestade ao mar. Não fora possível ancorar em Piran (hoje na Eslovênia), e os navios tiveram que seguir viagem mantendo a proximidade uns dos outros, para não se extraviarem. Contudo, já na noite seguinte a fragata *Augusta* perdeu a *Austria* de vista e foi obrigada a seguir a viagem de modo independente. A força da tempestade destruiu os seus mastros e inundara as cabines, e os tripulantes mal conseguiam permanecer em pé. Natterer sentira como se o navio fosse quebrar a qualquer momento. A fragata conseguiu então ancorar em Rovinj (atualmente na Croácia) por treze dias, onde foram refeitos alguns mastros e velas, rumando em seguida para Veneza. Ali, no porto de Chiggoia, permaneceram por algum tempo para os reparos necessários. A fragata *Austria* também sofrera danos com a tempestade, e passou por consertos em Pola (hoje na Croácia). Em 20 de abril, a *Austria* prosseguiu sua viagem ao Brasil, passando em maio por Gibraltar, de onde partiu novamente no início de junho, para, finalmente, ancorar no Rio de Janeiro em 14 de junho. Já a *Augusta* estava tão danificada que precisou de mais tempo para os reparos. O trabalho durou várias semanas, durante as quais Natterer permaneceu quase todo o tempo em Veneza, pois não tinha como se locomover pelo navio com tantos trabalhadores. Mas o tempo sem viajar pelo mar não lhe foi improdutivo, pois ali realizou diversas incursões colecionistas. Neste interregno, em uma excursão com Sochor e Schott, capturou pássaros perto do rio Brenta.

Em 31 de maio de 1817, a *Augusta* pôde navegar novamente, seguindo até Gibraltar, onde chegou em 17 de junho. Lá precisaram esperar pela chegada da arquiduquesa Leopoldina, que, no entanto, somente partiria de Livorno em agosto. Novamente Natterer aproveitou a parada em Gibraltar para realizar atividades científicas. Juntamente com Sochor e Schott fez incursões pela região em Algeiras, San Roque, Cabo Carnero, Tarifa e Cabo Trafalgar. Ao final do período, Natterer reuniu duas caixas destinadas a Viena contendo 68 aves, 10 mamíferos, 77 anfíbios, 24 frascos com vermes intestinais e 900 insetos.

Em 1º de setembro de 1817, a *Augusta* partiu de Gibraltar em direção ao Brasil, acompanhando os navios portugueses *São Sebastião* e *D. João VI*, que levavam Leopoldina e sua comitiva. A viagem pelo Atlântico durou 2 meses, e apenas em novembro conseguiram avistar a costa brasileira. Em 4 de novembro passaram por Cabo Frio, e no dia seguinte chegaram ao Rio de Janeiro, na entrada da Baía de Guanabara, onde Natterer iniciaria a maior e mais longa viagem de sua vida.

[Panorama da costa] Gibraltar.
Lápis e aquarela. 109x480mm.
Costa no Estreito de Gibraltar.
K. ACAD



K. AKAD.



Tenda com tripulantes num bote da fragata imperial e real *Austria*.
Lápis, 200x265mm.
Para se proteger do sol a bordo da *Austria*, lonas foram estendidas formando tendas. O pequeno grupo de pessoas é frequentemente caracterizado como os "sábios a bordo da *Austria*". São, na verdade, os membros da legação austríaca, que partiram antes da arquiduquesa Leopoldina, para recebê-la no Rio de Janeiro. A saber, barão von Hügel, os secretários Schönfeld e Palfy, assim como o "cadete Mendorf".
K. ACAD

THOMAS ENDER
A fragata *Augusta* durante uma tempestade.
Lápis e aquarela, 192x258mm.
K. ACAD

“Cedo no dia 11 caiu uma tempestade intensa; às 11 horas da manhã nós havíamos perdido todos os mastros. O balançar e o barulho do navio eram horríveis. O mar invadia o navio no girar do leme e inundava todos os camarotes. Tudo que não estava amarrado no navio caiu misturado com um terrível estrondo. Cadeiras, mesas, espingardas, garrafas, copos – isso tudo marchava de um camarote para outro, no convés, onde ficam os camarotes oficiais. Ninguém conseguiu ficar em pé sem se segurar em algo. O navio parecia a todo o momento querer se partir. A tempestade durou até o fim do dia. À noite estava-se tão feliz por conseguir achar um ancoradouro e lançou-se a âncora numa profundidade de 25 braças. O perigo de ser lançado na costa tinha passado, porém havia ainda uma noite bem agitada. Apesar do intenso balançar do navio eu não vomitei, mas Schott sim, e ele ainda permaneceu doente também no dia seguinte. Sochor provavelmente estava doente, mas sem vomitar. O cachorro teve muito medo e escondeu-se na minha cama, onde ele permaneceu por um dia e uma noite. Eu fiquei também a maior parte do tempo na cama”

(carta de Johann Natterer a Joseph Natterer, Chioggia, 15 de abril de 1817).



K. AKAD.



THOMAS ENDER

Pão de açúcar na entrada do porto
do Rio de Janeiro.

Aquarela, lápis. 283x465mm.

A aquarela desenhada por Ender, ainda no
navio, mostra a entrada da Baía de Guanabara e
o porto do Rio de Janeiro com o Pão de Açúcar,
de 395 metros de altura, a Praia de Fora e a
Fortaleza de São João na parte mais estreita
da entrada do porto. À esquerda está o Morro
do Lema, atrás do qual se esconde a praia de
Copacabana. Em segundo plano eleva-se o
Corcovado.

K. ACAD



As viagens pelo Brasil

O percurso de Natterer pelo Brasil durou dezoito anos, ao longo do qual visitou inúmeras regiões ainda pouco conhecidas pelas autoridades. Entretanto, nem sempre pôde viajar aonde quis. Seus planos sofreram alterações constantes, o que documentam suas cartas à Áustria e os fragmentos de seus diários. A cronologia que apresentamos a seguir obedece à própria descrição de Natterer, detalhada nos relatórios regularmente enviados aos seus superiores austríacos. Sua trajetória pode ser subdividida em dez etapas, nas quais os inúmeros deslocamentos perfazem uma fase mais ou menos definida, que chamamos aqui de “viagens”. Nesta perspectiva, o naturalista realizou ao todo viagens pelo Brasil.



Lança com chocalho. Tukano, rio Uaupés, Brasil. Em torno de 1830.

Penas, ráfia, resina de árvore, C. 265 cm.

Col. Natterer

Nos mitos dos Tukano, a Terra se encontra sobre duas lanças com chocalho cruzadas, que lhe servem de apoio. A ponta denteada representa o porta-charutos que, no mito da criação dos Tukano, teve papel essencial na criação do homem. Abaixo podem ser encontrados dois círculos ovais que representam o sol e a lua. Contemplados de lado, pode-se identificar neles imediatamente a forma abstrata do suporte de painéis. Cada uma das partes da lança com chocalho incorpora uma esfera do universo. A parte inferior, na qual se encontra também o chocalho, representa a esfera dos seres humanos. Nos tempos de Natterer, a lança com chocalho era também uma arma de guerra, conforme se pode reconhecer na ponta de osso: ali ainda se encontram restos ressequidos do curare, veneno usado para setas que tem uma ação paralisante sobre a musculatura e assim leva à morte por parada respiratória. (CB) Weltmuseum Wien

GEORGE MILEK

Mapa atualizado do trajeto das dez viagens de Johann Natterer pelo Brasil, 1817-1835.

Primeira viagem: 5 de novembro de 1817 a 1 de novembro de 1818

No amanhecer do dia 4 de novembro de 1817, Natterer se alegrava ao avistar o que parecia ser Cabo Frio. As fragatas *Austria* e *D. João VI* hastearam suas bandeiras reais e saudaram a costa com tiros de canhão para que avisassem à capital sobre sua iminente chegada. A navegação era lenta, de modo que aportaram no Rio de Janeiro apenas no dia seguinte. Foi um alívio finalmente chegar à costa. Os dias ao mar foram tempestuosos; durante seu transcurso mal puderam abrir as janelas da cabine, o que lhes causara uma sensação de prisão. A quantidade de água que havia entrado na embarcação ao longo do trajeto arruinara diversos equipamentos, prejudicando as condições de trabalho a bordo das fragatas. Para Natterer, a viagem pelo Atlântico fora terrivelmente longa.

No dia 5, a fragata *Augusta* ancorou na Ilha das Cobras. Após meses de uma travessia conturbada, a vista da entrada da cidade do Rio de Janeiro não impressionou Natterer. As formas das montanhas lhe pareciam medonhas. Contudo, embora não as considerasse belas, o naturalista reconheceu a oportunidade de fazer proveitosas coletas em ilhas cheias de palmeiras e com tantos pássaros ainda desconhecidos que sobrevoavam as fragatas. Mas a ânsia por novas coleções ainda teria de esperar um pouco. A chegada das fragatas foi relativamente confusa, porquanto todos olhavam para a tão aguardada Leopoldina. As ruas e as casas da cidade estavam todas decoradas para o recebimento da arquiduquesa. Ainda no mesmo dia, o rei e a rainha, juntamente com os príncipes, subiram a bordo do navio para recebê-la. Mas somente no dia seguinte a arquiduquesa desembarcou e fez sua entrada solene na capital. O dia foi destinado à celebração do matrimônio real. A cidade estava toda enfeitada, e carruagens bem ornamentadas levavam a arquiduquesa e o príncipe herdeiro, além das damas de companhia e até mesmo senhoras austríacas da corte, em direção aos locais onde ocorriam as festas do casamento. As ruas foram tomadas por militares, a população decorara a frente de suas casas e janelas com cortinas e tapeçarias de diferentes cores. Enquanto isso, também os viajantes naturalistas dirigiram-se até a capela real. No caminho, viram três arcos de várias formas com muitas inscrições, com as iniciais do casal PC (Pedro e Carolina). Após a cerimônia, o casal real fez uma rápida aparição junto à janela, e as tropas e a multidão soltaram gritos de “viva”. À noite, suas majestades seguiram em direção ao palácio real de São Cristóvão.

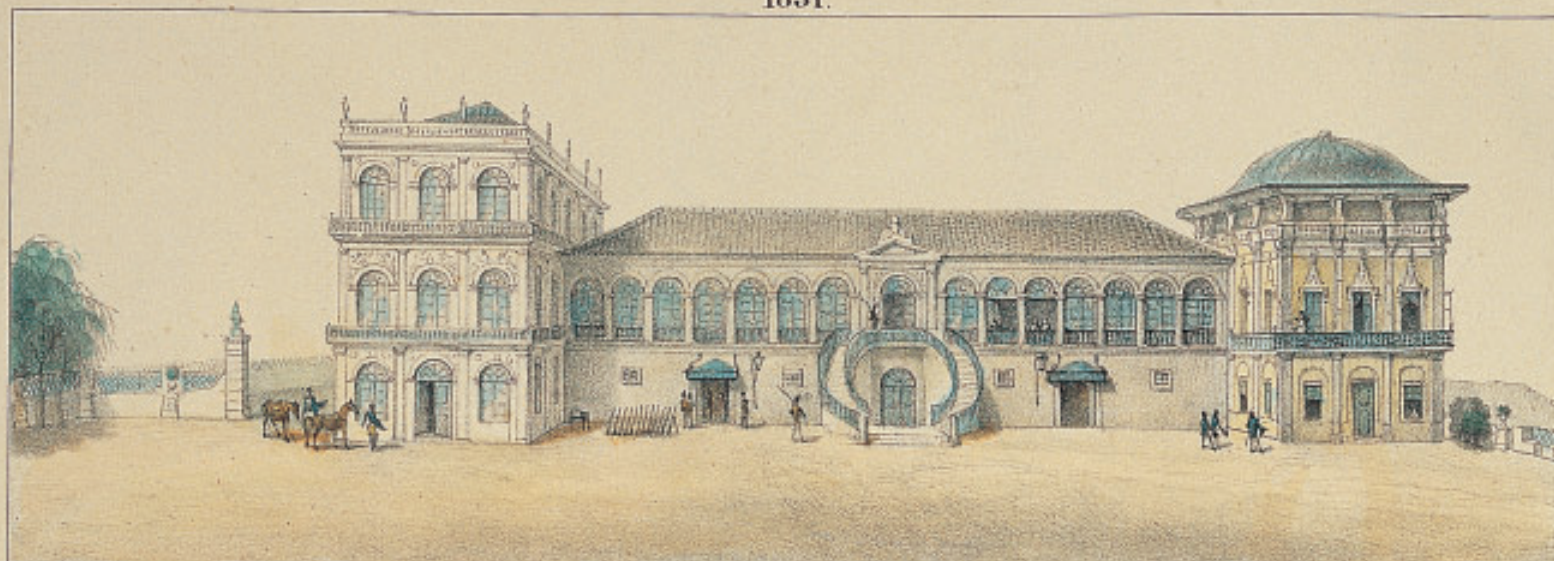
JEAN-BAPTISTE DEBRET

Melhorias progressivas do Palácio de São Cristóvão (Quinta da Boa Vista de 1808 até 1831).

Litografia colorida de Thierry segundo um desenho de Jean-Baptiste Debret.

Voyage pittoresque et historique au Brésil, Paris 1834-1839.

1831.



1822.



1816.



1808.



Nos primeiros dias, Natterer não empreendeu qualquer viagem, limitando-se a procurar por outros viajantes naturalistas e a conseguir uma acomodação na cidade. A capital do império havia se tornado uma porta de entrada para diversos viajantes, de modo que aqueles dias seriam uma ótima oportunidade para Natterer conhecer outros viajantes, além de estabelecer contato com os integrantes da própria expedição que já haviam chegado. Para o austríaco, os encontros eram especialmente interessantes, porque neles podia observar os objetos já coletados e obter informações sobre os percursos e as logísticas de viagem. As primeiras visitas foram a Mikan e sua esposa, que haviam alugado uma casa no Catumbi, e ao barão Georg von Langsdorff. Os bávaros Martius e Spix, que vieram ao Brasil na fragata *Austria*, já realizavam suas próprias incursões científicas de modo independente dos austríacos. Suas atividades de coleta já chegavam à marca de cerca de cem aves, e os dois planejavam para breve uma viagem de três meses a Vila Rica, passando por São Paulo. Embora com resultados iniciais positivos, a dupla já acusava os efeitos do forte calor e das dificuldades na realização das excursões. Spix confessou a Natterer que jamais teria vindo ao Brasil se anteriormente soubesse disso, e já manifestava o desejo de regressar à Europa. Já o austríaco não podia fazer tal avaliação, pois mal havia chegado ao país e, nesta ocasião, não fazia tanto calor assim. Estava ainda em suas primeiras impressões sobre a cidade, que até aquele momento não era de todo ruim. Entretanto, o Rio de Janeiro não era Viena. O palácio do próprio D. João, em comparação com os palácios do imperador austríaco, configuraria aos olhos de Natterer apenas uma casa medíocre.

O naturalista levou dias até encontrar uma acomodação. Por isso, a princípio somente conseguia fazer pequenas expedições, pois era necessário retornar diariamente à embarcação. A permanência nos arredores do Rio de Janeiro não rendeu a Natterer muitas coletas. Esperava poder fazê-las futuramente, já que as fragatas somente retornariam à Europa em março do ano seguinte. Não obstante, em dezembro escreveu ao irmão que já havia conseguido mais de 90 aves, e que logo iria enviá-las, pois queria impressionar o imperador.

Tão logo todos os expedicionários austríacos se reuniram, decidiram organizar suas incursões em grupos, com vistas a alcançarem regiões mais distantes da cidade. Inicialmente, Natterer desejou ir a Cabo Frio; porém, esta era também a intenção de Mikan. Sendo assim, Natterer tomou outra decisão: resolveu que seguiria em direção à serra. Sua primeira parada seria a Fazenda Mandioca, onde residia Langsdorff; depois, iria em direção à Serra dos Órgãos, seguindo dali até Cantagalo. Pohl quis acompanhá-lo, mas também mudou de ideia. Por razões logísticas, tanto Mikan quanto Langsdorff lhe alertaram que não eram possíveis viagens em grupos numerosos, uma vez que estas implicariam sérias dificuldades de acomodação.

Fazenda de mandioca
Moradia do sr. v. Langsdorff,
aquarela sobre lápis 192x317mm.
A casa de campo do barão von Langsdorff
também foi descrita em *Reise in Brasilien*
(Viagem ao Brasil), de Spix e Martius,
1823-1831.
K. ACAD







BENJAMIN MARY
Vista da Baía da Guanabara,
a partir da ilha Viana.
Na base do ingá, à direita,
vê-se um exemplar da espécie
Coussapoa schottii.
Flora Brasiliensis, volume 1.



BENJAMIN MARY
Floresta primária na Serra da Estrela,
perto de Petrópolis.
Flora Brasiliensis, volume 1.



Natterer manifestou na ocasião a intenção de ir a Santa Cruz, ao encontro do major Feldner, seu conhecido, pois acreditava que lá conseguiria muitos pássaros. Em maio de 1818, deslocou-se naquela direção e empreendeu, então, uma breve incursão à Ilha Grande. Em carta a Schreibers descreve sua partida do Rio. Esta sofreu um atraso inicial por causa do tempo instável, mas em seguida também por causa de um pescador que o naturalista contratara, e que agora se recusava a partir. O naturalista acionou a intendência de polícia local, mencionando sua amizade com o barão de Langsdorff e com o coronel Varnhagen, diretor da fábrica de ferro em Sorocaba, São Paulo. Assim, obrigado pelas autoridades policiais, o pescador "mudou de ideia", e dali partiram em uma noite estrelada, passando pelos fortes de São João e de Santa Cruz, e pelo Pão de Açúcar. Já no dia seguinte alcançaram Barra de Guaratiba, e à noite Sepetiba, seu destino. Ali Natterer teve a sorte de conseguir uma acomodação que lhe satisfez. Permaneceu na região por algum tempo, considerando o local favorável à captura de pássaros de pântanos, e também explorou com Sochor o lado oeste da região. Além de aves, conseguiram capturar jacarés. A estada em Sepetiba foi uma oportunidade para encontrar o major Feldner, que morava em Santa Cruz, nas proximidades desta região.

A estadia em Sepetiba ainda rendeu a Natterer um surpreendente encontro pessoal com o príncipe herdeiro D. Pedro e com Leopoldina. D. João VI encontrava-se na ocasião em Santa Cruz, onde havia um palácio real. Ali era um lugar onde o rei podia relaxar e aproveitar a vida do campo. No palácio de Santa Cruz já se sabia da presença de Natterer em Sepetiba, já que ele costumava visitar o major Feldner com frequência. A notícia chegou aos ouvidos de Leopoldina, que também se encontrava na região. Em um dia quente de março, após retornar de sua excursão de caça, o criado de Natterer correu ao seu encontro com o aviso de que o príncipe herdeiro e a princesa haviam acabado de chegar. Rapidamente Natterer se recompôs para receber as visitas reais. Levou-os aos quartos onde puderam observar os pássaros coletados pelo naturalista. D. Pedro interessou-se pela carabina de ar-comprimido e atirou em algumas tábuas na praia. Desejou também atirar em alguns pássaros, o que lhe deixou muito contente.

Não obstante, Natterer não conseguiu ficar muito tempo na região de Sepetiba. Teve de retornar após receber do major Feldner uma carta avisando sobre a partida das fragatas que trouxeram os expedicionários ao Rio de Janeiro. À época, Natterer estava na Ilha de Marambaia e, em 28 de abril, retornou a Sepetiba para preparar a viagem de volta ao Rio. No retorno, o naturalista defrontou-se com um mar revolto e precisou permanecer ainda uns dias no mar. Quando chegou ao Rio de Janeiro, o providencial atraso da partida da fragata *Augusta*, adiado para o dia 21 de maio, ensejou-lhe a oportunidade de transmitir a seus tripulantes as instruções adequadas para o envio de uma remessa para a Europa, para onde a fragata retornaria, e para a acomodação nesta embarcação de caixas com objetos coletados. Nesta remessa conseguiu enviar quatro caixas endereçadas ao imperador. Os objetos eram o rendimento de três meses de viagem, e Natterer esperava que eles satisfizessem "Sua Majestade, o Imperador".

MICHAEL SANDLER
Fêmea de uma onça pintada, presente
de Leopoldina ao palácio de Schönbrunn
em 1819, onde chegou em 1822.
Litografia.
NHMW

“Era 5 de março, num dia muito quente. Não havia muito eu havia voltado de uma excursão de caça, e me deitara havia pouco, bastante esgotado do calor abrasador que encontrara num caminho arenoso, quando ouvi passar ali em frente um veículo. Meu serviçal veio correndo com a notícia de que era o príncipe herdeiro com a princesa herdeira. Me recompus rapidamente, e saí apressado para receber a elevada visita. Conduzi então ambos para dentro de meu alojamento pequeno e ruim, onde mal se podia virar, onde eles examinaram os meus pássaros coletados. Ao príncipe herdeiro, com quem eu conversei em português, agradou especialmente o rifle de ar comprimido. Ele expressou o desejo de dar alguns tiros. Agora ele queria atirar em alguns pássaros de uma árvore próxima. (...) A princesa perguntou ao seu noivo se ele não queria um cachorro...”

(carta de Johann Natterer a Joseph Natterer, Rio de Janeiro, junho/julho de 1818).



Ao escrever para seu irmão, em junho de 1818, Natterer comentou sobre seus frustrados planos de viagem. Segundo seus planos anteriores, naquele momento ele já deveria estar a caminho do Rio Grande do Sul, e já deveria estar planejando sua viagem para o Mato Grosso. Porém, não era isso o que ocorria. As incursões ao interior do país estavam sob restrição rigorosa do governo. Não se sabia exatamente as causas desta restrição. Na carta, Natterer supõe que a causa provável fora a passagem de um grupo de franceses por Minas Gerais alguns meses antes. Dizia uma anedota que um deles teria sugerido que eles enchessem o transporte de diamantes para enriquecerem mais rapidamente. Isso teria sido apenas uma brincadeira, mas um outro integrante tomara a declaração a sério, e foi ao Rio de Janeiro para denunciá-los. Mal essa notícia havia chegado, o governo dera imediatamente ordem de prendê-los.

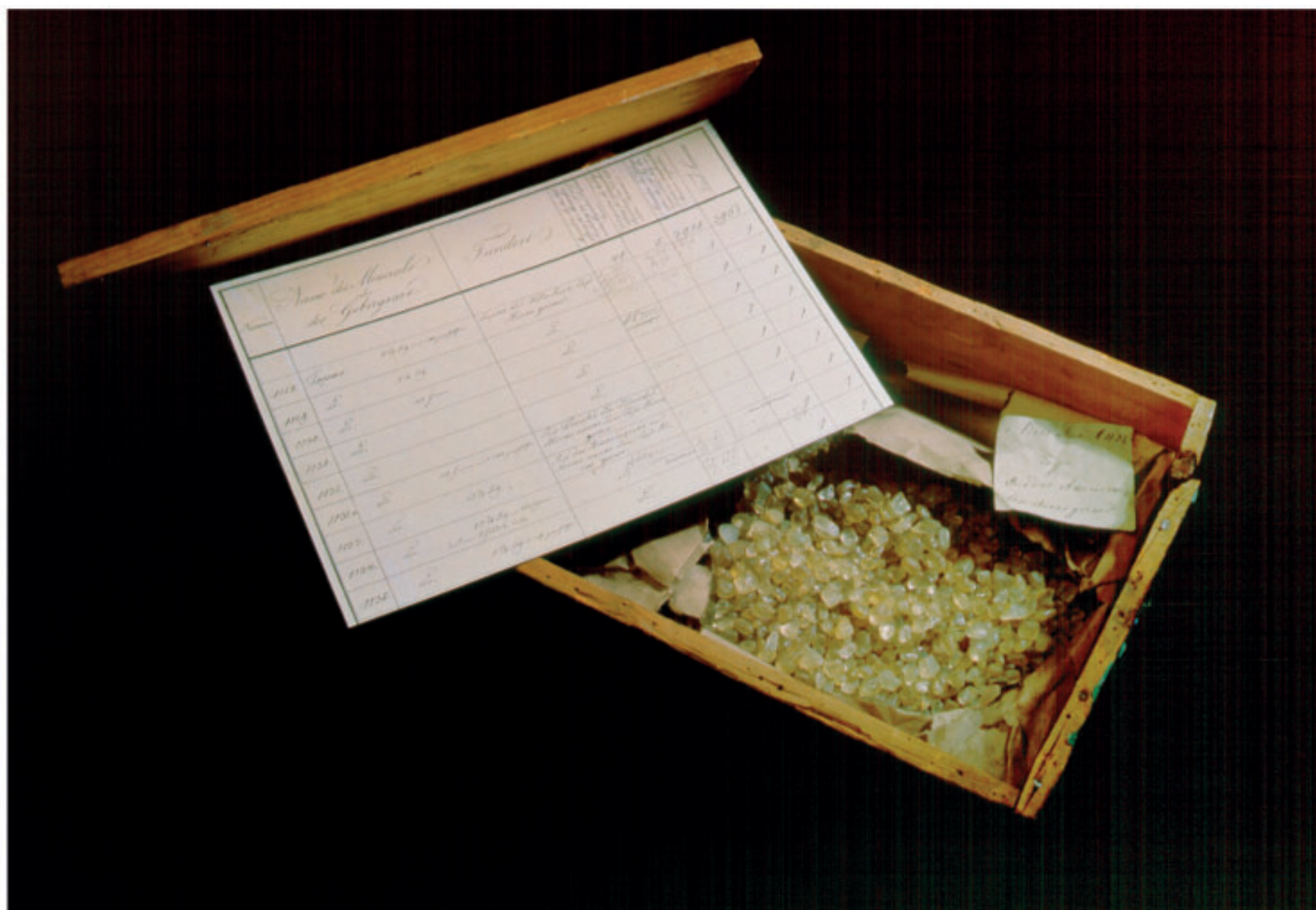
Contudo, antes desse caso o governo brasileiro já havia imposto restrições para a ida à região das minas. O viajante Sellow, naturalista prussiano que se encontrava no Brasil desde 1814, recebera, embora com algumas restrições, permissão para visitar a região na companhia de um certo dr. Olfers, secretário do enviado prussiano, o conde Fleming. O barão de Neveu, encarregado de negócios da Áustria no Brasil, deveria solicitar uma autorização para Natterer e Pohl com a mesma finalidade. Porém, considerando a situação desfavorável, Neveu perdeu a coragem e não o fez, preferindo evitar “receber uma resposta negativa”. Na missiva Natterer detalha ao irmão as manobras que alguns faziam para conseguirem a tal permissão para a visita ao distrito dos diamantes. Os bávaros, Martius e Spix, que viajavam sob proteção austríaca, já tinham ido à região, e, para Natterer, seria uma vergonha caso os austríacos não recebessem o mesmo tratamento. As respostas afirmativas aos bávaros e aos prussianos faziam Natterer acreditar que o barão de Neveu deveria insistir no pedido de permissão.

Embora demonstrasse sua reprovação às atitudes do governo brasileiro, Natterer escreveu ao irmão que não pretendia ir ao distrito dos diamantes, mas ao Rio Grande do Sul ou ao Mato Grosso. Era realmente o seu desejo, pois assim conseguiria reunir mais animais e demais objetos. Enquanto permanecia no Rio, sua coleção não aumentava muito. Mas suas esperanças de visitar o sul pareciam longe de concretização. Sua alternativa seria seguir para São Paulo. Lá se encontraria com Varnhagen, com quem poderia conseguir hospedagem por algum tempo, utilizando-a como ponto de apoio para outras atividades em regiões no sudoeste. O naturalista planejava navegar por rios e encontrar alguns grupos indígenas, como os Caiapós, na região da cachoeira Urubu Punga, e dali seguir viagem até o Paraguai ou a Camapu. Outra opção seria seguir em direção ao norte por Goiás, chegando até o Piauí, ou a regiões mais ao leste do rio São Francisco. Os planos de Natterer era ultrapassar as províncias limítrofes ao Rio de Janeiro. Para tanto fazia seus preparativos.

Caixa de topázio com ficha de registro,
enviada a Viena por Natterer.
NHMW

“O conde Fleming veio ao Brasil como real embaixador prussiano; o senhor Olfers como seu secretário. Uma viagem ao interior do Brasil, especialmente ao distrito dos diamantes, certamente não deveria ser vista como objetivo de sua missão! Embora tenha a intenção de fazer coleções de história natural, o dr. Olfers foi alocado na embaixada. Ele nunca se apresenta como naturalista, mas sempre como secretário. Quando toda uma embaixada estrangeira, que normalmente tem assento apenas na residência da corte, quer visitar e investigar ao longo de vários meses o coração do Brasil, isso não desperta necessariamente suspeita em um governo extremamente desconfiado de qualquer caso!”

(Carta de Johann Natterer a Joseph Natterer, Rio de Janeiro, junho/julho de 1818).



MICHAEL SANDLER
 Para Johann Emanuel Pohl,
Ferdinandus aspeciosa, desenho em nanquim,
 depois de 1821.
 NHMW

MICHAEL SANDLER
Ferdinandus aspeciosa
 In: *Plantarum Brasiliæ icones et
 descriptiones hactenus ineditæ*, volume 2, litografia
 colorida à mão, Viena, 1831.
 Coletada por Johann Emanuel Pohl
 e nomeada em homenagem ao príncipe
 herdeiro Ferdinando, o futuro imperador.
 NHMW





Ferdinandusa speciosa.

Segunda viagem: 2 de novembro de 1818 a março de 1820

Sua permanência no Rio de Janeiro duraria pouco tempo. Natterer havia feito planos iniciais para viagens às províncias do Pará, Rio Grande do Sul, Rio Negro, Mato Grosso e Minas Novas, mas viu inicialmente negados seus pedidos de vistos para estas regiões. Obteve permissão para viajar a São Paulo, Goiás e Minas Gerais – nesta última excetuando a região dos diamantes. Em novembro de 1818, Natterer e Sochor, acompanhados de uma caravana com 13 mulas, partem em direção a São Paulo através da Serra do Mar, cujo percurso conduziu-os por Santa Cruz, Itaguaí, Taubaté, São José dos Campos e Mogi das Cruzes. Em uma carta de janeiro de 1819 Natterer descreve a situação de precariedade que encontrara no caminho para São Paulo, dos ranchos onde dormiam “um telhado de tijolos ou de folhas de palmeira, ou também de mato comprido, sustentados por estacas, aberto por todos os lados”, que mal protegiam das chuvas, à falta de víveres nas vendas, onde só se encontrava “cachaça, farinha de mandioca ou farinha de milho branco, às vezes um pouco de açúcar ruim, feijão preto e quase sempre milho também para os animais”⁸. Em São Paulo se hospedaram na casa de campo de um coronel localizada em Bom Jesus, na periferia da cidade. Quando chegaram à cidade de São Paulo, os dois foram conhecer as minas de minérios de ferro e os garimpos de ouro da região. No final de janeiro de 1819, viajaram de Sorocaba a São João de Ipanema (atual Iperó), onde na época se localizava uma fundição dirigida por Friedrich Wilhelm Ludwig von Varnhagen, contratado pela coroa para construir em 1802 a Real Fábrica de Ferro de Ipanema.

Ao final de março de 1819, Natterer viajou de Ipanema a Porto Feliz, às margens do rio Tietê, de onde esperava embarcar rumo ao interior do país. Mas seus planos de viagem pelo rio Tietê em direção ao Paraná fracassaram, pois o naturalista não conseguiu barcos disponíveis. Por outro lado, a estação do inverno era também o pior momento para tal viagem devido às baixas temperaturas. As chuvas eram constantes e as oscilações de temperatura entre um dia quente e uma noite muito fria eram também consideradas um obstáculo. A vegetação tropical, com muitas trepadeiras, plantações de cana e árvores muito altas, não favoreciam as caçadas. Em função de todos estes fatores, só cabia a Natterer esperar. O trabalho de empacotamento das coleções durou até março de 1820. Após sua conclusão, o naturalista levou o grande carregamento pessoalmente até o porto de Santos, despachou-o para a Europa e retornou a Ipanema. Esta terceira remessa de coleções já consistia em 22 caixas, e a quarta, em preparação, já somava mais duas caixas. Pelos resultados obtidos, Natterer demonstrava a confiança de um bom trabalho realizado.

Junto a suas cartas, o naturalista enviava desenhos de alguns animais, apesar da pintura não ser sua especialidade. Chegou a escrever a Schreibers sobre a necessidade da presença de um pintor na expedição, conquanto os considerasse pessoas de trato difícil. A eventual companhia de outras pessoas poderia lhe causar aborrecimentos. Natterer colocava-se constantemente como viajante independente, com poucas menções a companhias ou a empregados, além do próprio Sochor, dando a impressão de que viajava sozinho, o que não era verdade. Além do caçador Sochor, por algum tempo chegou a ter a companhia de dois criados europeus e de um negro pernambucano. Animais de carga, como mulas e burros, também compunham sua caravana, o que, aliás, impunha um certo ritmo à sua viagem.

JOHANN BAPTIST NATTERER

Desenho a lápis.

Representação de diferentes exemplares

do macaco-prego, *Cebus apella*,

e do caiarara, *Cebus olivaceus*

(Primates, *Cebidae*).

Nº 476 *Cebus albicinctus* R. [*Cebus apella*]

Nº 477 [*Cebus*] *apella* Erxleben [*Cebus apella*]

Nº 479 [*Cebus*] *albicinctus* [*Cebus apella*]

Nº 480 – 81 *Cebus barbatus* [*Cebus olivaceus*]

NHMW

8 SCHREIBERS, *Nachrichten von den kaiserlich-österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit*. Brünn, vol. 2, 1822, p. 17.

“Tenho a honra de enviar neste momento a Vossa Excelência o inventário de minha terceira remessa, que consiste em 22 caixas e já se encontra no Rio, e de minha quarta remessa, que consiste em 2 caixas e que por estes dias parte daqui para Santos. Eu desejo que essa remessa de agora receba tanta aprovação e satisfação de Vossa Excelência quanto as que tive a honra de receber de Vossa Excelência pelos meus despachos anteriores, e pelo que eu apresento meus mais calorosos agradecimentos, ao mesmo tempo em que asseguro Vossa Excelência com a máxima sinceridade ser meu mais diligente desejo cumprir na medida de minhas forças as obrigações que me cabem, e assim corresponder aos elevados desejos de nosso benevolente Monarca e os de Vossa Excelência” (carta de Johann Natterer a Karl von Schreibers, Ipanema, 6 de julho de 1820).





JOHANN BAPTIST NATTERER

Phyllostoma bilabiatum Natt.

Desenho a lápis.

NHMW

JOHANN BAPTIST NATTERER
 Desenho a lápis.
 Provavelmente, um segundo desenho da
 águia-imperial, *Aquila heliaca*
 (Falconiformes, Accipitridae).
 NHMW



JOHANN BAPTIST NATTERER
 Desenho a lápis.
 Vista lateral de um rato-cachorro,
Didelphis tristriata Illiger
 (Didelphimorpha, Didelphidae), fêmea
 Ipanema, 19 de março de 1822.
 NHMW



As questões relacionadas aos acompanhantes e aos empregados não eram as únicas preocupações de Natterer. Durante toda a sua estadia no Brasil, o naturalista enfrentou grandes dificuldades para poder circular pelo país. Por isso, recorreu constantemente às mais diversas autoridades da nação e aos membros do governo austríaco, sempre com apelos para poder seguir sua viagem, principalmente quando partiu pela última vez do Rio em direção ao interior do país.

O deslocamento de Natterer e sua comitiva não era simples. A logística das viagens incluía não apenas as questões práticas relacionadas às atividades colecionistas (organizar os materiais, caçar e empalhar animais, preparar objetos taxonômicos, remetê-los para a Europa, escrever relatórios aos seus superiores etc.), mas também obrigava-o a ocupar-se da situação financeira, das hospedagens e das autorizações, além das recomendações, com as quais poderia viajar pelas províncias brasileiras. Já em agosto de 1819, Natterer planejava realizar uma viagem de São Paulo para o Sul. Com esta finalidade, solicitou por carta ajuda financeira a Daniel Pedro Müller, engenheiro militar, estatístico e cartógrafo, além de uma carta de recomendação, para enviar ao governador do Rio Grande. O contato com políticos, autoridades e habitantes locais brasileiros foi recorrente ao longo da trajetória de Natterer pelo Brasil, e determinante para sua estadia, para a execução da viagem, e, por vezes, até mesmo para a sua sobrevivência.

A relação do austríaco com outros naturalistas que viajavam pelo Brasil pautava-se também pela disputa em torno dos objetos colecionados e do tamanho das coleções. Para Natterer era importante que as coleções que realizava destinadas a Viena se destacassem entre aquelas feitas por outros viajantes. As coleções representavam um capital científico para as nações europeias, de modo que quanto maior, mais representativa e mais diversificada, melhor. Assim, além de relatórios sobre suas próprias coleções, Natterer também informava em suas cartas sobre as atividades de outros naturalistas, com particular atenção aos germânicos. Os objetos que o viajante Sellow enviou à Leopoldina, por exemplo, foram assunto de algumas de suas cartas.

Embora as condições de trabalho fossem adversas e motivo de constantes queixas de Natterer, as notícias de Viena pareciam promissoras. As remessas que já haviam chegado a Viena agradaram aos austríacos, o que lhe trouxe uma enorme satisfação. As suas terceira e quarta remessas já prometiam outras centenas de objetos.

Não obstante, o grande volume de coleções constantemente impedia que Natterer as transportasse durante as viagens. Era necessário guardá-las em algum lugar, para que a viagem pudesse seguir de forma leve, e para que o naturalista pudesse coletar novos objetos. Assim, quando partiu de Ipanema, Natterer lá deixou suas últimas coleções reunidas, além de grande parte de sua bagagem. Natterer partiu em direção ao Sul com quatro negros. Os criados europeus, que com ele haviam trabalhado anteriormente, foram dispensados, pois Natterer considerava que estes “se faziam mais senhores do que ele”.

Depois de muita insistência, em 31 de maio de 1820 a corte de Viena aprovou os planos de Natterer de realização de uma grande expedição ao interior do Brasil. Wenzel Philipp Leopold von Mareschal, desde setembro de 1819 embaixador interino, em substituição ao barão de Neveu, recentemente falecido, empenhara-se em favor de Natterer e obtivera os novos passaportes e permissões para visitar as províncias antes proibidas. Mareschal, ele próprio interessado em participar da expedição, tornou-se um grande apoiador de Natterer. Dois anos havia sido o tempo autorizado para tal expedição. Após o término dos preparativos, o naturalista pôde seguir em direção a Curitiba, por onde continuou sua viagem.

Fantasia de máscara

Ticuna, Amazônia Ocidental, Brasil, em torno de 1830.

Ráfia, fibra vegetal, resina, H. máx. 175 cm. Col. Natterer

Até hoje a festividade da maturidade das meninas é o ritual mais importante dos Ticuna. Nela, seres espirituais se incorporam em fantasias de máscaras. Durante as fases críticas do ritual, os dançarinos mascarados atacam tanto aquela que está sendo iniciada como também os convidados da festa. Os dançarinos mascarados tornam visíveis e experimentáveis os perigos nos quais um ser humano, e com ele toda a comunidade, se encontra durante uma fase de passagem. O espírito da tempestade *O'ma* com seu pênis ereto está entre os mais perigosos seres espirituais. (CA)

Weltmuseum Wien





Sobrecamisa

Itonama, Mojos, Bolívia, em torno de 1830.

Ráfia, C. 110 cm.

Col. Natterer

À época de Natterer, as crianças tradicionalmente não vestiam roupas entre os Itonama. Apenas após a puberdade é que as moças atavam tangas de lâ vegetal em torno da cintura, e os rapazes passavam a usar sobrecamisas como essas, feitas de ráfia. Em combinação com o chapéu de palha, o traje marcou a imagem pela qual os índios da região de Mojos se tornaram conhecidos. (CB)

Weltmuseum Wien

Clava

Makuxi, Guiana, em torno de 1830
Madeira, algodão, pedra, C. 36 cm.

Col. Natterer

Clavas quadrilaterais eram as armas típicas do duelo entre os Makuxi no século XIX. Hoje em dia, os Makuxi não mais os reconhecem como parte de sua cultura material. Na condição de símbolo de conflitos intertribais, as clavas acabaram esquecidas em favor de uma identidade pan-americana. No esforço de impor suas reivindicações diante do Estado nacional, é postulada uma coexistência pacífica entre todos os grupos indígenas que vivem na Guiana. A negociação das clavas é o exemplo mais impressionante de como os Makuxi reconstroem sua história a fim de colocá-la a serviço das demandas do presente. (CA) Weltmuseum Wien

Adorno de pescoço

Ticuna, Amazônia Ocidental, Brasil, em torno de 1830.

Dentes de macaco, sementes, pedúnculos de plantas, fibra vegetal, material de cascas de árvore, D. 36,5 cm.

Col. Natterer

Criar arte é para os Ticuna, ainda hoje, um aspecto importante de sua cultura. Eles veem nisso tanto um meio de resistência ativa contra a sociedade nacional brasileira quanto uma expressão inconfundível de sua própria identidade. Adornos de pescoço suntuosos como este, feitos de dentes de macaco, de qualquer modo não são mais confeccionados hoje em dia. Seu lugar foi ocupado por correntes de pescoço com pingentes de figuras animais. (CA)

Weltmuseum Wien



Terceira viagem: julho de 1820 a 1 de fevereiro de 1821

Em julho de 1820, Natterer partiu de Ipanema rumo ao sul. O naturalista teve de deixar alguns equipamentos em Ipanema, mas ainda assim viajou com uma extensa bagagem de caixas com instrumentos, insumos e cachorros, carregada por uma caravana de mulas e cavalos. Natterer empreendeu a viagem a Curitiba, via Paranaguá (PR). Como não estão preservados os relatos referentes a esta viagem, presume-se que o viajante tenha chegado a Curitiba no verão de 1820.

Para um viajante naturalista, as condições de trabalho e de estadia no Brasil mostravam-se adversas. Natterer enfrentou diversas crises de escassez de provisões ao longo do percurso e, em julho de 1820, descreve, em uma carta ao seu irmão, a sua alimentação, que, a seu ver, assemelhava-se a de seus quatro cães: feijão verde e farinha. Às vezes acompanhavam as refeições carne de galinha ou de boi. Outra questão que preocupava Natterer era o risco de perder seu acompanhante. Sochor demonstrava dúvidas se continuaria no Brasil. Ele já manifestara seu desejo de retornar a Viena, pois seus filhos estavam em idade de receber educação, e o caçador considerava importante sua presença nesse processo.

A cidade, sede da administração regional, não causou grandes impressões em Natterer. Ele a descreveu como uma pequena cidade provinciana e pobre, com ruas razoavelmente largas e bastante desiguais. A igreja principal era bem grande, mas sem uma torre. As casas não possuíam janelas de vidro, apenas grades de madeira em frente às janelas e portas, tampouco havia muitos móveis. Em Curitiba, Natterer hospedou-se na chácara de um senhor chamado José Lustosa, localizada em uma colina a 15 minutos do centro.

A passagem por Curitiba abriu para o naturalista uma nova frente de trabalho: a coleta de objetos etnológicos. Lá teve início o seu contato com índios brasileiros, o que lhe rendeu até o final da viagem uma preciosa coleção de objetos museológicos. Conseguiu muitos objetos indígenas por meio de um médico alemão de nome Renow, que morava na região e os obtinha dos nativos. Contudo, a coleta de objetos etnológicos não significou uma diminuição no ritmo do trabalho de coleta destinada às outras coleções. Natterer continuava de forma febril a coletar centenas de objetos dos mais variados tipos. Nessa época o naturalista recebeu também informações sobre os grupos indígenas que poderia encontrar, caso prosseguisse viagem em direção a Santa Catarina: Votorons, Tactaias e Kamés. Nesta viagem ele criou um de seus primeiros glossários indígenas, atividade que continuaria nos anos seguintes.

Durante esta viagem o naturalista deu contribuições robustas aos museus de Viena. À época, remeteu à Europa 22 caixas. No entanto, o horizonte que parecia promissor turvou-se subitamente em função de turbulências políticas no Brasil e na Europa.

Em 1820, o Brasil começou a atravessar fortes instabilidades políticas. A família real portuguesa permanecia no Rio de Janeiro, e isso descontentava Portugal, Inglaterra e Áustria. D. João VI era pressionado pelas cortes de Lisboa a retornar para Portugal. Além disso, insatisfeitos com a presença inglesa em território português, e se sentindo abandonados pela família real, os portugueses iniciaram no país luso uma revolução liberal que exigia o retorno do monarca e a proclamação de uma constituição. O caráter liberal dessa revolução reverberou no Brasil, o que levou brasileiros de diversas cidades a aderirem ao movimento português. D. João VI tentou controlar a situação, mas não lhe foi possível protelar sua permanência no Brasil. Em abril de 1821, foi obrigado a regressar à Europa sob risco de perder definitivamente o trono. No Brasil as agitações políticas não cessaram, e evoluíram de tal forma que fez crescer o movimento pela independência de Portugal.

Cestos de transporte.

Apinayé (Apinajé), leste do Brasil, em torno de 1821.

Tiras de folhas, barbante de ráfia e de plantas, folha de palmeira, sementes, corante, H. máx. 42,5 cm.

Col. Pohl

Segundo Pohl essa "tribo indígena dos Apinagés [Apinajés]" era "uma das mais numerosas e educadas [...]."

"Dizem que suas aldeias são bastante populosas e várias espécies de atividades industriais não lhes são estranhas. Eles possuem grande quantidade de objetos confeccionados por eles mesmos, criam gado e mantêm em cativeiro avestruzes, papagaios e outros. Sua habilidade artística na confecção dos mencionados utensílios é excelente, e seus cajados, cestos, trompetes, pilões de madeira e demais objetos são muito requisitados. [...] Além disso, esses índios são muito pacíficos, vivem em concórdia, são ativos e trabalhadores, e sabem também conseguir alguns ganhos acessórios com seu empenho e seu trabalho. Assim, por exemplo, eles auxiliam os viajantes do rio Maranhão a carregar a bagagem pelos maciços de rocha acima, junto às cachoeiras." (JEP)

Weltmuseum Wien



Em novembro de 1820, Johann Natterer escrevia ao irmão Joseph sobre os seus planos de viajar mais para o sul. Porém, quatro dias depois lhe alcança uma carta de Mareschal ordenando o seu imediato retorno ao Rio de Janeiro. O novo embaixador austríaco, Bartholomäus von Stürmer, iria chegar em breve à capital, e queria decidir pessoalmente o destino dos expedicionários que ainda se encontravam no Brasil. Àquela época, outros integrantes da expedição já haviam retornado à Europa. Mikan, Ender e Buchberger haviam regressado em 1818. Por ter se acidentado gravemente em sua primeira viagem para Cabo Frio, Johann Buchberger havia partido no primeiro transporte para a Áustria. O pintor Thomas Ender também retornara por motivos de saúde, após poucos meses no Brasil. Com muitas dificuldades em se aclimatar no Rio de Janeiro, Mikan também partira em 1818.

Naquele momento, Natterer pensou que ainda poderia convencer o futuro embaixador a apoiar seus planos de viagem ao Mato Grosso. Com essa finalidade lhe apresentaria as coleções realizadas em Paranaguá. Natterer estava determinado a viajar em direção ao oeste do país. Para tanto planejava-se, guardando inclusive dinheiro para este empreendimento.

Em dezembro de 1820, Natterer partiu de Curitiba em direção à capital. Ele viajou com suas coleções por quatro dias através de perigosos caminhos pelas montanhas em direção ao porto de Paranaguá, onde, em janeiro de 1821, embarcou em um navio para o Rio de Janeiro. A viagem pelo mar durou 22 dias. No início de fevereiro Natterer finalmente chegou à capital. Mesmo com condições tão desfavoráveis, o naturalista não desistiria tão facilmente de seus planos.



JOHANN BUCHBERGER
Erica fascicularis
aquarela, antes de 1817.
NHMW

JOHANN BUCHBERGER
Dryas octopetala
aquarela, antes de 1817.
NHMW





MICHAEL SANDLER
Emys Maximiliani.
 Litografia colorida à mão impressa pelo
 Instituto Litográfico de Viena, 1820.
 A espécie foi dedicada ao príncipe
 Maximilian zu Wied-Neuwied.
 NHMW



JOSEPH AUGUST SATORY
Gloxinia schottii.
 Litografia colorida à mão, impressa pelo
 Instituto Litográfico de Viena, 1820.
 Mikan denominou a espécie descoberta
 segundo Heinrich Wilhelm Schott,
 o jardineiro da expedição. Dois exemplares
 coletados na Serra Grande chegaram vivos
 em Viena e o artista pôde fazer a ilustração
 tendo como modelo as plantas vivas.
 NHMW

MICHAEL SANDLER
Coutarea pubescens.
 In: *Plantarum Brasiliæ icones et
 descriptiones hactenus ineditæ*, volume 2,
 Litografia colorida à mão, Viena, 1831
 NHMW



Lascensia microphylla.

THOMAS ENDER

Vista da metade da montanha Corcovado,
próximo do início do aqueduto, rumo ao centro,
sobre a baía do Rio de Janeiro e a
Serra dos Órgãos.

Gravura em cobre de Passini.

NHMW





Quarta viagem: março de 1821 até setembro de 1822

Distante do Rio de Janeiro, Natterer recebeu a notícia do fim de suas viagens com tristeza. Ao seu superior expressou sua contrariedade em não poder seguir viagem mais ao sul, e em não poder chegar ao Uruguai e explorar as vastas planícies do Rio Grande como pretendia. Suas esperanças de ali coletar objetos naturais desapareceram, e talvez para sempre. Por outro lado, o vislumbre da viagem para o Mato Grosso se distanciava cada vez mais.

Em janeiro de 1821, foi então intimado a retornar pelo próprio Stürmer, recém-chegado ao Rio de Janeiro. Na realidade, Natterer já tinha partido rumo à capital. Ele havia enviado Sochor e o pessoal restante a Ipanema, com as mulas, os cavalos e os equipamentos, e pediu ao caçador que aguardasse instruções. Empreendeu uma perigosa travessia de quatro dias pelas escarpadas regiões costeiras entre Curitiba e Paranaguá. Lá chegando, ainda esperou mais um mês, até que, em 10 de janeiro de 1821, encontrou um navio que o levaria ao Rio, onde chegou em fevereiro, após 22 dias de viagem marítima.

Já no Rio, as resoluções ocorreram segundo os desejos de Natterer: Mareschal informou-lhe que recebera os passaportes e as permissões necessárias para ir a Mato Grosso, e que o naturalista poderia partir em julho ou agosto. Com isso, Natterer esperava partir rapidamente da capital. O botânico Schott e o pintor Frick manifestaram o desejo de unir-se ao zoólogo na viagem ao centro-oeste brasileiro.

No entanto, logo as tensões políticas envolvendo Portugal e o Brasil se agudizaram. As cortes em Lisboa exigiam uma constituição e o retorno do rei. Os movimentos liberais cresciam no Brasil, estimulados pelas revoltas em Portugal. Antes mesmo do retorno de D. João VI, uma rebelião na Bahia declarara união com as cortes de Lisboa. D. João teve que retornar, e D. Pedro permaneceu no Brasil como regente. Mas isso contrariava o chanceler austríaco: Metternich pensava que o país, embora já elevado à condição de Reino Unido a Portugal, deveria ser regido pela corte de Lisboa, e que D. Pedro deveria ter aqui apenas um papel diplomático.

Atento às turbulências políticas, Stürmer preocupava-se principalmente com a segurança dos integrantes da expedição, e decretou o fim da mesma. Embora tivesse apoiado anteriormente uma dotação generosa para o empreendimento, mudou surpreendentemente de posição e passou a considerar os custos muito altos.

Uma última tentativa para manter os planos de viagens foi feita por Natterer e Schott. Sabendo da importância do suporte financeiro, e como sua falta poderia vir a ser um sério obstáculo aos seus planos, Natterer já havia anteriormente se preparado para eventuais emergências. Havia combinado com o major Wilhelm Feldner a obtenção de um empréstimo a juros baixos; além disso, caso necessário havia articulado até mesmo uma proposta de viajar a serviço do governo inglês, mas o governo austríaco recusou tais possibilidades. Natterer, Schott e Frick chegaram a propor a renúncia a seus soldos, mas Stürmer foi intransigente e manteve sua decisão.



HEINRICH WILHELM SCHOTT
Wenzel Liepoldt, *Caladium asperidum*.
Guache, s/d.
NHMW

HEINRICH WILHELM SCHOTT
Johann Oberer, *Anthurium affine* S[chott].
Guache, s/d.
NHMW



Apesar dos protestos, o barão von Stürmer ordenou o retorno de todos os viajantes. Pohl e Schüch foram os primeiros a embarcar de volta, ainda em abril; Schott partiu algumas semanas depois, juntamente com Stürmer, em 21 de junho de 1821, restando em solo brasileiro somente Natterer e Sochor. Mas estes não poderiam voltar imediatamente. Sochor havia adoecido. Natterer então convenceria habilmente Stürmer de que o naturalista deveria retornar a Ipanema para embalar adequadamente os equipamentos para a travessia do oceano, pois Sochor não teria condições de levar de volta a quantidade de bagagens e objetos que haviam ficado na cidade com ele. Stürmer assentiu, ordenando então que Natterer buscasse Sochor, empacotasse seus equipamentos e embarcasse de Ipanema diretamente para a Europa. Com isso, Natterer ganhara tempo. Nesse ínterim, pediu a Schreibers encarecidamente que este intercedesse por sua causa, pois achava que ainda poderia fazer muito pela Áustria no Brasil.

O sentimento do naturalista era de frustração. Mas ele aproveitou esse tempo para trabalhar em seus planos de viagem. As respostas de Viena poderiam demorar meses, e Natterer não queria perder muito tempo novamente. Assim, voltou para Ipanema, onde estavam Sochor e as caixas que lá havia deixado. Eles eram os últimos remanescentes da expedição austríaca no país. Esse retorno serviu também para Sochor reafirmar seu compromisso de continuar com Natterer em suas viagens, pois o naturalista continuava a sonhar com a possibilidade de viajar ao interior do Brasil.

Entretanto, as questões políticas neste país não se acalmavam. Chegou a Natterer a notícia de que D. Pedro teria de retornar à Europa, o que significaria para o naturalista a perda de um apoiador. A situação de D. Pedro não era simples. Em um primeiro momento, os brasileiros haviam se identificado com as causas da população portuguesa. Porém, quando souberam que Portugal queria que o Brasil retornasse à condição de colônia, os brasileiros começaram a se unir pela independência da nação lusitana. Essa união, contudo, não mascarava os interesses regionais das províncias, com o nordeste mais próximo de Portugal e o sul a favor da ruptura completa com os portugueses. No meio desse impasse, a corte austríaca, através de Mareschal, seu encarregado no Brasil, registrava os movimentos revolucionários e temia que a volta de D. Pedro à Europa pudesse separar definitivamente Brasil e Portugal⁹. Cada vez mais pressionado pelas forças brasileiras e pela sua consciência nacional, no dia 9 de janeiro de 1822 D. Pedro recebeu uma petição com milhares de assinaturas pedindo-lhe que tomasse uma decisão e ficasse no Brasil, ou então a separação entre os dois países seria inevitável¹⁰: os brasileiros queriam garantir a presença do herdeiro no Brasil e suspender a onda recolonizadora que predominava na metrópole. D. Pedro escolheu resistir às cortes portuguesas e permanecer no país em um episódio que ficou conhecido historicamente como o “Dia do Fico”. A partir desse momento, foi organizado um novo ministério sob o comando de José Bonifácio de Andrada e Silva.

JEAN-BAPTISTE DEBRET
Aclamação de D. Pedro I, Imperador do
Brasil, no Campo de Santana no Rio de
Janeiro. Litografia colorida de Thierry.
Voyage pittoresque et historique au Brésil,
Paris, 1834-39.

9 BIRKHOLZ, Andreas. *Österreich und Brasilien: 1816-1831*. München: Philosophische Fakultät, Ludwig Maximilians Universität, 1970, p. 21.

10 HANDELMANN, Heinrich. *História do Brasil*. 4ª ed. Trad. de Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982, p. 209.

“Nossa firme vontade é única e exclusivamente a de corresponder aos desejos de Sua Majestade e às expectativas dos naturalistas. Levar as coleções do Museu Imperial a um elevado grau de perfeição, à glória, realizar um tão grande empreendimento – é somente isso o que nos estimula para este propósito. Que não foi um ganho financeiro, isso deve ser demonstrado por nossa apresentação de 30 de abril e nosso trabalho realizado anteriormente. (...) Ainda arde até mesmo em mim uma fagulha de esperança de que eu ainda possa receber aqui uma carta de Vossa Alteza. É-me tão difícil ter que desistir totalmente da ideia de fazer ainda coleções no Brasil que eu não consigo ainda deixar de vislumbrar esta última esperança. Por isso, peço e solicito encarecidamente que Vossa Alteza intervenha a favor da causa, já que Vossos benevolentes conceitos sobre mim e Seu grande interesse no progresso da expedição ensejam esta expectativa, e que me escreva sem demora ordens para agir” (*carta de Johann Natterer a Karl von Schreibers, Rio de Janeiro, 04 de maio de 1821*).



A nova posição de José Bonifácio seria benéfica para Natterer. Ele conhecera o ministro durante sua estadia na fábrica de ferro em Ipanema, entre 1819 e 1820, e encontrou-o novamente, em setembro de 1821, quando Bonifácio era vice-presidente da Junta local. Natterer já conseguira as aprovações necessárias para ir ao interior do Brasil. No entanto, as ordens tinham sido emitidas na época do governo português, e, com a nova situação pró-independência, elas poderiam ter perdido sua validade. Por isso, solicitava a Bonifácio que reforçasse as ordens já feitas. Para tanto, prometeu ao ministro o envio de duplicatas de suas coleções também para o Museu Imperial do Rio de Janeiro (atual Museu Nacional) como retribuição pelo pedido que estava fazendo. Enviou também um pedido semelhante a D. Pedro.

Os planos de Natterer tiveram sucesso. A doença de Sochor e os preparativos retiveram os austríacos tempo suficiente para que recebessem a aprovação da Áustria para a continuação das viagens, que chegou no verão de 1822. Natterer planejava viajar de Cuiabá ao Amazonas pelo rio Tapajós. Mas percorrer o interior do Brasil implicava a necessidade de viajar também por vias fluviais, demandando equipamentos de navegação e remadores aptos. Porém, não era certo que estes equipamentos pudessem ser encontrados nos momentos em que se fizessem necessários. Além disso, as viagens fluviais dependiam do volume de água dos rios, que somente eram navegáveis em determinadas épocas. Por outro lado, caso a viagem ao Amazonas pelo Tapajós não se concretizasse, também o caminho por terra se mostrava uma opção irrealizável, pois teria de percorrer, entre ida e volta, cerca de 600 quilômetros entre Cuiabá e Goiás.

Em resumo, por todos esses fatores Natterer não poderia determinar o tempo das viagens, e, por conseguinte, não podia enviar à Áustria informações precisas sobre seus deslocamentos futuros. Independente disso, a viagem foi aprovada. Parecia que, com a aprovação, as autoridades em Viena assumiam o risco de sua execução. Ainda assim, Mareschal não conseguia transferir do Rio por via bancária os recursos necessários à viagem. Após um mês negociando em Sorocaba, Natterer fechou finalmente um acordo com Antônio Joaquim de Lemos Gomes, um contador da metalúrgica de Ipanema, que lhe vendeu 110 mulas selvagens aceitando como pagamento uma letra de câmbio. O naturalista planejava revender os animais em Goiás, pois sabia que existia escassez de animais de carga.

Enquanto o naturalista terminava os preparativos para sua partida, o Brasil estava em clima de ruptura com Portugal. Em setembro de 1822, D. Pedro realizou uma viagem a São Paulo para resolver uma desavença política entre o presidente da província e a Junta. Durante a excursão, o príncipe regente recebeu do Rio de Janeiro a notícia que Lisboa enviaria uma força expedicionária para o Brasil¹¹ com ações que poderiam diminuir o poder do príncipe no país. Como efeito imediato do comunicado e a impossibilidade de sustentar uma posição dúbia em relação à questão brasileira, no dia 7 de setembro de 1822, D. Pedro declarou a independência do Brasil.

Para Natterer, este processo político felizmente não afetou suas viagens. Após um ano de preparativos em Ipanema, em outubro os austríacos e seus colaboradores partiam para sua viagem tão ansiada, em direção ao Mato Grosso.

Vitrine XVII com objetos dos Bororo
Aquarela de artista desconhecido.
Em torno de 1840.
Weltmuseum Wien

11 RAMIREZ, Ezekiel Stanley. *As relações entre a Áustria e o Brasil*. Trad. de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968, p. 27.

“Senhor. Diz João Natterer, naturalista da Sua Mayestade Imperial Real Austriaca, encarregado pelo mesmo Senhor a fazer collecçoens de objectos de historia natural para o museo publico de Vienna, e viajando por aquello fim neste reino do Brasil com approvação e consenso regio, que sendo concedido ao supplicante pelo augusto pai de V.A. real a licenza necessaria para a sua livre jornada e transito pelas provincias de São Paulo, Minas Geraes, Goyaz, Mattogrosso, Pará e outras capitaes e havendo mesmo augusto Senhor ordenado às authoridades constituídas de prestarem ao supplicante os auxilios pr[e]cisos e conduzentos ao mencionado fim e dezejando continuar na sua degressão implóra. P. V.A. real se digne renovar com o seu beneplacito a refferida ordem de suja graça R.M.” (*carta de Johann Natterer a D. Pedro, Ipanema, de 20 de abril de 1822*).



Quinta viagem: outubro de 1822 até dezembro de 1824

No final de 1822, Natterer ainda se encontrava longe do Mato Grosso. E havia muitos obstáculos pelo caminho: ele passava por problemas financeiros por causa da demora no recebimento de dinheiro, e não tinha facilidade de encontrar pessoas habilitadas para acompanhá-lo na viagem. Sentia falta dos barulhos da fábrica de Ipanema que, na distância de sua própria casa, tornara-se um lar para ele. Os anos seguintes seriam trabalhosos e austeros, e ele teria de tomar muitas precauções. Sua recompensa pelo trabalho seriam as abundantes coletas.

A saída de Ipanema foi tumultuada. Natterer partiu em uma grande caravana com 147 mulas, quatro cavalos e duas éguas. Viajar com um número tão grande de animais significava arriscar-se a grandes transtornos. No caminho, as mulas se agitaram ao serem perseguidas por cães. Em uma carta ao irmão, o naturalista conta como um animal havia fugido e sua busca durara vários dias. Somente no nono dia chegou a notícia de que ele havia sido encontrado morto. Apenas a sua carga foi recuperada, apesar das chuvas constantes, que caíam principalmente à noite. Embora esta tenha sido salva, muitas outras ficaram encharcadas. Apenas duas semanas depois a caravana conseguiu seguir viagem. Nos primeiros dias algumas mulas ainda se dispersaram. Porém, com o tempo, se acalmaram. No entanto, isso não impediu que o viajante ainda vivenciasse outras perdas de animais de carga pelo caminho, devido a acidentes ou à ingestão de ervas tóxicas¹².

Sua rota seguiu de Ipanema em direção ao norte, passando por Sorocaba, Pirajiba, Pirapitingui e Vila de Itu, onde o viajante passou alguns dias próximo à margem do rio Tietê. Bastariam dois dias de descanso para os animais; porém outras circunstâncias retiveram-no em Itu. Com Sochor, visitou um médico alemão e o ouvidor da vila, conhecido seu. Novamente as chuvas impediram uma breve partida. Enquanto isso, Natterer deleitava-se com a vista da cachoeira, pois a considerava um quadro majestoso, digno de ser registrado por um artista.

O naturalista nutria a esperança de encontrar muitas coisas novas em Mato Grosso. Por isso, gostaria de passar um ano lá, para somente mais tarde seguir viagem pelo rio Tapajós. Entretanto, o constante problema financeiro o preocupava: em Cuiabá encontraria os preços mais elevados. Seus animais valiam 7 ou 8 mil florins e ele não gostaria de vendê-los; mas havia pouca esperança de que pudesse mantê-los. Posteriormente, queria ir até o Pará e de lá seguir navegando pelo rio Amazonas até a fronteira do Peru. No Pará, receberia uma ordem de pagamento do cônsul inglês. Se não fosse possível passar pelo Mato Grosso – uma vez que ainda não havia recebido confirmação da autorização da sua entrada na província –, teria de descer pela região do Tocantins em direção ao Maranhão e de lá chegar ao Pará. Era difícil estabelecer um plano fechado, pois não sabia se obteria as permissões das províncias. Além disso, desconhecia quais seriam as instruções austríacas e como se daria a sua locomoção por onde iria. Assim, pouco podia dizer com antecedência. A distância e a demora na comunicação influenciavam não somente seus planos, mas também o seu humor. Àquela altura, o naturalista já sentia que vivia uma vida triste e solitária junto a malas empilhadas que formavam uma mesa, utilizada para escrever a carta ao seu irmão.

Depois de alguns dias em Itu, seguiram por Campinas, Mogi e Vila Franca. Natterer passou ainda pela Serra de Cubatão e Araraquara, até chegar a Goiás no início de agosto de 1823. As frequentes chuvas tornaram-se a causa do longo tempo gasto nos trajetos. Há poucas informações sobre esse percurso, não sendo possível afirmar se o viajante conseguiu algum tipo de hospedagem. As regiões do interior eram pouco habitadas, por isso tornava-se difícil encontrar uma casa adequada. Muitas vezes improvisavam-se cabanas, o que impossibilitava uma proteção completa das cargas. A passagem por Goiás foi curta, e permitiu, sobretudo, que os animais

12 SCHMUTZER, Kurt. *Der Liebe zur Naturgeschichte halber: Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817-1835*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2011, p. 125.

descansassem e houvesse abastecimento dos suprimentos. Como planejado anteriormente, ele vendeu a maior parte das suas mulas para conseguir dinheiro. Além disso, surgiu uma oportunidade para se corresponder com Mareschal, Schreibers e Joseph Natterer, após quase um ano de silêncio. De lá também escreveu novamente a José Bonifácio, a fim de agradecer a portaria que este lhe enviara, mas só conseguiu receber quando chegou a Goiás. Aproveitou para justificar-se por não ter enviado ainda as duplicatas das coleções devido às dificuldades da viagem. Quando estivesse em Cuiabá, faria o envio.

Segundo seus planos, passaria a próxima estação chuvosa em Cuiabá. De onde partiria, em seguida, para Vila Bela de Santíssima Trindade. Não estava claro se desta cidade, no extremo oeste da província, iria com sucesso até o norte do país¹³. A situação no Brasil pós-independência não se encontrava estabilizada. As diferenças regionais impediam que Pará e Maranhão reconhecessem o novo imperador, e isso poderia se tornar um impedimento para o trânsito de Natterer naquela região. Em relação à política externa, após 1822, as relações entre Brasil e Áustria pautaram-se pelas negociações em torno do reconhecimento da independência.

Em setembro de 1823, o viajante partiu de Goiás com 12 mulas carregadas de comida. O restante dos animais levava os equipamentos e as coleções científicas. A viagem seguiu pelos cursos dos rios Forte e Araguaia, próximo à fronteira com o Mato Grosso. Os acampamentos eram às margens dos rios. O percurso não foi simples e os viajantes passaram por constantes privações de alimentos. Ademais, as condições eram precárias e houve perdas significativas de equipamentos e mantimentos, decorrentes de acidentes com as mulas. Com muita dificuldade, o grupo chegou a Cuiabá em dezembro de 1823.

Estar em Cuiabá significava para Natterer uma oportunidade de partir para outros lugares pouco visitados no Brasil, como, por exemplo, os rios Amazonas, Negro e Madeira. Entretanto, essas viagens eram ainda meras conjecturas, uma vez que o naturalista não podia fazer planos concretos – era necessário obter informações sobre os cursos dos rios, sobre a época em que seriam navegáveis e sobre as chuvas, e conhecer as pessoas com quem viajaria. Somente em Cuiabá pôde obter informações sobre como realizar as suas viagens, e, por isso, teve de refazer seus planos: o caminho mais fácil para o norte era seguir pelos rios Guaporé e Madeira. Esse trajeto também seria produtivo, pois poderia ainda viajar pelo Pantanal e atravessar parte do Paraguai.

Os projetos eram sedutores. Passaria por lugares inexplorados e coletaria milhares de objetos, particularmente novos, que poucos museus europeus possuíam. Entretanto, o intercâmbio com museus na Europa e o acesso a notícias recentes no campo da história natural eram inviabilizados pelas longas distâncias das cidades brasileiras. Pelo correio as notícias eram muitíssimo demoradas. O naturalista austríaco não possuía muitos livros de referência, e mal conseguia se atualizar com as novidades científicas recentes.

Em Mato Grosso, Natterer defrontou-se com uma adversidade que modificaria drasticamente todos os seus planos (já modificados). No segundo semestre de 1824, o viajante contraiu, em Cuiabá, uma inflamação no fígado que deixou sequelas crônicas nos anos seguintes. Inicialmente, ignorou as dores que sentia, o que lhe prejudicou ainda mais. Após alguns meses a dor evoluiu para a doença, e o naturalista teve de paralisar por meses algumas de suas atividades. Foi então tratado por Antônio Luiz Patrício da Silva Manso, médico e cirurgião local com quem Natterer estabeleceu uma grande amizade durante toda sua permanência no centro-oeste. A gravidade da doença o debilitou até o fim de 1824, e forçou-o a permanecer em Cuiabá por muito mais tempo do que planejava.

13 SCHMUTZER, Kurt. *Der Liebe zur Naturgeschichte halber: Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817-1835*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2011 p. 129.

JOHANN EMANUEL POHL
 Cidade de Goyaz, antes Villa Boa.
 Capital da Capitania de mesmo nome.
 Imagem captada por Pohl com ajuda
 de uma câmara lúcida de Wollaton,
 executada sob supervisão de Thomas Ender
 e gravada em cobre por Axmann, s/d.
 NHMW



Pohl delin. — Ender aenest.

Cidade de Goyaz



Goyaz, früher Villa Boa, Hauptstadt der gleichnamigen Capitania.

“Hoje caiu uma grande chuva. Por isso, eu tenho de dormir em casa. Uma vida triste. Sento-me solitário próximo a duas malas empilhadas, que miseravelmente formam uma mesa, e escrevo essas linhas. (...) Sob o telhado um grilo canta tediosamente. E lá fora o rugido próximo do Tietê, que lança furiosamente suas massas de água marrom escuras cerca de 20 pés de altura sobre rochas de granito”
(*carta de Johann Natterer a Joseph Natterer, Salto do Tietê, 2 de novembro de 1822*).

“A comida custa muito caro aqui e geralmente não está disponível, visto que as pessoas plantam pouco e Santa Rita está a 10-12 dias de distância rio abaixo, de onde o necessário é obtido. (...) Além disso, ainda tivemos de descansar nos dias 3, 4 e 5 de dezembro para secar as cargas com as quais um burro havia mergulhado no riacho Sangrador. (...) No dia 11 chegamos ao rio São Lourenço, onde ocorreu o infortúnio de quatro animais abastecidos caírem no rio de caudal turbulento (...). Com grande dificuldade, animais e cargas foram salvos, porém tudo estava encharcado, e muita coisa estragada”
(*carta de Johann Natterer a barão de Mareschal, Cuiabá, 14 de fevereiro de 1824*).



Objetos usados na expedição.

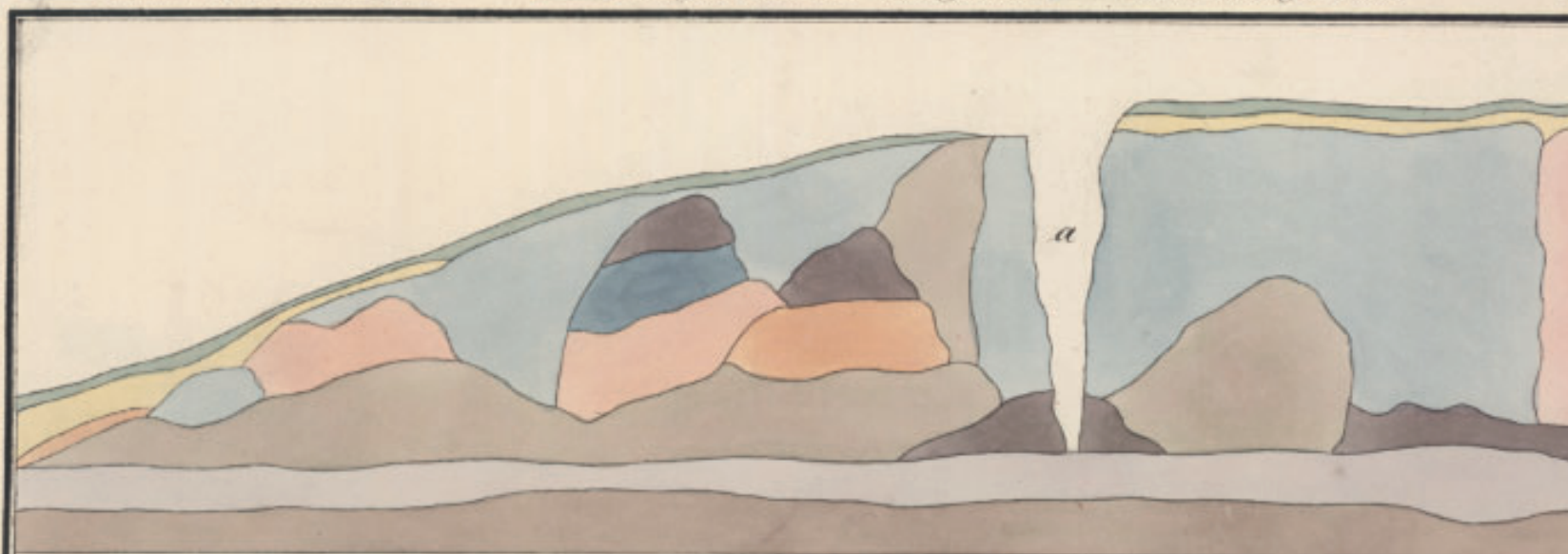
Cultura popular, Mato Grosso, Brasil,
em torno de 1830.

Couro, chifre, folha de palmeira, madeira,
lã vegetal, C. máx. 81 cm.

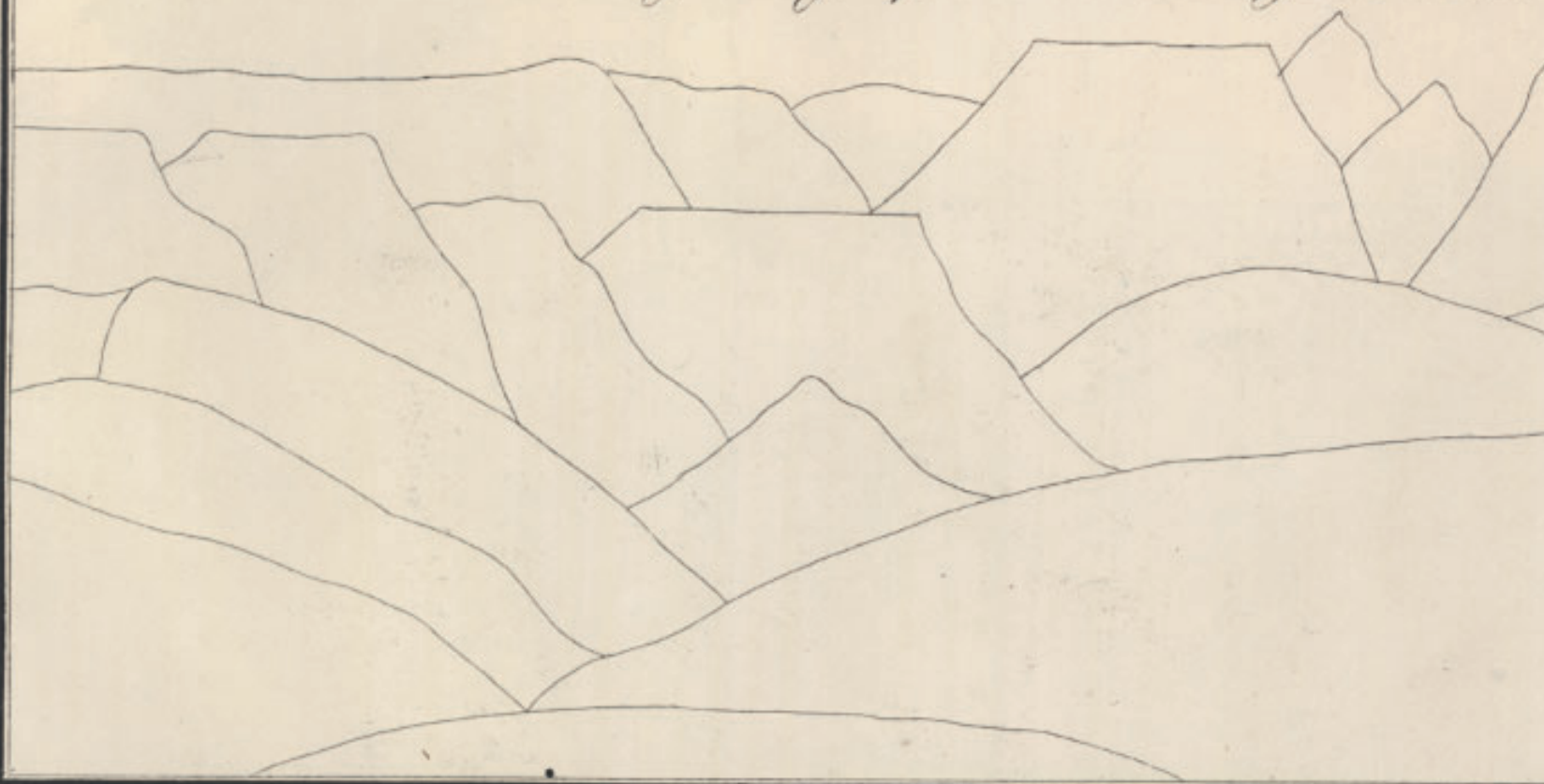
Col. Natterer

A fim de que não faltasse nada aos membros da expedição durante a viagem, eram usados também objetos que pertenciam à população local. O mais importante de tudo era um estoque suficiente de água potável, que era transportada em sacos de couro de boi curtido como o da presente ilustração. A fim de que não fosse necessário apear do cavalo para beber, eram usados canecos feitos de chifre, presos a um barbante: deixavam-se os canecos descenderem, segurando-os pela correia de couro, enchiam-se os mesmos de água e em seguida eles eram puxados mais uma vez para cima, de modo a permitir que se bebesse. (CB)
Weltmuseum Wien

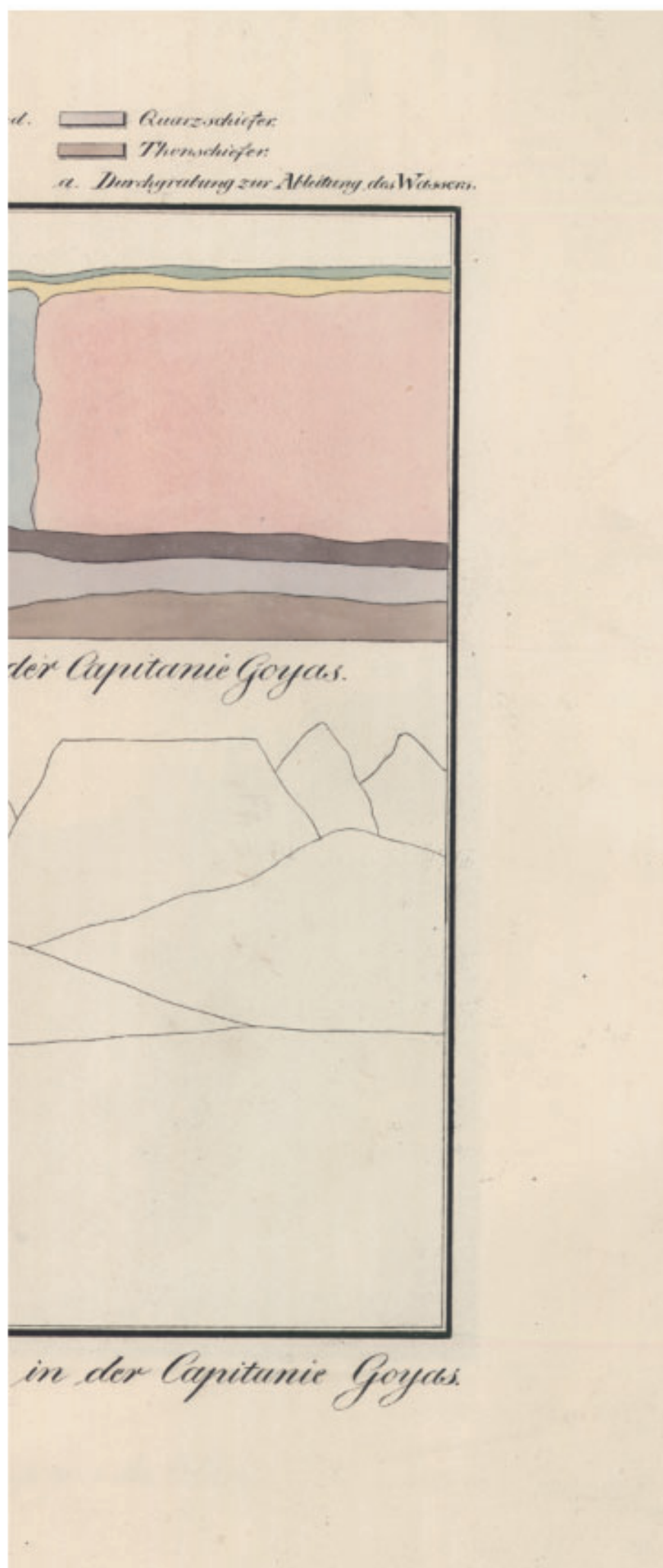
- | | | |
|---|---|---|
|  Thonige Thonmerde. |  Eisenhaltiger Sandstein. |  Quarz als Säulen anstehend. |
|  Gelber Thon mit Bergkristall. |  Blaudichter Thon mit Bergkristallen. |  Aufgelöste Bergkristalle. |
|  Eisenhaltige Sandstein Breccie. |  Citrongelber Thon mit Sand gemischt. |  Eisenschüssiger Thon. |



Durchschnitt der Kristallgrabung auf der Serra de Crystaes in der



Umriss des Talk und Quarzschiefer-Gebirges der Serra de Crystaes in



JOHANN EMANUEL POHL
 Diâmetro da escavação de cristal e contorno
 das rochas de pedra-sabão e xisto de quartzo
 na Serra dos Cristaes, na capitania de Goyaz.
 NHMW

Sexta viagem: janeiro de 1825 a 15 de julho de 1829

No início de 1825, ainda em Cuiabá, Natterer continuava a padecer com as dores de sua enfermidade. Dependia bastante da ajuda de Manso; mas os momentos mais graves já haviam passado. Os encontros regulares aprofundaram a amizade entre os dois, e o austríaco até aproveitou a ocasião para ensinar ao brasileiro o idioma alemão. O prolongamento da estadia, em razão de sua enfermidade, proporcionou-lhe algumas vantagens. Ele pôde estabelecer redes de cooperação com habitantes, autoridades e informantes locais, além de comerciantes estrangeiros, e pôs-se a estreitar relações com outros viajantes. Por outro lado, o naturalista logrou obter um aumento considerável das suas coleções – mais por resultado das atividades de sua equipe de trabalho, que incluía caçadores e escravos, do que através de seus próprios esforços, pois sua doença prolongou-se ainda por longo tempo. Através de intermediários adquiriu na ocasião muitos objetos e coleções etnológicas. De um militar mato-grossense, de nome Antônio Peixoto de Azevedo, obteve vários objetos dos índios Mundurukus e Apiakás. Desse modo, remeteu à Europa duas caixas que, segundo o próprio naturalista, levariam as coleções de Viena à perfeição.

Enquanto Natterer se encontrava no interior do Brasil, a corte do Rio ainda buscava obter de outros países europeus o reconhecimento da independência de Portugal. Após sua proclamação, as negociações com Portugal, Inglaterra e Áustria ainda prologaram-se por três anos. Somente em 1825 elas chegaram a um desfecho, quando os ingleses assumiram a liderança na intermediação diplomática entre as cortes do Rio de Janeiro e de Lisboa. O documento dali resultante atendeu às exigências portuguesas, embora tenham desagradado D. Pedro I. A Áustria adotou uma posição passiva no final do processo. Por alguns meses, as relações entre Brasil e Áustria permaneceram estáveis, sem maiores consequências para a permanência de Natterer no Brasil.

Com a saúde debilitada, o naturalista só poderia partir de Cuiabá em junho de 1825. Devido à demora, não poderia rumar em direção ao sul do Pantanal mato-grossense. Os próximos passos seriam, então, em direção ao extremo oeste da província, até a cidade de Vila Bela de Santíssima Trindade. Natterer partiu de Cuiabá, e levou dois meses até alcançar Cáceres. Poucas são as cartas a seus superiores austríacos registrando este período. Seu amigo Manso foi o único a receber notícias suas neste interregno. A este o naturalista solicitara remédios constantemente, devido à sua grave situação de saúde. Seu estado era péssimo – reclamava reiteradamente de úlcera, sarna, inflamação no fígado, diarreia e feridas nos pés.

Natterer e sua caravana prosseguiram viagem em 28 de setembro de 1825, e fizeram uma parada em uma fazenda chamada Caiçara para caçar pela região. Natterer relatou em carta sobre as condições climáticas insalubres que causavam doenças aos habitantes daquela localidade. Nessa região as pessoas morriam por falta de médicos bem formados. Temia, portanto, que seu destino fosse o mesmo. Por conta disso preservou-se, preferindo prolongar por oito meses sua estadia na fazenda, até junho de 1826.

O naturalista sentia-se isolado das pessoas com quem viajava, que mal são citadas em suas cartas, e desejava a companhia de Manso. Compartilhou seus sentimentos de solidão com Langsdorff, o cônsul-naturalista da Rússia que empreendia na mesma época uma viagem científica pelo interior do Brasil. Queria encontrá-lo e ver suas coleções zoológicas. Nutria uma esperança de que talvez pudessem se ver em Cuiabá.

Conjunto de cocares de um guerreiro com cabeça-troféu.

Munduruku, Rio Tapajós, Brasil, em torno de 1830. Plumas, algodão.

Para um ciclo ritual de grandes dimensões que abrangia a caça à cabeça, os guerreiros Munduruku se apresentavam em um traje festivo de plumas, cujos elementos são representados, quase inteiramente, na coleção Natterer: juntamente com os cocares, fazia parte do traje festivo um cinturão (*tempe-á*), que era usado em torno da cintura, do qual pendiam os fios de plumas, pendurados na frente, atrás e nos lados. Em um desses "aventais" estavam integrados chocalhos de caroços de frutas.

Os "cordões para ombros" (*curuapé*) eram usados individualmente ou com um fardel, tipo uma echarpe, na parte superior do corpo. Na sua coloração, estes cordões de algodão embutidos, aplicados com plumas de arara ou galinhas-do-mato (família *Crucidae*), parecem com "uniformes": são vermelhos ou amarelos, com franjas de diversas cores ou totalmente pretas. As peças que lembram dragonas (*bamam*) eram usadas ao redor do braço. Nas faixas para braço estão pendurados cordões de plumas, de coloração típica placativa dos Munduruku, que se movem livremente. Na coleção, além das faixas para o joelho e tornozelo, faltam os enfeites de orelha: uma espécie de roseta de plumas com borlas. As cabeças-troféu também eram enfeitadas com estes brincos, que foram usados na primeira fase do ritual, cujo nome lhes foi dado a partir deste ato. (WK) Weltmuseum Wien







JOHANN BAPTIST NATTERER
 Vista lateral de um peixe-leitão,
Auchenipterichthys thoracatus
 (Siluriformes, Auchenipteridae).
 D[orsal] 1/6 c[audal] 19 a[nal] 22 v[entral] 7
 p[ectoral] 1/7, n° 93, macho.
 Vila Bela do Mato Grosso, junho de 1828.
 NHMW

Adorno de penas para cabeça.
 Apiaka, rio Arinos, Brasil, em torno de 1830.
 Penas, fibra vegetal, H. 67 cm.
 Col. Natterer
 Weltmuseum Wien



JOHANN BAPTIST NATTERER
Vista lateral de um apaiari,
Astronotus ocellatus
(Perciformes, Cichlidae).
D[orsal] 3/33 c[audal] a[nal] 3/ v[entral] 1/6
p[elitoral] 14, n° 65.
Acara crassipinis [espécie] nova
[Vila Bela do] Mato Grosso,
21 de agosto de 1828, setembro [de 1828].
NHMW

Por outro lado, não declarava em suas cartas às autoridades austríacas os detalhes desanimadores e preocupantes de suas viagens. Em carta a Mareschal de junho de 1826, Natterer descreve superficialmente a falta de alimentação adequada, sua condição de saúde e alguns percalços do caminho. Mascarava sua real situação de isolamento, doença e solidão. Prefere destacar em seu relatório uma longa lista dos animais coletados e suas descrições, e evidencia seu significado para o Museu de Viena. Em sua missiva dá informações sobre os indígenas da região, particularmente os Bororos.

No mesmo mês, Natterer seguiu viagem em direção a Vila Bela de Santíssima Trindade, antiga capital do Mato Grosso. Deixou em Cuiabá um total de oito caixas contendo algumas coleções, com a intenção de buscá-las no retorno. Na ocasião pretendia se encontrar com Langsdorff, conforme escreve a Manso. Em outubro, alcançou Vila Bela que, tal como Cuiabá, possuía um clima insalubre. No século XVIII, essas vilas desenvolveram forte atividade econômica devido à produção aurífera. Com sua decadência no século seguinte, a região entrou em declínio e passou a ser assolada por doenças.

De Vila Bela Natterer pretendia rumar em direção ao Pará pelos rios Guaporé e Madeira, uma vez que o curso fluvial permitia a navegação de barcos grandes até a Amazônia. Para a realização de tal viagem o naturalista dependia de barcos e tripulação. Solicitou-os ao presidente da província de Mato Grosso, José Saturnino da Costa Pereira, que, ao fim e ao cabo, acabou não atendendo ao seu pedido.

Os planos pareciam funcionar. Entretanto, as relações entre a Áustria e o Brasil ingressavam em nova fase de instabilidade, o que passou a ameaçar a permanência do viajante no Brasil. O ano de 1826 foi marcado por falecimentos que afetaram as relações entre o Brasil e as nações europeias. A morte de D. João VI em março deixou vago o trono português e abriu novos conflitos na questão sucessória. D. Pedro I não queria perder a coroa portuguesa e pensou no estabelecimento de uma monarquia dual, desempenhando o papel de monarca no Brasil e em Portugal. A Áustria não apreciava tal ideia, e preocupava-se antes de tudo em conter o avanço das ideias liberais em Portugal. A Inglaterra, por sua vez, empenhava-se em evitar um golpe de estado capitaneado por D. Miguel, irmão de D. Pedro I e representante das tendências absolutistas.

A atitude assumida por D. Pedro I foi de certa ambiguidade, que adiava a tomada de decisão e desagradava aos outros países. A questão se estendia ao longo de 1826, quando, em dezembro, duas outras mortes afetaram diretamente os rumos da expedição científica. Em 11 de dezembro morreu D. Leopoldina, após anos de pressões psíquicas e uma acentuada debilitação da sua saúde. Dois dias depois morreu Sochor, ajudante de Natterer. O caçador adoecera gravemente após uma incursão no Arraial de São Vicente. Ao receber a notícia da sua doença, o naturalista seguiu para ajudá-lo, mas já era tarde demais. Mesmo com os cuidados recebidos na fazenda da senhora Gertrudes Adelaide Delfina Ravin Pinto, irmã de Antônio Peixoto de Azevedo, Sochor faleceu de um ataque agudo de febre e foi sepultado na Igreja de São Vicente.

Após a morte de Sochor, Natterer ficou ainda por alguns dias em São Vicente para caçar pássaros. Em decorrência disso, também caiu gravemente doente em janeiro de 1827. Foi atacado por uma forte febre, que durou dias e chegou a provocar-lhe delírios, tirando-lhe temporariamente os movimentos do corpo. Sofreu durante anos as consequências dessa enfermidade, que em São Vicente o fez emagrecer, provocou-lhe inchaço nos pés, o rosto amarelo e a perda de quase todo o cabelo. Pessoa decisiva em seu restabelecimento fora a mesma Dona Gertrudes. Em sua homenagem, Natterer batizaria anos mais tarde sua filha com o nome de sua salvadora.

Por causa da gravidade de sua enfermidade, somada ao adoecimento de um de seus escravos, Natterer somente conseguiu retornar a Vila Bela em maio de 1827. Quando lá chegou, teve um grande susto. Os ratos causaram grandes danos aos seus preparados taxidérmicos e documentos, chegando mesmo a romperem os lacres dos frascos com amostras de vermes intestinais. Passou várias semanas consertando e empacotando novamente os objetos.

Enquanto realizava seu trabalho, recebeu, em julho de 1827, ordens expressas para retornar a Viena. Após o falecimento da imperatriz, um laço importante entre os dois países se perdeu. As negociações sobre a sucessão do trono de Portugal desagradavam à Áustria, que esperava uma atitude de D. Pedro I. A questão complicou-se ainda mais quando o imperador brasileiro decidiu recorrer à corte de Viena para encontrar uma nova esposa. As relações diplomáticas entre o Brasil e a Áustria caminhavam previsivelmente para um impasse. A ordem para o retorno do naturalista havia sido emitida pelo imperador austríaco em janeiro daquele ano, porém, em função da longa distância de seu afastamento, Natterer recebeu-as meses depois. Mareschal já escrevera a Metternich, alertando-o sobre as circunstâncias difíceis da comunicação entre as partes.

Natterer já havia traçado planos para sua viagem. Apesar de sua fraqueza e da morte de Sochor, ele ainda não tinha vontade de retornar à Europa. A nova ordem ia de encontro aos planos já estabelecidos e acordados com as autoridades locais de seguir pelos rios até a província do Pará. Havia muito tempo que ele vinha preparando sua viagem de volta a partir do Grão Pará, e por conta disso havia reduzido consideravelmente a quantidade de mulas que possuía. Além disso, a distância desta província ao Mato Grosso era semelhante à distância entre o Mato Grosso e a capital, de modo que não seria vantajosa uma viagem ao Rio de Janeiro. Considerava os rios Madeira e Amazonas muito ricos em espécies naturais, e que por isso seria imperdoável tomar um rumo diferente. Em carta a Mareschal, Natterer apresentava todas essas ponderações, sempre esgrimindo como argumento central o enriquecimento das coleções do Museu Imperial de Viena.



JOSEF SZÉKELY
Gertrude, baronesa Schröckinger von
Neudenberg, filha de Natterer,
nascida em 15 de novembro de 1832,
em Barra do Rio Negro no Brasil.
Cópia em papel albuminado,
Viena, cerca de 1880.
NHMW

“Piorei dia após dia, os ataques quase não tiveram intervalos, tanto que no oitavo ou nono dia a febre estava tão forte que eu não me movimentava, não reconhecia pessoas, os olhos não tinham vida” (*carta de Johann Natterer a barão de Mareschal, Vila Bela de Santíssima Trindade, 20 de julho de 1827*).

“As instruções a ele enviadas não poderão alcançá-lo de forma alguma antes de 3 ou 4 meses, e, caso ele realmente tenha iniciado a viagem de Villa Bella para o Pará, ele provavelmente nunca as receberá, ou no mínimo não as poderá executar, pois os recursos calculados para ele empreender a viagem pelo rio não poderão ser suficientes para a direção oposta” (*carta de Wenzel Philipp Leopold von Mareschal a Clemens Wenzel Lothar von Metternich, de 23 de abril de 1827*).

Sua atitude em favor do prosseguimento de suas viagens demonstrava o quanto o naturalista alimentava seus planos de ir às áreas dos rios Madeira, Amazonas e Negro. Todo o planejamento que fizera anteriormente, que previa a partida ao Amazonas no início de 1827, havia sofrido alterações e adiamentos. Por causa da doença, ainda se encontrava no Mato Grosso, e nem mesmo poderia partir dali de Vila Bela, pois precisava ainda buscar as coleções que deixara em Cuiabá. De mais a mais, era preciso esperar a estação das chuvas, uma vez que o rio Guaporé, pelo qual navegaria, tinha um nível muito baixo e era de difícil navegação na temporada de seca.

Natterer partiu de Vila Bela de Santíssima Trindade em direção a Cuiabá em 25 de setembro de 1827. O primeiro acampamento noturno foi na pequena fazenda de Francisco Xavier. Seguiu em viagem no dia seguinte, passando próximo de Poruti. A temperatura estava muito alta, 30 graus, e as estepes recém-queimadas aumentavam o calor. No caminho, Natterer e seus companheiros sofreram com a seca. Após passarem pelas estepes planas, a certa altura tiveram que entrar por uma floresta montanhosa. Finalmente chegaram ao rio Guaporé, onde montaram acampamento em uma casa perto da ponte sobre o rio. Foi necessário parar um momento, pois suas mulas contaminaram-se com a água insalubre. Aproveitou para coletar algumas aves. No dia 29, deixou o rio Guaporé, seguindo pela floresta. No caminho, passou pela usina de açúcar do já falecido Capitão Gama, que na ida para o Mato Grosso lhe servira como ponto de parada. Continuou caminhando por montanhas, colinas, estepes, passou por áreas habitadas pelos índios Bororos e pelo Cabaçal, habitado por outro grupo de indígenas. Seguiu por Caité até chegar a Caiçara, onde encontrou suas coleções em bom estado. Ali se detiveram por uma semana para recolher as caixas. Depois de passar por Vila Maria, próximo ao rio Paraguai, seguiram viagem. Viram muitas fazendas, como a Fazenda Leita e a Fazenda do Sangrador, que lhe serviram como lugar para dormir e tomar café da manhã.

Após a extenuante viagem, Natterer chegou a Cuiabá em 26 de outubro de 1827, onde recebeu uma proposta de Langsdorff, que lá se encontrava desde janeiro daquele ano, para seguirem viagem juntos. Os planos deste último consistiam em viagens pelos rios Arinos e Tapajós até a província do Grão Pará, e, em seguida, por dois anos pelos rios Amazonas e Negro. Era um plano semelhante ao de Natterer, que cogitava sobre as vantagens de viajar com um médico após sofrer de uma doença tão grave. Em seu íntimo, porém, Natterer considerava que isso poderia lhe tolher a liberdade de movimentos. Hesitava, então, em dar uma resposta definitiva.

Na companhia de Langsdorff, Natterer encontrou também o botânico Riedel e os pintores Adrien-Aimé Taunay e Hercule Florence, igualmente membros da expedição russa, além de seu amigo Manso. Langsdorff retornara de sua viagem a Diamantino, e, na ocasião de seu reencontro, Natterer pôde finalmente ver as coleções do cônsul-naturalista. Estas não lhe causaram uma boa impressão. Os objetos estavam mal embalados, os preparados taxidérmicos encontravam-se apodrecidos e os desenhos não apresentavam exatidão. Apesar de seu estado, Natterer negociou com Langsdorff alguns objetos de suas coleções. Havia solicitado ao naturalista russo alguns diamantes da região de Diamantino e alguns objetos de uso que pudesse oferecer aos índios que encontraria próximo ao Rio Negro. Naquela época, Natterer também ampliou sua coleção de palavras indígenas com o glossário que anotou junto aos índios Guaicurus e Guató. Quem também lhe ajudou com as coleções foi Manso. Com a presença do botânico Riedel em Cuiabá, Manso aprendeu um pouco sobre plantas e fizera coletas de espécies. Com a nomeação de Manso como diretor do Jardim Botânico da cidade, o amigo de Natterer pôde, a partir de então, recolher plantas destinadas a Viena.

Dois pares de braceiras.

Bororo da Campanha (Biribocané),
Rio Paraguai, Mato Grosso, Brasil,
em torno de 1825.

Couro de cobra, penas, C. máx. 75 cm.
Col. Natterer

Não há objetos dos Bororo do Rio São Lourenço que pudessem servir para uma comparação com essas "três braceiras de cobra" colecionadas por Natterer entre os Bororo da Campanha. As grandes diferenças em relação à *faibala* de penas poderia ser um indicio relativo à propriedade de determinados clãs. (CF) Weltmuseum Wien



As objeções ao trabalho de Langsdorff aumentaram suas dúvidas quanto ao convite do cônsul russo de unirem as expedições. Só se convenceu de que a viagem conjunta seria vantajosa quando, no dia seguinte, encontrou o presidente de Cuiabá, José Saturnino da Costa Pereira, para tratar sobre os transportes de sua viagem. O presidente solicitou a Natterer que viajasse junto com Riedel e Taunay, visto que teria dificuldades de organizar dois barcos para diferentes viagens. O austríaco concordou com a proposta, uma vez que a partida e as disposições da viagem seriam feitas segundo seus próprios critérios. O presidente começou os preparativos, enquanto os membros da expedição russa rumaram em direção a Vila Bela de Santíssima Trindade, onde deveriam esperar por Natterer.

Nesse ínterim, Natterer enviou uma carta ao presidente do Pará comunicando a sua ida à província com a missão de organizar coleções e pedindo seu auxílio e sua proteção. Enviou na missiva a cópia da portaria que autorizava suas viagens.

O ano de 1827 foi aquele em que finalmente o viajante cumpriu a promessa feita a José Bonifácio de enviar duplicatas para o museu do Rio. Remeteu uma caixa com 95 exemplares de 90 espécies diferentes de quadrúpedes, pássaros e peixes. Pediu a José Saturnino da Costa Pereira, presidente do Mato Grosso, para enviá-la ao Rio de Janeiro.

Embora tivesse escrito a Mareschal que planejava sair logo de Cuiabá, uma ferida no pé muito dolorida o reteve, e por isso não pôde retornar à Vila Bela de Santíssima Trindade. Nessa época, recebeu a dramática notícia de que Taunay, um dos integrantes da expedição Langsdorff, morrera afogado quando tentava nadar no rio Guaporé em Vila Bela. Em fevereiro de 1828, teve conhecimento de que Riedel iria viajar com um negociante, sem esperar por Natterer. Assim se encerraram os planos de viagem conjunta das duas expedições.

Em fevereiro de 1828, Natterer deixou Cuiabá em direção à Vila Bela de Santíssima Trindade. Lá chegou em maio, esperando que tudo estivesse pronto para sua viagem e que pudesse partir em breve. Contudo, nada havia sido feito. Sentiu-se enganado por José Saturnino da Costa Pereira, e escreveu a Manso solicitando ajuda para que intercedesse junto à causa. Queria ser oficialmente notificado a fim de ter comprovação dos seus passos junto aos seus superiores. Nesse momento, o austríaco começou a solicitar também a ajuda de conhecidos para que pudessem efetuar a viagem. Queria partir o mais rápido possível, mas sentia que os preparativos andavam em ritmo lento. Manso conseguiu organizar novas ordens para a sua expedição. No entanto, a viagem ao Amazonas dependia da navegação do rio Guaporé, e em julho circulavam notícias de seca do rio. Natterer somente poderia partir em dezembro ou janeiro.

Enquanto aguardava pela época adequada para sua partida, Natterer continuava trabalhando. Encontrou novas espécies de peixes e desenhou os animais. Dedicava-se cada vez mais à ictiologia. Esperava os preparativos que lhe pareciam não ter sido feitos, apesar de Manso ter atuado para aumentar os investimentos na expedição. O naturalista também temia por suas coleções, caso permanecesse na região. Com as revoltas dos países hispano-americanos, próximo a Natterer circulavam rumores sobre a união entre Peru e Buenos Aires, o que poderia resultar numa invasão daquela região por espanhóis. O tempo de espera manteve paralisados os planos da viagem. A Natterer só restava esperar. Enquanto isso correspondia-se com amigos e trabalhava em suas coleções. Em setembro chegaram notícias sobre a América hispânica. A hostilidade que havia na região fora ocasionada pela deposição do presidente de Santa Cruz. Porém, outro já havia sido eleito, o que faria a passagem de Natterer pelo Forte do Príncipe da Beira ser mais tranquila. O naturalista recebeu também notícias de uma incursão militar (Bandeira) de um tal senhor José Gomez da Silva contra os índios Cabexis, que viviam nas proximidades de Vila Bela. Natterer lhe solicita por carta, datada de 17 de outubro de 1828, que lhe traga não somente todas as armas e outros utensílios possuídos pelos indígenas, como também, caso "aconteça serem mortos alguns Cabexis em alguma balroada, mandar cortar a cabeça a hum ou dous indios já feito homens, mandar tirar os miolos sem molestar o casco e secarllas perto do fogo para não podrecer muito [sic]".

Impossibilitado de viajar na seca, Natterer se arrependeu de não ter embarcado com Riedel, que já havia partido em direção ao norte. Confiara que o presidente da província teria feito todos os preparativos, e por isso decidira não fazer acordos com Riedel e Langsdorff. Nessa época, chegou a Natterer o boato de que Langsdorff teria falecido. Isso era motivo de preocupação, pois Natterer havia deixado com o cônsul da Rússia oito caixas com coleções para que ele as enviasse à Europa. Em novembro, o austríaco escreveu ao cônsul relatando que havia ficado mais tempo do que esperava em Vila Bela de Santíssima Trindade, e que, portanto, só poderia sair no início ou meio da estação das chuvas. Foi necessário agilizar os preparativos para as suas viagens, uma vez que nada havia sido feito. Pediu também notícias das suas caixas.

JOHANN BAPTIST NATTERER
Vista lateral de um ituí-cavalo,
Apteronotus albifrons
(Gymnotiformes, Apteronotidae).
Tovira cavallo / mirim
Man tjhio gaa.
Cuiabá 13 de março de 1825.
NHMW

“O senhor já sabe que os espanhóis fizeram voltar um negociante chamado Francisco Nunes que ia para Santa Cruz, porque o comandante falou ao vice-presidente por um mensageiro. Se o Peru reuniu-se com Buenos Aires, como parece, então teremos em breve uma visita dos espanhóis. A falta de cultura desses senhores me faz temer por minhas coleções, se por acaso eu ainda me encontrar aqui, o que parece ser o caso. O senhor talvez tenha mais detalhes nos jornais da notícia de uma rebelião contra Bolívar. Aqui não se sabe de nada” (*carta de Johann Natterer a Antônio Luiz Patrício da Silva Manso, Vila Bela de Santíssima Trindade, 24 de agosto de 1828*).



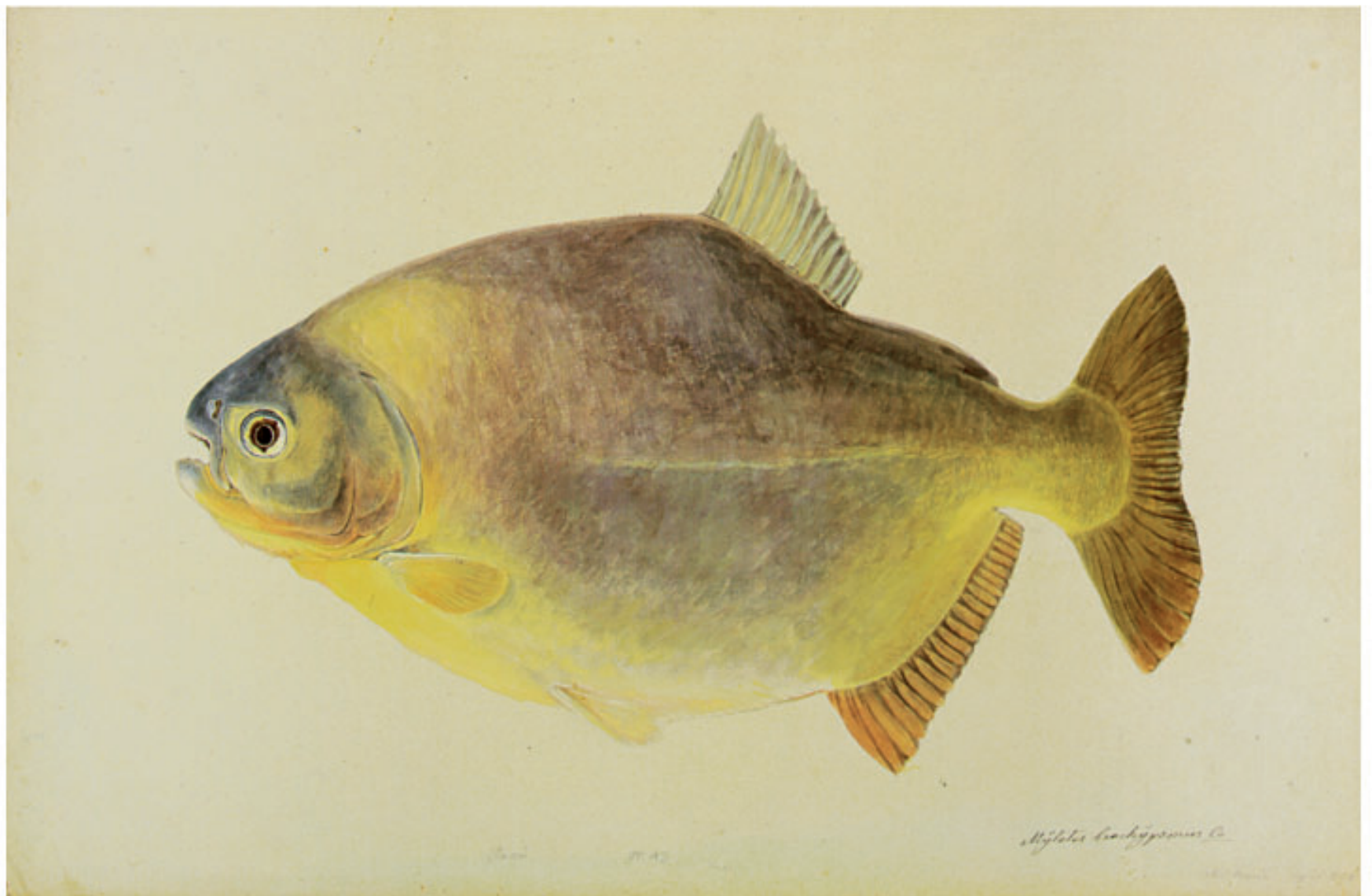
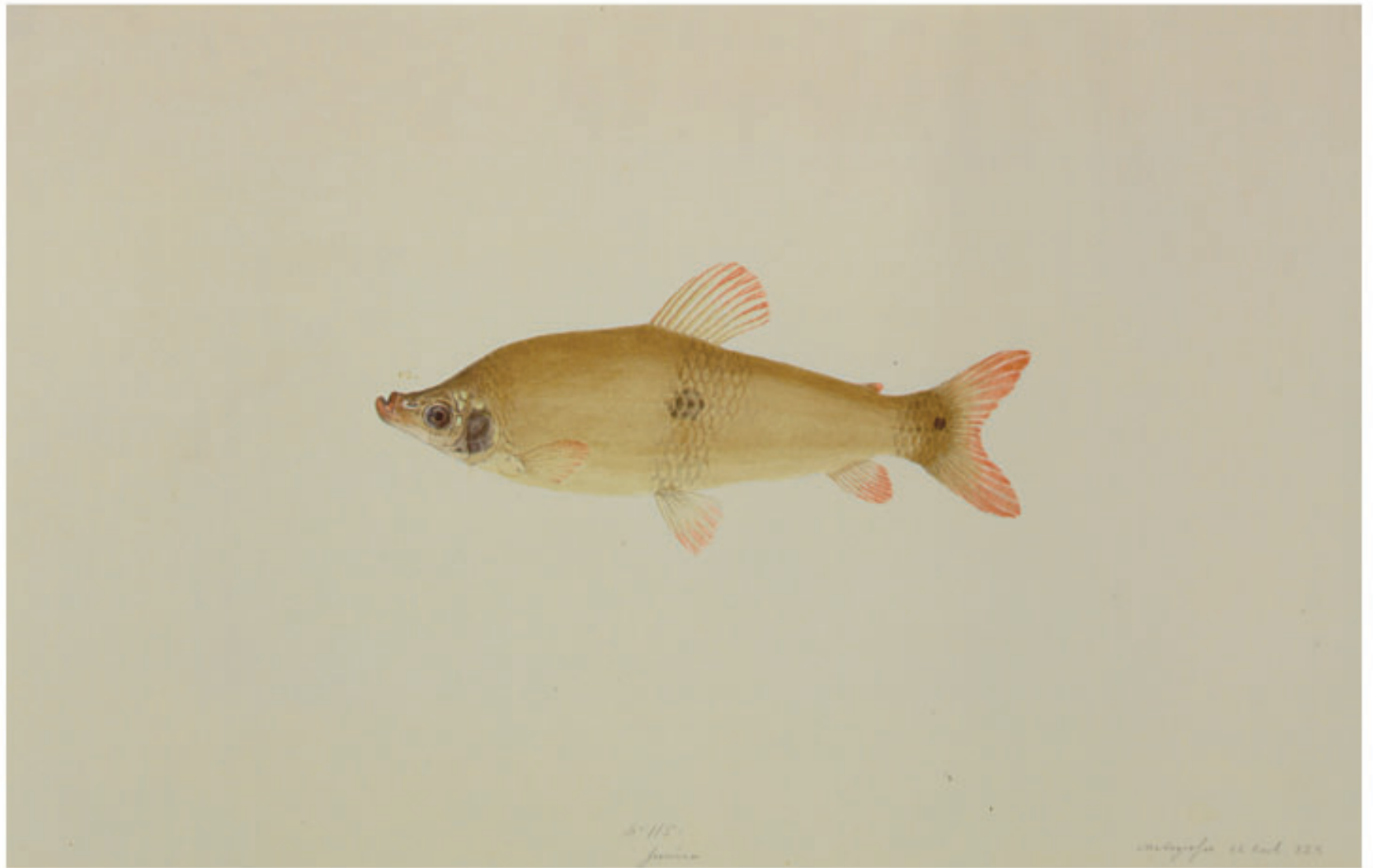
Em 1829, Natterer aguardava para partir em março ou abril, e esperava que todas as providências para sua viagem tivessem sido tomadas pelas pessoas responsáveis. Trabalhou intensamente nesse interregno com peixes e helmintos. Entretanto, em março o barco ainda não estava pronto. Planejou, então, sair em maio. Não obstante, ainda esta vez a viagem atrasou-se. Ele recebeu a notícia de que uma expedição partiria em 12 de março, mas não poderia embarcar nela. Confiara em vão nos preparativos do vice-presidente e na sua execução. Como consequência deixara escapar diversas oportunidades de viajar com comerciantes ou, pelo menos, de despachar caixas, e continuava em Vila Bela. Se não pudesse embarcar logo, perderia mais um ano de viagem. Por isso, pedia mais uma vez ajuda a Manso e confiava que o médico lhe auxiliaria na expedição. Pediu novamente que o cirurgião falasse com o vice-presidente, argumentasse que o próprio imperador D. Pedro I havia aprovado seus planos de viagem e que os estava executando segundo as diretivas de Viena.

Somente em julho Natterer conseguiu vencer os impedimentos e preparar tudo para o embarque. Enquanto isso, por carta, justificou a Mareschal a demora da partida: o atraso dos preparativos, as doenças de alguns dos seus empregados, a espera pela cheia do rio Guaporé e as promessas não cumpridas pelo vice-presidente. Mas relatou também que pôde aumentar consideravelmente suas coleções, mencionou as caixas que deixara com Langsdorff destinadas à Europa. Aproveitou para acicatar nas autoridades o espírito de concorrência, ao comentar que seria uma pena se o Museu de Viena não obtivesse as riquezas da região amazônica, que seria uma desvantagem com relação aos museus da Rússia, pois Langsdorff iria compor com aquelas riquezas suas coleções. Esperava, enfim, que o imperador perdoasse todos os desvios que fizera ao longo desses anos.

Se as viagens de Natterer passavam por muitos reveses, o mesmo acontecia com as relações entre Brasil e Áustria após o falecimento de Leopoldina. Em 1829, D. Pedro I postergava uma tomada de decisão sobre a questão da sucessão do trono luso, incomodando tanto a Áustria quanto a Inglaterra, pois dificultava a manutenção da ordem em Portugal. D. Pedro I complicou ainda mais o andamento das negociações ao unir o problema sucessório da coroa portuguesa à solicitação à corte de Viena que lhe arranjasse uma segunda esposa. A dificuldade de encontrar uma nova consorte despertou em D. Pedro I a (correta) percepção de que a Áustria não estava empenhada no assunto. Isso também dizia respeito à questão da sucessão do trono português. A Áustria insistia em um casamento entre D. Miguel, irmão de D. Pedro I, e sua sobrinha D. Maria da Glória, filha de D. Pedro. Os planos austríacos eram no sentido de que Portugal assumisse a regência de D. Miguel até que D. Maria da Glória atingisse a maioridade. D. Pedro I estava então ainda reticente em relação ao matrimônio, pois, por um lado não queria abdicar totalmente do trono português, por outro não confiava em seu irmão como esposo e como regente. Esse transtorno político gerou um ciclo que alternava percepções de afastamento e de aproximação entre as duas cortes do Brasil e de Portugal, o que, por sua vez, incidia nas percepções da Áustria sobre o futuro de suas relações com o Brasil. Os atritos diplomáticos entre os dois países afetavam a situação de Natterer, que em seus momentos críticos, mais de uma vez recebeu ordens de retorno para casa. Por fim, D. Pedro I resolveu o seu casamento por conta própria, e também isso significou um resfriamento nas relações diplomáticas entre os dois Estados.

JOHANN BAPTIST NATTERER
Vista lateral de um canivete,
Anostomus trimaculatus,
Nº 115, fêmea.
[Vila Bela do] Mato Grosso,
22 de novembro de 1828.
NHMW

JOHANN BAPTIST NATTERER
Vista lateral de um pacu,
Colossoma brachypomum
Pacú, nº 43, macho.
Myletes brachypomus Cuvier
Villa Maria, abril de 1828.
NHMW



Sétima viagem: 15 de julho de 1829 a 24 de agosto de 1830

Em julho de 1829, Natterer escreveu suas últimas cartas de Vila Bela de Santíssima Trindade ao vice-presidente da província, ao seu amigo Antônio Manso e a Mareschal. Embarcou numa frota destinada a buscar alguns canhões trazidos de Belém até Salto Teotônio (próximo a Porto Velho, Rondônia). Natterer iria até o Forte do Príncipe da Beira, também em Rondônia, e de lá rumaria em direção ao Amazonas nas embarcações que haviam trazido os canhões de Belém. A frota cedida a Natterer consistia em: um grande barco, dois menores e uma tripulação de 52 homens sob o comando de um sargento e um intendente. O transporte de Natterer àquela altura da viagem havia se tornado bastante volumoso: o naturalista preparara 22 caixas de objetos de história natural coletados em Mato Grosso; além disso, tinha 25 malas, sete sacos de pertences pessoais e equipamentos que levaria no barco.

A excursão ao longo dos rios progredia relativamente rápido em comparação à viagem com as mulas. Porém, caso o volume de água dos rios estivesse muito baixo ou muito perigoso, as bagagens teriam de ser descarregadas. No mesmo dia da saída de Vila Bela, chegaram a Cubatão, onde ficaram por dois dias. Desde que saíram de lá, enfrentaram diariamente as difíceis passagens por bancos de areia ao longo do rio Guaporé, uma vez que o rio estava muito raso. Quando encontravam um banco, a tripulação tinha que desembarcar e a carga, transportando-a pela floresta, para recarregá-la nos barcos após passarem pelo obstáculo. Os barcos eram puxados por cordas ou mesmo transportados por terra. Essas paradas, geralmente perto de cachoeiras, permitiam a Natterer caçar e coletar novos objetos. Quase todos os dias era possível ver golfinhos; Natterer coletou um deles e um pássaro novo.

Em agosto alcançaram o Forte do Príncipe da Beira, onde ficaram por oito dias aguardando o conserto dos barcos. No dia 18 do mesmo mês, partiram do Forte e, três dias depois, chegaram ao rio Mamoré. A travessia por aquele trecho era perigosa, por causa das cataratas. Em 25 de agosto, passaram pela cachoeira Guajará-mirim, onde um homem morreu afogado. Continuaram percorrendo o rio com muitas cachoeiras, que constantemente obrigavam o descarregamento e carregamento dos barcos. Dali passaram por Guajará-guaçu e conseguiram tirar toda a carga. Depois de muito trabalho, saíram de lá no dia 31 de agosto e seguiram o curso do rio, passando pelas cachoeiras Bananeira, Lages e Madeira. No mês seguinte, o ritmo de carga e descarga prosseguiu por Misericórdia e Ribeirão, próximo às cabanas dos índios Múras, que habitavam as duas margens do rio Madeira até Borba. Não houve um contato estreito com os indígenas durante esta viagem. Em suas cartas, o naturalista apenas descreve suas indumentárias: quase todos os homens usavam calças e algumas mulheres apenas saia, duas estavam completamente nuas; dormiam em pequenas redes e construíam grandes cabanas abertas em margens muito altas dos rios.

Natterer aumentava significativamente suas coleções. Àquela altura, já havia capturado 17 novas espécies de pássaros, 5 de quadrúpedes, 4 répteis e 6 peixes, e havia obtido algumas armas dos Caripunas. As coletas eram cada vez mais produtivas, e Natterer descrevia-as em longas listas aos seus superiores. Porém, o naturalista, cada vez mais distante das amizades que fizera na região do Mato Grosso, voltou a queixar-se de solidão.

No dia 20 de outubro, chegaram a Salto Teotônio, hoje localizado em Rondônia. Ali permaneceram por alguns dias calafetando os botes do barco. Já com uma tripulação menor, que somava 22 pessoas, partiram novamente no dia 8 de novembro. Após ultrapassarem a última cachoeira, atingiram finalmente a bacia amazônica onde a viagem tornou-se mais lenta; as margens dos rios eram apenas arborizadas e raramente habitadas, e Natterer pouco coletou objetos para suas coleções. Somente em alguns intervalos podia obter novos animais, como quando atracaram na praia do Tamanduá, uma pequena ilha no rio Madeira, onde o naturalista conseguiu ver as conhecidas tartarugas que por ele nadavam.

JOHANN BAPTIST NATTERER

As anotações existentes sugerem tratar-se do desenho de uma águia-imperial, (Falconiformes, Accipitridae), aqui representada em vista lateral. NHMW

Depois de meses de viagem, chegaram a Borba em 24 de novembro, lugar que se tornou a nova base de Natterer. Dali enviou ao Pará as 22 caixas com coleções pelo comerciante Matheus Bernardino Vasconcellos. Do Pará elas seriam enviadas a Viena via Londres pelo vice-cônsul inglês John Hesketh, que recebera também os bávaros Martius e Spix. Na Inglaterra, o barão de Rothschild seria responsável por receber as caixas e enviá-las para a Áustria. A Manoel Bernardino de Souza e Figueiredo, solicitou ainda que lhe conseguisse um carpinteiro, um caçador e um pescador para ajudá-lo em suas atividades colecionistas. O semestre que passou em Borba foi produtivo em termos de rendimentos científicos: reuniu material suficiente para mais 7 novas caixas, com peças de tribos indígenas, além de diversos peixes, pássaros e mamíferos.

O naturalista decidiu permanecer ainda em Borba durante a estação das chuvas, para colecionar novos objetos da região como peixes grandes e tartarugas. Entretanto, para Natterer a cidade não era nem um pouco atraente. À exceção de alguns europeus, o lugar era habitado principalmente por índios, na maioria descendentes dos Pamas. Natterer descreveu o lugar como miserável, onde pouco se achava para comprar mesmo com dinheiro na mão. Durante a viagem de barco, Natterer gozou de boa saúde. Alguns dias depois de sua chegada a Borba, no entanto, começou a ter novamente febre e a vomitar. Naquela região, entretanto, não dispunha de atendimento médico. Neste período, a ajuda de seus empregados e negros escravizados foi fundamental para as atividades de caça, uma vez que as febres intermitentes lhe impediam de sair constantemente.

Os planos de Natterer consistiam em partir de Borba até a Barra do Rio Negro (hoje Manaus) para, então, empreender de lá uma longa viagem até Tabatinga, no oeste do hoje Estado do Amazonas. Já executava os preparativos de sua próxima viagem. O naturalista esperava que as chuvas passassem, o que demorou para acontecer. Já havia organizado um ponto de apoio com Ricardo Zany¹⁴, que lhe prometeu toda a ajuda possível. Zany era um coronel que morava na Barra e fazia coleções para o Museu do Rio.

Depois de 4 anos de um longo silêncio, Natterer voltou a enviar notícias diretamente para a Áustria. Em carta de 29 de junho de 1830, explica a Karl von Schreibers os motivos do prolongamento de sua estadia no Mato Grosso. Descreve também o percurso de viagem até Borba, as novas coleções e as medidas tomadas para o envio das caixas pelos ingleses. Reporta ao diretor científico da expedição mais uma lista das coleções reunidas. As últimas caixas que embalou continham 2 peixes pirarucu; arcos, flechas e tapetes dos Caripunás; flechas envenenadas dos Guatias; arcos, flechas e tapetes dos Muras; peixes-boi; tartarugas; macacos, lontras e preguiças; arcos, flechas, cestas, dardos, chapéus e instrumentos de sopro dos Mundurukus; chapéu e redes dos Itonomas; instrumentos de sopro dos vauiri-vaits, com os quais eles imitavam o rugido de onças; onça pintada; peles de anta; golfinho; outros peixes grandes; machados de pedra dos Caripunás, Marauás, Parentintins, Araras; flechas dos Matanaus, Araras e Muras. Isso era apenas uma parte da lista do que compunha as caixas a serem enviadas por Natterer. Quanto às espécies de aves, já tinha reunido 897 e esperava chegar à marca de mil espécies.

Pente (*budega*).
Bororo da Campanha (Biriboconné),
Rio Paraguai, Mato Grosso, Brasil,
em torno de 1825.
Madeira, algodão, C. 8 cm.
Col. Natterer
Assim como seus parentes orientais,
os Bororo da Campanha penteavam seus
longos cabelos com pentes duplos feitos
de pontas de tronco de palmeira, que eram
afixadas artisticamente com barbante de
algodão a duas varetas de madeira. (CF)

14 Francisco Ricardo Zany, italiano da região da Toscana, naturalizou-se brasileiro em 1822, trabalhou como tenente coronel e no ano de 1831 foi nomeado interventor da recém-criada capitania de São José do Rio Negro. O naturalista de origem italiana contribuiu para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, assim como teve papel relevante nas discussões sobre o tratamento que deveria ser dispensado aos índios no Brasil no século XIX. Em 1822, quando a corte portuguesa discutia em Lisboa sobre a ação do governo em relação aos índios, dentre as cinco propostas apresentadas em plenária, somente a de Zany, intitulada "Projeto para os índios do Grão-Pará", e a de José Bonifácio, "Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil", foram postas em discussão.



Já ao irmão, em uma carta mais íntima, e manifestando seus verdadeiros sentimentos, confessa o temor de que seus planos fossem reprovados em Viena. Sentia-se decepcionado após anos e anos de dedicação às coleções, e depois das privações que passou. Sentia-se fraco, devido às doenças que lhe acometeram, mas ainda tinha vontade de viajar e trabalhar. Pediu ao irmão que o avisasse, caso as autoridades em Viena estivessem cogitando novas ordens para seu retorno, pois, nesse caso, seria obrigado a despedir-se dele para sempre. Viveria o resto de seus dias no Brasil, onde com alguma facilidade poderia conseguir um pequeno pedaço de terra, porque a terra era abundante, e ali poderia plantar e viver.

Não somente os sentimentos de decepção e solidão formavam o horizonte das preocupações momentâneas de Natterer. Problemas financeiros ainda persistiam àquela altura da viagem. Em dezembro de 1829, escreveu ao Barão de Rothschild, perguntando-lhe sobre um crédito que solicitara em 1823, ainda em Cuiabá, mas do qual nunca mais recebera notícias. O viajante vivia incertezas sobre sua situação financeira quando chegasse ao Pará. Precisava de alguma boa notícia, pois seu dinheiro estava acabando. Seus superiores austríacos lhe tinham concedido um crédito de 4000 florins, sob os cuidados do cônsul geral em Londres, Nathan Mayer Rothschild, que seriam transferidos para Belém (Pará) pelos ingleses John Hislop e John Hesketh. Natterer só viria a ter acesso a essa nova soma em 1831, já em Barra do Rio Negro (Manaus).

Com o auxílio das autoridades locais – que Natterer considerava mais atenciosas com os seus pedidos do que seus pares em Mato Grosso –, o viajante conseguiu embarcação para Barra do Rio Negro, e partiu de Borba em 25 de agosto de 1830. Alcançou a foz do rio Madeira no dia 28, iniciando então uma longa viagem pelos rios da Amazônia.

A situação de Natterer no Brasil era menos tumultuada naquele momento. Todavia, o mesmo não se pode afirmar quanto às relações entre o Brasil e a Áustria no período. O novo casamento de D. Pedro I, efetuado em 1829 com Amélia de Leuchtenberg, uma princesa ligada aos franceses, foi reprovado por Metternich. O barão de Mareschal, que antes fora o responsável pelas negociações do casamento, passou à condição de *persona non grata*, e solicitou a transferência do Rio de Janeiro. Seu lugar foi ocupado pelo barão Leopold von Daiser, recebido no Rio friamente por D. Pedro I. A questão da sucessão do trono português também causou atritos entre os dois países, já que D. Pedro I discordou das medidas austríacas, revogou sua abdicação do trono português e enviou sua filha, D. Maria da Glória, aos cuidados dos ingleses, incumbindo-a de ocupar o trono enquanto D. Pedro não tomava uma decisão definitiva. A medida reforçava as relações inglesas e brasileiras, o que não interessava à Áustria, e quase representou um rompimento entre Viena e Rio de Janeiro. Por alguns anos tais questões políticas não haviam afetado diretamente as viagens de Natterer pela Amazônia. Mas a situação interna do Brasil estava marcada por um desgaste do imperador, e o descontentamento dos brasileiros com suas atitudes aumentou, principalmente após a revogação da abdicação do trono português. Com o aumento de sua impopularidade o imperador abdicou do trono brasileiro em 1831 e seguiu para Portugal, deixando como seu sucessor o seu filho Pedro de Alcântara, com 5 anos incompletos. O acirramento dos ânimos entre portugueses e brasileiros no norte do Brasil assumiu poucos anos depois a dimensão de uma guerra civil que viria a afetar o destino de Natterer e da expedição austríaca no Brasil.



JOHANN BAPTIST NATTERER
Detalhe da cabeça de um britango,
Neophron percnopterus (Falconiformes,
Accipitridae).
NHMW

JOSEF BRUNNER
Ludwig Erminy, *Emys radiolata*,
litografia colorida à mão, 1820.
NHMW



Emys radiolata.



JOHANN BAPTIST NATTERER
 Vista dorsal de uma raia-cachiva,
Potamotrygon reticulatus
 (Rajiformes, Dasyatidae).
 Raia, Ma kö
 Cuiabá, agosto de 1824.
 NHMW



JOHANN BAPTIST NATTERER
 Vista dorsal e detalhe das nadadeiras
 pélvicas de uma raia-grande,
Potamotrygon motoro
 (Rajiformes, Dasyatidae).
 Raia da malha grande
 [Vila Bela do] Mato Grosso,
 8 e 9 de agosto de 1828.
 NHMW



Clarinete (bafli).
Bororo da Campanha (Biriboconné),
Rio Paraguai, Mato Grosso, Brasil,
em torno de 1825.
Chifre de boi, cana, fibras vegetais, algodão
e cabelo humano, c. máx. 19,5 cm.
Col. Natterer
Os instrumentos musicais, chamados de
"chifres" por Natterer, devido ao material
de seu pavilhão, e utilizados tanto pelos
Bororo da Campanha quanto pelos Bororo
do Cabaçal, eram clarinetes, cujo nome
aponta para sua origem dos clarinetes
de cabaça (Bororo Orientais powári,
"cabaça"). O seu uso, no entanto, não era
ritualístico. "Eles tocam os instrumentos
para se comunicarem e quando estão
viajando". Os Bororo do rio São Lourenço
desconheciam esse instrumento. (CF)
Weltmuseum Wien

Adorno alongador de cabelos (aé-aé) e
proteção de pulso (aé).
Bororo da Campanha (Biriboconné),
Rio Paraguai, Mato Grosso, Brasil,
em torno de 1825.
Crina de cavalo, resina, fibras vegetais,
cabelos humanos, c. 55 cm.
Col. Schröckinger (ex- Col. Natterer)
Cabelos humanos arrancados ou cortados
no âmbito de rituais fúnebres eram
transformados em adornos capilares
semelhantes a perucas e longos cordéis
pelos Bororo da Campanha. Enrolados em
torno do pulso, eles serviam de proteção ao
fio do arco que rebatia assim que a flecha
era disparada. Entre os Bororo Orientais,
seu uso era restrito ao caçador, que na
condição de representante do morto
vingava a perda sofrida pelos parentes
enlutados matando uma onça. A utilização
substitutiva de crinas e pelos de cauda de
cavalo pode ser constatada apenas entre
os Bororo da Campanha e sugere um
distanciamento do ritual fúnebre. (CF)
Weltmuseum Wien





Artefato para afiar ponta de flechas
(*duga barga*) e concha de caracol
com plaina.

Bororo da Campanha (Biriboconné),
Rio Paraguai, Mato Grosso, Brasil,
em torno de 1825.

Dentes de animal roedor, algodão,
resina, folhas de palmeira, concha de
caracol, c. máx. 27,5 cm.

Col. Natterer

Um dente afiado de capivara ou outro
animal roedor, afixado em um pedaço de
madeira, servia para os homens Bororo
como ferramenta multiuso, pois não
somente afiava as pontas das flechas, como
também aplainava a madeira. Para cada
ferramenta havia um cabo da palmeira
bacuri, que servia para afiar os dentes.

As ferramentas de tratamento da madeira
eram complementadas com uma concha
de caracol, que servia para aplainar e alisar
também os cabos das flechas. (CF)

Weltmuseum Wien

Lâmina de machado de pedra.

Pama, rio Madeira, Amazônia Central,
Brasil, em torno de 1830.

Pedra, c. 18 cm.

Col. Natterer.

Natterer encontrou a presente lâmina
em Borba, junto ao rio Madeira, onde
permaneceu por algum tempo. Ali viviam
"descendentes" dos Pama, que – na medida
em que Natterer pôde observar – falavam
apenas a língua franca e o português. (CA)
Weltmuseum Wien



Oitava viagem: agosto de 1830 a agosto de 1831

Natterer alcançou a foz do rio Madeira no dia 28. As águas se precipitavam em direção ao rio Amazonas, onde se abria uma bela vista do córrego amazônico que se estendia por uma baía ao leste, com picos florestais em ambas as margens. Havia muitos botos, mas era difícil capturá-los. Por causa da correnteza, a viagem pelo Amazonas foi lenta. Ao longo do rio, a expedição passou por cabanas de diferentes grupos indígenas. No dia 29, o grupo ingressou no fluxo mais forte do Amazonas; os remos não ajudavam na navegação, dificultando o ritmo da viagem. Seguiram para o lado norte da margem, na ilha dos Macacos, e se hospedaram em frente à foz do rio Uau-tá. Passaram dois dias na ilha, e saíram em viagem no dia 31. Soprava um vento fraco, que depois se intensificou. No trecho mais largo do rio não havia ilhas. Navegaram em direção ao norte em águas de cor marrom-escuro. No dia 1º de setembro, passaram por um local pantanoso em uma ilha, onde avistaram bandos de aves do tipo *oriolus*. O naturalista realizou capturas a fim de aumentar sua listagem de espécies. No dia 5 chegaram à ilha do Lago Real. No dia seguinte, passaram pela foz do Lago, onde havia uma feitoria para banhar e salgar pirarucus. De tarde alcançaram a ilha Puraquéuara e prosseguiram para o norte. Via-se com frequência botos e tartarugas.

Depois de alguns dias de ventos favoráveis, chegaram no dia 8 de setembro de 1830 à foz do rio Negro. Natterer avançava em seus planos sem se preocupar com o cumprimento das ordens de Viena. Navegavam em direção à margem norte, ocupada por casas de campo. Com a ajuda do vento, às 11 horas conseguiram desembarcar e preparar algo para comer em uma habitação. À tarde retomaram a navegação e, depois de algumas horas, chegaram à Barra do Rio Negro, um pequeno forte construído em um banco rochoso na costa. Lá recebeu as cordiais boas vindas do ouvidor geral, Manoel Bernardino de Souza e Figueiredo, e do comandante militar, coronel Joaquim Felipe dos Reis. Sentiu apreço pela recepção do ouvidor e planejou deixar ali algumas de suas coisas quando fosse viajar pelo rio Amazonas até a fronteira em Tabatinga. Havia mais tempo para organizar os preparativos para a viagem. Assim, o viajante naturalista estaria pronto para navegar novamente no início de novembro do mesmo ano. Principiava a estação das chuvas, e, devido à grande correnteza, a viagem até Tabatinga demoraria de 3 a 4 meses. O viajante consultou outras pessoas que já haviam realizado essa jornada, como o coronel Ricardo Zany, em busca de orientações para aquela excursão. O coronel o desencorajou de ir até Tabatinga naquela época chuvosa, sugerindo que seguisse pelo rio Negro acima, o que seria menos perigoso. Natterer acatou suas sugestões e alterou os seus planos.

Durante a estadia na Barra, o naturalista coletou o maior número de espécies zoológicas, incluindo mamíferos, anfíbios e aves. O viajante demorou-se por um tempo em Barra do Rio Negro até outubro de 1830. Lá comunicou-se com o presidente da província do Pará, entre outras pessoas, para falar sobre as caixas despachadas. Reclamou sobre procedimentos de inspeção na alfândega, pois havia coleções destinadas ao imperador da Áustria, e abri-las poderia danificar o material.

Na manhã do dia 5 de novembro de 1830, Natterer e sua equipe finalmente deixaram a Barra do Rio Negro. O vento favorável possibilitou o uso das velas, e logo a expedição passou por Tarumas. No dia seguinte, o rio ficou mais estreito e rochoso. Continuaram navegando pela margem direita. Era raro ver jacarés, tão comuns nos rios Amazonas e Madeira. Ao longo da excursão, capturou novas aves para a sua coleção. Na tarde do dia 14, passaram pela pequena cidade de Airão, composta por 9 ou 10 casas de palha e uma igreja. Dirigiram-se até a foz do rio Jaú, onde uma tempestade os deteve. Atingiram, no dia 18, a Vila de Moura, chamada de Pedreira. Constituída de 30 a 40 casas cobertas com folhas de palmeira e uma igreja.



Dois cocares de pena
Bororo da Campanha, Brasil, em torno de
1825. Col. Natterer
Natterer chama esses apliques de pena de
"dois cocares". Um enfeitado com uma
pena do Gavião real (*Falco destructor* [está
faltando]). É amarrado na cabeça – *kurugá
buré-enau*. *Bóe etáú* significa adorno
de cabeça entre os Bororo Orientais,
kurugúguwa, o gavião carrapateiro; a posse
de determinadas penas de diferentes
espécies de gaviões significa entre eles um
privilegio concedido a clãs específicos.
As peças colecionadas por Natterer se
assemelham claramente aos grampos
de cabelo em formato de flor (sem penas
de gavião) chamados *peku* dos Bororo
Orientais, que são, nas versões preta ou
amarela, propriedade do sub-clã *Jebáge
Cebegiwúge Cebegiwúge*. (CF)
Weltmuseum Wien



Flechas com pontas de osso (*dôgôla*) e pontas de cana (*dôga, dugá, kôka, tschora*) Bororo da Campanha, Rio Paraguai, Mato Grosso, Brasil, em torno de 1825. Cana, madeira, pena, fibras vegetais, resina, algodão, C. máx. 229 cm.

Col. Natterer

Os dois tipos de ponta de flecha dos Bororo da Campanha, tanto as com pontas de osso ou de madeira e emplumação tangencial (para a caça de pássaros e caça de pequenos animais), ou as com pontas de cana e emplumação radial (para a caça de grandes animais e para a guerra), se parecem com aquelas, que mais tarde foram encontradas também entre os Bororo do rio São Lourenço. Elas eram, no entanto, meio metro mais longas, e pelo menos as encontradas por Natterer não mostram quaisquer sinais específicos de clãs. A emplumação radial com fixação incomum por meio de costura. Como as flechas dos Bororo do Cabaçal eram provenientes de butim de guerra, elas representam mais o segundo tipo de flecha, mas possuem uma haste de cana muito curta e mostram também a fixação de penas por envoltura de ambos extremos, na qual uma das pás é cortada, na maior parte das vezes, de madeira dentada. As formas diferentes poderiam ser um indicativo da heterogeneidade dos Bororo Ocidentais. (CF) Weltmuseum Wien

Sob fortes ventos e chuvas, alcançaram, na noite do dia 20, a Vila de Carvoeiro, composta por algumas cabanas em ruínas. Natterer tentou ali encontrar juízes ou comandantes de milícias; porém os habitantes estavam há alguns dias longe da costa, em suas plantações. Encontrou apenas dois homens; com um deles negociou uma tartaruga. No dia 27 passou por Poiães, uma pequena aldeia. Finalmente, no dia 29, chegaram sob uma forte chuva a Barcelos. Essa vila fora capital da capitania do rio Negro e sede do governo. Anteriormente Barcelos abrigara grandes quartéis, um palácio para o governador, um edifício que serviu de sede para as discussões entre portugueses e espanhóis com vistas à delimitação das fronteiras dos respectivos domínios, e muitas casas grandes. A transferência da administração da comarca de Rio Negro para a Barra do Rio Negro (hoje Manaus) resultou em um devastador declínio da vila de Barcelos e das demais vilas e cidades às margens do rio Negro.

Após um dia de estadia, o viajante organizou sua equipe e seguiu viagem em 30 de novembro de 1830.

Nas semanas seguintes subiram em direção ao norte pelo curso do rio Negro. No dia 3 de dezembro, passaram pela aldeia de Moreira, que consistia em uma dúzia de casas e uma igreja. Era habitada pelos grupos indígenas Manaó, Baré e Jurupixuna. Prosseguiram entre ilhas e bancos de areia no rio. Nesse percurso era raro ver patos, pelicanos ou mesmo outros pássaros. No dia 6 atingiram Thomar, última vila ao longo deste rio, decadente como todas as outras. No dia 7 passaram por Lamalonga, mais uma pequena cidade completamente abandonada. Uma tempestade ao norte obrigou-os a ficar ali por algumas horas. Com o fim da forte chuva, a viagem avançou, passando por pequenas florestas e picos montanhosos. A rotina de navegação era sempre a mesma – seus tripulantes tinham que remar, puxar a embarcação por meio de cordas, acampar à noite, vencer correntezas e seguir remando. Em 10 de dezembro, deslocaram-se para a margem esquerda e chegaram à residência do comandante da milícia do alto rio Negro, tenente-coronel Julio Manoel da Fonseca Paixão. Este presenteou Natterer com três zarabatanas dos índios do rio Padaviri.

No dia 14 alcançaram Santa Isabel. Durante dois dias Natterer esperou por dois remadores e um piloto, porque o surgimento de grandes correntezas demandava a presença de navegadores experientes. No dia 20, tomaram café da manhã na aldeia de São Antônio do Castanheiro Novo – que consistia numa pequena igreja e duas casas, outras moradias ainda estavam em construção. Ao longo do rio Negro, os navegantes avistavam seus diversos afluentes e aldeias localizados às suas margens. No dia 1º de janeiro de 1831, alcançaram a Cachoeira do Cajubi. Para ultrapassá-la, mais uma vez precisaram descarregar o barco, puxá-lo com uma corda dupla e depois recarregá-lo, prosseguindo com a navegação. No dia seguinte, chegaram todos ao forte próximo a São Gabriel, onde Natterer ordenou que atracassem e dessem 21 tiros de mosquete para saudar a sua chegada. Foi recebido cordialmente pelo comandante, pelo capitão, pelo juiz e por um inquilino. Durante o dia, visitou a casa do comandante, mas não perdeu ali muito tempo. À noite retornou ao barco, pois queria retomar a viagem já no dia seguinte. No dia 8, chegaram a Santa Bárbara, uma pequena vila habitada pelos índios Vaupés. Dois dias depois, chegaram a Santa Anna, região dos índios Baniwas.

Na tarde do dia 16 de janeiro de 1831, avistaram o forte São José de Marabitanas, na região que faz fronteira entre o Brasil, a Colômbia e a Venezuela. Natterer saudou a bandeira brasileira com 21 tiros de mosquete. Foi recebido pelo comandante, um tenente de artilharia, e escoltado até sua residência. Lá o viajante pôde se acomodar, e o fez, deixando suas bagagens na manhã do dia seguinte. A proximidade com a fronteira provocou no naturalista um forte desejo de fazer excursões pela região. Estava muito perto do rio Cassiquiare, explorado cientificamente por Alexander von Humboldt 30 anos antes. Obteve permissão do ouvidor e do comandante, e, na companhia de outros dois homens, deixou Marabitanas no dia 4 de fevereiro. No dia seguinte, pela manhã, passaram por Cucuf, à margem esquerda do rio Negro. Fizeram algumas excursões às montanhas da região por uma mata densa, guiados por índios que abriam caminhos com facas domésticas. A captura de animais não foi ali muito proveitosa.

Adorno de nuca
Mainatari, Guaianas, Brasil, em torno de 1830.
Penas, partes de pele de pássaro ressecadas,
madeira, fibra vegetal. C. 67 cm.
Col. Natterer
Segundo o etnólogo francês Philippe Descola,
o uso de adornos em pena também é uma
maneira de os homens, que pertencem a
diferentes grupos indígenas, poderem se
diferenciar uns dos outros. Ao contrário
do que acontece com os animais, no corpo
humano, em princípio, há apenas algumas
diferenças. Adornos em pena, adornos para
o corpo feitos de dentes de animais, mas
também a pintura do corpo em si fazem com
que surjam diferenciações externas, que se
transformam em sinal de identidade étnica.
(CA)
Weltmuseum Wien



No dia 12, partiu de Cucuf e recebeu do seu pescador dois exemplares da ave urumutum. No dia seguinte já estavam de volta ao rio a caminho de São Carlos, onde atracaram no final do dia 15 de fevereiro. A duas horas e meia dali ficava a foz do rio Cassiquiare, que liga o rio Orinoco ao Negro. Natterer dirigiu-se para lá no dia 17, mas o lugar não lhe trouxe muito proveito. Retornou com a equipe a Marabitanas no dia seguinte. De volta ao forte, o naturalista trabalhou intensamente em suas coleções, e enviou a Viena uma longa lista dos objetos coletados. Em 26 de maio de 1831, o grupo dirigiu-se em direção ao sul, onde passou a maior parte do tempo nos três meses seguintes.

Distante dos centros políticos, o viajante mal recebia informações sobre as relações entre Brasil e Áustria. Após a saída de D. Pedro I do país, o interesse austríaco restringiu-se ao bem-estar da família real, pois o filho do imperador, o menino D. Pedro de Alcântara, ainda era criança e permanecera no país. Com a diminuição do interesse político pelo Brasil, as autoridades austríacas mostraram-se descontentes com a presença de Natterer no país. Em maio de 1831 enviaram ao expedicionário ordens para retornar a Viena, juntamente com um aviso de que ele não receberia mais financiamento para suas viagens. O pedido não surtiu muito efeito, pois Natterer se encontrava em uma localidade de difícil comunicação. Àquela altura tomava decisões por si mesmo, sem preocupar-se (muito) com as ordens dos seus superiores.

Arcos e flechas

Munduruku, Parintintin, Rio Tapajós, Brasil, em torno de 1830.

Tubo, penas, fibras vegetais, madeira, bambu, C. máx. 203,5 cm.

Col. Natterer

As flechas de guerra devem ter sido obtidas dos Parintintin, que mantinham relações de guerra com os Munduruku. No entanto, são designadas como Obram, flecha envenenada de guerra Munduruku. Segundo Martius, os Munduruku não preparavam o veneno para as flechas, eles o negociavam com grupos vizinhos. Isso mostra que a natureza guerreira dos Munduruku também tinha a capacidade de comunicação pacífica como condição prévia. Os nº de Inv. 1.194 e 1.1965 tratam-se de uma caça de arco e flecha (*uup*). Grande parte dos esforços rituais Munduruku girava em torno da ideia de "mães", que tinham os animais de caça sob seus cuidados e cujo afeto precisava ser ganho para que ela concedesse aos humanos o direito à presa. Esse conceito foi tão longe que, no ritual, o próprio guerreiro Munduruku se transformava em "mãe", a qual podia realizar o desejo da caça. O ritual da caça à cabeça tinha início no período de chuva, época em que, efetivamente, rebanhos enormes de porcos queixadas frequentemente se aproximavam dos assentamentos. Nas cerimônias de caça propriamente ditas, as "Mães Animais" foram invocadas em crânios de animais alinhados e obsequiadas com mandioca. (WK) Weltmuseum Wien



Nona viagem: setembro de 1831 a Agosto de 1832

De Marabitanas, Natterer e sua equipe dirigiram-se novamente a Barcelos. Infelizmente pouco se sabe sobre a estadia no forte e as viagens subsequentes. Em muitas de suas cartas, o viajante naturalista descreveu seus itinerários e coleções, algumas mais detalhadas do que outras. Essas missivas representavam os relatórios que deveria enviar aos seus superiores austríacos, reportando suas atividades no Brasil. A dedicação intensa às coletas e o pouco apreço pela escrita não deixavam espaço para que o naturalista elaborasse um diário de viagens por meio do qual pudessemos hoje acompanhar seus passos pelo Brasil. Até mesmo a escrita de cartas, já nos últimos anos da expedição, não se deu em um ritmo sistemático. Através de algumas notas registradas e de uma das últimas cartas a Schreibers, sabemos que, após deixar Marabitanas e antes de retornar a Barcelos em mais de uma viagem pelo rio Negro, estabeleceu diversos contatos com grupos indígenas. O viajante fez uma descrição destes grupos e listou os objetos que obteve, além de citar os afluentes do rio Negro pelos quais passou.

Inicialmente, Natterer e sua equipe dirigiram-se ao rio Xié, por onde navegaram por cinco dias até uma aldeia habitada pelos Barés e Uerequenas. Em seguida, no início do mês de junho, cruzaram a região de São Carlos. Continuaram por São Marcelino e Nossa Senhora da Guia, onde o viajante complementou sua tripulação para navegarem pelo rio Içana. Em 9 de junho seguiram pelo mesmo rio, muito mais largo que o Xié. Alcançaram somente no dia 22 a cachoeira de Tunuí. Alguns anos antes, a região fora habitada pelos Baniwa, que agora se encontravam dispersos. Ainda assim o naturalista tentou, sem sucesso, contato com outra aldeia. Enviou seu piloto munido de alguns utensílios de ferro e contas de vidro para trocar por algumas armas e outros bens dos índios locais. Para o cacique mandou uma faca grande, convidando-o a visitá-lo em Tunuí. Mas o cacique não pôde comparecer, desculpando-se por não saber português. Retribuiu os presentes enviando a Natterer um galo negro. O piloto conseguiu negociar alguns arcos e zarabatanas e dois sacos de farinha. No caminho de volta para o rio Negro, a expedição visitou quatro aldeias Baniwas. O austríaco assistiu a danças, comprou seus instrumentos musicais, redes, arcos e flechas.

No dia 30 de junho, seguiram viagem e, pelo caminho, passaram por São Felipe, Santa Anna e São Joaquim, às margens do rio Vaupé. Visitaram os grupos Coihoana, Tariana e Tukana. Os encontros foram rápidos e Natterer obteve por negociação objetos indígenas. Em 9 de julho navegaram pelo rio Tiquié, cujas margens eram habitadas por Mukunas e Mehóanas. No dia 11 alcançaram São Jerônimo, próximo à cachoeira Panoré, cujos poucos habitantes eram Tarianas e Tukanas. Permaneceu ali por alguns dias e se encontrou com diversas populações nativas. Natterer adquiriu diversos objetos etnológicos que foram remetidos a Viena. Ao deixar o rio Vaupé, a expedição navegou em direção ao rio Curicuriari. Sem outras longas estadias, prosseguiram sua viagem até aportarem novamente em Barcelos, no dia 20 de agosto de 1831.

Adorno de cabeça.

Ticuna (?), Amazônia Ocidental, Brasil, em torno de 1830.

Penas, fibra vegetal, H. 80 cm.

Col. Natterer

Os Ticuna vivem na região fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, e hoje em dia estão entre os maiores grupos indígenas da Amazônia. No século XVIII eles podiam ser encontrados sobretudo, nos afluentes superiores do Amazonas, uma vez que as margens deste rio eram colonizadas por seus inimigos, os Omáguas. Os Omáguas, no entanto, acabaram vítimas de numerosas epidemias e assim, os Ticuna avançaram para a região que hoje ocupam. Johann Natterer, ele mesmo, jamais visitou a região do Alto Amazonas. É provável que tenha adquirido os objetos dos Ticuna em Manaus, através de terceiros. Nesse processo, talvez também se tenha chegado às vezes a classificações erradas: atribuir esse adorno de cabeça aos Ticuna, por exemplo, é questionável. Estilisticamente, ele corresponde muito antes aos objetos dos Culinos, um grupo indígena da língua *pano* que habitava a região e na época era vizinho dos Ticuna. (CA)

Weltmuseum Wien





Foi nesta cidade, e neste ano, que o naturalista casou-se com Maria do Rego, descendente dos índios Muras, com quem teve três filhos. Uma filha recebeu o nome de Gertrudes em homenagem à mulher que dele cuidou quando de sua grave enfermidade no Mato Grosso. Infelizmente, não há registro de detalhes sobre o casamento.

Somente quando chegou novamente em Barcelos tomou ciência das ordens de retorno à Viena. Porém, era tarde demais. O barão Wenzel von Mareschal não mais desempenhava à época sua função como encarregado de negócios no Rio de Janeiro, pois fora substituído pelo barão Leopold von Daiser. Este, mesmo sem saber do paradeiro do viajante, defendeu junto às autoridades austríacas suas atividades colecionistas. Natterer fez-lhe um agradecimento por carta. As notícias sobre os acontecimentos políticos tanto no Brasil quanto na Europa alcançaram-no muito tarde, com poucos detalhes e alguns boatos.

No entanto, o naturalista queria manter-se distante desses movimentos. Seu próximo destino era o rio Branco, para onde partiu de Barcelos em setembro de 1831. Desta nona viagem há poucos registros. Em suas parcas anotações, é possível identificar a passagem pelo extinto Forte de São Joaquim e que depois prosseguiram pelos rios Tacutu, Uraricuera, Mahu e Pirorora. Em maio de 1832, o grupo deixou o Forte do Rio Branco, e em 1º de agosto retornou a Barra do Rio Negro (Manaus).

Chocalhos.

Tukano, Alto rio Negro, Brasil, em torno de 1830.
Cabaça, madeira, grãos de fruta, sementes, corante,
C. máx. 40 cm.

Col. Natterer e col. Kowalski, Kraus.

O chocalho está entre os sete objetos que, segundo o mito da criação, aparecem junto com o "avô do universo", do meio da escuridão para então chegar ao mundo. No contexto do ritual, chocalhos como este são usados por pessoas de todas as faixas etárias, a fim de marcar o ritmo durante as danças cerimoniais. Eles são entalhados com uma faca a partir de uma cabaça de pescoço e, com a pintura de sinais brancos, "despertados para a vida". No presente tipo, uma pintura com a designação de "galho de seringueira" é gravada na cabaça e por fim preenchida com argila líquida branca. Na sociedade dos Tukano, competências técnicas e simbólicas andam de mãos dadas. A capacidade de fabricar objetos aponta para a maturidade espiritual, motivo pelo qual os que os confeccionam na maior parte das vezes são guias ou especialistas rituais. (CB)

Weltmuseum Wien

Aljava para setas de zarabatana.

Tukano, rio Uaupés, Brasil, em torno de 1830.
Folhas vegetais, resina de árvore, lã, fibra de tucum, cabaça, C. máx. 53,5 cm.

Col. Natterer, Col. Kowalski, Kraus.

Em aljavas como essas eram transportadas setas para caçar pássaros que, nos tempos de Natterer, eram usadas em combinação com a zarabatana. Com a aparição de bens e valores ocidentais, no entanto, os métodos de caça práticos e também a inserção social dessa atividade mudaram drasticamente. Caça e pesca são hoje em dia uma questão puramente individual, motivo pelo qual seu rendimento também é mínimo. Embora aljavas como esta ainda hoje sejam estimadas por seu valor simbólico, mal continuam sendo utilizadas na caça. A maior parte é produzida para o mercado turístico, que se torna cada vez mais importante, no qual as aljavas são vendidas como *souvenirs*. (CB)

Weltmuseum Wien

“Com prazer li a notícia de créditos abertos para mim no Pará, e, com verdadeira gratidão pelas manifestações por minha saúde e também pelo envolvimento lisonjeiro e amistoso com o meu destino, e lamento profundamente que o destino não me tenha concedido a sorte de oferecer pessoalmente a Vossa Excelência meus mais calorosos agradecimentos e desfrutar da mais distinta honra pela qual Vossa Excelência é conhecida”

(carta de Johann Natterer ao barão de Daiser, Barcelos, 25 de agosto de 1831).



Décima viagem: setembro de 1834 a setembro de 1835

Já de volta a Barra do Rio Negro, em agosto de 1832, Natterer encontrou muitas mudanças. A comarca do Rio Negro separou-se do Grão-Pará, estabelecendo uma província própria. Manoel Bernardino de Souza e Figueiredo foi eleito presidente e buscou acalmar os ânimos acirrados entre portugueses e brasileiros. Estes últimos nutriam um crescente ódio pelos lusos. Durante anos o Norte do Brasil esteve desconectado do centro político do país. Demoraram a reconhecer a independência e estavam insatisfeitos com o fato de que, após dez anos do fim dos laços com a metrópole, muitos portugueses ainda ocupavam cargos nos governos provinciais.

Belém enviou tropas para restaurar a ordem política, e as duas províncias entraram em um confronto. Para escapar da situação, Natterer fugiu no dia 11 de agosto para Tarumã, a sede de um ex-governador alguns quilômetros acima do Rio Negro. Retornou à Barra do Rio Negro somente no dia 21, quando a situação política já havia se acalmado. Há poucas informações nos anos subsequentes sobre Natterer. Em 1833 Metternich não recebeu qualquer notícia do naturalista. Tampouco há cartas de 1834. Somente em uma missiva, escrita em 1836 a um cônsul desconhecido, Natterer traçou rapidamente sua trajetória.

Em outubro de 1832, Daiser transmitiu-lhe ordens enfáticas para que voltasse a Viena. As autoridades austríacas já não tinham mais paciência para os atrasos de Natterer, pois esperavam que ele já estivesse na Europa novamente. No entanto, um rápido retorno era impossível, devido aos conflitos que aconteciam na região. Natterer tinha de ir ao Pará (nome que Belém possuía à época) para embarcar com destino à Europa; mas havia notícias de intensos confrontos naquela região, e 200 portugueses haviam sido assassinados no Pará. Nessas circunstâncias, não era aconselhável que o naturalista se deslocasse para lá. Somente em 13 de maio de 1834, após recuperar-se de uma doença, Natterer pôde partir de Manaus. Chegou ao Pará em setembro do mesmo ano, onde encontrou uma situação de conflagração e de guerra.

Os levantes populares aconteciam ali da forma mais intensa. O atrito entre brasileiros e portugueses mostrara já seus sinais em 1831, quando se instalou uma Regência no país após a abdicação do imperador. Decerto que os regentes tenham concedido mais autonomia às províncias, mas essa medida acabou por incentivar as disputas entre as elites regionais pelo controle dos poderes locais. Além disso, era crítica a situação da maioria da população. Índios, mestiços e escravizados viviam em condições miseráveis. Por isso, vastas faixas da população resolveram unir-se às elites locais contra o governo dominado por portugueses. Estas elites tinham como objetivo afirmar os interesses do Pará junto ao governo central brasileiro, e em parte enfrentar a questão da pobreza do povo da região, cuja maioria morava em cabanas de barro – das quais se originou o nome da revolta, Cabanagem^{NE}. Em 1835, os cabanos invadiram a capital e executaram o presidente da província. Foi estabelecido um novo governo. A este sucederam-se vários outros, numa sucessão de conflitos. Após cinco anos de repressões e confrontos, os cabanos foram finalmente derrotados pelas tropas do governo regencial, encerrando um conflito de grande importância política, e que resultou em dezenas de milhares de mortos.

Em dado momento, o constante atrito entre brasileiros e portugueses transformou-se em hostilidade a todos os estrangeiros, o que forçou Natterer a subitamente interromper sua jornada pelo Brasil, e a fugir às pressas em um navio inglês atracado às margens de Belém, deixando para trás muitas coleções que tinha feito e que estava ainda encaixotando. Em 9 de novembro de 1835, chegou a Londres, onde permaneceu durante algum tempo para restabelecer sua saúde e organizar suas coleções. Natterer deixou a capital inglesa no ano seguinte, chegando finalmente à Viena em 13 de agosto de 1836, juntamente com sua esposa e sua filha Gertrudes. Com o retorno de seu maior protagonista, encerrou-se finalmente a expedição científica austríaca no Brasil (1817-1835).

JOHANN BAPTIST NATTERER

Vista lateral de um surubim,

Pseudoplatysoma fasciatum

(Siluriformes, Pimelodidae),

em proporção a uma escala em polegadas austríacas esboçada pelo artista.

Nº 1 e nº 29, *Silurus* pintado.

Cuiabá, janeiro de 1824.

Polegadas vienenses 2

D[orsal] 7, c[audal] 17, a[nal] 12, v[entral] 6,

p[leitoral] 1/8, b 13.

Man João

NHWW

JOHANN BAPTIST NATTERER

Vista lateral de um tucunaré,

Cichla ocellaris

(Perciformes, Cichlidae).

D[orsal] 15/32, c[audal] 17, a[nal] 3/4,

v[entral], 1/6 p[leitoral] 14, b 5.

nº 72, *Cichla monoculus* Spix.

[Vila Bela do] Mato Grosso,

1 de julho de 1829.

NHWW

NE (Nota dos editores)

A Cabanagem foi a revolta popular do período regencial, que ocorreu entre os anos de 1835 e 1840 na província do Grão-Pará (hoje, estado do Pará, região Norte do Brasil). Recebeu esse nome por causa dos muitos revoltados que moravam em cabanas às beiras de rios e eram chamados de “cabanos”.



De volta à Europa

Já em Viena, Natterer retomou seus trabalhos como zoólogo. As extensas coleções produzidas ao longo de 18 anos de viagem tinham de ser organizadas e descritas. O material recolhido reuniu uma gigantesca quantidade de objetos de pesquisa para diversas áreas das ciências naturais, além de uma quantidade espetacular de objetos etnológicos. Foram no total 430 espécies minerais; 1.729 frascos com helmintos; 951 conchas; 73 moluscos; 409 crustáceos; 32.825 insetos; 1.621 peixes; 1.678 anfíbios; 12.294 aves; 1.146 mamíferos; 125 ovos; 192 crânios humanos e animais; 138 tipos de madeira; 242 amostras de sementes; 216 moedas; mais de 1.700 objetos indígenas (adornos, armas, utensílios, vestimentas) de mais de 70 etnias.

Natterer destacou-se também através de alguns trabalhos científicos, como os *Lepidosiren paradoxa* (1839) e as *Beiträge zur näheren Kenntniss der südamerikanischen Alligatoren* (1840), publicados nos anais do Naturhistorisches Museum Wien (NHMW). Após seu retorno à terra natal, passou a desenvolver atividades internacionais de contato e cooperação, através de viagens pela Europa entre os anos 1838 e 1840. Na Alemanha, Dinamarca, Suécia, França, Holanda e Inglaterra o naturalista visitou museus, trocou materiais coletados, complementou seus estudos e coleções, conheceu outros cientistas e desenvolveu extensas redes de colaboração científica.

Mas no Imperial e Real Gabinete de Objetos Naturais pouco mudou para Natterer. Após seu retorno foi designado para assumir o mesmo posto que ocupara 20 anos antes: assistente-adjunto no departamento de zoologia, chefiado por seu irmão Joseph Natterer. O naturalista sentiu-se desvalorizado, após 34 anos de serviço ao imperador e 18 anos de trabalho árduo no Brasil, país onde passou por diversas privações e quase encontrou a morte. O reconhecimento de Natterer veio do exterior. Em 1822, ainda no Brasil, fora nomeado membro correspondente da *Senckenberg Nature Research Society* (SNG) em Frankfurt; tornou-se mais tarde membro fundador da *Société Cuvierenne* em Paris, e da *Gesellschaft naturforschender Freunde* em Berlim. Além disso, recebeu prêmio de doutor honorário da Faculdade de Filosofia da Universidade de Heidelberg¹⁵.

Mesmo de volta à Europa, as dificuldades com doenças não abandonaram Natterer. As enfermidades que adquiriu no Brasil acarretaram-lhe enfermidades crônicas, que o acometeram até a morte. Natterer ainda suportou por alguns anos as consequências de sua doença hepática, mas em 1843, devido à sua condição debilitada, veio a falecer em decorrência de uma congestão pulmonar. Com sua morte, algumas de suas obras permaneceram inacabadas, como seu tratado sobre ornitologia.

Por não suportar o frio europeu, para ela tão inclemente, sua jovem esposa também faleceu em seu novo continente. Acabou falecendo prematuramente, em 8 de dezembro de 1837, com a idade de 30 anos. Antes de morrer, Maria do Rego deu à luz um menino, que também veio a falecer três meses após a mãe, em decorrência de uma pneumonia. Apenas a pequena Gertrudes sobreviveu, tendo vivido até 1895.

Tigela de argila e vaso de cerâmica
Baniwa, rio Içana, Brasil, em torno de 1830.
Argila, corante, H. 26,5 cm.
Col. Natterer
Tigelas de argila pintadas dos Baniwa
[Carútana, Karútana, Karutana] do rio
Içana e vasos de cerâmicas pintados dos
Baniwa do rio Guainia.
A última peça foi adquirida em San Carlos,
no alto do rio Negro. (KPK)
Weltmuseum Wien

15 SCHMUTZER, Kurt. *Der Liebe zur Naturgeschichte halber: Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817-1835*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2011, p. 251.

“No dia 30 de março de 1837 ela pariu um menino saudável. No final da gravidez ela tinha sempre dores fortes no lado esquerdo, na região do diafragma. O médico, porém, não lhe quis fazer a sangria e após o nascimento a situação piorou. Juntou-se a isso uma forte tosse e temia-se por uma tuberculose nodulosa. Mas com a chegada da primavera ela se restabeleceu e parecia que estava melhorando. No fim de agosto precisei ir para Karlsbad e a enviei para o campo. Contudo, o outono de temperaturas ruins lhe foi muito prejudicial. Ela voltou para a cidade e quando eu retornei de Karlsbad em 2 de outubro a encontrei de cama e muito mal. A tuberculose havia se desenvolvido e avançava rapidamente. A olhos vistos ela tornou-se mais magra e em 8 de dezembro a pobrezinha faleceu; ela que havia me acompanhado até este ponto, para encontrar aqui uma morte precoce em nosso clima inóspito”

(carta de Johann Natterer a Carl Hocheder, Viena, 30 de dezembro de 1838).





Camisa de criança.
Baré Marabitanas, rio Negro, noroeste
da Amazônia, em torno de 1831.
Lã vegetal, L. 67 cm.
Col. Natterer
A camisa de criança da presente ilustração
mostra que as mulheres dos Baré usavam
técnicas europeias, ainda que doações
artísticas como essa não permitam
conclusões acerca do grau em que os Baré
se adaptaram, em sua cultura, à população
urbana. Hoje em dia eles formam o cerne da
população indígena aculturada em vários
lugarejos do Médio e do Baixo rio Negro.
(CA)
Weltmuseum Wien



Übersicht

des Gehaltes der aus Brasilien während den Jahren 1817
K. K. Naturforschern eingeschickten einzelnen Sendungen

Von Herrn;	Sendung	Säugethiere	Vögel.	Amphibien	Fische	Insecten	Crustaceen	Conchylien	Mollusken Arachniden	Eingeweide Nierengänge	Preparate	Schädel
Mikan.	Jan. 1818.	3	49	36	16	3000	6	27	3	4	2	
Pohl.	I. Nov. 818.			9	47	436		200	10	4		
	II. Nov. 819.											
	IV. 8 ^{te} 821.	6	6	13	2	1688						
	VI. Aug. 822.											
Natterer.	I. Nov. 818.	44	661	80	67	1256	20	450	14	141		
	II. Nov. 819.	36	206	55		2329				47		
	III. Jan. 821.	109	2036	328	36	23,964				185	15	
	IV. Oct. 821.	14	528	14	96	961	124	7	2	150		
	V. Oct. 821.		119	38								
	VI. Aug. 822.	25	30	19	50		118	170	57	10		
	VII. Aug. 823.	88	911	79	3	15				340		
	VIII. Sept. 827.	115	1388	124	183	3531		56		175		
	IX. Nov. 830.	181	1340	155	432	80	14	118		181	21	
	X. Aug. 831.	79	452	6	20							
	XI. Sept. 833.	205	2073	150	192	2	1	70			6	
	XII. Aug. 836.	160	2549	630	542	675 Anneliden 12	132	80		500		
Schott.	I. Nov. 818.											
	III. Jan. 821.			94	2	184 35 in frimento			1			
	V. Oct. 822.		mit 1/2 Schacht	128	1	16488 2,442 1/2 Schacht.						
Kämerlacher.	820.	24	470	5	2	4591						
		1179.	12818.	1963.	1691.	61,689.	416.	1178.	87.	1737.	44.	19.

Wien im Februar 1837.

1817 bis 1836 von den
Natterer.

Skädel	Eyer.	Waffen und Geräthe	saamen	Pflanzen	Holzmasse	Mineralien	Münzen
			171	2400		18	
			170	1758		338	
						140	
		115		29,988		3926	
						60	
						1454	
3						5	
4							
66	50					225	
8		28	15			19	
	8					8	
					133	29	
		127				285	
74	47	263	17			63	
37		150					
	10	474	150		5	4	
	10	450	60			77	216
						149	
			196		42		
		17		3087	157		
		26		6467			
192.	125.	1650.	719	43,700.	337.	4910.	216.
Jos. Natterer Custos.							

Andanças de um coleccionador. Registros de **Natterer** em cartas, diários e anotações.

Luiz Barros Montez

Visão geral do curador Joseph Natterer sobre o conteúdo das remessas enviadas do Brasil durante os anos 1817 a 1836 pelos naturalistas imperiais. Viena, fevereiro de 1837. Na tabela, à esquerda estão listados os nomes dos colecionadores e as datas das remessas. Ao lado, a respectiva quantidade de objetos, começando por mamíferos e terminando com moedas. NHMW

1. Os escritos e suas questões

Para um historiador, as cartas, diários e anotações de campo de um viajante-naturalista são documentos essenciais para a reconstituição de suas motivações científicas, de seus objetivos e métodos de trabalho, seus desafios e seus êxitos pessoais. São ainda mais do que isso. Quando cotejados e articulados com outras fontes disponíveis, sejam institucionais ou privadas, estes documentos permitem ir muito além da simples descrição da trajetória singular, e por vezes “heroica”, de um indivíduo.

Visto sob este ângulo, o legado textual de Johann Baptist Natterer (1787-1843) é complexo e rico em possibilidades interpretativas. Trata-se de um cientista austríaco que, de membro proeminente da expedição científica austríaca que acompanhou a vinda de Leopoldina ao Brasil, tornou-se, após o retorno de quase todos os expedicionários à Europa, em junho de 1818, o seu principal protagonista.¹ Entre 1817 e 1835, Natterer soube atravessar com determinação e força de vontade – sem dúvida, impressionantes – as inúmeras dificuldades com que se deparou ao longo destes 18 anos.

Em termos cronológicos, o naturalista atravessou o período que abarca o casamento de Pedro e Leopoldina; a chamada Revolução do Porto e as exigências portuguesas ao seu rei; o retorno de D. João VI a Portugal e a proclamação da Independência do Brasil; os primeiros anos do Primeiro Reinado; a morte de D. João e a luta pela sua sucessão; a morte de Leopoldina; a abdicação e partida para Portugal de D. Pedro I; o período regencial, e, por fim, a revolta dos “cabanos” no Grão-Pará, que atingiram pessoalmente o viajante. Também por este motivo, as cartas e anotações de Natterer são importantes registros não somente para a história das ciências, mas igualmente para a história geral de nosso país.

Quase tudo o que sabemos sobre Natterer nos foi transmitido por seus próprios escritos. Trata-se de um conjunto de cartas e rascunhos de cartas, anotações e fragmentos de diários que chegaram até nós graças ao trabalho ingente dos pesquisadores austríacos Kurt Schmutzer, Michaela Höldrich e Robert Steile. Nos marcos de um projeto de pesquisa fomentado em 2002 pelo então Museu de Etnologia [Museum für Völkerkunde], rebatizado como Weltmuseum Wien, esses pesquisadores recolheram e transcreveram (trabalho árduo!) cartas, relatos e notícias de Natterer espalhados nos acervos do Arquivo Imperial [Haus-Hof- und Staatsarchiv], na Seção de Manuscritos da Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena e no próprio Weltmuseum Wien, com vistas a apoiar o trabalho e a descrição científica da coleção etnográfica de Johann Natterer existente no acervo deste museu.

No Arquivo Imperial encontram-se as cartas originais enviadas por Natterer aos embaixadores e encarregados de negócios austríacos no Rio de Janeiro, destinadas à Chancelaria de Estado em Viena. Ali encontram-se também as Instruções de Serviço anteriormente mencionadas, além de relatos sobre a expedição enviados pelos encarregados austríacos no Rio e documentos sobre a preparação da expedição.

Da Seção de Manuscritos da Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena provêm as 32 cartas de Johann Natterer entre 1817 e 1835, e duas cartas de 1836, além de cópias de cartas de 1817 a 1839. São, em sua maioria, cartas ao irmão Joseph Natterer, então curador (*Custos*) junto ao Gabinete de Objetos Naturais, bem como algumas correspondências de Johann Natterer após o seu retorno do Brasil.

1 Do grupo inicial de cientistas, permaneceram no Brasil, a partir de então, somente Natterer e seu ajudante de caça, Dominik Sochor.

Contudo, a documentação mais interessante é, sem dúvida, composta por um convoluto de cópias e rascunhos de 162 cartas de Natterer, escritas entre 1817 e 1836, existentes ainda hoje no Weltmuseum Wien. Era então uma prática comum a conservação dessas cópias e rascunhos, com vistas a serem apresentados às autoridades responsáveis no caso de perdas e extravios dos relatos e cartas originais, geralmente enviados juntamente com as remessas, que tinham que resistir a percursos de longas distâncias.

No total, são cerca de 200 cartas enviadas por Natterer entre 1817 e 1835 e conservadas nesses acervos. Em termos quantitativos, elas são mais numerosas em certos momentos de suas viagens, isto é, não se distribuem homogeneamente ao longo dos 18 anos em que Natterer esteve no Brasil. Proporcionalmente, as cartas do período em que o naturalista viajou pela Amazônia são bem menos frequentes do que as do período anterior. Não obstante, em seu conjunto, estas cartas documentam detalhadamente quase todas as etapas de sua trajetória em nosso país.

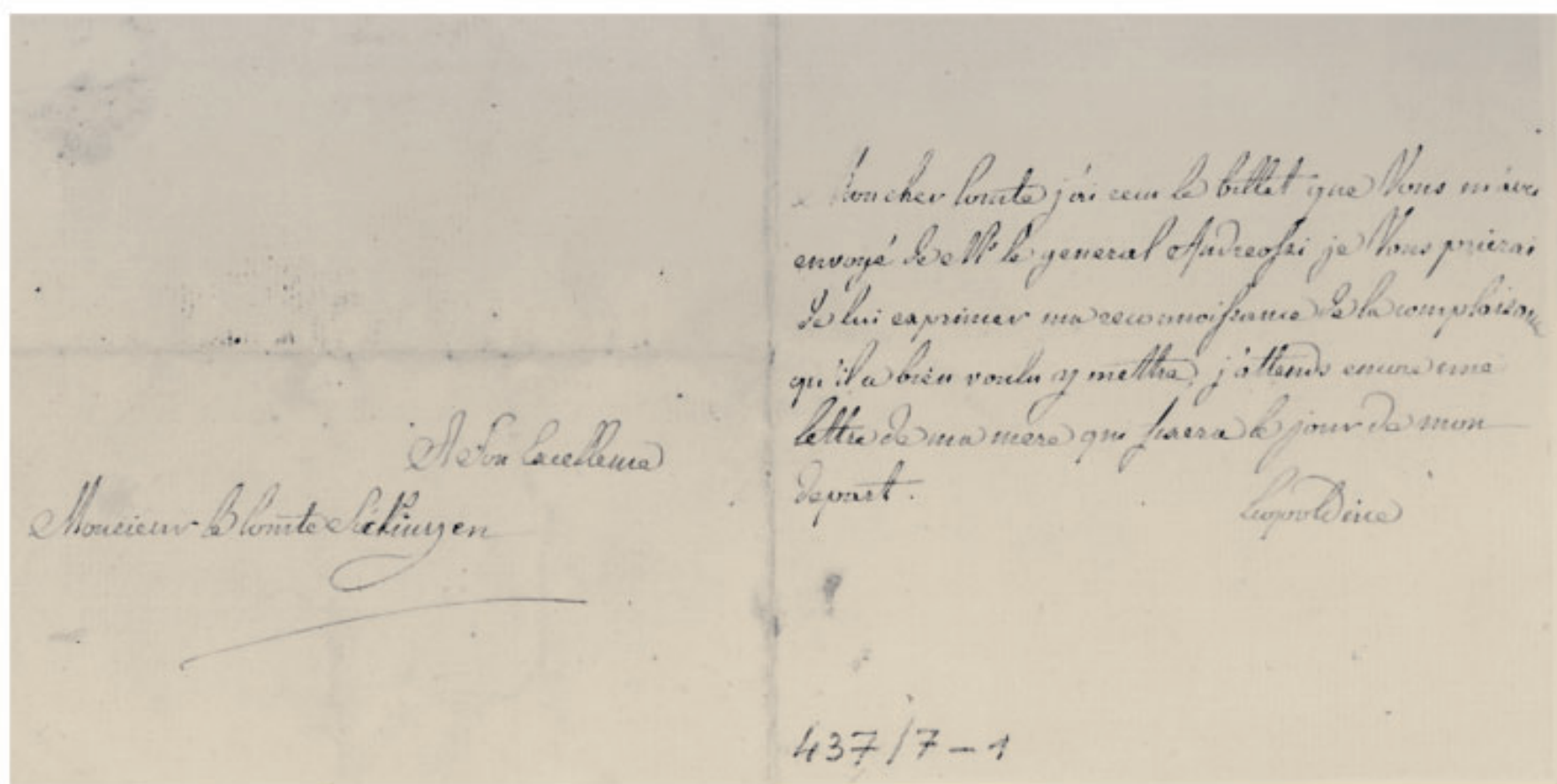
Este conjunto não abarca todos os escritos de Natterer no Brasil. Em sua excelente biografia de Natterer, a mais completa até o momento, Kurt Schmutzer nos relata alguns extravios relevantes. No início da expedição, em março de 1818, anotações de Natterer e outros despachos diplomáticos foram lançados ao mar quando um navio inglês que os transportava para Viena foi abordado por corsários com bandeira espanhola. Os responsáveis pelo envio preferiram sacrificar os despachos e relatos dos expedicionários austríacos a deixá-los cair nas mãos dos espanhóis. Schmutzer menciona também o episódio do naufrágio de outro navio, em 1820, e os distúrbios no Pará, em 1835, como ocasiões em que presumivelmente se perderam outros escritos de Natterer. Mas a grande perda se deu em outubro de 1848, em meio aos eventos revolucionários que varreram Viena, quando o Hofburg foi atingido por bombardeios realizados pelas próprias forças do governo, que na ocasião reprimiam os protestos. Grande parte do acervo do Gabinete de Objetos Naturais ali contido incendiou-se no episódio, incluindo toda a correspondência de Karl von Schreibers, responsável pela organização da expedição brasileira. Todas as cartas originais de Natterer e enviadas a Schreiber se perderam no episódio.²

Por esta e outras razões, a documentação transcrita por Schmutzer, Höldrich e Steinle é essencial para a reconstituição da expedição científica austríaca no Brasil como um todo – e da trajetória de Natterer em particular.

Esta documentação foi repassada a mim pelo Dr. Christian Feest, então diretor do Weltmuseum Wien, pessoalmente, por ocasião de meus estudos de pós-doutorado naquela cidade entre 2009 e 2010. Com base nela, e orientado pela biografia de Schmutzer, reproduzo aqui alguns fragmentos desta documentação por mim traduzidos. Com eles compus uma “quase-narrativa” que destaca alguns aspectos da trajetória de Natterer no intervalo de tempo imediatamente anterior e posterior ao transcurso da expedição (1817-1835). “Quase-narrativa” porque, em função da quantidade dos documentos disponíveis e da exiguidade de espaço, compus com estes fragmentos uma sequência narrativa extremamente lacunar e entrecortada por saltos cronológicos. Nesta composição, procurei reduzir ao mínimo os meus próprios comentários e esclarecimentos com o fito de deixar o próprio Natterer “falar”.

Como foram rascunhos que lhe serviram de base, diversas passagens encontram-se sintaticamente truncadas no texto original, o que procurei abrandar com a inserção de informações entre colchetes. Apesar destas limitações, a publicação destes fragmentos nos oferece uma aproximação mais “vívica” e “saborosa” do cotidiano deste personagem fascinante.

2 SCHMUTZER, Kurt. *Der Liebe zur Naturgeschichte halber. Johann Natterers Reise in Brasilien 1817-1836*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2011, p. 277-278.



Anotações de Johann Natterer.
NHMW

Anotação de inventário das espécies
de cristais de rocha coletadas por
J. C. Hocheder, com um cristal crocoísta
coletado em Goyabeiras, próximo de
Congonhas do Campo, Minas Gerais.
NHMW

Mineralien - Cabinet.

XXXX

1744
2. Octobr.

als eisenhaltig

Verwendung.

Bestimmung.

Eigene.

Nur das Cabinet.

Nur Produkt.

Beimbe.

1. *Carrollit*, bei Santa Fe, in einem *Fluoralkalibergwerk*, eisenhaltig.
2. *Carrollit*, bei Congonhas do Campo, in einem *Fluoralkalibergwerk*.
3. *Cyanit*, in der *Sierra de Topacacanga*, Brasilien.
4. *Calcit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
5. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
6. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
7. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
8. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
9. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
10. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
11. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
12. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
13. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
14. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
15. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
16. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
17. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
18. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
19. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
20. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
21. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
22. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
23. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
24. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.
25. *Fluorapatit*, in *Monte Negro*, Brasilien.



cozied. *Wetlich.*
Allyantistini *unvollst.*
Korall

My. 1844. 1. 13.
C. D. *Münster*
19. 13. *Fluorapatit*
25. 13.

P. Part 13

2. Um naturalista e sua missão

Tomemos como ponto de partida uma carta de Natterer enviada em fins de 1812 a uma autoridade desconhecida, presumivelmente o arquiduque Johann (irmão de Francisco I). Nela o jovem naturalista pleiteia uma nomeação como cientista, e, com esta finalidade, expõe em detalhes a experiência que acumulara nos anos anteriores, narrando sobre si na terceira pessoa.

“Estimulado pelo exemplo de seu pai, conhecido por Vossa Alteza Imperial, inspetor junto ao I[mperial] G[abinete de Objetos] Nat[urais], o sign[atário] obteve já nos primeiros tempos de sua juventude uma inclinação apaixonada pela história natural, aplicando-se quase exclusivamente nela, e aprendeu quase todos aqueles conhecimentos auxiliares que um naturalista precisa possuir quando, enquanto tal, tem que viajar e colecionar com proveito. Assim, o si[gnatário] aplicou-se com afinco em zoologia, nela exercendo particularmente mamal[ogia], orn[itologia], ictiolo[gia], anfi[biologia], ent[omologia] e helmintologia, e procurando aperfeiçoar-se nestas. Também em mineralogia e botânica adquiriu alguns conhecimentos. Obteve conhecimentos utilizando a Biblioteca do Gabinete, além da Biblioteca da Corte, sendo-lhe úteis o conhecimento do francês, inglês, italiano e também do latim. Sob a direção de seu pai, treinando muitos anos, adquiriu a arte de empalhar e representar os animais após sua morte de forma duradoura e fiel à original, de modo que se gaba de poder exercê-la igualmente bem em mamíferos, pássaros, anfíbios e peixes, tanto em exemplares frescos como em peles ressecadas. Os indispensáveis conhecimentos para tanto, tais como desenhar, pintar, trabalhar em cera e madeira, ele os tem em grau suficiente. Da mesma forma não possui menos experiência nas diferentes formas de captura de animais maiores e insetos e no tiro. Ele tem particular treinamento no assunto tão difícil quanto insalubre de colecionar vermes intestinais, tendo também cooperado consideravelmente na formação e enriquecimento da Coleção I[mperial] de vermes intestinais.”³

Natterer passa, então, a enumerar na mesma carta as diversas viagens para coletas realizadas com o seu pai – e também independentemente dele –, e destaca sua ativa participação, em maio de 1809, na transferência de parte do Gabinete de Objetos Naturais para Temesvar (hoje República Tcheca) em função da ameaça napoleônica, além de outras atividades que da mesma forma haviam lhe conferido grande experiência como naturalista.

3 Johann Natterer a desconhecido [presumivelmente o arquiduque Johann], s.l., s/d [aproximadamente final de 1812].

Contudo, Natterer tem consciência de que seu emprego no Gabinete seria muito difícil, por conta, prossegue na carta, de

“uma circunstância que ameaça transferir a realização de seus desejos para um futuro extremamente distante, e esta circunstância é a de que 3 pessoas da mesma família não poderiam estar empregadas simultaneamente no mesmo cargo, na medida em que o pai do signatário é ali inspetor, e seu irmão curador [Custos]. (...) Por isso o signatário pede a S[ua] Alteza I[mperial] clementíssima que queira considerá-lo quando houver substituição de uma vaga de curador ou o preenchimento de uma nova vaga no Johanneum.”⁴

Não obstante um certo tom de resignação, por não poder ocupar como desejava cargo no Gabinete de Objetos Naturais, a carta de Natterer transmite grande autoconfiança e ambição.

Em 1816, quando lhe surgiu a grande oportunidade que tanto esperava – a viagem ao Brasil – o naturalista manifestou a mesma autoconfiança e ambição. No episódio em que o imperador nomeou como chefe da expedição Johann Christian Mikan (1769-1844), professor de História Natural Geral na Universidade de Praga, Natterer reagiu com veemência e desassombro à nomeação, escrevendo diretamente ao imperador.

“Se essa mudança no plano inicial, cuja causa eu também posso tomar como uma desconfiança súbita dos meus conhecimentos ou da minha honestidade, e se a circunstância de que um professor que me é estrangeiro, e que não possui nenhum ou quase nenhum mérito relacionado ao Gabinete de História Natural de Sua Majestade, possa criticar e critique minhas experiências adquiridas em tantas viagens, possa determinar ou modificar meus planos de viagem, prescrever ou avaliar o meu trabalho, e o faça, depois de o próprio diretor Schreibers ter expressado e testemunhado estes conhecimentos que eu possuo, e de me ter recomendado, e depois de eu mesmo ter chefiado todas as minhas muitas viagens de história natural, nas quais tive subordinados, se esta mudança me dói muitíssimo agora e eu não a posso aceitar com indiferença, espero que Sua Majestade me perdoe, já que ela me impôs tanto uma punição como uma vergonha. (...) Que Sua Majestade veja o que eu sozinho realizei, que ninguém possa diminuir aquela honra que eu tenciono colher com esta viagem, nem se aproveitar de meus méritos.”⁵

Encontrou-se uma solução intermediária. Talvez a relação entre Mikan e Natterer tenha sido definitivamente marcada pela briga pela direção da expedição. Não obstante, um ano e meio depois, no momento em que Mikan partia do Brasil e retornava à Europa, Natterer escreveu a Schreibers de modo conciliador: “(o) senhor professor Mikan despediu-se de mim como amigo, eu quase diria, pois eu nunca lhe dei motivo para queixa. Tudo o que ele me causou em Viena direta ou indiretamente eu havia coberto com um véu espesso. Isso ocorreu em consideração à unidade.”⁶

4 Idem.

5 Johann Natterer a Francisco I, Viena, 27 de dezembro de 1816. Arquivo Imperial de Viena.

6 Johann Natterer a Karl von Schreibers, Rio de Janeiro, 3 de junho de 1818. Coleção de Manuscritos da Biblioteca Nacional Austríaca.

3. Chegada ao Brasil

A viagem ao Brasil teve inúmeros momentos dramáticos. Já nas primeiras horas da viagem das fragatas *Austria* e *Augusta*, que partiam do Porto de Trieste em direção ao Brasil, em abril de 1817, avizinhou-se uma tempestade que, afinal, irrompeu brutalmente.

"A batida de uma porta lateral que se abria despertou-me. Consultei o meu relógio e eram duas horas. Não obstante adormeci novamente, apesar do forte movimento do navio, quando então fui novamente acordado pela queda de minha bilha de água e de minha terrina. Eram 6 horas. Levantei-me e me vesti. A água batia então no timão e entrava pela minha cabine. Com esforço se conseguia se pôr de pé. No convés [Quarrée] encontravam-se já sentados passageiros com enjoo. Mandei tirar a água de minha cabine e me deitei novamente, pois o navio sacolejava com mais força. A tempestade agora tinha ficado mais violenta, o barulho de coisas do navio quebrando e rolando tornou-se horrível, tudo que é garrafa, copo, mesa e cadeira caía uma sobre a outra com estrondo assustador. A água penetrava no navio por todos os lados, e também pela minha janela, de modo que corria para dentro e para fora junto à porta. O capelão postou-se com o crucifixo, agarrou-se a uma barra do convés e dava a bênção. Todos estavam lívidos como cadáveres."

Na manhã seguinte, Natterer observou os rastros da devastação, e assim descreveu o caos a bordo:

"Quando então subi ao convés, foi possível ver o estado lamentável em que este se encontrava. Tudo encontrava-se destruído, uma coisa sobre a outra, mastros partidos, velame, cordame, balas de canhão, caixotes de galinhas, redes de dormir, velas, calceses. Os mastros frontal e traseiro ainda estavam lá onde foram montados. A destruição era inédita. Começaram a fazer a triagem das coisas. O cordame foi distribuído e levado para baixo nas baterias. Nestas, a situação também parecia lamentável. Barris, ovelhas, galinhas, bois, porcos, bezeros – tudo estava desmazelado e misturado. Um boi estava agonizando".⁷

A *Augusta*, embarcação de Natterer, danificara-se seriamente. Após semanas de conserto a fragata ainda se deteve em Gibraltar para aguardar a arquiduquesa Leopoldina e seu séquito. Em setembro de 1817, deu-se, finalmente, a partida dali em direção ao Rio. Natterer narra ao irmão a viagem de mais de dois meses como uma aventura extremamente insalubre e desagradável.

"Só muito raramente conseguíamos abrir a trava da escotilha, que, tendo um pé de largura e meio de altura, só permite na cabine uma luz extremamente escassa, para renovar o ar. Mas estas travas da janela fechavam a maior parte delas, e especialmente a minha, tão mal que, em cada oscilação ou jogo do navio que jogasse a janela sob a água, esta penetrava aos cântaros na cabinezinha, de modo que no fim das contas eu era obrigado a empregar um balde para aonde a água escorria por um escoadouro de lata. Eu forrava o assoalho com tábuas para não caminhar sempre sobre a água. (...) [S]e eu quisesse trabalhar em algo, tinha que ser à luz de velas neste buraco, pois mesmo no convés, à mesa ficava quase sempre escuro, já que na parte de cima do convés esticava-se contra o sol um tapume formado pelas velas. O forte e quase permanente jogo do navio, os estalos e rangidos, provocados pelo mar alto e revoltado me impossibilitavam trabalhos mais longos."⁸

THOMAS ENDER

A fragata *Augusta* durante tempestade.
Cena capturada por Ender da fragata *Austria*.
Lápis aquarelado. 19x258mm.
K. ACAD

- 7 Johann Natterer, relato sobre a tempestade junto à Istria, versão A, abril/maio de 1817. Arquivos do Weltmuseum Wien.
- 8 Johann Natterer a Joseph Natterer, Águas de Cabo Frio, a bordo da *Augusta*, 4 de novembro de 1817. Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena.



A chegada ao Rio foi um alívio:

“Hoje, finalmente, estávamos muito felizes em ver diante de nós ao raiar do dia o tão sonhado Cabo Frio à noroeste. (...) A libertação tão próxima de nossa longa prisão nos encheu de alegria, ainda mais pelo fato de que o constante clima de tempestade dos últimos dias arruinou completamente a estadia na fragata, já em todos os sentidos desagradável. (...) Agora, estamos no Brasil. (...) A entrada do Rio apresenta formas pavorosas de montanhas, especialmente a cadeia no lado ocidental. Do lado externo, tínhamos já passado antes por ilhas cobertas de palmeiras. Já pressentindo profunda e antecipadamente a grande riqueza que nos aguardava, eu estava no convés sempre com a luneta, mergulhado nas visões destas massas imensas de montanhas.”⁹

No Rio, o naturalista deparou-se com uma realidade inteiramente nova:

“[n]a cidade não se vê de dia quase ninguém além de negros, seminus em sua maioria. O que nos dá uma impressão estranha. Na mesma missiva escreve sobre Spix e Martius: Eu vi os bávaros. Em aproximadamente 12 dias eles irão por São Paulo até Vila Rica, onde querem permanecer por 3 meses. Spix disse que já teria 100 pássaros. Estes [dois] já perderam toda vontade, por causa das dificuldades das excursões e viagens, e especialmente do calor. Spix, particularmente, já anseia pelo retorno à Europa, e me explicou que nunca teria vindo para cá se soubesse previamente disso tudo.”¹⁰

9 Johann Natterer a Joseph Natterer, Rio de Janeiro, 7-8 de novembro de 1817. Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena.

10 Idem.

THOMAS ENDER

Porto de Trieste, a bordo da fragata imperial e real *Austria*.

Aquarela, 200x264mm.

A aquarela foi pintada em 7 de abril de 1817 a bordo da *Austria*. No início da viagem, os primeiros esboços de Thomas Ender têm ainda algo de tímido e descuidado, e as cores são em sua maior parte mais sombrias. Isso, todavia, deveria mudar em breve. Mais tarde, em Gibraltar, Ender encontraria seu novo estilo.

K. ACAD



Ansicht von Genua, auf dem Meer, J. T. Leysch.





J. P. de S. del.

Ein Theil von Rio de Janeiro mit der Wasserleitung, und Aussicht



J. Axmann sc. 1828.

Sicht gegen die Bay.

JOHANN EMANUEL POHL
Uma parte do Rio de Janeiro, com o
aqueduto e vista da baía.
Gravura em cobre de Axmann,
segundo Thomas Ender, s/d.
NHMW



Helicteres brasiliensis.

JOHANN CHRISTIAN MIKAN
 Joseph August Satory, *Helicteres brasiliensis*,
 litografia colorida à mão, impressa pelo
 Instituto Litográfico de Viena, 1820.
 A planta foi coletada no Rio de Janeiro.
 Um exemplar foi plantado nos jardins do
 palácio de Schönbrunn e outro no jardim
 da universidade de Praga.
 NHMW

JOHANN CHRISTIAN MIKAN
 Michael Sandler, *Tanagra chalybea*,
 litografia colorida à mão, impressa pelo
 Instituto Litográfico de Viena, 1820.
 A ave foi abatida por Natterer em
 Ipanema.
 NHMW





Tanagra diademata.

JOHANN CHRISTIAN MIKAN
Michael Sandler, *Tanagra diademata*,
litografia colorida à mão, impressa pelo
Instituto Litográfico de Viena, 1820.
A ave foi abatida por Natterer.
NHMW

JOHANN CHRISTIAN MIKAN
Ferdinand Lukas Bauer, *Vellozia candida*,
litografia colorida à mão, 1820. A planta foi
coletada em Sebastianópolis, no caminho do
Corcovado, e foi desenhada por Bauer segundo
o espécime seco e prensado. Mikán dizia,
entusiasmado, que a ilustração não ficava nada
a dever a uma planta viva.
NHMW



4. O dia a dia e as dificuldades concretas

Os problemas mais conspícuos enfrentados por Natterer no cotidiano de sua estadia no Brasil foram financeiros, logísticos, e relacionados à sua saúde.

Em termos financeiros, a expedição se defrontou com dificuldades desde a chegada dos naturalistas e sua equipe. O entusiasmo inicial logo cedeu lugar ao desânimo e a divergências. Segundo Natterer, o embaixador von Eltz só tomava decisões de forma vacilante, principalmente quando se tratava de despesas.

"Nós tivemos agora que apresentar orçamentos, tanto de estadias aqui como de viagens, para dela calcular a quantia anual. Isso tudo o conde Elz [sic] enviará para Viena, pois ele não ousou fazer nada e o dinheiro já está quase no fim. Ele não quer saber dos ordenados, de absolutamente nada. Ele diz que não recebeu qualquer incumbência. Isto nos traz perspectivas ruins. Sobre isso ele aguarda ordens de Viena. (...) Se Sochor não receber os ordenados, o que quase parece ser o caso, ele retornará com as fragatas que partirão em março. Eu não posso detê-lo, embora eu possa agora precisar muito dele para a dissecação. Ele quer economizar algo para os seus filhos. Provavelmente todos os orçamentos irão para o senhor diretor. Este poderia se empenhar ao máximo no assunto dos ordenados. São pessoas demais na expedição. Por isso o custo é tão alto, e isso me faz supor que talvez uma parte ou todos logo sejam chamados de volta para casa".¹¹

Foram inúmeras as dificuldades financeiras de Natterer ao longo de sua estadia no Brasil. A *Instrução de Serviço* previa inicialmente que adiantamentos e despesas com os expedicionários seriam pagas com a dotação da embaixada. Entretanto, tal comprovou-se posteriormente impraticável à medida que Natterer se afastava do Rio de Janeiro. Tornaram-se necessários envios de dinheiro diretamente a ele ou a intermediários. Mas isso nem sempre era possível, pois às vezes não existia dinheiro disponível em espécie, como atesta uma carta de Cuiabá.

"Provavelmente só poderei realizar a minha partida de Mattogrosso no ano que vem, pois terei que passar aqui a época das chuvas que se aproxima. Contudo, a ideia destas digressões, de uma estadia provavelmente mais longa, me deixa um pouco intranquilo na medida em que o dinheiro de que ainda disponho não daria até a minha chegada ao Pará, especialmente se eu precisar financiar os gastos dos veículos a serem equipados e o sustento das pessoas necessárias para a travessia até o Amazonas, além de seu sustento com o retorno. Por isso escrevi ano passado de Goiaz ao senhor von Schreibers, para que ele tivesse a bondade de se empenhar para que eu recebesse dinheiro aqui em Cuyaba por meio da bondosa intercessão de V[ossa] E[xc]elência. Existem dificuldades em se receber dinheiro aqui. Da fazenda real não é possível, ela não tem dinheiro, só dívidas; e nunca deram dinheiro para o Rio; antes ela tem utilizado anualmente algumas arrobas de ouro. Isto cessou. Os comerciantes não querem trocas com o Rio, pois convertem seu dinheiro em diamante, ouro em pó e em barra para terem lucros no Rio. Talvez o único caminho seja, para a devida segurança, repassar o dinheiro a um dos comerciantes que vão anualmente ao Rio, e, com essa finalidade, pagar a remessa".¹²

JOHANN CHRISTIAN MIKAN
Caecilia annulata, litografia, 1820.
NHMW

11 Johann Natterer a Joseph Natterer, Rio de Janeiro, 5/10 de dezembro de 1817. Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena.

12 Johann Natterer a Wenzel Philipp Leopold von Mareschal, Cuiabá, 14 de fevereiro de 1824, Arquivo Imperial em Viena.



- 13 Johann Natterer a Franz Scheiner, Cuiabá, 15 de fevereiro de 1824, Weltmuseum Wien
- 14 Johann Natterer a Joseph Natterer, Ipanema, 8/14 de julho de 1820, Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena.
- 15 Johann Natterer a Wenzel Philipp Leopold von Mareschal, Cuiabá, 14 de fevereiro de 1824, Arquivo Imperial de Viena.
- 16 Johann Natterer a Wenzel Philipp Leopold von Mareschal, Cuiabá, 8 de janeiro de 1828, Arquivo Imperial de Viena.
- 17 Fragmento do diário, de 3 a 7 de dezembro de 1820, Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena.

Esta solução foi afinal posta em prática, mas os pagamentos só chegaram cerca de seis meses depois.¹³ Na região amazônica, Natterer dependeu da ajuda de britânicos na forma de empréstimos ou intercessões junto a representações diplomáticas inglesas.

Algumas das dificuldades logísticas mais sérias relacionavam-se às provisões, ao deslocamento e alojamento da caravana, e à preparação e envio a Viena dos objetos coletados.

As provisões dos expedicionários dependiam com frequência do comércio ou disponibilidade local de alimentos. Natterer viu-se permanentemente obrigado a se adaptar a dietas que não eram de seu agrado. "Agora, depois de mais de um ano, eu já como feijões todos os dias e já não tenho mais nojo. É claro que de vez em quando com um pouquinho de galinha ou de carne, para descer mais fácil (...)".¹⁴

Na viagem de Goiás (capital da província do mesmo nome) a Cuiabá, o naturalista e sua tropa atravessaram uma grave situação alimentar, pois a região do planalto de Mato Grosso entre o rio Araguaia e Cuiabá era uma estepe escassamente povoada, na qual além de caça não existiam víveres. Para piorar, em mais de um episódio as mulas derrubaram seus carregamentos, fazendo-os perder boa parte da provisão. Numa delas houve mais estragos ainda, quando "4 animais carregados se precipitaram no rio torrencial, pois uma ponte ou pinguela feita de algumas árvores sobrepostas estava muito ruim. Com muito esforço salvaram-se animais e carga, embora tudo estivesse empapado e muita coisa arruinada".¹⁵

Anos depois, em setembro de 1827, na viagem de Vila Bela de Santíssima Trindade a Cuiabá, Natterer descreve a Mareschal a grave situação de falta de água no fim da estação seca: "A água para se beber era apanhada de uma cassimba [sic], um buraco fundo no chão próximo à lagoa. (...) Para água potável foram abertos na terra da margem alguns buracos. A água era naturalmente muito quente, e meus cachorros a tornaram imediatamente turva. Até as mulas adoeciam, porque ali só se encontrava água extraordinariamente ruim".¹⁶

Além da logística das provisões, Natterer e sua expedição enfrentaram em seu trajeto pesadas agruras decorrentes das condições das rotas e estradas. Ainda em 1820, quando a caravana se deslocava de Curitiba a Paranaguá (PR), atravessando as serras costeiras, Natterer registrou em seu diário uma dramática descrição dos perigosos caminhos nas montanhas.

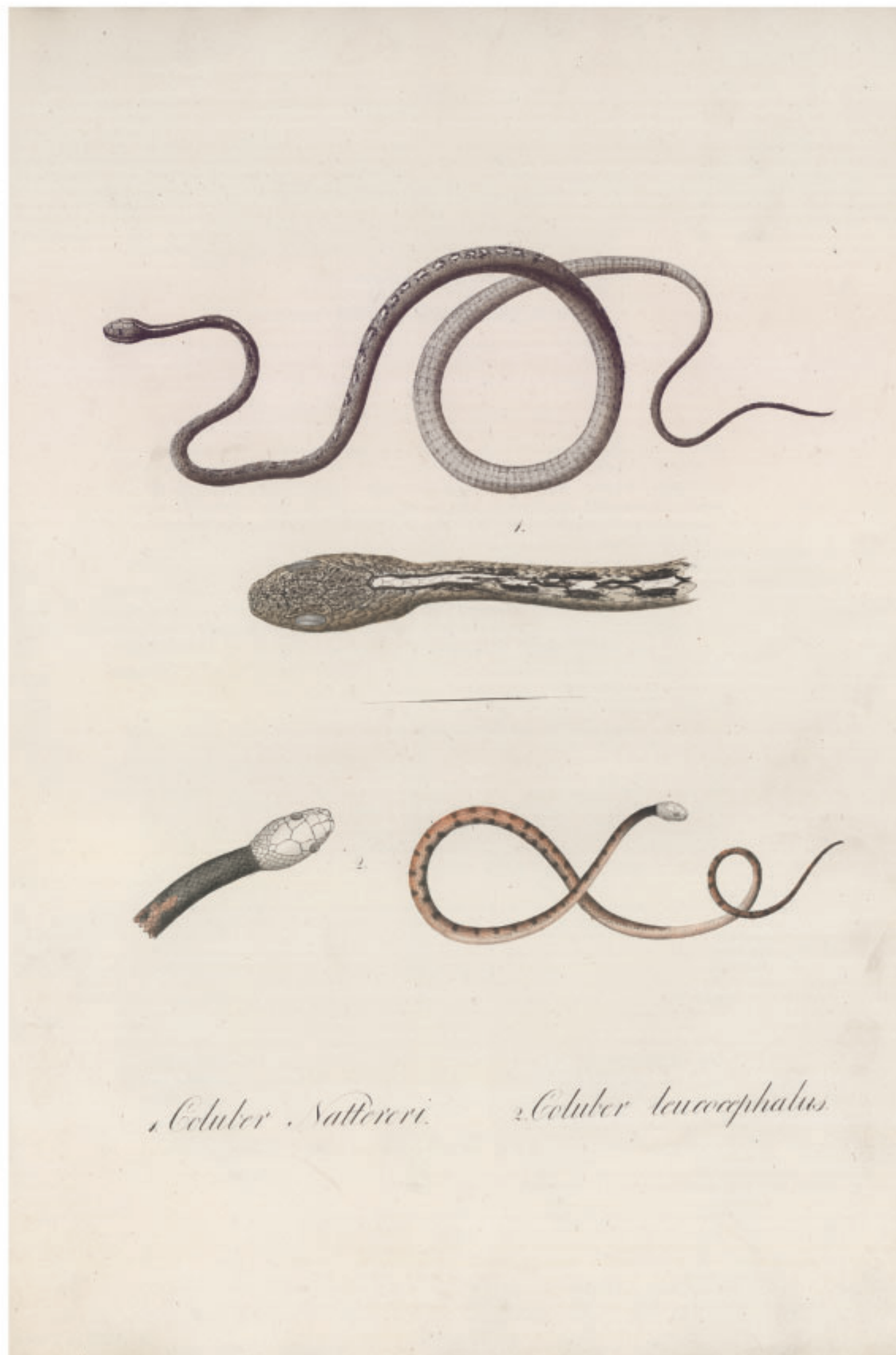
"Quase não se pode compreender como animais carregados conseguem fazer esse caminho sem quebrar o pescoço. Eu há muito havia descido das mulas, porque o perigo de despenhar por sobre a cabeça dos animais nos abismos, muitas vezes quase verticais, ou de ser esmagado junto às rochas nos estreitos desfiladeiros, ainda que mantivesse os pés sempre muito levantados, era grande demais, e mesmo a pé era tão difícil que com muita frequência eu tinha que me apoiar com as mãos nos dois lados, para não deslizar entre as pedras e quebrar pé e braço. (...) É impossível fazer ideia de como este caminho é ruim sem se convencer com os próprios olhos. E, segundo o condutor, o caminho estava bom quando eu o atravessei, porque havia algum tempo que não chovia, pois, quando era o caso, se gastavam depois frequentemente 8 dias nas montanhas, e mulas eram perdidas, porque quebravam o pescoço e a perna, como comprovam muitos esqueletos delas encontrados, ou porque elas se afogavam no pântano, quando caem com as cargas e não conseguem mais se levantar ou não são acudidas a tempo pelas pessoas."¹⁷



Corvus tricolor. Natterer

JOHANN CHRISTIAN MIKAN
 Michael Sandler, com base em modelo de
 Leopold von Stoll, *Corvus tricolor*, Natterer,
 litografia colorida à mão, impressa pelo
 Instituto Litográfico de Viena, 1820.
 A ave foi abatida por Natterer em
 Ipanema, Rio Verde.
 NHMW

JOHANN CHRISTIAN MIKAN
 1. *Coluber nattereri*
 2. *Coluber leucocephalus*,
 litografia colorida à mão, 1820.
 Mikán dedicou a cobra, coletada
 em Sebastiãoópolis, a Johann Natterer.
 NHMW



O desafio do transporte das cargas era imenso. Quando realizou sua primeira “grande viagem”, de Ipanema (para onde retornara) a Cuiabá, Natterer partiu com 147 mulas, quatro cavalos, duas outras éguas e um potro. Há pouca informação sobre os equipamentos em suas anotações, mas sabe-se que estas inúmeras mulas carregavam centenas de frascos e garrafas, além de provisões, aparelhos e armas. Carregavam também alguns utensílios que ele mesmo fabricara, por serem indisponíveis, como por exemplo “um aparelho inteiro para a investigação de vermes, contendo duas dúzias de garrafinhas, tijelinhos [sic] de lata, placas de lata, vidrinhos, [e] os devidos instrumentos.”¹⁸

Em outubro de 1822, quando a tropa se pôs em movimento, as mulas ficaram nervosas, um caos irrompeu:

“alguns animais semimansos, que derrubaram suas cargas e selas de transporte, assustaram outros, que fizeram o mesmo. Com isso, espalhou-se o susto por toda a tropa, de modo que tudo se arrebatou. 3 cachorros estranhos que se aproximaram e perseguiram os animais generalizaram a desordem.

(...) Na colina da metalúrgica tudo ficou cheio de coisas derrubadas. Nada mais nos restou além de reunir o que ainda estava carregado e nos dirigirmos até a frente do portão da fábrica, onde mandei descarregar com céu claro. Isso se deu a pouco menos de um quarto de milha de distância de Ipanema.”¹⁹

Mais de duas semanas se passaram até que a equipe recapturasse as mulas espalhadas, perdidas no pânico, e pudessem partir. Uma parte da carga perdeu-se no tumulto. Para agravar, relata Natterer em seu diário, “[a] chuva não demorou, e manteve-se longa e forte. Embora eu estivesse coberto com algumas peles, fiquei empapado de água. Eu fiquei contente quando se fez o dia e a chuva tinha amainado.”²⁰ Somente depois que a tropa se recompôs totalmente e se consertaram as selas, rédeas e arreios danificados é que Natterer pôde deixar o acampamento. (Neste mesmo fragmento Natterer relata outros episódios de fugas e mortes de mulas, e de vários outros dias perdidos.)

Após passar pela Vila de São Carlos (Campinas), a caravana deteve-se em Irisanga (ao norte de Moji-Mirim), uma pequena propriedade rural. “São 2 casas miseráveis, embora cobertas com telhas, em frente um grande rancho com uma venda”.²¹ Não era absolutamente incomum a permanência nesses ranchos por falta absoluta de casas ou mesmo choupanas. Neles, nem as pessoas, nem a bagagem estavam a salvo das intempéries.

“O lugar era ruim, pois as duas casas ali estavam habitadas e não podiam abrigar os meus bens. Tive então de me contentar com um rancho (galpão, construído para os viajantes em diferentes locais de acampamento) grande e bem-coberto, que habitei de 29 de novembro até 20 de março. Os aguaceiros eram muito constantes. Havia semanas em que chovia todos os dias. (...) A água de chuva vinha da colina em torrentes, e arrancou uma contenção que desviava a torrente, percorrendo o rancho com mais de um pé de altura. Tudo o que estava no chão e não foi arrumado a tempo foi varrido pela enchente ou ficou fortemente ensopado.”²²

JOHANN BAPTIST NATTERER

Vista lateral de um dourado,

Salminus brasiliensis

(Characiformes, Characidae), em

proporção a uma escala em polegadas austríacas esboçada pelo artista.

Dourado, n.º 9

Hydrocyon brevifrons Cuvier

NHFW

18 Johann Natterer a Joseph Natterer, Ipanema, 30 de setembro de 1822, Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena.

19 Johann Natterer a Joseph Natterer, Salto, 26 de outubro de 1822, Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena.

20 Fragmento do diário, de 5 de outubro a 30 de outubro de 1822, Arquivo do Weltmuseum Wien.

21 Fragmento do diário, de 26 de março a 9 de abril de 1823, Arquivo do Weltmuseum Wien.

22 Johann Natterer a Joseph Natterer, Goiás, 29 de agosto de 1823, Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena.



Com frequência o viajante se deparou com “acomodações” como uma, que nos serve de exemplo, onde “no quarto nada [existia] além de uma grande barra para o gado. Uma mesa não se encontrava em parte alguma, mas me arrumaram dois bancos para trabalhar em cima deles, com os quais tivemos que nos virar”.²³

Em julho de 1827, Natterer recebeu uma ordem para retornar, assim que possível, a Viena, expedida seis meses antes pelo imperador. Mas isso era agora praticamente impossível, porque o viajante teria que readquirir muitas mulas, e a um preço muito alto.

“Do escrito de V(ossa) Majestade e S(ua) Alteza eu inferi que é da vontade de S(ua) Majestade que eu prolongue a minha estadia no Brasil somente o estritamente necessário, e que, por conseguinte, eu me esforce para tornar o mais célere possível o início e as providências tomadas para a minha partida daqui para a província do Pará. Como Pará e Rio de Janeiro têm aproximadamente a mesma distância de Mato Grosso, e como eu há muito vinha me preparando para retornar pelo Pará, por conta disso há algum tempo reduzi tanto as minhas mulas que o número delas hoje mal daria para transportar a terceira parte de meus efetivos e coleções para o Rio.”²⁴

23 Carta de Natterer reproduzida em SCHREIBERS, *Nachrichten von den kaiserlich-österreichischen Naturforscher in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit*, Bd. 2, 1822, p. 21.

24 Johann Natterer a Wenzel Philipp Leopold von Mareschal, Vila Bela de Santíssima Trindade, 20 de julho de 1827, Arquivo Imperial de Viena.



Lanius undulatus.

JOHANN CHRISTIAN MIKAN
Lamus undulatus, litografia colorida à mão,
 1820. Mikan abateu a ave na propriedade
 de Langsdorff, na Fazenda Mandioca.
 NHMW

JOHANN CHRISTIAN MIKAN
 Segundo modelo de Leopold von Stoll,
Passiflora amethystina, litografia colorida
 à mão, impressa pelo Instituto Litográfico
 de Viena, 1820.



O transporte fluvial trouxe à expedição outros tipos de dificuldades. Natterer relata algumas destas dificuldades em sua viagem de Borba a Manaus, em agosto de 1830.

Os problemas logísticos relacionados às remessas das coleções para Viena aumentavam à medida que o viajante-naturalista se dirigia a regiões cada vez mais remotas do Brasil. Quando as conexões com a Europa começaram a se acomodar em rotas amazônicas, as remessas passaram a ser feitas por barcos, ao longo do Amazonas até Belém, onde contatos, em sua maioria britânicos, ajudaram Natterer decisivamente oferecendo rotas de envio passando por Londres.

Contudo, nenhuma dessas dificuldades se compara com os graves problemas de saúde que o naturalista enfrentou. Em Cuiabá, no início de 1824, Natterer escreveu a um comerciante austríaco no Rio: "[a]qui não vou indo muito bem. Peguei uma inflamação hepática que me causaram [sic] sofrimento por vários meses, e da qual até agora ainda não me livrei inteiramente."²⁵ Sua situação foi tão séria que somente meses depois esteve em condições de relatar sua doença ao próprio irmão.

"Já há muito sentia quando me sentava com o corpo inclinado para a frente, quando escrevia ou fazia outros trabalhos, uma dor abafada no fígado. Não dei atenção. Mas a dor foi aumentando pouco a pouco, e dela resultou uma inflamação. Um cirurgião daqui, meu amigo, que trata de mim, me deixou relativamente bem por meio de fortes sangrias e emplastos, e me mandando evitar totalmente aquela posição encurvada; mas meus trabalhos reiniciados, ainda que em sua maioria realizados em pé, particularmente a penosa ocupação com o ordenamento, substituição, composição e seleção da riquíssima coleção de vermes intestinais a ser enviada, agora pioraram novamente o meu estado, de modo que, ao que parece, ensejou endurecimentos do fígado."²⁶

Mesmo as cartas iniciadas em dezembro de 1824 permaneceram incompletas. Somente em fevereiro de 1825 ele conseguiu dar prosseguimento às correspondências e descrever para o seu irmão o transcurso seguinte de seus sofrimentos:

"Somente deitado na cama eu sentia alívio. Por isso, por algum tempo eu permaneci mais na cama do que fora dela, mas, como não percebia nenhuma melhora, o cirurgião-superior local, meu amigo, achou necessário passar por mim um seton ou crina, que então me atormenta há dois meses. É na parte superior da barriga. Mas, agradeço aos céus, estou a caminho da melhora, e de bom grado vou aguentar ainda a crina para me restabelecer completamente. (...) Portanto, o nosso pai não precisa ter medo, pois vaso ruim não quebra, e provérbios são verdades."²⁷

Este doloroso tratamento com crina (*setaceum*) consistia em provocar uma inflamação artificial por meio da perfuração de uma dobra da pele pela qual se passava um cordão. Esta crina provocava uma supuração da qual se esperava retirar do corpo o foco originário da doença. Esta carta evidencia que Natterer sequer tinha conhecimento de que o seu pai falecera em 1823.

25 Johann Natterer a Franz Scheiner, Cuiabá, 8 de dezembro de 1824, Arquivo do Weltmuseum Wien.

26 Johann Natterer a Joseph Natterer, Cuiabá, 16 de dezembro de 1824, Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena.

27 Johann Natterer a Joseph Natterer, Cuiabá, 18 de fevereiro de 1825, Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena.

JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
 Michael Sandler, *Linociera glomerata*.
 In: *Plantarum Brasiliacicones et
 descriptiones hactenus ineditae*, volume 2,
 litografia colorida à mão, Viena, 1831.
 NHMW



A descrição que o naturalista faz da região de Cáceres (MT) em junho de 1826 dá provas de que sua doença o acompanharia anos depois. (Na verdade, o cientista padeceu a partir de então até o fim da vida.)

“Embora tenha chegado aqui em outubro passado, em função de minhas condições enfermas de saúde não pude ousar expor-me ao clima insalubre da época mais insalubre de todas, a época das chuvas, pois todos mo desaconselharam, e, como evidenciou-se em seguida, as doenças foram muito mais frequentes e deletérias para os próprios nativos ou os que ali há muito residiam. Entre os recém-chegados, nenhum escapou a pelo menos uma longa febre, muitos (...) tiveram infelizmente que pagar com o tributo da morte a esta província, que desde o seu primeiro descobrimento devora vidas humanas.”²⁸

²⁸ Johann Natterer a Wenzel Philipp Leopold Baron von Mareschal, Caiçara, 16 de junho de 1826, Arquivo Imperial de Viena.

5. Encontros com “nativos”

Aspecto central nos escritos de Natterer são as suas descrições dos habitantes mais simples do Brasil. Quando em seus escritos se refere às populações locais, em particular os negros (escravos) e indígenas, poucas vezes prevalece o tom objetivo que verificamos mais atrás, na descrição de seu alojamento em Sepetiba.

Natterer foi, ele mesmo, proprietário de escravos. Em carta de Cuiabá ao irmão, em 1825, em meio à longa descrição de mercadorias e seus respectivos preços, eis que o viajante menciona suas recentes “aquisições”.

Entre 1825 e 1826, na Fazenda Caiçara (nas imediações de Cáceres, MT), Natterer teve uma vez mais contato com indígenas, que em suas anotações classifica em duas categorias – os “mansos” e os “selvagens”. Em seu caderno de notas escreve que os “bororos da Campanha” (já tornados sedentários, “mansos”) e os “bororos do Cabaçal (temerários, de vida livre) “não se entendem entre si, embora tenham formado uma nação no passado e tenham se separado por hostilidade”.²⁹

Os “mansos” são aqueles que, sob violência, foram “pacificados”. Com a renúncia ao modo de vida nômade, agora correspondiam ao modo de vida dos brasileiros e dos europeus. Nas imediações de Cáceres, os bororos

“foram finalmente obrigados à paz, e de um modo muito simples e eficaz, a saber, em uma das últimas incursões contra eles, faz somente alguns anos, capturaram um de seus caciques junto com um punhado de homens. O comandante do distrito de Villa Maria manteve-os por algum tempo junto a si, tratou-os muito bem e deu-lhe presentes. Mas mandou traduzir para o chefe que daria a ele e a seus companheiros a liberdade se ele promettesse convencê-los para a paz. Ele o fez, e retornou por Jauru. Após algum tempo ele trouxe consigo alguns homens, a quem o comandante igualmente serviu bem e presenteou. Por fim, familiarizaram-se e trouxeram suas mulheres.”³⁰

Os bororos “mansos” foram assentados nas vizinhanças de povoações ou propriedades agrícolas. “Alguns também já se encontram entre os serventes do gado.”³¹

Já os “selvagens” eram enfrentados por bandos armados, uma mistura de colonizadores, aventureiros e caçadores de escravos, cuja ação foi presenciada pessoalmente pelo naturalista austríaco. Em fevereiro de 1826, uma “bandeira” sequestrou 24 mulheres e crianças. Os homens bororos então iniciaram uma perseguição ao bando. “Bandeira se chama um destacamento de pessoas armadas que penetram na mata para procurarem, matarem ou aprisionarem selvagens”.³²

“Logo os selvagens também chegaram aqui perto, e foram tão ousados que vieram até perto da casa, mas os cachorros, que aqui são pelo menos uns cinquenta, os afugentaram. Havia algum tempo que vivíamos em situação de ocupação, pois ninguém ia buscar água sem acompanhante armado, pois isso era meio distante. Agora as coisas ficaram novamente mais calmas, e eles parecem ter recuado para as florestas.”³³

Na carta, o viajante não somente não gasta uma palavra sobre o destino destas pessoas sequestradas, como, além disso, relata ter negociado com membros desta tropa os arcos, as flechas “e outras miudezas dos bororos do cabaçal” caídas nas mãos dos bandeirantes.

Peitorais de dentes de onça (*aduga-a*) e dentes bovinos (*dabira-à, dabirã*). Bororo da Campanha (Biriboconné), Rio Paraguai, Mato Grosso, Brasil, em torno de 1825. Dentes de onça, algodão e resina e, respectivamente, dentes bovinos, algodão, C. total 129 e 85 cm. Col. Natterer. Mesmo que Natterer tenha definido essas peças como testeiras, seu uso é documentado somente como peitoral. Os *aduga-a* eram confeccionados com 4 caninos de onças flanqueados por 4 a 5 molares. Esses adornos não eram específicos de clãs e podiam ser usados por homens e mulheres. Do mesmo modo que as testeiras, os peitorais estão relacionados aos rituais fúnebres. Isso certamente não vale para os exemplares para os dentes de bois, os quais provavelmente tenham sido adquiridos pelos Bororo ao trabalhar como vaqueiros das grandes fazendas. (CF) Weltmuseum Wien

29 Notícia, s/d [após abril de 1826]. Naturhistorisches Museum Wien (NHMW).

30 Johann Natterer a Wenzel Philipp Leopold Baron von Mareschal, Caiçara, 16 de junho de 1826, Arquivo Imperial.

31 Idem.

32 Notícia, s. d. [entre fevereiro e junho de 1826], Arquivo do Weltmuseum Wien.

33 Johann Natterer a Wenzel Philipp Leopold Baron von Mareschal, Caiçara, 16 de junho de 1826, Arquivo Imperial.





Dois clarinetes (*kwa*)
 Bororo da Campanha (Biriboconné).
 Rio Paraguai, Mato Grosso, Brasil, em
 torno de 1825.
 Cana, cabaça, penas, resina, crina de
 cavalo, algodão, C. máx. 40 cm.
 Col. Natterer
 Durante o ritual fúnebre dos Bororo
 Orientais, o caçador da onça, que
 incorporava a alma do morto, recebia de
 seu pai ou de seu cunhado um clarinete
 com um pavilhão feito de cabaça, que
 representava a voz do morto no ritual.
 Todos esses instrumentos apresentavam
 adornos específicos de clãs e eram
 mantidos escondidos dos olhares de
 mulheres e crianças. Ao final do jantar
 festivo, o caçador da onça recebia de
 presente um clarinete igual ao usado
 durante a cerimônia fúnebre. (CF)
 Weltmuseum Wien

Adorno de cabeça
 Makuna-ui, Gualianas, região de fronteira
 Brasil/Venezuela, em torno de 1830.
 Penas, fibra vegetal, C. 54 cm.
 Col. Natterer
 O adorno de cabeça é constituído de 15
 bandanas com penas vermelhas e negras de
 rabo de tucano e 10 penas de asa de jacutinga. O
 modo exato de usá-lo não
 aparece documentado, mas provavelmente
 essas bandanas com penas também fossem
 presas a um anel de cabeça trançado. (CA)
 Weltmuseum Wien







Cinto usado em dança.

Avá-Canoeiro, leste do Brasil,
em torno de 1821.

Lã vegetal, garra animal, sementes,
C. 141,5 cm.

Col. Pohl.

Acerca dos Avá-Canoeiro, Pohl observa o seguinte: "Estes constituem uma das tribos mais numerosas, mais selvagens e mais cruéis; são de constituição robusta, guerreiros, implacáveis, obstinados até a morte em seus propósitos, não perdoam jamais. [...] Com olhos invejosos, os colonos olham constante e genericamente para as posses dos índios, de cuja apropriação esperam grandes riquezas. Ouvia-se com frequência a queixa de que os índios, que afinal de contas já haviam deixado para trás boa parte do Brasil, continuavam possuindo as melhores terras e precisavam ser exterminados [...] Por isso não é de admirar que os pobres índios também tomem suas medidas para garantir a própria segurança, medidas essas que objetivam exterminar os inimigos, ou pelo menos mantê-los afastados através do medo e do pavor." (JEP)
Weltmuseum Wien

6. Epílogo

Ao longo dos 18 anos no Brasil, Natterer viu-se por duas vezes diante da ameaça de ver a expedição interrompida por ordem de seus superiores em Viena. Na primeira vez, em 1821, a contingência da doença de Sochor em Ipanema e a substituição do embaixador von Stürmer no Rio favoreceram sua permanência. Mas na segunda, em 1826, Natterer simplesmente tomou uma decisão que, embora logisticamente correta (retornar pelo Pará), chegaria a Viena como um “fato consumado”, ou seja, como desobediência aberta. Três anos depois, em 1829, o naturalista expressou ao irmão o temor de que sua ausência prolongada o desprestigiaria perante as autoridades.

“Se minha decisão for desaprovada em Viena, se meus passos, que almejam tão-somente o embelezamento do Gabinete, forem mal-compreendidos, e se, ao invés de recompensa, ou talvez melhor, ao invés de expressões de satisfação eu tiver que esperar descrédito quando algum dia chegar a Viena, então eu lhe imploro que me avise a tempo. Eu serei então obrigado a me despedir para sempre de você. No Brasil passarei então o resto dos meus dias. Uma pessoa sozinha só precisa de um pequeno pedaço de terra para viver, a terra dá em abundância quando se planta. O Brasil é tão assustadoramente grande, e como custa pouco em muitos lugares uma milha quadrada. Quero terminar os meus dias em paz.”³⁴

Dois anos depois, os preconceitos do naturalista relativos à gente simples não o impediram de se casar com a brasileira Maria Josepha do Rego (1807-1837), proveniente de Barcelos (AM). Pouco se sabe sobre as circunstâncias deste casamento, realizado em 1831. Com Maria Natterer teve três filhos, dos quais apenas sua filha, Gertrude, teve vida longa (1832-1895). Dois anos após seu retorno a Viena, o naturalista relata a morte prematura da esposa.

“Em 30 de março de 1837 ela deu à luz um menino saudável. No fim da gravidez ela teve dores o tempo todo no lado esquerdo, na região do diafragma. O médico não quis lhe aplicar sangrias, mas após o parto a situação piorou. Sobreveio-lhe uma forte tosse, e recebeu-se uma tuberculose. Tive que ir no final de agosto a Karlsbad, e a enviei para o campo. (...) [Q]uando retornei em 2 de agosto de Karlsbad ela estava acamada e pior. A tuberculose estava formada, e avançava rapidamente. Ela emagreceu a olhos vistos, e em 8 de dezembro a infelicíssima partiu, que me seguiu até aqui para encontrar uma morte prematura em nosso clima hostil. 3 meses depois seguiu-lhe o meu menino com pneumonia, surgida por negligência da ama. Agora eu só tenho a pequena Gertrude, a brasileira (...)”.³⁵

No final de 1835, ano da morte de Francisco I, o Gabinete de Objetos Naturais foi reorganizado e todas as vagas para curadores foram reocupadas, sendo que Natterer não ocupou nenhuma delas. Em carta a Rochus Schüch, bibliotecário que acompanhara Leopoldina ao Rio de Janeiro e então professor de D. Pedro II naquela cidade, o naturalista lamenta o seu desprestígio.

Dois adornos para o occipício
(*baatsch*, “garça”).

Bororo da Campanha (Biriboconné),
Rio Paraguai, Mato Grosso, Brasil, em
torno de 1825. Penas, algodão, fibras
vegetais, c. máx. 48 cm.

Col. Natterer

Johann Natterer descreve o modo de usar
esses adornos de cabeça, feitos de penas
de garça e aves de rapina, conforme segue:
“primeiro os cabelos são presos na parte
de trás da cabeça, depois adornos de pelos
de cavalo amarrados ali, e depois são
fixados no feixe vários desses adornos
em penas com as penas arranjadas
verticalmente, como se fosse a auréola
de um santo.” Entre os Bororo Orientais
do séc. XX, a posse de adornos com pena
de garça (*bulle ariareu*), semelhantes aos
baatsch dos Bororo da Campanha,
era privativo aos homens do clã *Iwagúdu-
Dóge*. (CF)

Weltmuseum Wien

34 Johann Natterer a Joseph Natterer, Borba,
21/28 de dezembro de 1829, Biblioteca da
Cidade e do Estado de Viena.

35 Johann Natterer a Johann Carl Hocheder,
30 de dezembro de 1838, Biblioteca da
Cidade e do Estado de Viena.



"Aqui no Gabinete tudo permaneceu inalterado (...) e eu sou assistente de curadoria junto a meu irmão – nada mais. Eu segui um longo caminho de 34 anos de serviços prestados ao imperador, e de uma penosa viagem 18 anos no Brasil, onde perdi minha saúde e pus frequentemente minha vida em risco. O Dr. Pohl foi nomeado há pouco curador, embora nunca tenha servido em nosso Gabinete, e ganhou bonificações pessoais, e recebeu ainda do governo bras[ileiro] a Ordem do Cruzeiro do Sul." ³⁶

Mais do que uma invectiva contra Johann E. Pohl, a carta de Natterer expressa o sentimento de abatimento com a clamorosa injustiça que sofreu.

Em 1827, Natterer rascunhara uma carta a Langsdorff, mas riscou uma passagem que, por isso, nunca foi lida pelo destinatário, e que se revelou premonitória:

"Sua Majestade me deu a entender a sua elevadíssima vontade de não prolongar mais do que o necessário minha estadia no Brasil. Teria sido mais adequado fortalecer um tolo como eu, que abandonou a sua felicidade e paz doméstica, seus parentes, para, por amor à história natural, pôr em jogo diariamente num país quente, inculto, sua vida ou sua saúde e envelhecer precocemente sob muitas privações e dificuldades. (...) Infelizmente, porém, a minha dor, o meu lamento íntimo não serviu para nada, pois são frias e sem sentimentos as letras que anunciam o meu destino." ³⁷

Até a sua morte, em 1843, o grande colecionador recebeu mais demonstrações de reconhecimento no exterior do que em seu próprio país, a Áustria.

Dois séculos depois do início da expedição de Natterer, o eclipse deste importante personagem vem sendo rapidamente superado. O livro que o leitor tem em mãos é uma prova desta superação.

³⁶ Johann Natterer a Rochus Schüch, Viena, 27 de março de 1839, Biblioteca da Cidade e do Estado de Viena.

³⁷ Johann Natterer a Georg Heinrich von Langsdorff, Vila Bela de Santíssima Trindade, 23 de setembro de 1827.

Duas correspondências de Natterer

Johann Natterer a Karl von Schreibers [rascunho de carta]

20-28 de fevereiro de 1831 / 22 de agosto de 1831

Marabitanas [São José de Marabitanas] / Barcelos [Barcellos]

Arquivo do Weltmuseum Wien.

V[ossa] E[minência] deve estar supondo, baseado no meu último plano, comunicado em Borba em 29 de junho do a[no] p[assado], que me encontro agora no alto Amazonas junto à fronteira com Quito. Entretanto várias circunstâncias me obrigaram a modificar o meu plano e a escolher provisoriamente os rios *rio Negro*³⁸ e *rio Branco* como destino para minhas pesquisas; e agora estou ao ponto mais ao norte das possessões brasileiras junto ao *rio Negro*³⁹, na fronteira com a Colômbia⁴⁰.

Por conta de um mal-entendido a barca determinada para o meu transporte de Borba até a *Barra do Rio Negro* só chegou a Borba em 20 de agosto. Em função da chegada de um comerciante de Mato Grosso no dia 23 e de algumas cartas que dele recebi, que me tomaram um dia, o⁴¹ dia 24, para responder⁴², minha partida foi adiada para o dia 25, no qual finalmente eu deixei Borba. A barca tinha dois mastros, poucos remadores, apenas 5, e o *rio Madeira* neste mês já estava bem baixo; e corria muito lentamente, de modo que nós só avançamos pouco.⁴³ Somente quando está com o nível da água alto, no meses de fev[ereiro] e março, ele corre rapidamente, carregando consigo então um número imenso de troncos de árvores que seguem a correnteza em uma fileira quase ininterrupta – daí o nome Madeira.⁴⁴ São habitualmente troncos de cedro vindos do alto Madeira, e muitos vêm do *rio Mamoré*. Estes troncos ficam acumulados em grande desordem uns sobre os outros em grandes bancos junto às cachoeiras, principalmente abaixo de *Salto Theotônio*. Com frequência, quase diariamente⁴⁵ chegavam pequenos bandos de grandes andorinhas-do-mar, *ster[na] flavirostris magnirostris* Ill,⁴⁶ sentados nestes troncos que, repelidos pelos bancos de areia sob a água, rumavam lá para as correntes do Amazonas. Por vezes patos e outros pássaros também passavam carregados. O rio era ocupado nos dois lados por escassas casas e plantações cujos habitantes eram de Borba. Nós viajamos pela noite.⁴⁷ Na manhã do dia 26 eu estava diante da Ilha Uachinin, onde fica uma *malloca* dos índios Muras. *Malloca* significa um conjunto de várias choupanas, frequentemente só 3 ou 4. O dia inteiro o vento soprou contra. Por isso a viagem ia muito lentamente. À noite aportamos em Murúmurútuba, uma *malloca* de índios Mundurucus, e meu guia, um soldado da *Barra*,⁴⁸ quis alguns para embarcarem e remarem, mas não conseguiu, e nós retomamos a viagem pela noite. Antes de romper o dia 27 encontramos do lado direito o braço do Madeira que no mapa de Arrowsmith se chama Furo dos Topinambaranas. Aqui ele é simplesmente chamado de Paraná-mirim da Canomá. Na época de chuva ele corre muito rápido para o leste e recebe os rios Canomá, Abacaxi e Maué, cujas margens são habitadas por Mundurucus e Maués.⁴⁹ A Ilha Maraiá fica à esquerda,⁵⁰ e mais tarde aportei na propriedade do presidente da Câmara de Borba, Manoel Ferreira de Faria, um europeu e novo amigo. Ele tem grandes plantações de tabaco que cultiva com índios que buscou no *rio Jupurá* e *rio Branco*. Ele tem um hábil atirador de zarabatana da nação Jurúpichuna – de cara preta, porque tatuam de preto a região em torno da boca, alguns até embaixo dos olhos.

38 Para reproduzir com a máxima fidelidade o rascunho de carta original, grafiei aqui em itálico todas as palavras escritas por Natterer originalmente em português. Conservei sua grafia original, além da grafia dos nomes de lugares, rios e etnias indígenas [Nota do tradutor, L.M.]

39 junto ao rio Negro acrescentado sobre a linha

40 segue ou da província, hoje estado da Venezuela, riscado

41 um dia, o acrescentado sobre a linha

42 segue às mesmas, riscado

43 de modo ... pouco acrescentado sobre a linha

44 daí ... Madeira acrescentado sobre a linha

45 quase diariamente acrescentado sobre a linha

46 magnirostris Ill. acrescentado sobre a linha

47 Nós ... pela acrescentado sobre a linha

48 meu ... Barra acrescentado sobre a linha

49 segue Logo em seguida fica, apagado

50 fica à esquerda acrescentado sobre a linha

Na manhã do dia 28 estávamos ainda a pouco menos de 3 milhas da foz. As plantações eram então muito raras. Surgiu então um vento fraco e favorável com o qual lentamente velejamos adiante. Próximo à foz abriu-se uma bela paisagem sobre o rio Amazonas, que se estendia em direção ao leste como uma baía no mar;⁵¹ apenas nas duas laterais o horizonte delineava-se na moldura azulada e distante dos cimos das florestas. O rio Madeira, largo neste trecho, tem em sua foz uma ilha rasa sobre cujos bancos de areia as grandes tartarugas botam os seus ovos. Nós aportamos na margem esquerda, na foz do rio bem próxima ao rio Amazonas, que em sua rápida correnteza lá se ia retorcendo suas ondas. Aqui havia muitos golfinhos, especialmente do tipo pequeno, mas que eram muito difíceis de serem arpoados. Tive que pernoitar aqui, porque o guia já voltara a caçar um dia inteiro. De madrugada fomos visitados por uma quantidade incrível de enormes mosquitos, que foram insuportáveis em todas as noites no rio Amazonas. No dia 29 finalmente apareceu o soldado, e ingressamos no torrencial rio Amazonas. Os remadores pouco ajudavam. Nós rumávamos pelo lado norte, na margem de uma ilha comprida, *Ilha dos Macacos*, e pernoitamos defronte à foz do rio Uautá.

No dia 30 o navio foi puxado pela corda; ou seja, uma longa corda é levada por canoa até adiante e amarrada na ponta de uma árvore, e levada de volta ao navio, sobre o qual é então puxada até que se alcance a ponta fixada, onde o navio é amarrado para que a corda seja novamente levada. Pode-se facilmente imaginar como a viagem fica lenta dessa forma. Com um vento fraco alcançamos novamente a margem ao sul, e pernoitamos defronte à ponta ocident[al] da *Ilha dos Macacos*.

No dia 31 tivemos um fraco vento do leste, que em seguida ficou mais forte. O rio, de grande largura, era aqui um trecho sem ilhas, e a margem ao n[orte] continuava bem alta e ocupada com florestas. Ao norte ficava a Matari, uma missão de Muras, com uma capela mantida a partir de Serpa. Nós velejamos então em direção à margem ao norte, onde o rio possuía uma cor marrom-escuro. É que a água era do rio Negro, que somente na região de ⁵² Serpa perde completamente sua cor. Aqui já havia fazendas, sítios ou plantações pertencentes a Serpa. O rio Amazonas estava baixo, e com frequência passavam flutuando ilhas maiores e menores compostas por vegetação alta de espécie de caniços, não raramente acompanhadas de trichechus para os quais esta vegetação é alimento. Com o forte vento do leste, o rio levanta ondas altas, mas basta o vento sossegar que o fluxo torrencial deste rio torna a superfície lisa. Muito perigosa é a viagem às margens nos muitos lugares onde elas são feitas de terra represada movediça e que, desgastadas por baixo pelo rio, desmoronam junto com árvores que ali se enc[ontram], afundando navios e gente, dos quais são narrados muitos exemplos.

Na tarde de primeiro de setembro nós passamos por um trecho pantanoso sobre uma ilha onde havia bandos de oriolus icterophalus e alguns poucos oriolus semelhantes ao or[iolus] flavus, cujo amarelo magnífico chamava a atenção de longe. Um friso largo em torno dos olhos, o entorno do bico e uma parte da sua face não têm penas, é enrugada e de cor preta. Os dois tipos de pássaros são os únicos com os quais aumentei a minha lista de espécies ⁵³ nesta curta viagem. Alternando a viagem a vela, a remo ou a corda alcançamos no dia 5 uma grande ilha, *Ilha do Lago Real*, porque nela fica um grande lago ligado ao rio. Viajamos lá para o lado n[orte] da ilha. No dia 6 passamos pelo desembocadouro do lago, onde havia uma feitoria para salgamento e defumação de pirarucus. Ali em frente à margem do Amazonas começava a ficar mais alta e com elevações, e avistavam-se várias fazendas. Lá havia também uma barca que velejava para o oeste. À tarde alcançamos a Ilha de Puraquéquara, que deixamos ao norte passando entre ela e a *Ilha do Lago*. Quase todos os dias podiam se ver muitos golfinhos, principalmente da pequena espécie lucuschi, e também tartarugas.

51 melhorado de um mar

52 que ... de acrescentado sobre a linha

53 Na sintaxe do original alemão, aqui impossível de reproduzir, o verbo *aumentei* aparece riscado e escrito em outro lugar, indicando que Natterer ampliou a frase acrescentando *nesta curta viagem*. [L.M.]

No dia 8 estávamos novamente no grande rio, mas sempre junto à margem norte da ⁵⁴ *Ilha do Lago*, e avistamos com o romper do dia lá longe a oeste a foz do rio Negro, mais tarde a *Ilha de Maracatá*, já no interior da foz. O rio Negro tem somente um desag[ua]douro. Tanto a *Corografia Brasilica* quanto o mapa de Arrowsmith se equivocam quando lhe atribuem dois desag[ua]d[ou]ros. Logo elevou-se um vento favorável do Leste, com o qual velejamos até a margem ao n[orte], que é escarpada, ocupada por escassas choupanas ou casas de campo. Atravessamos uma forte correnteza a plenas velas, isto é, com as duas velas que a barca possuía. À esquerda finalmente estava a extremidade da *Ilha do Lago*, e um pouco mais adiante a *Praia do Catalão*, que é a extremidade da margem direita do rio Negro, que então adentramos. A água era muito escura, quase preta quando vista de cima. Aproveitamos o vento e aportamos somente às 11 horas junto a uma casa de campo para ⁵⁵ aprontarmos algo para comer. É estranho que aqui, tão próximo ao rio Amazonas, e em todo o rio Negro não se veem mosquitos. Em muitos lugares existem *piun*, conhecido em outras províncias sob o nome de *boranudo*,⁵⁶ e *maruin*, já enviado com o nome *barigui* de Paranagua, e *mutuccas* (moscardos que picam), mas somente de dia. As noites passam-se tranquilas. À tarde içamos as velas e logo chegamos a *Lugar da Barra*, construído sobre várias colinas na margem esquerda do rio Negro. Um pequeno forte, construído com pedras sobre um morro rochoso junto à margem, mas bem decadente, defende a entrada com 16 canhões. O rio aqui é muito largo ⁵⁷ e corre com extrema lentidão. Somente acima de Barcellos ele possui uma forte correnteza. Fui recebido de modo extremamente amistoso, tanto pelo comandante militar, coronel Joaquim Felipe dos Reys, como também pelo *ouvidor geral*, Manoel Bernard[ino] de Souza e Figueiredo, e excelentemente tratado por ambos durante a minha estada. Para minhas viagens seguintes era necessária somente uma pequena barca, e embora aqui existisse um comércio bem grande de pirarucu salgado, banha de ovos de tartaruga, farinha e salsaparrilha, e piaçava, fibra de um tipo de palmeira com a qual se confeccionam cordas e cabos,⁵⁸ não consegui encontrar uma barça à venda, pois as mesmas se encontravam em viagem aos bancos de areia do a[lt]o rio Amazonas, aqui chamado de rio Solimões, para o cozimento de banha, ou às suas baías ou lagoas, para o salgamento de peixe. O *ouvidor*, vendo os apuros e o atraso de minha viagem, dispôs-se a me emprestar uma barca do erário público, e decidiu, por fim, me vender a mesma. A equipagem dela também me tomou algumas semanas, de modo que eu só fiquei preparado para velejar no início de novembro. Era já o início da época das chuvas e o rio Amazonas estava enchendo, de modo que encontrei acima de Ega já tudo inundado, e por conta da grande correnteza eu teria certamente que levar de 3 a 4 meses até Tabatinga. Homens experientes me desaconselharam esta viagem, principalmente o co[ronel] Zany, que já havia viajado pelos dois rios. Ele me aconselhou a percorrer de preferência o rio Negro, pois sua água sobe mais tarde e nunca tem correnteza forte. *Coronel* Zany, natural de Livorno, somente chegou a *Barra* poucos dias antes de minha partida, e muito doente com uma feroz malária. Suas coleções estavam em sua fazenda Manaqueri ⁵⁹ junto ao rio Amazonas. Na própria *Barra* ele tinha poucos pássaros. Entre estes vi pouca novidade. O mais notável era um grande e magnífico trogon, que devia existir também naquela localidade, mas que eu nunca tive a sorte de obter. Ele mandava empalhar completamente os seus animais, e com esta finalidade levou consigo um empalhador em sua última viagem ao Rio de Janeiro.

54 segue ilha em alemão, riscado

55 segue aqui, riscado

56 segue conhecido ... boranudo acrescentado na margem inferior da página

57 segue e a margem direita fica fora do alcance de tiro dos canhões, riscado

58 e piaçava ... cabos acrescentado na margem inferior da página

59 melhorado de Manacori

Durante minha estadia na *Barra* eu obtive 23 espécies de pássaros (que ainda não possuía),⁶⁰ entre as quais *psophia crepitans*. As *psophias* enviadas de Borba são definitivamente de espécies distintas que não existem aqui, mas talvez na margem sul do Amazonas. Um *corvus*, semelhante ao *cyanus*, *todus regins*, *bucco calcaratus*, *melanoleucos*. De mamíferos, um *molossus* novo e uma espécie de sagui com cara e orelhas, parte de trás da cabeça, pescoço e peito calvos e pretos; e desta região uma⁶¹ listra pontiaguda num belo branco que desce do peito até a barriga⁶², bem como ombros e patas dianteiras. O restante da parte superior do corpo é cinza-amarronzado e misturado a tons pretos; o lado superior da cauda é preto, o inferior e a ponta, além do restante da barriga e o lado interno das patas traseiras, são de cor ocre. *Cavia acuschy*.⁶³ De anfíbios apenas um lagarto de 4 pés e *amphisbaena fuliginosa* que habita as casas.

Na manhã do dia 5 eu pude finalmente deixar a *Barra*. Um vento favorável do leste permitiu o uso⁶⁴ da vela que conduzia a minha barca, e logo passamos por Taruma, onde um antigo governador mantinha em sua propriedade uma plantação de caneleiras e de puxuris. Logo caiu uma forte chuva que se estendeu até a madrugada.

No dia 6 o rio estreitou-se e cobriu-se com muitas ilhas rochosas; ambas as margens eram tomadas por florestas quase sempre com uma orla rochosa e bancos de areia contíguos, porque as águas do rio estavam baixando. Acima desta região, denominada Cajútuba, o rio expande-se consideravelmente e encontra-se coberto de muitas ilhas com florestas. Nós seguimos então pela margem direita ou junto às ilhas ali defronte. Regiões com muito pouca coisa para caçar, viam-se no máximo alguns patos de espécie número 701 ou alguns cormorões. Mesmo jacarés, tão abundantes nos rios Amazonas e Madeira, são raros aí. Somente no dia 9 obtive o primeiro pássaro novo, um colibri muito semelhante ao s[...] *viridissimus*. A margem direita era quase sempre escarpada, com florestas baixas e escassas casas camponesas, orlada por⁶⁵ frequentes depósitos de arenito vermelho. Não se podia mais ver a margem esquerda, ela encontrava-se encoberta pelas muitas ilhas. No dia 13 foi finalmente abatido a tiro um novo *psittacus*, semelhante ao *aeruginosus*.

No dia 14, durante a parada para o desjejum sobre um grande depósito de arenito vermelho, eu ouvi uma estranha voz de pássaro semelhante ao rangido de um catavento velho e enferrujado. O pássaro era chamado de *gainambé*, que ninguém conseguiu capturar. Somente em Barcellos ele foi abatido, e nele eu reconheci a *ampelis carunculata*. Na tarde do mesmo dia passamos pela⁶⁶ pequena localidade de Airão, que consistia em 9 a 10 casas cobertas com palha de palmeira e uma igreja. Nós seguimos ainda até a foz do *rio Jau* nas proximidades, onde tivemos que parar por causa de uma tempestade que se aproximava. Quase não havia um dia em que não caísse uma ou várias tempestades.

60 segue espécies, riscado

61 desta região uma acrescentado sobre a linha

62 até a barriga acrescentado sobre a linha

63 *Cavia acuschy* acrescentado sobre a linha

64 o uso acrescentado sobre a linha

65 segue muitos, riscado

66 melhorado de diante da

No dia 16 uma correnteza entre rochas deu muito trabalho. À tarde,⁶⁷ depois de muito tempo tornou-se novamente visível à nordeste a margem esquerda do rio. No dia 17 ofereceu-se uma nova espécie de macaco, com rabo muito peludo e notoriamente curto. É chamado aqui de *vacary*. Não sei se já se encontra descrito, mas devo supô-lo. Já que ele aparece em região ao norte tão distante como Marabitanas, é possível que possa então ser também encontrado junto ao Orinoco. Os dentes caninos são muito grandes e virados para fora, bem afastados dos dentes desalinhados da frente, dos quais os inferiores são muito compridos. Na nuca todos os cabelos da cabeça apontam para a frente e formam sobre os olhos uma viseira; espessa barba nas faces, toda a parte superior do corpo forte e com pelos longos, especialmente na parte superior das costas e dos braços, pelos de mais de 4 polegadas. Rabo muito peludo, com mais densidade e força na ponta; esta possui graduações.⁶⁸ Comprimento total até o rabo de 2 pés, 1 11/12 polegada, rabo a partir do ânus de 6 polegadas. Pretos são a cabeça, a metade inferior e o lado interno da parte superior dos braços, antebraços e mãos, bem como a metade inferior das panturrilhas e dos pés. De cor ocre bem claro são as costas, a parte superior dos braços, que transitam na parte inferior das costas para uma cor ocre escuro. Rabo, coxas e metade superior das panturrilhas com marrom-castanho. As partes escuras da face e orelhas são pretas. Vários têm a parte superior dos braços totalmente preta e toda a parte superior do corpo marrom-castanho claro.⁶⁹

O rio estava coberto de muitos bancos de areia que nos obrigaram a fazer um grande desvio. No dia 18 chegamos à *Villa de Moura*, antigamente chamada de *Pedreira*. A margem consiste de grandes blocos de granito avermelhado. Esta *Villa*, como todas as seguintes, fica na margem direita do rio e consiste em aproximadamente 30 a 40 casas⁷⁰ cobertas com folhas de palmeira – muitas são choupanas miseráveis, em parte semidesabadas – além de uma igreja. Eu subi à terra firme para procurar o juiz para quem eu tinha uma ordem, mas não o encontrei, pois se encontrava numa plantação. Somente estava o comandante de uma pequena milícia composta por índios. Aqui, como em muitos outros lugares do *rio Negro*, confeccionam-se redes belamente trabalhadas de fios de fibras de folhas, de palmeiras *meriti* ou de palmeira *tucum*.

No dia anterior passaram por aqui com bois vivos as duas grandes barcas vindas do estabelecimento imperial de gado no alto *rio Branco* e destinadas à *Barra*. Por conta de uma viagem de 15 dias é comum os bois chegarem magros à *Barra*, onde os pastos também são poucos, para se restabelecerem. Estas barcas fazem somente duas viagens por ano, e a consequência é que na *Barra* só raramente se obtém carne de boi fresca. O então *ouvidor*, para sanar esta carência, montou já 2 expedições ao interior para descobrirem áreas de estepe nas proximidades da *Barra*; entretanto, por inépcia dos guias ambas foram infrutíferas. Partimos ao meio-dia e pernoitamos numa ilha comprida, onde de madrugada 2 índios escaparam, (...) o que frequentemente deixa o chefe do navio inteiramente só. Por sorte não me roubaram nenhuma das canoas de caça. No dia 19 à tarde aterrisamos em um [garapé] [sic] (assim são chamados pequenas ribeiras, com frequência simples poços de água), onde os tripulantes cataram folhas de palmeira para melhor cobrirem o navio, pois chovia por todos os lados.

67 segue finalmente, riscado

68 segue quase como um [...][...], riscado

69 Comprimento total ... marrom-castanho claro acrescentado na margem inferior da página seguinte

70 segue ou choupanas, riscado

Na manhã do dia 20 a foz do *rio* Branco encontrava-se ao norte. Mais tarde encontramos uma grande barca que seguia remando com lentidão perto da outra margem. Eu rapidamente escrevi uma carta ao com[andante] da milícia em Moura e informei-lhe sobre a fuga dos índios, pois um tinha dívida comigo, e a enviei à barca, e soube que ela vinha de Barcellos e pertencia ao coronel Zany, carregada com piaçava, farinha e algodão. Com vento e chuva fortes chegamos à noite entre as muitas ilhas rasas na aldeia *Carvoeiro*, que consistia em algumas choupanas decrepitas. No máximo 2 casas parecem ter alguma ordem. Em vão procurei um *juiz de julgado* ou comandante de milícia para arrumar gente para mim. Todos estavam ausentes, em plantações a vários dias de viagem de distância, e somente dois habitantes masculinos estavam presentes. Com um eu negocieei algumas tartarugas.

Após uma viagem contínua entre ilhas alcançamos no dia 26 o solo firme da margem direita. No dia 27 estávamos abaixo de Poiares. Por volta do meio-dia chegou do nordeste uma tempestade com forte vento, que aproveitamos para avançar a vela. Às 2 horas nós passamos por Poiares, uma pequena aldeia inteiramente decrepita, ainda composta por pouquíssimas casas restantes. A margem aqui é alta e íngreme; uma passarela comprida de troncos de árvores desce de lá até o rio. Nós pernoit[amos] muito depois dali numa margem extremamente alta, onde de madrugada passou um peq[ueno] grupo de juparás pulando de uma árvore para outra.⁷¹ Este animal é descrito pelas pessoas como uma espécie de macaco. Embora estivesse claro como a lua, não conseguimos abater nenhum com tiro. Somente em *Santa Isabel* um desses animais chegou à minha mão, e eu vi que era um viverra caudivovula. Durante o dia ficam habitualmente escondidos e quietos.

No dia 29, finalmente chegamos sob uma forte chuva à *Villa de Barcellos*, situada sobre uma margem muito alta e íngreme. Esta *Villa*, agora em grande decadência, fora outrora o local central da ⁷²*Capitania do Rio Negro* (agora rebaixado para *commarca*) e a residência do governador. Dos antigos edifícios existentes, tais como o palácio do gov[ernador], a grande caserna, o grande edifício onde se realizaram as conferências dos comissários espanhóis e portugueses para a delimitação das fronteiras de ambos os domínios, e de muitas outras casas particulares, restaram apenas as fundações e algumas estacas. Sob o governo de um certo Gama transferiu-se a residência para o *Lugar da Barra*, e esta foi a causa da completa decadência desta *villa*, que há 30 anos ainda era bem próspera, e de todas as demais *villas* e lugares às margens do *rio* Negro. A isso somou-se o mau tratamento aos índios e, por conseguinte, a evasão para as florestas ou para outro lugar, e a completa carência de religiosos em todos os lugares do *rio* Negro, o que consumou a completa decadência e despovoamento desta parte da província. Na margem do rio encontram-se ainda as partes de 2 obeliscos de mármore (*marcos*) que não puderam ser transportados para a fronteira no interior por causa de seu grande peso, exatamente como aqueles que eu vi abaixo da foz do Jaurú junto ao rio Paraguay.

Aqui eu completei minha tripulação e prossegui viagem no dia seguinte. O rio aqui, como de hábito, é tomado por muitos insetos e deve ter uma tal largura que é necessário um dia de viagem para se chegar à ⁷³margem esquerda. Em muitos pontos de parada e mesmo durante a viagem junto à margem fomos importunados por uma grande quantidade de pequenas abelhas que rastejavam sobre o rosto, principalmente sobre os olhos, nariz e buracos dos ouvidos, e que, ao que parece, sorviam o suor. Elas não picam, mas são tremendamente importunas.

71 pulando ... para outra acrescentado sobre a linha

72 segue província e residência do governador, riscado

73 segue outra, riscado

Na tarde de 3 de dezembro⁷⁴ passamos pela localidade de Moreira, igualmente situado sobre uma margem alta, íngreme e avermelhada; o acesso até lá era por passarelas em forma de escadas. O lugar consistia em mais de uma dúzia de casas bem-conservadas e 3 de construção recente, além de uma simpática igreja coberta com telhas. Os habitantes são Manaos, Barés e Jurupixunas. Nos dias 4 e 5 viagem entre ilhas e bancos de areia sobre os quais ficamos frequentemente sentados. Só raramente se avistavam por ali algumas andorinhas-do-mar ou aves de bico recurvo; não se viam patos ou pelicanos, nem sequer os pássaros mais comuns. Todas as margens e ilhas pareciam sem vida. No dia 6 alcançamos finalmente pela manhã Thomar, a última⁷⁵ villa neste rio e em decadência como todas as outras. Estava acontecendo naquele momento a última sessão da *camara municipal*. Além do presidente, nenhum *vereador* sabe ler ou escrever. Buscaram o *juiz ordinario* para quem eu tinha uma carta, mas ele não sabia ler e tiveram que chamar o *escrivão*,⁷⁶ que é também *escrivão* para a *camara*, para o *juiz ord[inário]* e para o *juiz da paz*. Estas pessoas tiveram notícia de minha espingarda de ar-comprimido e pediram que eu lhes mostrasse a mesma. Eu a fiz buscar no navio e dei um tiro em uma tábua, que os deixou muito admirados. O rio subiu consideravelmente desde Barcellos; ele aqui ainda é muito largo por causa das muitas ilhas e do terreno plano, deve ter 2 milhas de largura. Defronte à margem esquerda fica a foz do rio Padaviri, onde se obtém muita salsaparrilha e piaçava; estas coisas existem nas florestas, mas não se avançou tanto a ponto de as cultivarem em plantações.

No dia 7 alcançamos Lamalonga, um lugar pequeno e decadente com aproximadamente 20 a 30 casas. Tudo estava abandonado. Os poucos habitantes encontravam-se em suas casas de plantação, somente um porco esfaimado e 3 vacas eram os donos. Uma tempestade do norte obrigou-me a permanecer aqui algumas horas. No dia 8 a viagem seguiu ainda durante algum tempo pela margem direita e passando por escassas choupanas de camponeses. O meu negro abateu a tiros 3 porcos, taitetu; isso foi muito bem-vindo, já que a comida habitual consistia quase⁷⁷ sempre⁷⁸ em pirarucu salgado e seco. Logo estávamos viajando entre ilhas, pois o caminho ia então em direção à margem esquerda.

Na manhã do dia 9 avistou-se a margem esquerda, e, por cima dos cumos de sua floresta ao norte-noroeste, 5 picos de montanhas muito distantes, os primeiros desde a partida da Barra. Elas fazem parte de uma serra pela qual passa o rio Padaviri. À tarde apenas um estreito braço nos separava ainda da margem esquerda; aqui e ali já se viam junto à margem veios de granito. Em 10 de dez[embro] completamos a ida à margem esquerda, terra firme, mas bem baixa, ocupada por escassas choupanas de camponeses, e logo chegamos à residência do comandante da brigada ligeira de toda a parte sup[er]ior do rio Negro, *tenente coronel* Julio Manoel da Fonseca Paixão. Ela fica no alto sobre a ladeira de uma jazida avermelhada de granito, coberta com palha de palmeira como as outras choupanas. Ele me presenteou com 3 zarabatanas dos índios do rio Padaviri, entre as quais uma medindo 10 pés e 3 3/4 polegadas de comprimento. São feitas de um tronco escavado de uma pequena espécie de palmeira, dentro da qual é enfiado e fixado um outro tronquinho escavado da mesma espécie. Quase todas as nações no alto rio Negro e seus descendentes mansos servem-se desta arma com as pequenas flechas envenenadas como as que já enviei. Na serra junto ao Padaviri e, como parece, em todas as serras próximas ao equador encontra-se o magnífico galo-da-serra pipra rupicola, muito cobiçado para ser esfolado por conta de suas belas penas com as quais se enfeitam as redes. Das penas do dorso deste pássaro o *coronel* Zany confeccionou o manto imperial para Dom Pedro, composto anteriormente de pescoços de tucanos. Para esta finalidade ele consumiu 200 galos-da-serra que mandou⁷⁹ buscar das serras junto aos rios⁸⁰ Padaviri, Marauíá, Cavabury e Marié.

74 acrescentado sobre a linha

75 a última acrescentado sobre a linha

76 segue da camara, riscado

77 segue apenas, riscado

78 acrescentado sobre a linha

79 segue no dia 11, riscado

80 aos rios acrescentado sobre a linha

O rio Negro então estreitou-se, e em vários lugares já se avistava a outra margem. Vez por outra sobressaíam ali veios de granito. Sobre um destes picos rochosos semelhantes a um ⁸¹ banco de areia encontrava-se um bando de mais de 500 bacuraus número 780 que chamei de cap[rimulgus] temminkii, que, espantados pelo navio, a distância assemelhava-se a um bando de pequenas andorinhas-do-mar. Desde as cachoeiras do rio Madeira que eu não via estes bacuraus. As florestas eram mais abundantes deste lado, e vários novos pássaros foram descobertos como uma bela gralha, or[iolus] chrysocephalus, um belo papagaio como o psitt[acus] accipitrinus, o magnífico verde-dourado que vi junto ao s[enhor] Zany, e uma rara pipra cujas penas das caudas laterais terminam numa ponta longa, sem rebarbas, peluda; fronte proeminente, penugem do bico, faces, pescoço dianteiro e peito bem [...] amarelos, coroa, nuca e dorso superior vermelho-carmim amarelado com brilho sedoso; demais penas das costas, das asas, da cauda e da cauda inferior pretas. Comprimento de 7 polegadas, largura de 8 polegadas. A cauda sobressai 2 1/4 polegadas além da extremidade das asas. Aqui e ali havia choupanas de camponeses junto à margem, e o rio ficou quase sem ilhas.⁸² No dia 14 alcançamos a localidade de Santa Izabel junto à margem esquerda, composta ali por grandes massas de granito, aproximadamente 30 casas, muitas desmoronadas, mas algumas em vias de serem reconstruídas, pois com esta finalidade publicou-se uma ordem que abarcava todas as localidades e villas junto ao rio Negro. Até o dia 16 eu tive que esperar por um remador e um piloto, pois aqui já tinham começado as muitas correntezas que exigiam um piloto treinado e experiente, por causa das frequentes rochas exist[entes] no rio. No dia 18 tornou-se visível uma montanha alta a norte-noroeste, que deve estar localizada abaixo do Maçaraby junto à margem n[orte]. Mais a oeste ficava uma peq[ue]na montanha, Morro do Jacaimim, e um pouco mais ao sul o pico de 4 montanhas isoladas, Tajaçu rocca. No dia 19 estas montanhas estavam distantes do rio no máximo 1 1/2 milha ao sul; pareciam consistir inteiramente de massas gigantescas de granito, somente vez por outra cobertas com florestas.

No dia 20 fizemos o desjejum na localidade de São Antonio do Castanheiro Novo, que consistia em uma peq[ue]na igreja e duas casas, e várias sendo construídas. O rio Marauíá fica abaixo da localidade, e não acima conforme o mapa de Arrowsmith. À tardinha passamos a corda por uma forte correnteza, Pirauba coara,⁸³ e pernoitamos em Carmo, um lugar abandonado por causa de uma febre maligna, sobre um veio gigantesco de granito da margem esquerda que se projetava vigorosamente em direção ao rio.

No dia 21 a foz do rio Cavabury ficava à direita, e nós permanecemos numa forte correnteza abaixo de Maçaraby. No dia 22 passamos por esta correnteza e por muitas outras, pois o rio estava pontilhado de rochas, e seguimos rumo à margem direita, onde fica Maçaraby, também denominada de Loreto. Mas abaixo da localidade tivemos que passar por uma cachoeira, o que custou muito trabalho e demandou que o comandante convocasse para ajuda todas as pessoas da localidade. Pouco tempo antes o lugar tinha sido assaltado por um grande número de selvagens da nação Macú; mas, como foram percebidos antes, todos fugiram para uma ilha ali em frente. Mas 4 Macus ousaram rumar numa canoa roubada até a ilha onde foram abatidos. Das armas capturadas eu negocieei um pesado cajado. Desde então as pessoas moram nesta ilha, e somente vão de dia àquele lugar porque os selvagens já se recolheram. Arranjei aqui um novo piloto e fortaleci a tripulação. No dia 23 atravessamos novamente para a margem ao norte, e uma alta cadeia de montanhas chamada Uariu e localizada próxima ao afluente do rio Curicuriau tornou-se visível a oeste. No dia 24 à tarde alcançamos São José, um lugar na margem n[orte] que consiste em algumas casas, ali onde Arrowsmith anuncia São Pedro. Castanheiro Velho, São João e São João Nepomuceno não existem mais, e São Pedro fica na margem direita, cerca de meia milha abaixo da foz do Curicuriau.

81 segue alto, riscado

82 segue mas havia, riscado

83 Pirauba coara acrescentado sobre a linha

No dia 25 o *rio Marié* ficou ao sul, ao meio-dia encontrava-se a sudoeste uma colina comprida e com florestas, Camundé. Longe, a oeste despontou o cume azul de uma montanha alta, isolada e com forma cilíndrica, Supáni, um pouco ao norte e bem perto das 2 montanhas Uariú que se acercavam, cujos cumes ficavam envoltos nas nuvens. No dia 26 finalmente alcançamos *São Pedro* na margem sul, que consistia de camadas de granito. Um lugar miserável onde a própria igreja encontrava-se derruída, com no máximo 6 casas. Aqui tive que esperar por pessoas e um piloto. De lá eu levei também um velho *prático*, muito experiente.⁸⁴ Aqui foi abatida a tiro uma nova pipra, toda preta com o cocuruto azul brilhante.

No dia 29 passamos pela foz do *rio Curicuriau*, de vigorosa correnteza, que tem água ainda muito mais escura e mais avermelhada que o *rio Negro*, em cuja margem direita destacavam-se sobre a floresta muitos cumes pontiagudos e cônicos da serra de Uariú. À tarde tivemos diante de nós a localidade de Camanau (*São Bernardo* no mapa). O rio possuía aqui muitas formações rochosas, parcialmente cobertas com arbustos e repletas de bancos de areia, entre os quais o rio ia rugindo estrepitosamente. Com muito esforço passamos por uma forte correnteza junto à margem esquerda rochosa, sob a residência de um agricultor, e então ainda remamos adiante; mas, com o romper da noite, [por conta das] grandes correntezas e ondas existentes e que ainda tínhamos que superar, permanecemos numa pequena ilha, onde uma grande tempestade vinda do noroeste logo trouxe forte chuva. No dia 30 solicitei pessoas de Camanau, e, reforçados por elas, deu-se então início ao trabalho. A corda foi levada 4 vezes de uma rocha a outra, e assim o navio foi puxado através da ressaca até alcançarmos a margem esquerda e um banco de areia, onde sobre uma pequena elevação fica Camanau, que mal possui 1/2 dúzia de casas. A igreja ali também se encontra derruída. Aqui foi retirada a metade do carregamento do navio, porque era preciso atravessar uma forte queda (*cachoeira*). Por mais de 3 horas as pessoas trabalharam para atravessar para o outro lado, e tiveram que desembarcar o resto do carregamento sobre uma rocha para onde o comandante⁸⁵ ainda enviou uma meia-dúzia de índias⁸⁶ para ajudarem a puxar a corda. O carregamento foi então novamente embarcado, e nós partimos até a foz do Uaianali onde até o pôr do sol trabalhamos para atravessar com 2 cordas; em vão, porque a água estava muito rasa. Nós pernoitamos na parte de baixo, muito intranquilos com o estrépito das ondas agitadas.

No dia 31 mandei levarem a metade do carregamento para acima da cachoeira, e assim hoje deu menos trabalho chegar até lá com o navio. Viajamos então a uma ilha rochosa, Uariúcani; penosamente trabalhamos para chegar à sua margem norte. 5 índios por mim solicitados um dia antes ao comandante da milícia de *São Gabriel* vieram ao nosso encontro. Com muito trabalho, indo de uma rocha para outra com corda, chegou-se novamente à margem n[orte], até a *Cachoeira do Veado* (Çuaçu ritiman) que logo tivemos a sorte de passar. O rio aqui corre muito rápido e está coberto com muitas rochas. A *Cachoeira da Pederneira* ali perto deu por várias horas um trabalho exaustivo, pois o canal estava muito raso e o navio encalhava sempre sobre as rochas.

84 De lá ... experiente acrescentado sobre a linha

85 segue *enviou*, riscado

86 segue *ao navio*, riscado

Em primeiro de janeiro de 1831 superamos a duras penas as ressacas junto a Manau Tapera e de Santarem, e chegamos finalmente à infame *Cachoeira do Cajubi*, um grande, raso e escarpado veio de granito que ⁸⁷ se espraia larga e extensamente ⁸⁸ rio adentro e provoca uma queda d'água considerável com fortes ondas. O navio foi completamente descarregado, e logo içado por uma corda dupla e recarregado. Então sobreveio a corrente do Urú, e em seguida uma maior chamada Matamatá, junto ao barranco de uma colina coberta de canas de flechas. A correnteza era forte e o canal não suficientemente fundo, e cheio de pontas de rochas sob a água. Durante o trabalho o navio foi subitamente impelido em diagonal para cima de uma rocha. Por sorte a corda não arrebentou. Com muito trabalho ele foi desprendido, e finalmente atravessou a corrente em direção a uma outra, a 100 passos de distância, chamada Gainambé. Por sorte também este obstáculo foi superado, e ele foi então de rocha em rocha até a margem esquerda, por nós alcançada à noite.

Ao longo de todo o dia podia-se ver em *São Gabriel* uma montanha mediana, e, mais distante a oeste, uma montanha alta, a Bitipanni ⁸⁹; ao sul já se apresentava a *Serra Uariú* com o Supani em forma cilíndrica. As margens eram escarpadas. Em 2 de janeiro chegamos à *Cachoeira das Furnas*, grandes e altos blocos de granito que recortavam transversalmente o rio ao longo de um trecho considerável. Passamos então ainda por várias correntes menores como Itammon, Arapáçu, Taiassú, Gaiubi. Então o rio tornou-se mais largo e com menos rochas, de modo que se podia remar por um trecho. Bela visão da serra Bitipanni ao noroeste. Passamos então pela antiga localidade de *Nossa Senhora de Nazaret*, onde ainda existia uma casa sobre um morro. Logo podiam se ver ali perto algumas casas de *São Gabriel* sobre um morro, além de um forte. A grande *cachoeira* Crocuy – ou Corocuby – rugia e agitava-se com força, e bloqueava transversalmente o rio. Aportei abaixo dela e fiz saudar a bandeira brasileira do forte com 21 tiros de mosquete. O comandante do forte ⁹⁰, um capitão da milícia ligeira, o juiz e o tenente da milícia ⁹¹ ligeira vieram em minha direção, me receberam de modo extremamente amistoso e me conduziram para dentro da residência do comandante. Ele me ofereceu a mesma ⁹² como moradia, pois não havia outra casa; não obstante, agradei por isso e retornei à noite ao navio. No dia 3 minha barca foi descarregada, e o carregamento foi levado para além da Crocuy, e o navio foi puxado com uma corda dupla sobre a *cachoeira*, que possuía uma queda d'água consid[erável]. Para esta finalidade o comand[ante] havia enviado muita gente, tanto homens como mulheres, aos quais servi aguardente. O navio foi novamente carregado e conduzido até pouco antes do forte, e sobre um lugar seg[uro] para aportar. O forte, construído com pedras, fica sobre uma colina considerável com núcleo de granito; é um peq[ueño] triângulo sem fossos e bem baixo, tem apenas 7 canhões de ferro, a maioria sem cavaletes; dá cobertura ao rio.⁹³ O batalhão é composto por somente 7 homens. Sobre esta e algumas outras colinas contíguas ficam aproximadamente uma dúzia de casas. A igreja, que não possui uma porta, fica entre a casa do com[andante] e o forte.

87 segue um grande, riscado

88 larga e extensamente acrescentado sobre a linha

89 acrescentado sobre a linha

90 do forte acrescentado sobre a linha

91 o juiz ... ligeira acrescentado sobre a linha

92 acrescentado sobre a linha

93 dá cobertura ao rio acrescentado sobre a linha



N.Y.B.G. Neg. No. NS-4207

JOHN. HERB. PALAT. VINDOB.
SCHOTT ARVIDEAE Nr. 1849.

HEINRICH WILHELM SCHOTT
Wenzel Liepoldt, *Diffenbachia conopsea*.
Lapis e guache, s/d.
NHMW

HEINRICH WILHELM SCHOTT
Wenzel Liepoldt,
Diffenbachia conopsea, Pará.
Lapis e guache, s/d.
NHMW



No dia 4 eu permaneci ali mesmo, e enviei pela manhã 2 soldados junto com o meu negro, o artilheiro, até uma montanha distante onde já se encontravam galos-da-serra, e de lá obtive machos e fêmeas, além de um jovem mutum (crax). No dia 5 parti para a *Cachoeira do Quartel*, que fica ali perto aos pés do forte; lá metade do carregamento foi retirada, só que no meio do [...] rio rompeu-se a grande corda, e o navio foi impelido de volta sem resultar em prejuízo. Fiz então retirarem todo o carregamento e duplicarem a corda; desta forma superamos este trecho sem outras dificuldades. Todo o resto do dia trabalhou-se com corda entre rochas, e permanecemos acima do lugar descampado onde outrora fora São Miguel, junto a uma plantação com 2 casas cujos moradores estavam ausentes. No dia 6 passamos pela forte corrente local do *Caldeirão* (muito perigosa quando a água está alta), chegando então à *Cachoeira do Paredão* que superamos com cordas duplas. Logo elevou-se um oportuno vento do leste com o qual atravessamos uma outra forte corrente com vela e remos⁹⁴. À noite chegamos a um recife rochoso, coberto com quase 3 pés de água, denominado Jurú. Foi decidido que se descarregaria na manhã seguinte, mas isso não aconteceu, e na manhã do dia 7⁹⁵ o piloto procurou ali no entorno um modo de fixar a corda em várias rochas. Ao longo de todo o dia houve muitas correntezas causadas pelos frequentes ajuntamentos de rochas. Ali em frente ficava ao sul a serra Bitipanni, não especialmente alta, cuja floresta deixava entrever aqui e ali o rochedo desnudo; ao sudoeste uma peq[ue]na montanha com floresta, em frente a *Santa Bárbara* (que não está no mapa). Permanecemos sobre um banco de areia, onde no romper da noite milhares de peq[ue]nas libélulas cobriram as lâmpadas do navio e as fogueiras. Na manhã do dia 8 alcançamos *Santa Barbara*, uma pequena aldeia formada por 6 casas e 1 igreja e habitada por índios Vaupés. À tarde passamos pela foz do importante rio Vaupé, cujos habitantes, índios Vaupés, cultivam e negociam muita salsaparrilha. Possui muitas quedas. Na primeira, chamada de Ponaré, fica uma peq[ue]na aldeia, *São Jerônimo*. A serra de Uariu ainda é visível, com seus cumes envoltos em nuvens. O rio fez aqui uma curva para o norte, e tornou-se mais largo e com poucas rochas. Bitipanni destacava-se a sudoeste sobre a floresta. Pernoitamos numa ilha próxima à margem esquerda, que possivelmente não está longe da linha do Equador. Carocuy e *Caudal do Carokuy* é [sic] um erro no mapa. Naquela localidade não existe qualquer *caudal* ou *cachoeira*, e esta refere-se à *cachoeira* junto a *São Gabriel*.

Às 10 horas alcançamos a aldeia de *Santa Anna*, composta por 4 casas e uma igreja. Os habitantes são Banivas. Fica sobre um morro cuja base são blocos de granito. Dali avista-se a boa distância *São Felipe* na margem direita, aonde chegamos com a tarde avançada. Consiste em 6 casas, sem igreja, esta já desabada. No dia 11 passamos pela foz do rio Içana e aportamos um pouco adiante na localidade de *Nossa Senhora da Guia*, localizada sobre uma peq[ue]na colina. Como ainda não era tarde, eu prossegui viagem. No dia 12 passamos pela foz do rio Mabuáby. Havia na margem várias choupanas de camponeses. O rio estava subindo com força. Na tarde do dia 13 passamos por *São João Baptista de Mabbé*, localizado defronte à margem esquerda. É composto por 4 casas sobre um peq[ue]no promontório com rochas na parte da frente. Ao meio-dia do dia 14 chegamos ao afluente do rio Xié, onde fica *São Marcelino*, que consiste em 5 casas. Aqui, como na foz do Içana, fica um destacamento de 3 soldados para prevenirem deserções, porque ambos os rios se comunicam com a Colômbia. Em Xié moram índios uarequenas (uarequennas)⁹⁶, aproximadamente 2 dias de viagem acima, junto a uma cachoeira. Eles negociam peixes e redes de pendurar. O rio Negro faz aqui uma forte curva do norte para o leste, e era ocupado por várias choupanas de camponeses.

94 segue vencemos, riscado

95 na manhã do dia 7 acrescentado sobre a linha

96 acrescentado na linha seguinte

No dia 15 avistava-se exatamente a leste uma montanha alta cujos picos estavam envolvidos pelas nuvens; mais para ao sul montanhas baixas vizinhas, e ainda mais ao sul uma serra alta e pontiaguda que ao telescópio apresentava rochas brancas e desnudas, em cujas proximidades deve ficar a nascente do Cavabury. À tarde um índio avistou um bicho-preguiça sobre uma árvore. Eu fiz parar o navio para abatê-lo a tiro. Era a *preguiça real*, *bradypus 2-dactylus*. Ao meio-dia do dia 16 a foz do *rio* Dimity encontrava-se na margem esquerda, e o rio fazia então uma curva para noroeste, onde então logo se avistou na margem direita o Forte *São José de Marabitanas*, onde tremulava a bandeira nacional, que fiz saudar com 21 tiros. Fui recebido junto à margem pelo comand[ante], um tenente de artilharia, e conduzido à sua residência, da qual me cedeu a metade como moradia, e para onde mandei trazer minha bagagem na manhã seguinte. O forte fica na parte da frente da elevada margem fluvial, e consiste apenas em 2 baterias elevadas sobre a terra ligadas a um caminho coberto, cada uma ocupada por 4 canhões de ferro de 4 libras. Toda a área de chão firme se encontra cercada por uma paliçada. Em seu interior encontra-se uma pequena caserna para uma guarnição de 25 homens⁹⁷ além de arsenal e depósito de pólvora. A proteção era originalmente fortificada com cercas de estacas contra desmoronamento, mas agora tudo está bem apodrecido e precisa de um grande conserto para daqui a pouco tempo não se abrirem frestas muito grandes. Um pouco distante, nos dois lados das margens, encontram-se 25 casas ou choupanas, além de uma pequena igreja e da residência do com[andante]. Os moradores são índios Baré, da tribo dos⁹⁸ Marapitammass (que, na verdade,⁹⁹ é corruptela de Baiarépiammass). O rio aqui é bem estreito e sem ilhas, as margens planas. Daqui avista-se ao norte 2 picos do Cocuy, uma alta montanha de granito, a um dia de viagem daqui rio acima. A leste localiza-se a grande distância¹⁰⁰ o cume mais alto de uma serra, Pirapucú, aquela que avistei no rio antes de minha chegada¹⁰¹, segundo outros denominada Tibari e Mabiú; onde do lado or[ienta]l corre ou nasce o *rio* Cabury, que abaixo do Maçaraby ou Loreto corre para o *rio* Negro. Uma parte desta serra, localizada no interior da confluência dos *rios* Maturaiá e Cabury, chama-se Onori, e no seu topo a rocha deve formar a estranha figura de um padre lendo a missa tendo atrás de si um sacristão. Das fontes do *rio* Maturaiá segue um caminho para o *rio* Bacimony, que desemboca no Cassiquiari. Junto à foz do Maturaiá existira outrora um posto militar por causa de deserção, que foi transferido para a foz do *rio* Cabury. Os *rios* Cabury, Inabú, Maraiú e Padaviri são intensamente frequentados por pessoas que lá recolhem salsaparrilha, e a obtendo também através de trocas com os selvagens locais.¹⁰²

97 para uma ... homens acrescentado na margem inferior da página

98 da tribo dos ...acrescentado sobre a linha

99 na verdade acrescentado sobre a linha

100 a grande distância acrescentado sobre a linha

101 aquela ... chegada acrescentado sobre a linha

102 do Maturaiá ... selvagens locais acrescentado na margem inferior da página

Estando tão próximo a São Carlos, ponto fronteiro entre a Colômbia e o Brasil (a 3 dias de viagem numa peq[ue]na canoa), não pude resistir ao desejo de fazer uma pequena¹⁰³ excursão até lá, e ao mesmo tempo de também visitar o Cocuy no caminho. Para esta finalidade eu já tinha trazido a devida autorização do *ouvidor*, e o comandante local me forneceu também a companhia do sargento e de 2 soldados; e assim parti de Marabitanas em 4 de fevereiro. Logo alcançamos uma ilha comprida que deixamos a leste. Mais adiante encontravam-se nas duas margens algumas plantações com suas choupanas, mas que logo desapareceram. Somente na manhã seguinte alcançamos o Cocuy, ou melhor, aquele trecho da margem esquerda mais próximo à montanha. Aproveitei este dia e os seguintes para mandar abrirem um caminho pela floresta até a montanha, e para encontrarem um trecho que tornasse possível a subida da montanha, que era íngreme e escarpada por quase todos os lados. O Cocuy fica a uma hora de caminhada pesada em direção ao leste do rio Negro, e ainda mais uma hora de caminhada pela floresta fechada¹⁰⁴. Junto ao pé do lado [sul] da montanha, por sobre imensos blocos de granito junto a precipícios, chegamos a um lugar menos íngreme onde uma trilha de moitas sobre a rocha tornava possível a escalada; mas antes era necessário superar um grande trecho de granito liso e íngreme, o que somente foi possível por meio de uma corda que decidi trazer comigo outra vez. No pé da montanha ficam os magníficos galos-da-serra, dos quais alguns foram abatidos a tiro. Por causa do mau tempo eu só pude empreender uma segunda viagem à montanha no dia 10 de fevereiro. Desta vez mandei levarem uma corda de 70 braças que alguns índios ousados fixaram acima do trecho perigoso. Com esta corda tive a sorte de chegar lá em cima, decerto que com muito esforço e não sem perigo, e então subimos ladeando aquelas espessas moitas, onde os índios que iam na frente abriam caminho com facas domésticas. Após uma penosa escalada de quase 2 horas e, mais acima, de travessia de grandes massas de granito amontoadas umas sobre as outras, alcançamos uma parede escarpada onde mandei em vão procurarem por todos os lados uma subida. Alguns índios subiram trepando numa árvore que se apoiava nesta parede, e ainda seguiram dali para cima por um trecho considerável onde, por fim, paredes verticais e nuas mais uma vez impediam totalmente o avanço. Embora eu tivesse chegado até a extremidade da árvore numa escada de corda rapidamente confeccionada, eu achei que passar dali para uma rocha muito escarpada e subir até as raízes de uma planta trepadeira era perigoso demais, iria me expor desnecessariamente a um perigo evidente. A densa atmosfera lá mais em cima também não prometia perspectivas muito melhores do que embaixo. Tudo o que os olhos podiam alcançar era tão-somente floresta, a norte-nordeste 3 montanhas separadas já em domínios espanhóis, a leste uma serra de baixa altura, a sudeste a *serra do Pirabucú* já semi-envolta em neblina. A parte ainda não escalada do Cocuy tampava a visão na direção norte e oeste. O Cocuy¹⁰⁵ é uma imensa massa de granito, que tem por quase todos os lados paredes rochosas lisas, verticais, e também inclinadas para a frente, e tem lá em cima pouquíssimas moitas cobrindo a superfície aqui e ali; e termina em 3 picos lisos avizinados. Junto ao pé da montanha encontram-se coatas, talvez uma mera varie[dade] do *s[im]iae paniscus*. Peito, barriga, interior da parte superior dos braços, coxa, panturrilha e rabo acinzentado-marrom-amarelado, tendendo quase ao esverdeado. Pretos são a cabeça, costas, parte superior dos braços, mãos e pés, a parte mais alta do rabo e a ponta. Comprimento da fêmea 4 pés, 4 3/4 polegadas, das quais 2 1/2 pés o rabo [...]. No caminho até a pedra 2 fêmeas foram abatidas a tiro.

103 segue desvio, riscado

104 ainda ... fechada acrescentado sobre a linha

105 segue termina em 3 picos avizinados, riscado

Em 12 de fevereiro, dia em que deixei a região do Cocuy, o meu pescador, que estivera pescando de madrugada, forneceu 2 exemplares de urú mutúm, uma espécie de crax. Este pássaro não é raro em todo o *rio* Negro e no baixo Madeira, pois o seu chamado melancólico é ouvido de madrugada vindo de diferentes direções. Mas em dias de certas estações¹⁰⁶ ele fica escondido no matagal mais cerrado, e até mesmo em árvores ocas, onde fica em silêncio, saindo apenas de madrugada em busca de alimentação. Para matá-los os índios vão furtivamente após a meia-noite, iluminados pela serragem acesa de madeira torori, atrás do chamado do pássaro até chegar bem perto dele, quando apagam a tocha e esperam até o romper do dia, e então o matam com a zarabatana. Normalmente reúnem-se vários. Entre os pássaros de espécie galinácea, é considerado bastante raro um pássaro noturno.

Em 13 de fevereiro, a caminho de São Carlos, foi abatido um *jacaré* que eu ainda não possuía – *jacaré coroa* – com suas pálpebras muito salientes acima dos olhos, bem ossudas e largas, com a cabeça comprida e estreita nas pontas, um pouco parecido com o cr[ocodilo] n°. 157, mas com couraça muito mais mole e de cor bem diferente.

O rio estava baixando e apresentava frequentes jazidas de granito, principalmente nas margens. Sobre muitas delas encontravam-se enterradas diversas figuras sobre as quais ninguém sabia dar informações. No *rio* Vaupé, com água baixa, esses mesmos sinais devem ser encontrados sobre as rochas de granito locais. No dia 15, somente a uma milha de distância de *San Carlos*, enviei 2 soldados na frente com uma carta ao comandante, na qual lhe informava sobre a proximidade de minha chegada, sobre o objetivo de minha viagem para lá e o caráter de minha missão.

Bem à tardinha veio até mim o com[andante]-interino junto com um antigo capitão de artilharia lic[enciado], *Don Agostinho Lodoguy*, que agora vivia do comércio; me deram as mais amistosas boas-v[indas] e me acompanharam até *San Carlos*, onde só chegamos após o pôr do sol. O comandante de fato encontrava-se em *San Fernando*, nas confluências dos *rios* Atavapo e Orinoco. *San Carlos* consiste em 35 casas, além do *quartel* para a guarnição de 20 h[omens] e uma pequena igreja.¹⁰⁷ Os habitantes são Barés, Banivas e Uerequennas. Defronte a *San Carlos*, na margem direita do rio, fica o forte *San Agostinho*, um quadrilátero comp[ri]do construído com pedras, mas agora decadente e sem artilharia. A foz do *rio* Cassiquiari, que une o Orinoco ao *rio* Negro, fica a 2 1/2 horas de distância. No dia 17 viajei para lá. A direção da foz fica a leste e a correnteza é forte, e tem granito junto às margens¹⁰⁸. Ele recebe os rios Pacimoný, Siaba e Batívua. O *rio* Negro acima da foz do Cassiquiari recebe lá o nome de Uainia. O Cassiquiari tem pouco trânsito, pois nele se leva um mês até *San Fernando*. O intercâmbio de correspondências com este lugar e mesmo os transportes comerciais tomam um caminho muito mais curto, ou seja, de *San Carlos* se vai *rio* Negro acima, se chega pelas aldeias *San Miguel*, *Maroa* e *Pimichim* habitadas por Banivas. Deste último lugar são 4 milhas de caminho por terra pela floresta até *Chavita*, onde se embarca no *rio* Temi e dali se chega pelo *rio* Atavapo a *San Fernando*. Habitualmente os correios¹⁰⁹ despendem 5 dias para toda a viagem. Durante minha estadia em *San Carlos* chegou um soldado de *Esmeraldas*, junto ao Orinoco, que para lá tinha ido para cozinhar banha de tataruga. Do mesmo comprei 2 grandes tartarugas de rio, e vi que elas não eram distintas daquelas do Madeira e do rio Amazonas. Como a região era muito pobre, mesmo tendo adquirido somente uma nova miotera fui embora de lá no dia 18, após ter sido tratado da maneira mais distinta pelos espanhóis locais acima mencionados durante a minha estadia¹¹⁰, chegando no dia 20 em *Marabitanas* com o romper da noite. A água do rio estava baixando rapidamente, de modo que acima de *Marabitanas* muitos baixios dificultaram a viagem.

106 de certas estações acrescentado sobre a linha

107 e uma ... igreja acrescentado sobre a linha

108 segue com a máxima frequência, consideravelmente, riscado

109 os correios acrescentado sobre a linha

110 durante minha estadia acrescentado sobre a linha

Luvas para a prova das formigas.
 Sateré-Mawé, Baixo Amazonas, Brasil.
 em torno de 1830.
 Folhas de palmeira, fibra vegetal, corante,
 C. 135 cm.
 Col. Natterer
 A prova das formigas simboliza o encontro
 sexual com a mulher-serpente: a dor física
 torna perceptível o dilema social de um
 casamento entre clãs potencialmente inimigos.
 Os dois exemplares redondos de luvas da
 coleção Natterer formam um casal masculino-
 feminino. Eles se distinguem – coisa que
 apenas o especialista consegue ver – na técnica
 do traçado. (WK)
 Weltmuseum Wien





Pranchetas de aspirar entorpecentes.
Sateré-Mawé, Baixo Amazonas, Brasil
em torno de 1830.

Madeira, pigmento, C. máx. 26,5 cm.
Col. Natterer.

As pranchetas de aspirar entalhadas representam um ponto alto na arte dos Sateré-Mawé, uma arte que no entanto desapareceu completamente no século XX. Muitas vezes o cabo desses objetos tem a forma de uma serpente. A grande serpente moi ok impera sobre a época das chuvas, uma época em que o perigo de adoecer fica mais elevado, e que, portanto, necessita do emprego mais intensivo do poder xamânico. A decoração da outra prancheta, feita de flores, borboletas e libélulas copulando, se encontra, com sua programação imagética, em relação de complementaridade com a prancheta que apresenta a figura da serpente. O jogo entre os insetos conota a época quente e ensolarada da seca, na qual os humanos deixam para trás suas contínuas hostilidades no interior da comunidade tribal e "florescem" na pequena união familiar em suas plantações espalhadas na floresta. A iconografia das tábuas de aspirar entorpecentes mostra a forte inserção contextual do consumo ritual de drogas no ciclo das estações do ano.

(WK)

Weltmuseum Wien

Trabalhos que chegaram neste interim e não foram adiados foram o motivo pelo qual não pude terminar esta carta a tempo de enviá-la pelo correio militar, que parte de Marabitanas para Barra do Rio Negro de 6 em 6 meses. Estou aproveitando agora a estadia aqui mesmo, ensejada pela calafetação que se fez necessária de minha barca, para com a maior brevidade possível dar notícias a V[ossa] E[minência] de minhas viagens feitas desde então, mas principalmente dos objetos com os quais aumentei as coleções para [o] museu i[mperial]. Vou começar com as coleções, por estar convencido de que este assunto interessa muito especialmente a V[ossa] E[minência], a quem apraz muito especialmente a ampliação e o embelezamento do museu i[mperial], e não menos a descoberta de novas espécies de animais ainda não descritas.

Em menor quantidade são os mamíferos, apenas 10 espécies,¹¹¹ 3 espécies do gênero simia, e, entre eles, ainda na dúvida se o ateles de Cocuy¹¹² é uma espécie diferente. Estou convencido de que s[im]ia seniculus e belzebul são apenas variedades.¹¹³ Eles formam raças limitadas a certos lugares. Com frequência são vermelhos numa margem do rio, na outra oposta são pretos. Junto a Borba os machos e fêmeas são pretos, em Matogrosso e junto ao rio Paraguay só os machos são pretos, as fêmeas e os filhotes machos são cor-de-oliva, puxando também para o amarelado. Junto ao rio Negro ambos os sexos são amarelo-palha, e também amarelo-ouro, com extremidades de cor vermelho-vivo. Na província de São Paulo ambos os sexos têm a mesma cor marrom-avermelhado. Bradypus didactylus, viverra caudirolanta, sicurus 1, loncheris 1, mus 2, oxyrhinus 1. De pássaros são 73 espécies, várias espécies duvidosas não contadas por impossibilidade de comparação;¹¹⁴ como falco 1, corvus 2 espécies, uma delas corvus calvus, oriolus 1, turdus 1, myothera 14, rhamnophilus 6, ampelius 2, um dos quais amp[el]ius cotinga e carunculata, pipra 4 e[spécies], muscicapa 9, sylvia 2, troglodytes 1, tanagra 4, rhamphastos 2, trogon 2, bucco 3, psittacus 4, picus 1, dendrocaulus 1, anabates 1, trochilus 7, entre os quais latipennis, coereba 1, crax 3, gallinula 1.

De anfíbios 31 espécies, como de testudo 5 espécies, todas as tartarugas fluviais, entre as quais uma grande espécie com uma cabeça muito grande, por isso chamada de *cabeçudo*, stellerio 1 espécie, lacerta 1, crocodilus 2, jacaré coroa e jacarétinga, um crocodilo semelhante ao croc[odilus] sclerops, porém distinto, tendo cabeça comprida e estreita, a cauda muito mais longa do que no jacarétinga do Matogrosso, e não tão fortemente encurvada para cima. O exemplar tem 5 pés e 3 polegadas de comprimento, e está completamente empalhado. Com este agora são 5 espécies distintas de crocodilo que vivem no Brasil, e talvez aquele sclerops do rio Taquahy seja distinto daquele do Matogrosso, o que por impossibilidade de comparação eu não posso determinar. No jacaré guaçu do Matogrosso e nas duas espécies acima eu encontrei o depósito de almíscar nas laterais do pescoço, e estou convencido de que todos os jacarés o possuem; contudo, como estes depósitos¹¹⁵ têm tamanhos menores que aqueles junto ao ânus, eles puderam facilmente me passar despercebidos. O membro masculino seco, ralado ou pulverizado é frequentemente utilizado no Brasil em caso de acessos nervosos, câibras etc. O almíscar deste animal deve ter efeitos de diferentes intensidades, pois em minha opinião¹¹⁶ o pênis receberia sua eficiência dos recipientes de almíscar próximos a ele.

111 apenas 10 espécies acrescentado sobre a linha

112 de Cocuy acrescentado sobre a linha

113 segue pois encontram-se transições, riscado

114 várias ... comparação acrescentado sobre a linha

115 estes depósitos acrescentado sobre a linha

116 em minha opinião acrescentado sobre a linha

De hyla 4 espécies, rana 1, bufo 1, colubus 15 espécies, boa 1 com um belo desenho em forma de anéis sobre o dorso.

De peixes são 15 espécies, salmo 5, cichla 4, silurus 2, cataphractus 3, hirnarchus 1.

De vermes intestinais uma quantidade considerável.

O constante tempo chuvoso, pois somente no mês de fevereiro houve alguns dias sem chuva; o rio que sobe do mês de março até final de junho, que inunda extensamente todas as ilhas, com poucas exceções, e mesmo muitas margens baixas; tais foram as causas pelas quais o rendimento neste rio não foi tão numeroso quanto eu certamente desejava, e toda a minha esperança volta-se agora ao *rio* Branco, pois as regiões em torno do forte São Joaquim são em sua maioria estepes onde certamente se poderão encontrar muito pássaro novo ou outros animais raros. De acordo com meu plano original eu deveria ter começado a minha viagem para lá muito mais cedo; no entanto fui desaconselhado de fazê-lo, porque aquele rio corre para longe e inunda suas margens rasas de tal modo que frequentemente se atravessam vários dias sem que se encontre um pedacinho de chão para fazer fogo; e porque ele tem forte correnteza quando o nível da água está alto, que faz a viagem avançar muito lentamente, pois só muito raramente se podem usar os remos. Por esse motivo permaneci por mais tempo em Marabitanas, e também porque as coletas no ponto de apoio são muito mais produtivas do que durante a viagem; decidi então percorrer ainda alguns rios próximos.

Em 26 de maio deixei Marabitanas e cheguei no dia seguinte em São Marcelino, junto ao desaguadouro do *rio* Xié. Junto a uma *cachoeira* próxima localiza-se uma aldeia chamada Commati habitada por Uerequennas; por isso eu quis ir até lá visitá-la. Por causa da forte correnteza do riozinho nem tão largo assim, somente alcancei a *cachoeira* em 2 de junho. A aldeia consiste em 5 choupanas com paredes de folhas de palmeira, somente uma choupana tinha paredes de terra ou barro. Os moradores são Barés ou Uerequennas, fugidos das possessões espanholas, já um pouco civilizados, e falam um pouco de espanhol. A 2 dias de viagem de lá¹¹⁷ subindo o rio segue um caminho por terra até São Carlos, que deve ficar a 2 [pequenos] dias de viagem de distância. A direção do *rio* Xié no mapa de Arrowsmith parece incorreta, pois no mapa a direção principal até a *cachoeira* vem do norte, noroeste e nordeste. [Por causa] do constante tempo chuvoso obtive somente 3 espécies de pássaros e 3 exemplares do grande bicho-preguiça, que ficam pendurados de dia bem tranquilamente aferrados num abraço sobre altas árvores, parecendo cupinzeiros de árvores. Na volta levei somente 2 dias até São Marcelino. Na manhã do dia 8 alcancei *Nossa Senhora da Guia*, onde completei minha tripulação para percorrer o *rio* Içanna. Na tarde do dia 9 entrei neste rio, que é muito mais largo que o Xié e tinha uma correnteza muito mais forte, de modo que somente no dia 22 alcancei a notável *cachoeira* do Tunuhy, formada pela encosta ocidental da comprida serra de Tunuhy, não especialmente alta,¹¹⁸ que se estende em direção ao nordeste e é coberta por floresta. Este despenhadeiro e as rochas que atravessam o rio, além da montanha imediatamente ao lado, são compostos por arenito branco de granulação muito fina. Sobre esta encosta ou promontório, cujas costas formam uma [pequena] planície, localizava-se até alguns anos atrás uma pequena aldeia habitada por Banivas, agora dispersos. Enviei o meu piloto a uma outra aldeia, no desembocadouro do *rio* Cuiari, a um dia de viagem de distância de Tunuhy. Foi com alguns utensílios de ferro e contas de vidro para trocar por algumas armas e outros bens dos índios locais. Enviei ao *principal* (*cacique*) do lugar uma grande faca de presente e o convite para ir a Tunuhy. Ele pediu desculpas por não vir, pois não¹¹⁹ compreendia o português, e retribuiu-me o presente com um galo preto. O piloto obteve por negociação alguns arcos e zarabatanas e duas cestas de farinha.

117 de lá acrescentado sobre a linha

118 não especialmente alta acrescentado sobre a linha

119 saberia falar, riscado

No dia 25 eu subi a alta montanha ao lado, e desfrutei de uma visão bela e distante. Do nordeste ao sul várias serras isoladas, sobressaindo nas mais estranhas formas da superfície coberta por florestas; do sul ao noroeste nenhuma montanha, apenas uma planície a perder de vista coberta com espessa floresta. O *rio* Içana vem do norte-noroeste, passa pela margem ocidental da serra e faz uma curva em direção ao sul abaixo da *cachoeira*, e corre um bom trecho nesta mesma direção.

No dia 26 eu parti de lá, e pelo caminho visitei novamente as 4 aldeias dos Banivas. Em uma eles organizaram uma dança a seu modo, onde todos os dançarinos sopravam simultaneamente sempre os mesmos sons num chifre grande e comprido¹²⁰ confeccionado com um trançado recoberto por piche.¹²¹ 2 dos dançarinos tinham ainda em torno dos tornozelos um cordão no qual se fixava uma grande quantidade de metades de cápsulas de sementes duras, que matraqueavam fortemente como as garras de veados dos bororos. Eu lhes servi aguardente e comprei seus instrumentos musicais, assim como algumas zarabatanas, redes, arcos e flechas, e veneno de flecha e alguns cocares de penas etc. As flechas desta nação, assim como a dos Vaupés, não possuem rabeira com pena e têm as pontas sempre muito envenenadas.

O *rio* Içanna, na língua Baniva Ennearí,¹²² que tem a mesma água marrom dos rios Xié e Vaupé,¹²³ quando está em baixa apresenta muitas rochas e ainda 2 *cachoeiras* até junto ao Tunuhý, que estavam então sob a água. A um dia de viagem acima da foz localiza-se junto à margem direita a foz do importante *rio* dos Bootos [sic], Amanari na língua Baniva; não está no mapa, assim como o *rio* do Combate, menor que aquele e do mesmo lado, próximo à foz do Içanna. A 3 dias de viagem pelo *rio* Cuiari acima encontra-se do lado direito¹²⁴ a foz do *rio* Aiari, de cujas nascentes sai um curto caminho por terra até o *rio* Kerari, que acima do Pacu cai em *cachoeira* no *rio* Vaupé. Ambos os rios referidos são habitados por Banivas selvagens. Um pouco mais acima, próximo à nascente do Içanna, um caminho segue em direção ao *rio* Papunauvá, onde eles buscam salsaparrilha. O rio deságua no Orinoco, segundo afirmam os índios, mas pode ser no alto do *rio* Negro. As regiões altas do Içanna são habitadas por Boauvatanas, Camacunás e Baichoarianas, que parecem ser troncos dos Banivas, pois a língua dos primeiros pouco difere do Baniva. No dia 29 cheguei novamente a *Nossa Senhora da Guá*. Fora outrora próspera; tem agora 12 casas e 1 igreja, mas 10 casas novas estão surgindo. Os habitantes são descendentes de Banivas. No dia 10 pernoitei em São Felipe. Em primeiro de julho parei em Santa Anna para o desjejum, e ao meio-dia alcancei a foz ao norte do Vaupé; e à tarde alcancei São Joaquim, na margem direita do *rio* Vaupé, sobre uma pequena elevação, um pouco acima da região onde o rio é dividido em 2 partes por uma grande ilha. São Joaquim consiste em 7 casas, apenas 2 ainda habitadas pelos restos da nação Coiohana. Trouxe aqui um guia, pois nenhum de meus homens havia percorrido alguma vez o rio, e minha partida foi antes do romper do dia 2 de julho. No dia 4 alcancei algumas casas junto à margem esquerda habitadas por índios da nação Tariana. O proprietário da terra é um índio civilizado e fala português. No dia 8 alcancei 2 casas ou choupanas na margem esquerda habitadas por Toccanas; eram bem desconfiados e somente venderam uma cesta com farinha. Na tarde do dia 9 passamos pela foz do *rio* Tiquié, que parecia vir do sudoeste e deve ser habitada pelas nações Macu, Macuná e Mehóana. No dia 10 ainda passava muita espuma da *cachoeira* Panoré, que ainda deve estar a um bom dia de viagem de distância. No dia 11 passamos novamente por algumas choupanas habitadas por Tocannas. Com eles negocieei a compra de uma lança, cabaças, pequenos cestos e bananas. À noite, que como sempre passávamos na floresta, ouvimos distintamente o estrépito surdo da *cachoeira*¹²⁵ distante.

120 segue um pouco parecido com um tubo alto-falante, riscado

121 recoberto por piche acrescentado sobre a linha

122 na ... Ennearí acrescentado na margem inferior da página

123 que tem ... Vaupé acrescentado sobre a linha

124 do lado direito acrescentado sobre a linha

125 segue próxima

No dia 11 aportei em São Jerônimo, onde sobre uma pequena elevação encontravam-se ainda 3 choupanas da outrora importante aldeia. Os poucos habitantes são Tarianas e Tocannas, os restantes mudaram-se para mais acima, para escaparem das muitas opressões por parte do comandante de São Gabriel. A *cachoeira* Panoré fica mais 1/2 hora adiante. O rio, bastante largo, é conduzido por um canal com cerca de 200 passos de largura e ocasionalmente 800 pés de comprimento, sob uma turbulência assustadora causada por rochas avermelhadas de granito. Do lado sul fica ainda um pequeno canal com uma *cachoeira*, que, não obstante, deve esvaziar-se completamente,¹²⁶ separada do grande canal por uma ilha rochosa. Acima da grande *cachoeira*, chamada de Paiolé panné na língua Tariana, o rio é largo, e a pouco menos de um quarto de hora de distância encontra-se uma outra *cachoeira* muito mais larga, já formando uma queda, chamada Toinanamé; e mais adiante a noroeste¹²⁷ uma um pouco menor formada por um outro braço do rio. Nesta região o rio todo deve estar coberto de muitas rochas arredondadas, visíveis quando o nível da água está baixo. Grandes canoas são puxadas aqui para a terra firme. A 2 dias de viagem dali fica uma outra *cachoeira* chamada Jaguareté, e Jauhi panné na língua Tariana. Dali até o rio Kuduiari, vindo da região do Içanna, são 27 cachoeiras grandes ou pequenas. A maior delas é a Carurú (Ibhipanné). Indo mais acima ainda, além da foz do rio Kuduiari, localiza-se uma grande queda chamada Juru parí (queda do diabo). Não longe dali deve ser onde já começam as estepes.

O rio Vaupé e as ribeiras e riozinhos que dão nele são habitados por muitas nações, às quais os portugueses dão o nome de Vaupé. Das nações Tariana, Tocanna, Dessanna, Kobéu, Arapáru, Pirá e Coihoana eu anotei amostras linguísticas; e considere que o Tariana descende do Baniva, e que as demais línguas têm muitas coisas comuns entre si; e que outrora tribos distintas talvez tenham formado simplesmente uma única nação. Das nações Uananá, Xilia, Tejuca, Carapaná, Tatú, Uaiana, Jurupari e Bahuno não pude anotar quaisquer palavras, por elas habitarem regiões distantes na parte superior do rio. A meu convite vieram vários selvagens da *cachoeira* Jaguareté para trocarem suas armas, cestinhos, banquinhos e cabaças laqueados e especialmente trabalhados etc. Eles andam inteiramente nus, e somente os homens cobrem suas vergonhas com uma estreita faixa de casca de árvore. Apenas durante suas danças as mulheres atam à cintura um avental pequeno, com largura de menos de uma mão, e trabalhado artisticamente com pequenas contas, ao qual atribuem muito valor e somente negociam quando o ganho é alto. Elas têm o cabelo com comprimento máximo¹²⁸ até abaixo dos ombros e virados para trás a partir da testa. Os homens trazem no cabelo¹²⁹ um pente artisticamente trabalhado. Ambos os sexos trazem sob os joelhos bandagens firmemente fixadas já desde a infância, para ficarem com panturrilhas grossas, segundo dizem. Os homens, especialmente os Tocannas e Desannas, trazem um cilindro de quartzo grosseiro, de aproximadamente 4 polegadas de comprimento e 1 polegada de diâmetro, perfurado numa extremidade, atado num cordão em volta do pescoço de modo que a pedra fique pendurada de modo longitudinal sobre o peito. Os caciques perfuram estas pedras de modo longitudinal e carregam-nas atravessadas sobre o peito. Devem trabalhar meses a fio nessas pedras, principalmente na perfuração, e é o maior enfeite, ao qual dão grande valor. No cordão estão também sementes negras e brilhantes, enfileiradas como conchas. Não me foi possível obter uma pedra do *cacique*. Eu obtive negociando uma espécie talvez de coroa feita de penas de arara que eles atam em volta da cabeça, além de outros enfeites com penas, pentes, cordões de pelos de macacos, arcos, flechas, lanças dos caciques com pontas envenenadas e trabalhadas com especial esmero artístico, um cajado muito especialmente bonito enfeitado com penas, pingentes de orelha confeccionados de folhas de cobre, cintos finos de dentes de onças, flautas de ossos de onça, e mais outras coisas. Estes selvagens plantam mandioca, dela extraem a fécula das quais fazem grandes tortas que secam no forno. Estas tortas se chamam beijú e são a alimentação principal dos selvagens, que são exímios pescadores e se

126 que ... completamente acrescentado sobre a linha

127 melhorado de a sudoeste

128 com comprimento máximo acrescentado sobre a linha

129 Os homens ... trabalhado acrescentado na margem inferior da página

servem de peq[ue]nas] redes. Eles também comem caça, mas não cobras, como os seus vizinhos Banivas. Uma refeição favorita são minhocas assadas, especificamente uma espécie encontrada entre as folhas de diversas espécies parasitas de abacaxi [bromélias] entre as quais se acumula a água da chuva. Pessoas idôneas em Matogrosso me asseguraram terem sido encontrados peixes nas águas acumuladas em grandes abacaxis sobre árvores altas, tejum, uma espécie de synodus. De que maneira podem ter ido parar ali?¹³⁰

[Por causa do] mau tempo que ainda se mantinha eu só obtive naquela região 3 novos myothera e uma pipra e o corvus calvus¹³¹. No dia 24 de julho cheguei novamente a São Joaquim, onde mandei consertar a cobertura ou o telhado de minha barca, e enviei uma canoa a São Gabriel para mandar buscar um piloto experiente junto com alguns índios.¹³² No dia 28 estas pessoas chegaram, e no dia 29 deixei São Joaquim e cheguei sem problemas em São Gabriel. Permaneci lá até 3 de agosto para lá receber amostras linguísticas dos índios Meppuris, Macunás e Macus do norte e Macús do rio Teia.¹³³ Neste dia parti de lá, e em 2 horas cheguei a Cammanau passando sem problemas por todos os trechos e cachoeiras perigosas, onde, não obstante, a forte ressaca batia no navio e molhou algumas coisas. Como eu tinha me decidido a escalar a alta serra de Uariú, adentrei o rio Curicuriari para alcançar a propriedade de um Adrião da Sylva Meneses, de onde a serra deveria estar próxima. Este homem, o único aqui que poderia servir de guia, estava doente e não pôde me acompanhar, mas me enviou um selvagem Macú que devia conhecer a região. Assim, viajei ainda por um dia na contra-corrente do rio Curicuriari, e me dirigi a um riacho profundo próximo do Kalibua,¹³⁴ que vem do Sul e deve nascer na serra.

Nos dias 5 e 6 de agosto enviei minha tripulação, liderada pelo Macú, para abrir um caminho pela floresta até a serra e se informar sobre um trecho onde parecesse possível a escalada da montanha de tamanho mais moderado possível. Todos os 2 dias eles retornaram à noite após esforços infrutíferos para encontrarem um caminho em direção à montanha arborizada. Nas duas vezes eles subiram nas montanhas baixas situadas nas proximidades, pois o próprio guia nunca tinha entrado na serra. No dia 7 eu parti com 7 índios e um negro para tentar ter mais sorte, e mandei carregarem víveres para 2 dias. Após 3 horas de marcha pela floresta e 8 passagens por um riacho alcancei o pé da serra. A alta floresta cobria a visão da mesma, somente vez por outra divisavam-se imensas paredes rochosas, envoltas pela neblina na parte superior. Mandei um índio subir em uma árvore alta para ter uma vista melhor da região; e marchei mais para o sul junto ao pé da serra, e segui um riachozinho que vem do desfiladeiro da serra. Após algumas horas de cansativa escalada sobre blocos de granito desprendidos, chegamos próximo à sua nascente, ou seja, a uma fenda formada por 2 paredes rochosas verticais ao pé da mesma; mas somente mais acima alcançamos uma outra parede que dava para o sul. Ela parecia pertencer a uma outra montanha, àquela que tomei por mais alta. Mandei então abrirem caminho acima, entre as duas paredes. Após 6 horas de uma escalada extremamente cansativa e perigosa, frequentemente agarrado com as duas mãos em trepadeiras ou raízes de árvores, passando frequentemente por abismos por todos os lados, encharcado pela chuva que caiu diversas vezes, com as partes descobertas do corpo ardendo pelas picadas doloridas de pequenas formigas¹³⁵ que pululavam,¹³⁶ cheguei extremamente cansado às encostas estreitas da montanha. Ela corria de norte para o sul e estava ainda coberta por uma floresta bem alta; e fez-se ouvir a voz de um galo-da-serra. O sol já tinha se posto. Logo encontramos uma abertura formada por um veio de granito pendendo horizontalmente onde pudemos passar a noite abrigados da chuva; mas faltou água, que foi descoberta ainda meia hora adiante. Secamo-nos e aquecemo-nos junto a uma grande fogueira, e consumimos o pouco que trouxemos conosco. Os índios dormiram sobre folhas de palmeiras entre várias fogueiras, e eu numa fenda elevada a pouco menos de 6 palmos, onde também mandei acender uma fogueira. As paredes dela estavam inteiramente cobertas com caminhos de cupins, que durante a noite devoraram minha bolsa de caça. O raiar do sol no dia

130 Estes selvagens ... parar ali? acrescentado na margem inferior da página e no início da página seguinte

131 e o ... calvus acrescentado sobre a linha

132 junto com alguns índios acrescentado no início da linha seguinte

133 do norte ... Teia acrescentado sobre a linha

134 próximodo Kalibua acrescentado sobre a linha

135 segue que iam por lá em grandes colônias por toda parte, riscado

136 que pululavam acrescentado sobre a linha

8 parecia prometer um dia fechado, e nós partimos em direção ao sul. Então logo o caminho virou subida, e a floresta tornou-se mais escassa e as rochas mais numerosas, com frequência cobertas apenas por mato comprido e cortante e pequenos arbustos, o que em vários lugares permitia uma visão de terríveis abismos e lembrava dos perigos do caminho. Após 2 horas de escalada incessante alcançamos novamente uma floresta alta, e pouco a pouco a superfície tornou-se plana. Havíamos alcançado a maior elevação, um pequeno cabeço coberto com floresta. Como as pontas das duas montanhas mais altas eram descalvadas e sem árvores, vi então¹³⁷ que não havíamos escalado a montanha correta. Mandeí que ao redor derrubassem árvores nas 3 direções, sudeste, sul e oeste, para obter uma visão panorâmica. A leste e a sudoeste, perto ali defronte, separadas apenas por um vale profundo e aterrorizante, ficavam as 2 montanhas mais altas, massas rochosas imensamente escalvadas, somente aqui e ali cobertas em poucos trechos verticais com pequenos arbustos, cujos cumes ora estavam cercados por nuvens ora despontavam livremente. A sul-sudeste ficava a escalvada Jupauü, semelhante a um pão de açúcar, um pouco afastada e isolada da alta serra. Por muito tempo permaneci sentado e afundado em profunda reflexão, assistindo ao espetáculo das nuvens. Involuntariamente agitaram-se em mim, penetradas por um temor sagrado, várias ideias em meu íntimo sobre o surgimento dessas imensas massas de rocha. A figura das mesmas, além daquela do desnudo Cocuy e todas as massas de granito emergindo de dia junto às margens do *rio* Negro, parecem-me provar claramente que elas outrora foram líquidas, e que talvez componham majoritariamente o núcleo da Terra.

O tempo estava fechado, só raramente o sol aparecia, muitas nuvens deslocavam-se do Sul para oeste até o norte, flutuando sobre a infindável superfície cob[erta] por florestas. Ao norte-noroeste ficava a serra Bitipanni e um grande trecho do *rio* Negro, e, um pouco mais ao norte, *San Gabriel* com a montanha próxima. As serras mais afastadas estavam envoltas em névoa. Esperei várias horas que o tempo pudesse clarear, mas em vão, pois grossas nuvens de chuva logo cobriram toda a paisagem, e uma forte chuva caiu no desfiladeiro. A completa carência de água lá em cima do cume da montanha não permitia o pernoite aqui para esperarmos o tempo melhorar. E as provisões, compostas simplesmente de farinha e poucas bananas, também não eram suficientes para que procurássemos ainda por vários dias outro caminho em direção às 2 montanhas mais altas. A própria região não parecia prometer nada de novo para a zoologia, pois além de alguns galos-da-serra, poucos pássaros podiam ser vistos. Somente os sons tristes de um mutum ecoavam do desfiladeiro até nós. Por isso decidi tomar o caminho de volta. A descida em declive era em muitos lugares muito mais perigosa do que a subida, embora fosse no geral mais rápida; o caminho já estava aberto¹³⁸, e eu cheguei no navio tarde da noite sob a luz de tochas e extremamente cansado, por não querer pernoitar na floresta pantanosa. Na manhã seguinte choveu, e eu parti. Ao meio-dia o tempo estava claro e eu já tinha alcançado a foz do Curicuriari. A floresta junto à margem cobria a visão da serra. Assim, mandei remarem até as proximidades da margem esquerda do *rio* Negro, de onde a serra aparecia bem límpida. Ela me parecia composta por 5 montanhas separadas, sem contar a montanha cilíndrica, que ficava ao sul e era coberta pelas demais. Podia-se ver claramente a montanha que eu percorrera, e eu estimo que ela tenha cerca de 3/4 do tamanho das 2 vizinhas. Uma tempestade irrompida mais tarde obrigou-nos a pernoitar em uma ilha, de modo que eu cheguei em *São Pedro* somente na manhã seguinte, dia 10 de agosto. Lá registrei amostras da língua dos Ihini Baré, distintos dos Arihini Baré, duas tribos diferentes dos Barés (Balé), das quais a tribo Baiaré Pitanna é uma ramificação. Na tarde do dia 11 passei próximo à foz do *rio* Marié, que vem do sudoeste e é quase tão largo quanto o *Içanna*, e tem a água escura do *rio* Negro. A região por onde corre deve ser rica em palmeiras-piaçava, uma palmeira curiosa cujo tronco é inteiramente coberto com longos e grosseiros cabelos com os quais se confeccionam cordas. Pernoitei em *São José*, onde anotei amostras dos Macús que habitam o *rio* Teia.

137 segue o meu erro, riscado

138 o caminho ... aberto acrescentado sobre a linha

No dia 12 eu pernoitei junto à foz do rio Cabury, no qual no dia 13 rumei até as proximidades da *cachoeira* onde ficava outrora *Nossa Senhora das Caldas*, da qual restaram pouquíssimas casas. Aqui fica um posto militar com 2 soldados. Também este rio tem água marrom; somente o rio Maraujá tem água incolor.

No dia 14 pernoitei em Boa Vista na margem direita, o resto de uma ant[iga] aldeia, quase defronte a Castanheiros, mas bem abaixo.¹³⁹ Ainda estão de pé uma pequena igreja e 2 casas, mas sem moradores. Estes estavam em suas plantações. No dia 15 eu pernoitei em Santa Izabel, e no dia 16 na casa do *senhor* Julio. Do dia 17 ao dia 20 aproveitei também as noites para chegar aqui mais rapidamente, pois a minha barca fazia muita água e tinha necessidade urgente de calafetação.

Somente há pouco, no dia 28 de julho,¹⁴⁰ recebi em São Joaquim um escrito datado de 18 de outubro de 1830¹⁴¹ do I.R. Encarregado de Negócios Aust[riacos], barão von Daiser, no qual ele me deu notícias sobre um crédito aberto no Pará, na “Ingles, Eyton & Co” e me avisou da partida do barão von Mareschal. Eu respondi aqui à carta.¹⁴²

Quando ainda estava em Marabitanas eu recebi uma carta do Pará do S[enhor] John Hesketh, datada de 16 de setembro de 1830, na qual ele me informa da chegada bem-sucedida de minhas duas remessas enviadas de Borba. O resto, que consistia em 7 caixas, partiu para Londres com o brigue *Regatta*. Das várias cartas escritas nesta ocasião ao b[arão] Rothschild eu até agora não obtive resposta, assim como das 2 cartas de Borba endereçadas a V[ossa] E[minência]. A notícia num jornal do Pará de uma viagem do b[arão] Rothschild a Constantinopla me deixou um pouco preocupado, e escrevi ao I.R. Embaixador em Londres informando-lhe sobre minhas remessas feitas. Embora eu tenha do próprio punho me dirigido ao presidente desta província, não pude impedir que na alfândega do Pará abrissem 2 caixas. Com grande expectativa aguardo a notícia da chegada sem problemas delas em Viena, e a mesma incerteza me inquieta quanto à remessa enviada de Cuyabá; e estou ávido para saber se em alguma medida eu correspondo às expectativas de S[ua] Majestade o imperador, e se logrei a satisfação de V[ossa] E[minência]. Eu peço a V[ossa] E[minência] para me pôr com toda submissão aos pés de S[ua] M[ajestade], que os céus ainda o conserve por muito tempo, e que me recomende a sua elevadíssima graça. Receba V[ossa] E[minência] a sincera garantia de minha absoluta estima com a qual tenho a honra de ser...

Adorno de pernas para o occipício, Bororo da Campanha (Biriboconné), Rio Paraguai, Mato Grosso, Brasil, em torno de 1825.

Penas de papagaio e de falcão, algodão, fibras vegetais, resina, H. 36cm.

Col. Natterer

Adornos semelhantes a esse (*kiogáro bér el-asháru*) foram encontrados entre os Bororo do rio São Lourenço. Eram usados junto ao occipício, tanto por homens quanto por mulheres, de um modo que as penas caíssem sobre o dorso. O tamanho e o tipo de penas utilizadas eram as marcas determinantes para a diferenciação entre os clãs. (CF)

Weltmuseum Wien

- 139 quase ... abaixo acrescentado sobre a linha
140 no dia 28 de julho acrescentado sobre a linha
141 datado ... 1830 acrescentado sobre a linha
142 Somente ... à carta acrescentado na margem inferior da página

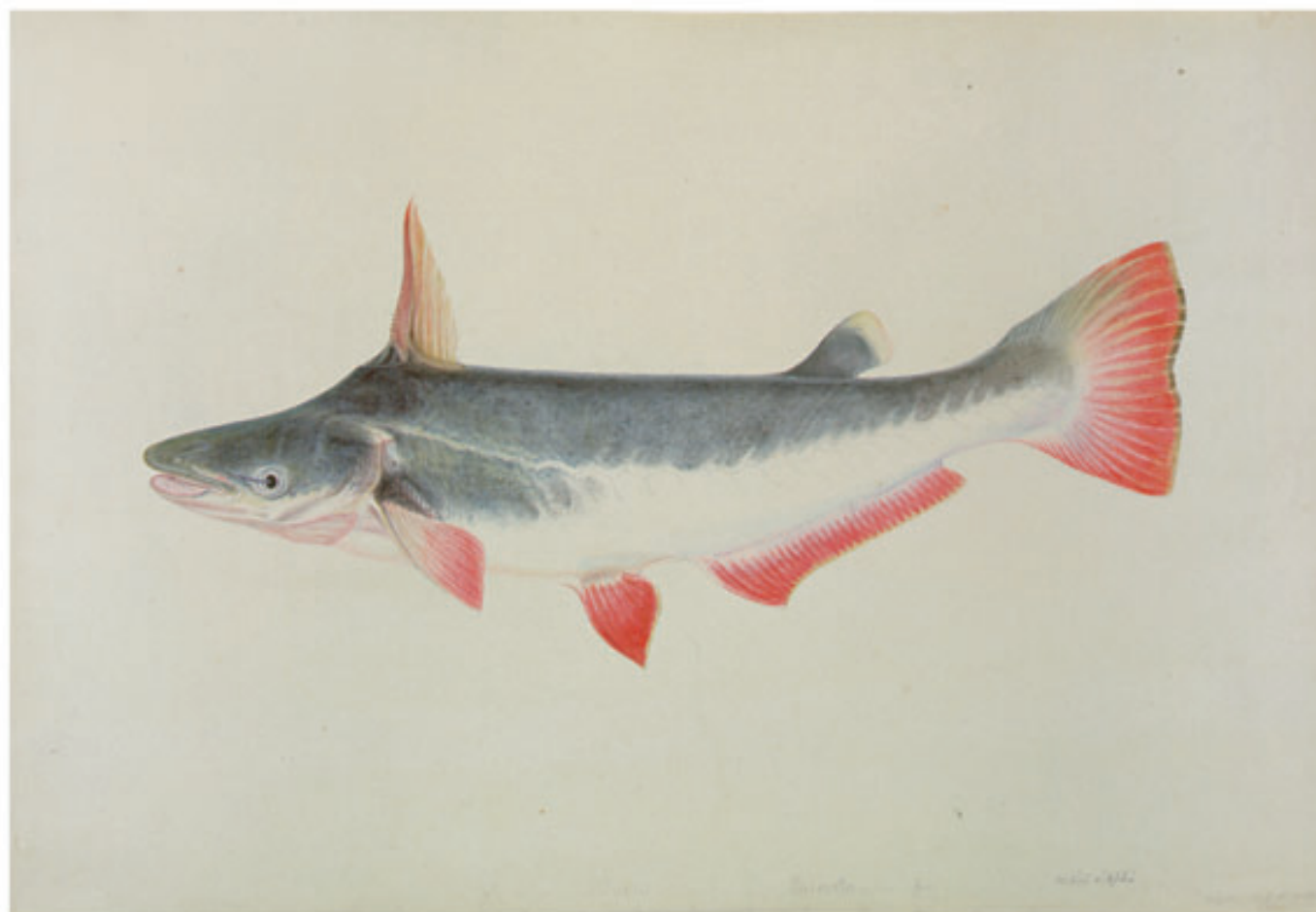


A. N. 1174
H. N. 1174
H. N. 1174
H. N. 1174
H. N. 1174
H. N. 1174



JOHANN BAPTIST NATTERER
 Vista lateral de um canivete, *Anostomus taeniatus* (Characiformes, Anostomidae).
 A julgar pela data, trata-se de exemplar coletado em Vila Bela do Mato Grosso (teste Pelzelni, 1871).
 Fêmea
 12 de agosto de 1828
 NHMW

JOHANN BAPTIST NATTERER
 Vista lateral de um peixe-cachorro,
Acestrorhynchus falcatus
 (Characiformes, Characidae)
 Macho
 Caissara 22 de abril de 1828
 NHMW



JOHANN BAPTIST NATTERER
 Vista lateral de um manguruli,
Pseudopimelodus zungaro
 (Siluriformes, Pimelodidae).
 [Nº] 17
 Silurus
 Culabá 6 de fevereiro de 1824
 Ma guwee
 NHMW





Cartucho de pavios, *manaós*.
Rio Negro, noroeste da Amazônia, Brasil, em
torno de 1831.
Madeira (pintada), pele de cobra, H. 16,5 cm.
Col. Natterer
O cartucho de pavios lembra, em sua forma, as
aljavas para setas de zarabatana. A decoração
reflete influências europeias, no entanto.
Os Manaó já estavam quase completamente
integrados à população urbana junto ao Rio
Negro à época de Natterer, mas ao que parece
ainda existiam outros grupos que viviam
junto aos rios na nascente. Hoje em dia os
manaós, pelo que se sabe, desapareceram
definitivamente do mapa do Brasil. (CA)

Luva para a prova das formigas.
Sateré-Mawé, Baixo Amazonas, Brasil,
em torno de 1830.
Folha de palmeira, fibra vegetal, corante,
C. máx. 60 cm.
Col. Natterer.

Os rituais dos índios da Amazônia concentram várias marcas significativas que se elevam, todas elas, ao mesmo ponto: em uma experiência de dor que sacode corpo e espírito, os rapazes dos Sateré-Mawé são introduzidos na sociedade de clãs dos homens adultos, preparados para uma vida como guerreiros, caçadores e esposos e imunizados contra doenças e iniquidades. Eles são vacinados com o veneno das formigas tucandeiras, cujas picadas são obrigados a suportar durante as danças festivas. As formigas se encontram em "luvas" trançadas, cujo tratamento estético alude à origem mítica da festa: no passado, o tatu foi buscar as formigas do mundo dos inferos, tirando-as da sedutora mulher-serpente. (WK)

Weltmuseum Wien

Clava, guerra e prestígio
Pauxiana, Wapixana.
Guaianas, região de fronteira Brasil/
Guiana, em torno de 1830.
Madeira, lã vegetal, partes de pele de
tucano ressecadas, C. máx. 79,5cm.
Col. Natterer

As clavas eram, nas Guaianas, tanto armas de guerra quanto objetos cerimoniais. Na batalha homem contra homem, eles eram usados como arma para golpear; sua extremidade, que muitas vezes era em forma de ponta, servia para dar o golpe fatal no oponente. Um envoltório e uma presilha de algodão garantiam a firmeza ao segurar seu cabo em meio à confusão da batalha. Clavas com frinchas decorativas e pingentes de partes de peles de pássaros eram reservados a personalidades de liderança, que os apresentavam como objetos de prestígio em assembleias e festas. (CA)

Weltmuseum Wien





Lanças

Parintintin, Rio Tapajós, Brasil,
em torno de 1830.
Madeira, bambu, plumas, algodão,
C. máx. 153,5 cm.

Col. Natterer.

Essas lanças teriam vindo dos Parintintin que viviam ao sul dos Mundurucu. Entretanto, "Parintintin" é também um termo genérico dos Mundurucu para muitos grupos divididos da língua Tupi-Guarani, entre o Tapajós e o Madeira, que são resumidos como Kagwahiv. Muitos desses grupos, ainda mencionados no século XIX, desapareceram, ou adaptaram-se à população cabocla da Amazônia ou ainda vivem – surpreendentemente – escondidos na mata. (WK)
Weltmuseum Wien

Objetos rituais

Sateré-Mawé, Baixo Amazonas, Brasil,
em torno de 1830.

Madeira, ossos de cervo, pelos de tamanduá-bandeira, bambu, barbante, pigmento, C. máx 33 cm.

Col. Natterer.

O xamã dos Sateré-Mawé contava com espíritos auxiliares de diferentes domínios cosmológicos ao seu lado para ajudá-lo em seu trabalho. Os objetos rituais aqui apresentados e a flauta serviam para invocar personagens espirituais específicas. Dos materiais animais usados podiam ser deduzidas as personagens espirituais: o adorno de penas, por exemplo, alude ao tucano. Este gosta de comer frutas da palmeira-açaí, engolindo junto seus grãos para em seguida tornar a vomitá-los. Como personagem espiritual ele domina, assim, a mesma técnica de um xamã atuando na cura de uma doença, já que este também chupa o mal causador da doença para fora do corpo do paciente e em seguida – o que é visível para todos – torna a vomitá-lo. (WK)

Weltmuseum Wien

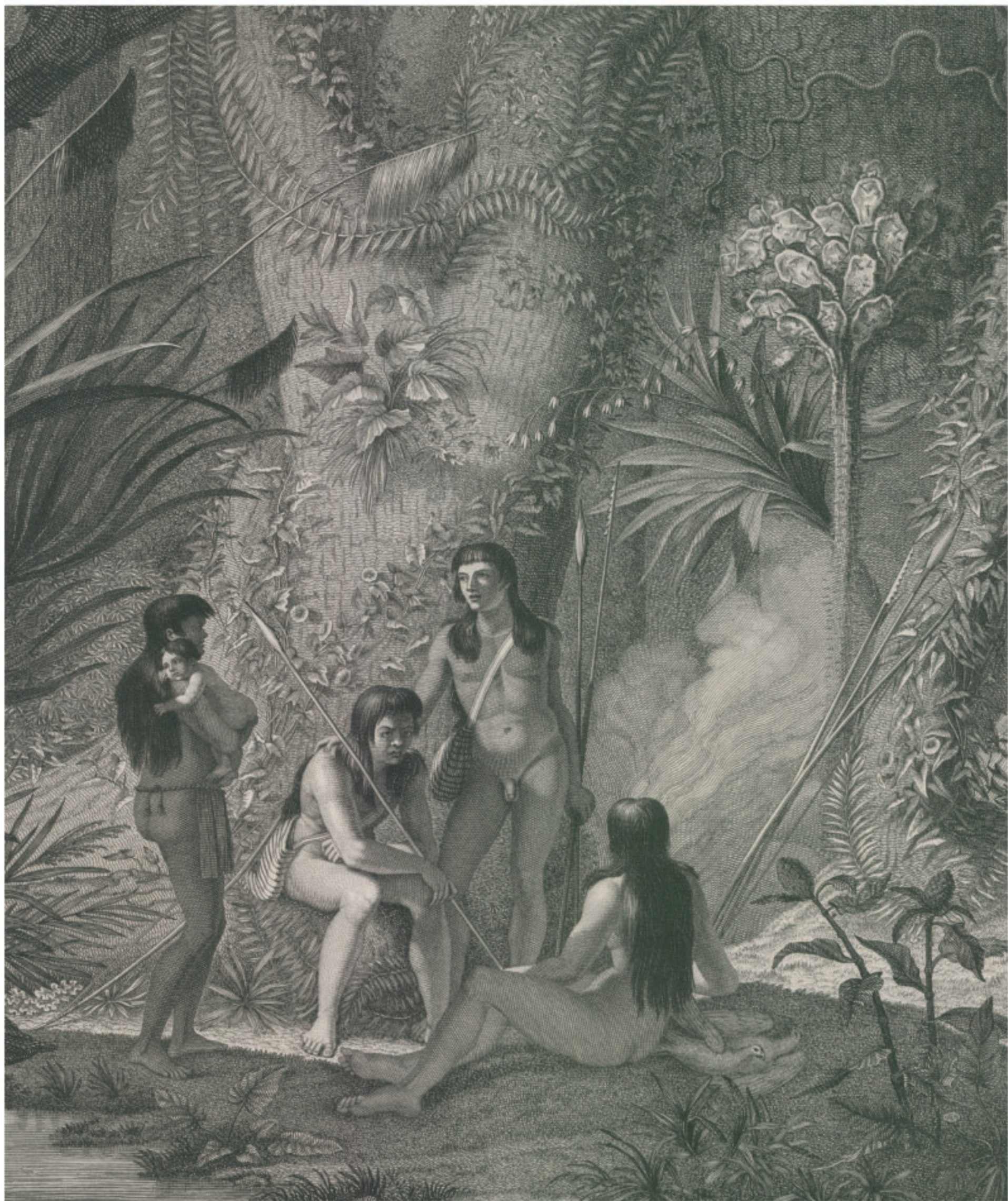


Naturalistas austríacos no Brasil

Christa Riedl-Dorn

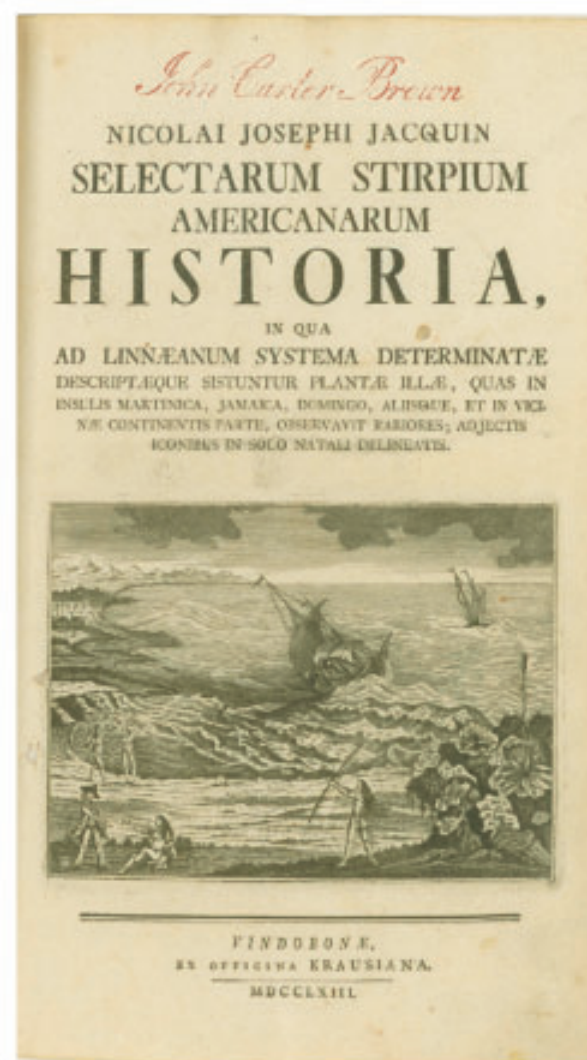
MAXIMILIAN ZU WIED-NEUWIED
Grupo de alguns índios Camacan no mato,
gravado por Jacob Lips, com base em um
modelo de Maximilian zu Wied-Neuwied,
de *Viagem ao Brasil nos anos 1815 a 1817*.
Gravura em cobre, Zurique, 1820/21.
NHMW





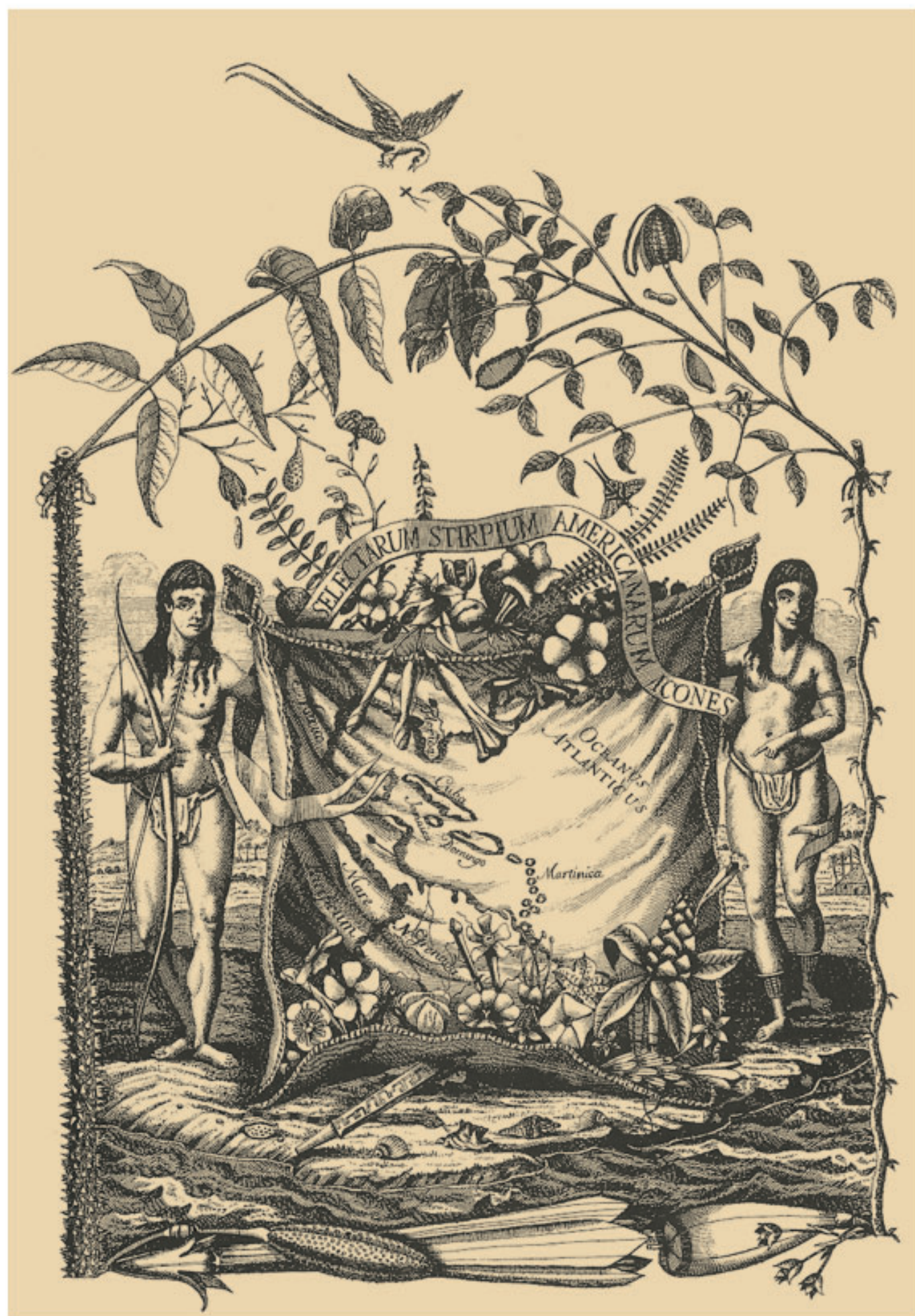
O casamento da arquiduquesa Leopoldina com o herdeiro do trono de Portugal, Brasil e Algarves foi determinado primordialmente por considerações de cunho político e pessoal em relação à expedição que fora planejada. Em 1815, o Brasil foi elevado à condição de Reino Unido a Portugal e Algarves, constituindo, assim, a única monarquia na América do Sul. É preciso compreender essa estreita vinculação no contexto dos eventos ocorridos durante as Guerras Napoleônicas. Em fins de 1807, a corte lusitana se transferiu inteira para o Brasil. Portugal fora ocupado pelos franceses, mas depois o país foi deixado à sua própria sorte e sofreu influência do ideário liberal da Grã-Bretanha. Depois dos acordos do Congresso de Viena, Portugal foi incluído no sistema de alianças de Metternich. Dom João VI estava interessado em uma ligação mais estreita entre as famílias reais de Habsburgo e de Bragança, imaginando conseguir obter, desse modo, uma maior segurança em relação à Grã-Bretanha. O próprio chanceler Metternich viu a possibilidade de fortalecer a sua influência em Portugal e no Novo Mundo. Assim como ele, o imperador Francisco I também desejava restaurar a "ordem" em Portugal e pôr termo à liberalização; entretanto, só concordou com o casamento da sua filha depois de ter certeza de que a casa real portuguesa regressaria a Lisboa.

O casamento se realizou por procuração no dia 13 de maio de 1817 na Igreja de Santo Agostinho, em Viena, sendo o noivo representado pelo arquiduque Carlos. Além do aspecto político e econômico, Francisco (I da Áustria e II do Império Austro-Húngaro) nutria grande interesse pessoal e científico pela expedição, que, por isso, não sofreu limitação de tempo ou de recursos. O planejamento começou em 1816. A coordenação geral ficou a cargo do chanceler de Estado Metternich e a direção científica, nas mãos do diretor do Gabinete Imperial de História Natural [*Vereinigte Naturalienkabinete*], Carl von Schreibers. Participaram da empreitada quatorze cientistas e artistas. Parte do contrato de casamento era um acordo comercial. A Áustria, que não dispunha de colônias, queria entrar no comércio transatlântico e estava em busca de novos mercados e recursos. Os navios levavam a bordo mercadorias austríacas como mercúrio, aço, espelhos, armas, entre outras. O intuito era experimentar quais poderiam ser fornecidas ao Brasil. Os cientistas também foram incumbidos de produzir relatórios sobre mercadorias, roteiros e geografia, bem como sobre as ambições políticas e econômicas do novo país.



NIKOLAUS JOSEPH FREIHERR
VON JACQUIN
*Selectarum Stirpium Americanarum,
Historia.*
Folha de rosto, 1763 (c).

NIKOLAUS JOSEPH FREIHERR
VON JACQUIN
*Selectarum Stirpium Americanarum,
Historia.*
Folha de rosto das pranchas dos
desenhos do livro, 1763 (c).
NHMW



A Áustria e o Brasil

A relação da Áustria¹ com o Brasil remonta ao século XVII. Os primeiros pesquisadores austríacos no território atual do Brasil provinham das fileiras dos jesuítas. O primeiro objetivo dos membros da Companhia de Jesus, fundada em 1534, era a conversão dos “hereges e pagãos”. A evangelização incluía ainda a introdução dos chamados valores “cristãos”, que incluíam o casamento monogâmico, o modo de se trajar, a vida de aldeias baseadas na agricultura (as chamadas Missões) e o reconhecimento e a submissão a um monarca católico. Além do trabalho missionário, os jesuítas se dedicavam ao trabalho científico. Colaboravam com a pesquisa geográfica, etnológica e científica das regiões em que atuavam. A área de atuação desses padres ficava primordialmente no Alto e Médio Amazonas, com seus respectivos afluentes.

Muitos jesuítas originários da região da Áustria atuavam na chamada Missão de Maynas, no Alto Amazonas (Norte do Peru, Sul da Colômbia, Noroeste brasileiro). Destaque especial cabe ao padre Samuel Fritz (1654-1725), que desembarcou em 1684 em Cartagena. Entre 1689 e 1692, ele subiu o Rio Amazonas, desde a localidade do Pará (hoje, Belém) até a região de Lagunas, por motivos de política missionária. Entre outros achados, descobriu que o Rio Marañón, no Peru, era idêntico ao Rio Amazonas. Atribui-se a ele o primeiro mapa preciso do Amazonas da fonte à foz, impresso em 1707 em Quito e em 1717 em Paris, e que durante muito tempo serviu de base para a orientação das expedições na região amazônica. Em sua publicação sobre o mapa, o padre Fritz também descreveu a flora e a fauna, além de redigir um dicionário e uma gramática. Supõe-se que o padre tenha utilizado esboços dos padres Johann Gastl (1650-1693) e Heinrich Wenzel Richter (1653-1696) para elaborar o seu mapa. O padre Johann Gastl teria fornecido observações hidrográficas e o padre Richter, que atuava na região do Alto Ucayali, um dicionário.

No extremo sul do Brasil, que no entendimento da época ainda fazia parte do “Paraguai”, o versátil Anton Sepp von Rechegg (1655-1733) atuou durante quase 42 anos junto aos índios guaranis. Foi mestre construtor, cirurgião, professor de música, construtor de órgãos e especialista em metalurgia, tendo fundado as primeiras indústrias de fundição e de processamento de minério. Seu relatório de viagem de 1696 tornou-se um dos livros mais lidos do gênero. A partir de 1710, o padre Sigismund Asperger (1687-1772) atuou na mesma região como médico e botânico. Atribui-se a ele um livro sobre plantas medicinais baseado em receitas utilizadas pelos indígenas.

Quando, em 1754, morreu a rainha-mãe portuguesa Maria Ana de Áustria – rainha de Portugal, protetora dos jesuítas e que, cinco anos antes, expressara o seu desejo de contar com padres que falassem alemão – iniciou-se a expulsão dos jesuítas do Brasil. Entre outras coisas, a ordem religiosa era acusada de querer formar um “estado dentro do estado” nas colônias, apoiando a resistência dos índios guaranis contra o reassentamento de sete Missões no período de 1750 a 1755. Um decreto do Marquês de Pombal, em 1759, ordenou o confisco dos bens dos jesuítas e sua expulsão de Portugal. Nas colônias, os jesuítas foram presos e levados para a Europa em navios.

1 Por Áustria entenda-se a área do Império Austríaco de 1804 a 1867.

Depois de sua expulsão, o missionário Franz Veigl (1723-1798), proveniente da cidade de Graz, redigiu o relato *Gründliche Nachrichten über Verfassung der Landschaft von Maynas, in Süd-Amerika, bis zum Jahre 1768* [Notícias precisas sobre a constituição da paisagem de Maynas, na América do Sul, até o ano de 1768], em que se aprofundou especialmente no universo da fauna e flora da área missionária.

O padre Rochus Hundertpfund (1709-1777), da cidade de Bregenz, atuou na baixa região amazônica a partir de 1740. Por volta de 1750, conseguiu ultrapassar as perigosas quedas d'água de Itamaracá, Pacisamba e Juruá no Xingu, um afluente do Amazonas, fornecendo indicações extremamente precisas sobre plantas e animais e sua utilização. Hundertpfund foi expulso do Brasil em 1755.

O jesuíta austríaco mais conhecido até hoje que atuou na América Latina – mais especificamente, na região da tribo dos abipones, no Chaco – foi o padre Martin Dobrizhoffer (1717, Frymburk – 1791, Viena). Até a expulsão dos jesuítas na América do Sul, dedicou-se primeiro à tribo dos mocobi, depois a dos abipones, em seguida a dos guaranis e depois novamente aos abipones, concentrando-se na língua falada por essas tribos. Ele se baseou em trabalhos do missionário Joseph Brigniel (1699-1773), de Klagenfurt, o primeiro a aprender a língua dos guaranis e dos abipones. A principal obra de Dobrizhoffer é um tratado em três volumes sobre a história dos abipones, redigido na Europa após sua expulsão, depois de 18 anos de atividade na Missão Jesuíta que compreendia o Paraguai, o Norte da Argentina e o Sul do Brasil. Dobrizhoffer foi acolhido como sacerdote na corte da imperatriz Maria Teresa (1717-1780), bisavó de Leopoldina. Nessa condição, fazia muitas palestras sobre as suas viagens sul-americanas para um público entusiasmado. Foi um exemplo para muitos exploradores da América do Sul e é tido como um dos fundadores do ramo da etnologia.

Mais de meio século se passaria depois dos empreendimentos dos padres jesuítas, quando nomes de austríacos voltaram a ser mencionados em conexão com a exploração do Brasil. Nesse meio tempo, expedições austríacas visitaram as Antilhas e a Venezuela.

A expedição austro-brasileira

As viagens de Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland para a América do Sul, de 1799 a 1804, despertaram enorme interesse na Europa. No entanto, como só tiveram autorização para as colônias espanholas, não viajaram para o Brasil, fato que Humboldt sempre lamentou.

O Brasil só se abriu para pesquisadores europeus a partir de 1808, depois da chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro. Além disso, acordos comerciais e de navegação (como, por exemplo, o Tratado de Strangford, de 1810) permitiram uma abertura da fronteira. As expedições portuguesas para o interior do país visavam principalmente ao ouro. O mineralogista britânico John Mawe (1765-1829) recebeu permissão do príncipe herdeiro para visitar o distrito de Diamantina, em Minas Gerais, entre 1809 e 1810. Publicado em 1812, o seu livro de viagens² com mapas tornou-se uma fonte importante para outros cientistas viajantes. Da mesma forma, a obra *Travels in Brazil*, publicada em 1816, do inglês Henry Koster, nascido em Portugal (Henrique da Costa, 1793-1820), também foi usada para os preparativos da viagem. Koster veio ao Brasil com 16 anos de idade por razões de saúde e para estabelecer uma plantação de cana de açúcar, a mando do pai. Só em 1821 foi publicado o livro *Notes on Rio de Janeiro, and the southern parts of Brazil* do comerciante inglês John Luccock, *taken during a residence of ten years in that country, from 1808-1818* [Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil, Ed. Martins, s/d.].

Especialista em mineração, geólogo e geógrafo, o alemão Ludwig von Eschwege (1777-1855), que serviu como capitão da artilharia no exército português, seguiu em 1809 a corte real portuguesa para o exílio. Tornou-se diretor-geral das minas de ouro no Brasil e dirigiu outras instituições ligadas à mineração e à mineralogia. Durante mais de uma década, explorou o país e fez investigações geognósticas antes de voltar para a Europa, em 1821. Ajudou numerosos naturalistas europeus que vieram para o país tropical, entre eles os participantes austríacos da expedição, dos quais falaremos adiante. Além de dois relatos de viagem (em 1818 e em 1830), Eschwege publicou também os resultados de suas pesquisas científicas.

O barão Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852), médico e naturalista alemão a serviço da Rússia, que já passara pela costa brasileira, participou da circum-navegação embarcado em um veleiro russo, sob o comando do capitão Adam Johann von Krusenstern, entre 1803 e 1807. Na condição de cônsul-geral russo, veio para o Rio de Janeiro em 1813. Em 1816 adquiriu sua propriedade em Mandioca (hoje, Magé), perto da cidade do Rio de Janeiro, onde, entre outros, foi visitado em 1817 pelo botânico e mineralogista Pohl, por Natterer e pelos alemães Spix e Martius, todos eles integrantes da expedição austríaca para o Brasil. Langsdorff acompanhou várias excursões de zoólogos e artistas pelo Brasil. Em 1830, voltou com a família para a Alemanha.

Originário de Frankfurt, o zoólogo Georg Wilhelm Freyreiss (1789-1825) veio para o Brasil na comitiva de Langsdorff. Coleccionava, sobretudo, pássaros e remetia os espécimes coletados para várias companhias naturalistas na Europa. Percorreu Minas Gerais com Eschwege.

Depois do seu regresso, em 1815, conheceu na casa de Langsdorff o botânico e naturalista prussiano Friedrich Sellow (1789-1831), cujo nome original era Selo. Sellow viera para o Brasil a convite do cônsul-geral russo. O ornitólogo Freyreiss e Sellow acompanharam, entre 1815 e 1817, a expedição do príncipe Maximilian von Wied zu Neuwied (1782-1867), que era também um excelente ornitólogo. Tanto Sellow, que coletou espécies no Brasil e no Uruguai por 11 anos, quanto Freyreiss, que atuou no Brasil ao longo de 12 anos, morreram no país tropical.

Em 1818, Maximilian von Wied zu Neuwied mandou para a Europa o seu guia nativo, o botocudo batizado Joachim Quäck, que permaneceu a serviço do príncipe até a sua morte, em 1834. O príncipe publicou seu relato de viagem em 1820/21, documentando a fauna e a flora do Brasil, além da população indígena.



ALEXANDER von HUMBOLDT
pintura de Friedrich Georg Weitsch, 1806.
NHMW

² MAWE, John. *Travels in the Interior of Brazil, Particular in the Gold and Diamond Districts of the country, including a Voyage to the Rio de la Plata and a historical Sketch of the Revolution of Buenos Aires*. Londres: 1812. [MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1978].

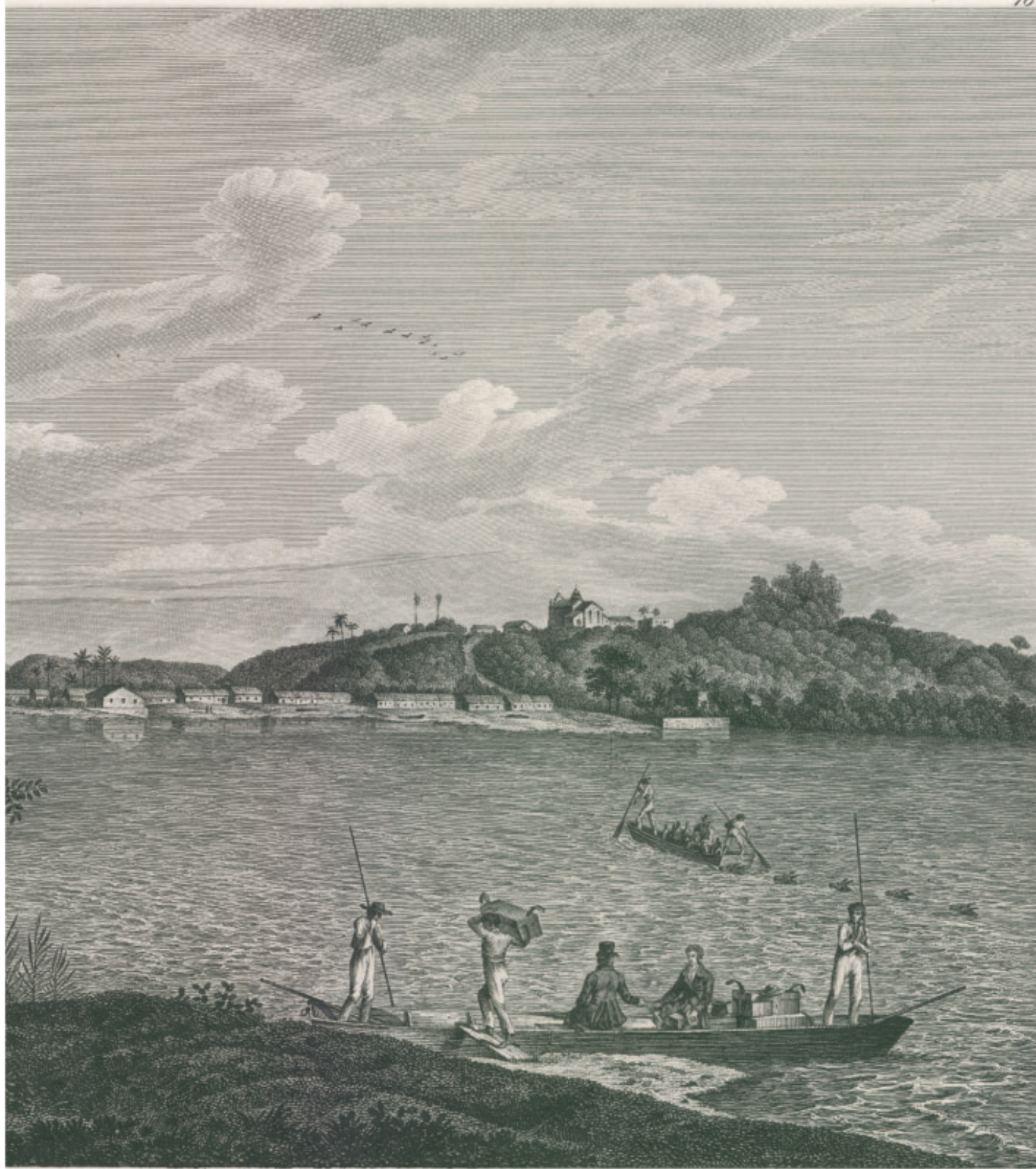
Bilhete para o K.K. Gabinete de Física,
Arte e Natureza de 1802 (Eintrittskarte
für das K.K. Physical, Kunst und Natur Kabi-
net von 1802).
NHMW



MAXIMILIAN ZU WIED-NEUWIED
 Vista da Villa de Porto Seguro no rio
 Buranhém, gravado por Carl Schleich, o
 jovem, segundo modelo de Maximilian zu
 Wied-Neuwied, em *Viagem para o Brasil
 nos anos 1815 a 1817*, segundo volume,
 gravura em cobre. Munique, 1820/1821.
 NHMW



Ansicht der Villa



C. Schleich jun. sc. München.

Ansicht von Porto Seguro am Flusse Buranhem

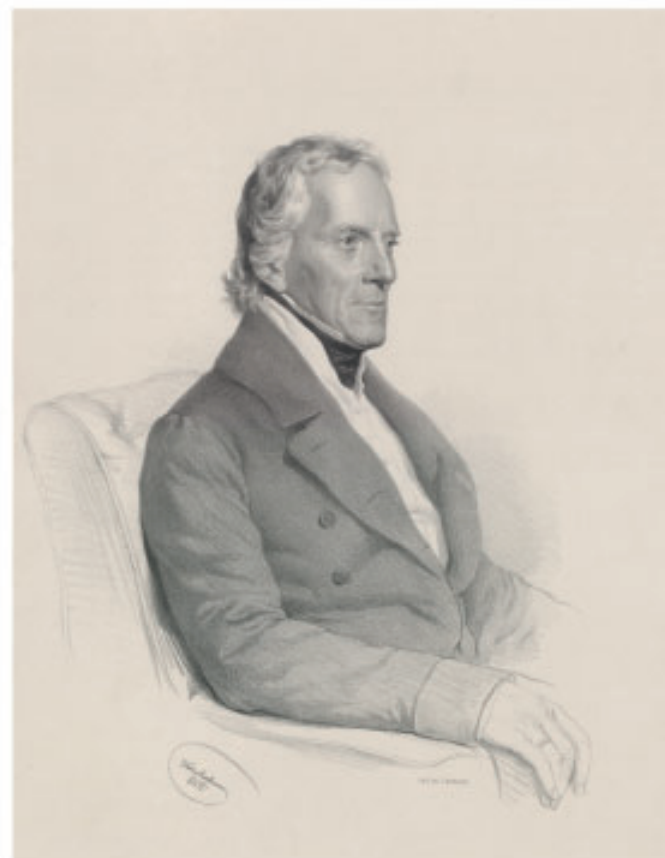
Preparativos para a expedição

Os cuidadosos preparativos de viagem vinham sendo realizados desde 29 de novembro de 1816, quando se concluiu o acordo matrimonial entre a arquiduquesa Leopoldina e o filho do rei João VI, Dom Pedro. O diretor do Gabinete Imperial de História Natural, Carl von Schreibers (1755-1852), apresentara ao imperador Francisco I (II) a proposta de uma expedição para ampliar as coleções de história natural. A ideia inicial era enviar apenas dois naturalistas das coleções imperiais, apoiados por um caçador. Eles viajariam para o Brasil acompanhando o embaixador Eltz, antes mesmo da ida da arquiduquesa Leopoldina. O número de integrantes cresceu no decorrer das semanas e dos meses seguintes. Inicialmente, o plano era pesquisar apenas os arredores dos locais de desembarque no Brasil e, de lá, levar espécies às coleções do Gabinete Imperial de História Natural, aos jardins da corte e às coleções particulares de animais vivos em cativeiro. O imperador incumbiu o chanceler de Estado, o príncipe Clemens Wenzel Metternich (1773-1859), da coordenação geral da iniciativa. Ele tinha bons conhecimentos em ciências naturais e criara coleções de nível profissional. O aconselhamento científico e a organização ficaram a cargo do diretor do Gabinete Imperial de História Natural, Carl von Schreibers. Metternich e Schreibers se expressaram contra uma licitação pública, pois queriam ter o direito de escolher os naturalistas que participariam da expedição. Como Schreibers relatou depois, candidataram-se muitos "aventureiros". Ele sugeriu que se elaborasse uma lista para que se pudesse escolher os naturalistas mais apropriados para futuras empreitadas.³

Metternich desejava organizar algo maior do que o que havia sido originalmente programado. Para o chanceler, a expedição não deveria ser apenas uma viagem de coleta para o Gabinete Imperial de História Natural. Ele almejava reconhecimento internacional para a expedição e buscou aconselhamento junto aos cientistas internacionais de renome, como Alexander von Humboldt, que também frequentava o seu salão, ou Johann Friedrich Blumenbach, pedindo a eles que mandassem uma relação de perguntas e sugestões.

Para o cargo de diretor científico da expedição, Metternich desejava contratar o conhecido naturalista Kaspar Maria Graf von Sternberg (1761-1838). Alegando problemas de saúde e a necessidade de gerir seu patrimônio, no entanto, Sternberg declinou do convite, mas ofereceu os seus serviços para a posterior análise dos resultados botânicos da expedição.⁴

Na condição de "consultor da expedição científica imperial para o Brasil", Carl von Schreibers elaborou as instruções a serem cumpridas por todos os participantes. Ali estabeleceu que todos os membros da expedição estariam sujeitos ao comando do embaixador e de seu representante, que todas as solicitações deveriam ser dirigidas a ambos e que as suas ordens deveriam ser obedecidas em todos os campos. "De modo algum devem ser feitas informações particulares, nem de objetos coletados, nem das observações feitas, sem prévio aviso à direção central e sem sua autorização."⁵ As instruções também deviam ser tratadas confidencialmente. No entanto, o próprio diretor do Gabinete Imperial de História Natural não seguiu essa recomendação. Enviou as instruções ao grande poeta e escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe, em Weimar, com quem mantinha contato desde 1815.⁶ Goethe, que tinha forte inclinação pela pesquisa científica, mostrou-se interessado na planejada viagem ao Brasil.



CARL VON SCHREIBERS
Josef Krichuber, litografia, Viena, 1846.
NHMW

3 "Para essa finalidade, penso em esboçar, para futuro uso, uma lista de pessoas competentes – e que poderia ser bastante ampliada – a partir das muitas pessoas entusiasmadas com a viagem que já se apresentaram nesse curto espaço de tempo e que me foram recomendadas por vários lados, entre os quais há vários sujeitos muito úteis e promissores." [HHStA, St.-K. *Brasilien* 2, 1817 Schreibers, 6/1/1817]

4 Cf. Schweizer, (2009) 151.

5 HHStA, St. K. *Brasilien*, fol. 1-79.

6 Schneider, 96.



CASPAR STERNBERG
Maria von Sternberg, litografia, s/d.
NHMW

No capítulo denominado “Observações gerais relativas às expedições científicas ao Brasil”, Schreibers esclareceu:

“Segundo as notícias mais recentes e unânimes dos viajantes sobre o Brasil, especialmente dos ingleses Mawe⁷ e Koster⁸ – dos quais o primeiro percorreu o litoral sudeste de Montevideo, no Rio da Prata, até o Rio de Janeiro, parte por terra, parte por via marítima, depois as regiões a noroeste no interior até o Tijuco região diamantífera na província de Minas Gerais; e o segundo percorreu o litoral nordeste de Pernambuco até o Maranhão na direção do rio Amazonas por via marítima, depois os distritos norte-noroeste no interior até o Ceará e o deserto de Sentam, na Bolívia, por terra – as viagens não são associadas a perigos nem a especiais dificuldades, pelo menos nas “regiões cultivadas”⁹.

Em outro trecho, Schreibers recomendou o mapa especial do relato de viagem *Travels in the Interior of Brasil* [Viagens ao interior do Brasil], Londres, 1815, do inglês Mawe.

Como o Rio de Janeiro fica situado no centro do litoral leste do Brasil, imaginou-se que seria adequado como centro de partida para as principais viagens; desta forma, os pesquisadores receberiam a sua alimentação por intermédio da embaixada da Áustria. O plano era empreender de três a quatro viagens exploratórias ao longo de dois anos. “A primeira irá para as províncias do norte, penetrando tão longe no interior quanto permitirem o tempo e as circunstâncias, assim como a segunda para as províncias do sul. A terceira partirá do Rio de Janeiro para o interior, para as províncias do noroeste, e a quarta para oeste e sudoeste, seja como uma única viagem principal ou em pequenas excursões repetidas.”¹⁰ Logo ficaria evidente que seria pouco realista eleger o Rio de Janeiro como ponto de partida de todas as viagens.

Os planos de viagem deveriam ser estabelecidos de antemão, indicando todos os alojamentos, trajetos, perigos, a duração, informações sobre o regresso etc. A instrução era manter diários precisos sobre todo e qualquer evento – experiências, observações, relatórios, objetos coletados com informações sobre o local de coleta, denominação local e observações. Além disso, a ordem era prestar atenção aos animais e plantas passíveis de serem aclimatados na Europa. Animais vivos só deveriam ser enviados se fossem especiais, se o transporte não fosse complicado e se a previsão fosse de que sobreviveriam na Europa. Os objetos deveriam ser remetidos para o imperador por intermédio da direção do Gabinete Imperial de História Natural, em Viena.

- 7 MAWE, John. *Travels in the Interior of Brazil, Particular in the Gold and Diamond Districts of the country, including a Voyage to the Rio de la Plata and a historical Scetch of the Revolution of Buenos Aires*. Londres, 1812. [MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1978.]
- 8 Henry Koster, *Travels in Brazil*. Londres: 1816.
- 9 HHStA St-K, *Brasilien*, K 1, fascículos, Schreibers 1.
- 10 HHStA St-K, *Brasilien, Allgemeine Bemerkungen die naturhistorischen Reisen in Brasilien betreffend* [Brasil, observações gerais relativas às expedições científicas para o Brasil] [7].

O capítulo denominado “Notícias e observações para a viagem ao Brasil” recomendava que os participantes montassem um plano para a viagem e investigações. As informações pretendiam ser úteis nos quesitos clima, perigos, animais selvagens, estradas e caminhos, além da alimentação. O objetivo não era pesquisar detalhes, e sim fornecer uma visão geral da diversidade de espécies e, principalmente, de suas particularidades. Havia ainda um suplemento intitulado “Viagens e excursões”, com dados sobre os locais a serem visitados pelos pesquisadores. Inicialmente, percorreriam as cercanias da cidade do Rio de Janeiro e, em seguida, as províncias limítrofes a oeste e noroeste. Seguiram-se instruções sobre aspectos de interesse científico desejados, por exemplo, nas regiões mais próximas; assim, no distrito de Cantagalo, os naturalistas deveriam procurar nativos semi-instruídos, além de macacos, garimpos de ouro etc.

Em relação a indicações sobre a existência de antropófagos, o “Anuário sistemático dos produtos naturais mais curiosos que existem no Brasil e que devem ser preferencialmente observados, procurados e coletados” expressa o seguinte desejo: “Que se colem informações sobre a sua vida, seus hábitos e costumes, que se descreva o seu aspecto exterior ou o representante figurativamente e, se possível, arranje um crânio.” A esse propósito, seguem-se observações sobre mamíferos, pássaros, anfíbios, peixes, moluscos, insetos, minerais, fósseis e plantas. Especialmente em relação aos animais, o texto traz instruções sobre as espécies que deveriam ser levadas vivas ou mortas. Indica ainda determinadas áreas com a ocorrência dos animais, destacando diferentes tipos de macaco, morcego, gambá, onça e tatu.¹¹ No caso das baleias, só deveriam ser enviadas determinadas partes, como coração e olhos, conservados em álcool, além das partes que poderiam ser conservadas e transportadas inteiras.¹²

Schreibers também fez uma lista do equipamento necessário para a expedição científica ao Brasil com os respectivos orçamentos.¹³ Listou os materiais e equipamentos para a captura de mamíferos e pássaros: duas escopetas de cano duplo com capa; duas carabinas de caça; duas espingardas de ar comprimido; uma máquina de bombear com ferramentas; uma bomba manual; duas bolsas de caça; duas bolsas de munição; um saco para chumbinho; pólvora fina para atirar; armadilhas; o chamado “ferro de Berlim” (*Berliner-Eisen*, armadilha de metal para capturar animais selvagens de vários tamanhos) e redes para captura de pássaros; material e ferramentas para empalhar animais; instrumentos, agulhas, cortiça etc. para capturar e espetar insetos; instrumentos anatômicos; 1000 garrafinhas, bacias grossas de vidro etc. para coletar e conservar vermes intestinais; e, finalmente, equipamentos e acessórios para observação e registro, como bússolas, termômetros, anemômetros, barômetros, livros, mapas e material para escrever. Para a “ciência das ervas” (botânica) foram previstos ainda: papelão para guardar as plantas secas; papel mata-borrão para absorver o líquido; papel para secar, descrever e empacotar plantas e sementes; papel vegetal para intercalar; material para escrever (penas, lápis e tinta-nanquim); 3 prensas de couro; uma mala de couro para guardar o material seco em excursões, lupas, binóculos, pás, serras, grampos, furadeira, martelo e alicates, além de latas de metal, um termômetro de metal, uma tela encerada, papel de embrulho, barbante e cordas para empacotar. Além disso, havia guias de campo para plantas. Ao todo, o material necessário foi orçado em 5.097 florins (moeda da época na Áustria).

O que se desejava era obter “uma rica coleta, obtida por meio de observações e experiências nos aspectos geográfico, físico, antropológico, etnográfico, econômico, técnico e principalmente científico, e por meio de fartas coleções, correspondendo a todos os reinos, classes, famílias e gêneros dos produtos naturais”.

JOHANN BAPTIST NATTERER

Desenho de uma ave de rapina que parece retratar a águia-imperial, *Aquila heliaca* (Falconiformes, Accipitridae).

Desenho a lápis.

NHFW

11 HHStA *Brasilien*, Schreibers p.16.

12 HHStA *Brasilien*, Schreibers p.18.

13 Orçamento, Schreibers, 20/12/1816, HHStA, St. K. *Brasilien*, K1, fascículo 1.



Dessa maneira, os senhores cientistas não deveriam permanecer muito tempo em nenhum lugar, especialmente se não fosse muito promissor, coletando o mais rápido possível em locais pouco produtivos, estando preocupados em viajar para o maior número possível de distritos, comarcas e províncias, dando preferência àqueles mais distantes e diferentes em termos de situação e especificidades físicas, viajando pelo centro e pelos dois polos do país.

A chegada da expedição estava programada para o mês de maio. Devido à época das chuvas até julho, bem como aos preparativos e à aclimação dos cientistas, somente deveriam ser empreendidas excursões pelos arredores do Rio de Janeiro. Além disso, os participantes da expedição deveriam estar presentes à espera da chegada da arquiduquesa Leopoldina, em agosto. Supunha-se que a coleta feita até aquele momento já pudesse ser transportada para a Europa quando os navios regressassem.

Notas biográficas dos participantes, viagens e resultados.

Com a recusa de Sternberg de participar da expedição na condição de diretor científico, von Schreibers e Metternich sugeriram, em seu lugar, o nome de Johann Natterer. Além de Natterer, que trabalhava desde 1809 a soldo do Gabinete de História Natural, Schreibers recomendou o comerciante vienense de produtos naturais Matthias Unterholzer para cuidar das classes mais baixas de animais; como jardineiro, o jardineiro da corte do castelo de Belvedere, Heinrich Wilhelm Schott; como caçador e empalhador, Dominik Sochor, ajudante de caça do príncipe herdeiro, o arquiduque Ferdinando. Com exceção de Matthias Unterholzer, os demais participantes propostos foram autorizados. É bem verdade que, a pedido do conselheiro de estado e médico von Stifft, Natterer foi preterido na função de chefe da missão em favor de Johann Christian Mikan, professor de história natural da Universidade de Praga, fato que desde o início gerou conflitos. Também foi convocado o especialista em mineralogia, Johann Emanuel Baptist Pohl, também de Praga. Aparentemente, o imperador estava interessado em uma boa ligação entre Viena e Praga. Como artistas foram contratados os desenhistas Thomas Ender e Johann Buchberger.

Na comitiva da arquiduquesa Leopoldina viajaram Rochus Schüch, seu assistente Franz Josef Frühbeck, o pintor Frick, o médico particular da arquiduquesa, Johann Kammerlacher,¹⁴ e o médico Prataschewitz.

A pedido do rei bávaro Maximiliano José I, sogro de Francisco I (II),¹⁵ foram incluídos na expedição o botânico Carl Philipp Friedrich von Martius (nascido em 1794, em Erlangen, e falecido em 1868, em München) e o zoólogo Johann Baptist von Spix (nascido em 1781, em Höchststadt, e falecido em 1826, em München). Já em 1815, a Academia das Ciências da Baviera preparara um plano para uma viagem ao Brasil, mas o empreendimento fracassara por causa dos elevados custos estimados.

O arquiduque Fernando III da Toscana, irmão do imperador, enviou o naturalista Joseph Raddi (nascido em 1770, em Florença, e falecido em 1829, na ilha de Rodas).

Johann Natterer se queixou sobre a escolha de Mikan ao chanceler de Estado bem quanto ao imperador. A este último, escreveu que "Mikan não tem nenhum mérito junto ao Gabinete Imperial de Ciências Naturais e que ele próprio considerava a decisão um castigo e uma vergonha".¹⁶ Entretanto, a influência de Stifft junto ao imperador era maior do que as de Metternich, von Schreibers e Natterer somadas.

Natterer tentou dividir a expedição em dois grupos.¹⁷ Mikan deveria administrar apenas a parte botânica, e ele próprio, a zoológica. Seu pedido foi atendido. O grupo zoológico incluiria Natterer e Sochor e o grupo botânico, Mikan e Schott.

Foi redigida uma "Instrução de serviços para a viagem ao Brasil dos cientistas Senhor Doutor Johann Christian Mikan Professor Imperial de Botânica de Praga e Senhor Johann Natterer, assistente do Gabinete Imperial de Ciência Natural de Viena",¹⁸ que deveria ser observada por ambos. Ao diretor do Gabinete Imperial de História Natural, von Schreibers, informou-se ainda que:

"A relação dos senhores Mikan e Natterer entre si será determinada pela consideração natural de sua categoria de serviço, bem como dos objetos científicos a eles confiados. Ambos estão sob as ordens diretas do senhor Embaixador; ambos, portanto, terão que obedecer rigorosamente às instruções do mesmo e se dirigir a ele com suas sugestões relacionadas às excursões planejadas e às coleções a serem feitas. No tocante à posição, o senhor professor Mikan está acima do senhor Natterer; essa posição, no entanto, não pode ter influência direta sobre os ramos científicos que foram especialmente confiados a ambos."¹⁹



THOMAS ENDER
Reprodução em meio-tom de uma
litografia de Franz Stöber, com base em
desenho de Josef Dannhauser.
NHMW

¹⁴ Kammerlacher não era médico da legação austríaca, como consta em Schreibers, *österreich. Naturforscher* (1820) 104. O médico da legação era Prataschewitz cf. Mikan (1833) 168.

¹⁵ Francisco I (II) casou-se pela quarta vez com a filha do rei Maximiliano I. (Joseph, Charlotte Auguste Karoline (1792-1873).

¹⁶ Carta de Natterer para o imperador Francisco I, 27/12/1816 HHStA St. K. *Brasilien* K1, fascículo 1.

¹⁷ Carta de Natterer para Metternich, em 27/12/1816, HHStA St. K. *Brasilien* K1, fascículo 1.

¹⁸ HHStA, St. K. *Brasilien*, fol. 1-79 expedições científicas.

¹⁹ Comunicado a Schreibers, HHStA, St. K. *Brasilien*, K1, fascículo 2.



THOMAS ENDER
Entrada da Baía da Guanabara.
283x465mm
K. ACAD

Metternich sugerira o nome do paisagista Thomas Ender (1793-1875), o que o imperador inicialmente rechaçou, alegando ser “desnecessário”. Mikan, então, recomendou o paisagista e gravurista Anton Pucherna, de Praga. Mais uma vez, Metternich defendeu o nome de Ender e, dessa vez, concessões como a entrega dos desenhos e dos quadros à propriedade do estado e um corte nos custos foram bem-sucedidas. No dia 9 de março de 1817, Ender recebeu permissão de participar da viagem.

Poucos dias depois, em 17 de março de 1817, Mikan escreve para Metternich, mencionando a vantagem de ter, como membro da expedição, um desenhista botânico, “se me fosse concedido como companheiro de arte e de viagem”, podendo fornecer uma obra-prima botânica, “como sempre tem aparecido em Viena, Paris ou Londres”. Segundo ele,

“meus esforços, já considerados por Vossa Excelência, de encontrar um artista desse tipo que estivesse disposto a participar desta viagem não ficaram sem êxito. Travei conhecimento com Senhor Buchberger, que vários elogiaram para mim como excelente desenhista botânico e cujos produtos artísticos eu também achei magníficos sob o aspecto da representação botânica correta e fiel à natureza. Segundo o seu conhecimento específico, não poderia haver melhor artista.”²⁰ [fig. 15 ou 16 ou 17]

O imperador concordou.

E quem foram, afinal, os participantes da expedição austríaca para o Brasil?

20 HHStA StK. *Brasilien* 1 Carta de Mikan para Metternich, 17 de março de 1817 [Brasilien 2].

Johann Christian Mikan

Johann Christian Mikan²¹ nasceu em 1769, em Teplice/Boêmia, filho da vienense Anna Margot de Chabot (1739-1791) e de Joseph Gottfried Mikan (1743-1814), de Praga. Quando o menino tinha dois anos de idade, a família se mudou de sua cidade natal para Praga. Cedo, revelou interesse pelas ciências naturais, fomentado pelo pai. Teve como preceptor particular Thaddäus Haenke, que participara da expedição Malaspina, em 1789, e depois passou a viver na América do Sul. Depois dos estudos universitários em Praga, em 1793, Mikan exerceu brevemente a atividade de médico, antes de se dedicar à botânica e à entomologia. Jovem ainda, fez primeiras descrições de moscas das flores nativas (*sirfídeos*) e da vegetação das regiões montanhosas da Boêmia. Em 1800, ocupou a cadeira de História Natural Geral em Praga. Em 1811, empreendeu expedições científicas para Malta, a Espanha e as Ilhas Baleares. No ano seguinte, sucedeu o seu pai Joseph Gottfried, aposentado, no cargo de professor de botânica na faculdade de medicina da universidade de Praga. Em 1816 foi escolhido pelo imperador para dirigir a expedição austríaca para o Brasil. Poucos dias antes da partida, em 20 de março de 1817, casou-se na catedral de São Estêvão com Johanna Maria Woitrich (Wojtêch), então com 35 anos. Depois de regressar para a Europa, reassumiu o seu cargo como professor de botânica na universidade de Praga. Além disso, foi vice-diretor da faculdade de medicina e membro do conselho acadêmico. Durante muitos anos ocupou o cargo de secretário da Sociedade Patriótica Econômica Imperial em Praga. Foi membro ainda de numerosas outras sociedades científicas. Devido à sua doença, foi obrigado a passar várias temporadas na Itália e se aposentou em 1831. Mikan escrevia poemas e patrocinava concertos beneficentes. Morreu em Praga, em 1844, aos 77 anos.

A relação desgastada entre Mikan e os demais participantes da expedição levou o embaixador Eltz a recomendar que Mikan fosse incumbido de acompanhar o primeiro transporte de volta para a Europa. Eltz acreditava que, dessa forma, poder-se-ia economizar de 700 a 800 florins, sendo que Schott e Pohl, ambos excelentes botânicos, poderiam assumir as suas tarefas. O secretário da embaixada, Wilhelm Josef von Neveu, complementou em uma nota secreta ao chanceler Metternich que Mikan era muito presunçoso e arrogante, submetendo os demais participantes da expedição a chicanas.²² O pessoal da embaixada temia pela reputação da Áustria.



JOHANN CHRISTIAN MIKAN
Friedrich Johann Gottlieb Lieder, *Johann Christian Mikan para seus amigos*, litografia, Viena, 1826.
NHMW

21 Hoppe NDB 17 (1994) 491, Wilhelm Ludwig Weitenweber in: *Lotus* (Prag 1852) 63-65.

22 Carta de Neveu para Metternich, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1818. HHStA St.-K, Dipl.Korr, *Brasilien* 2.Berichte 1818, f.811.

Resultados científicos da coleta de Mikan

No dia 1º de junho de 1818, as fragatas austríacas *Austria* e *Augusta* deixaram o porto do Rio de Janeiro. A bordo estavam o professor Mikan, sua esposa Johanna, Giuseppe Raddi, Thomas Ender, o acidentado pintor Buchberger e parte da comitiva de Leopoldina. Os viajantes chegaram a Viena no outono. Buchberger se tornou a primeira vítima da expedição. Depois de sua volta, recebeu um apartamento de serviço em Schönbrunn e uma pensão anual de 500 florins. Ele morreu em 1821, em decorrência das consequências do seu acidente.

Mikan levou “3 mamíferos, 49 aves, 37 anfíbios, 16 peixes, 3000 insetos, 6 crustáceos, 27 conchas, 4 vermes de intestino, 2 animais taxidermizados, 171 amostras de sementes, 2400 plantas (e) 16 minérios”,²³ além de animais vivos para as coleções zoológicas dos jardins imperiais Burggarten, Schönbrunn e Laxenburg. Depois de morrer, os animais muitas vezes iam parar no Gabinete de História Natural, como ocorreu por exemplo com um mutum. Esse pássaro viveu até 1820 no jardim imperial Hof-Burggarten, sendo depois empalhado para a coleção ornitológica (o macho viveu até 1825; a fêmea, até 1820).²⁴

Além do já mencionado macaco-prego, o casal Mikan levou para Viena os primeiros exemplares de mico-leão dourado, mico e sagui.²⁵

Entre os objetos daquela leva, considerou-se a maior raridade um espécime jovem de jacaré, que morreu durante a viagem e chegou ao Gabinete Natural de Viena conservado em aguardente. Grande número de borboletas trazidas por Mikan foi depois para o *Brasilianum*.

O resultado da coleta não reverteu apenas em coleções para o Gabinete de História Natural, como também em objetos para o chanceler Metternich. A lista evidencia a sua preferência por curiosidades: 8 barris de vinho, uma caixinha de mate, uma lata de tabaco para inalar, frutas em conserva, 2 aves-do-paraíso mortas, 2 papagaios vivos, além de um que morreu durante a viagem, e 2 macacos. Em contraste com isso, foram levados minérios e sementes do Brasil para o irmão do imperador, o arquiduque Johann, de fato interessado em ciência.²⁶

Em um laudo para Metternich, Carl von Schreibers opinou que a maior parte da coleção de Mikan para o Gabinete de História Natural era dispensável e poderia ser doada para a universidade de Praga.²⁷ Schreibers também afirmou que os números totais da coleção de insetos e de plantas do professor incluíam a coleta do jardineiro Schott.²⁸ Mikan corrigiu a informação, negando que tivesse incorporado as coleções de plantas e insetos de Schott às suas, como afirmou Schreibers. Disse que Schott não lhe entregara insetos e que as plantas secas do jardineiro estavam em uma caixa selada que só foi aberta posteriormente, na presença de Schreibers.²⁹

23 NHMW, Archiv für Wissenschaftsgeschichte, Tabellarisch-summarische Uebersichten In: Akten, Brasilianisches Museum.

24 Fitzinger, 1853, 183.

25 Mikan, 1833, 135.

26 Cf. Carta do arquiduque Johann para Vest, 8/12/1818; Franz Itzold, Eh. Johann e Dr. Lorenz Chrysanth Edler von Vest. In: Mitt. des hist. Vereins f. Steiermark 42, 105.

27 Carta de Schreibers para Metternich, setembro de 1819, HHStA, St. K. Brasilien, K1, Fasc. 3.

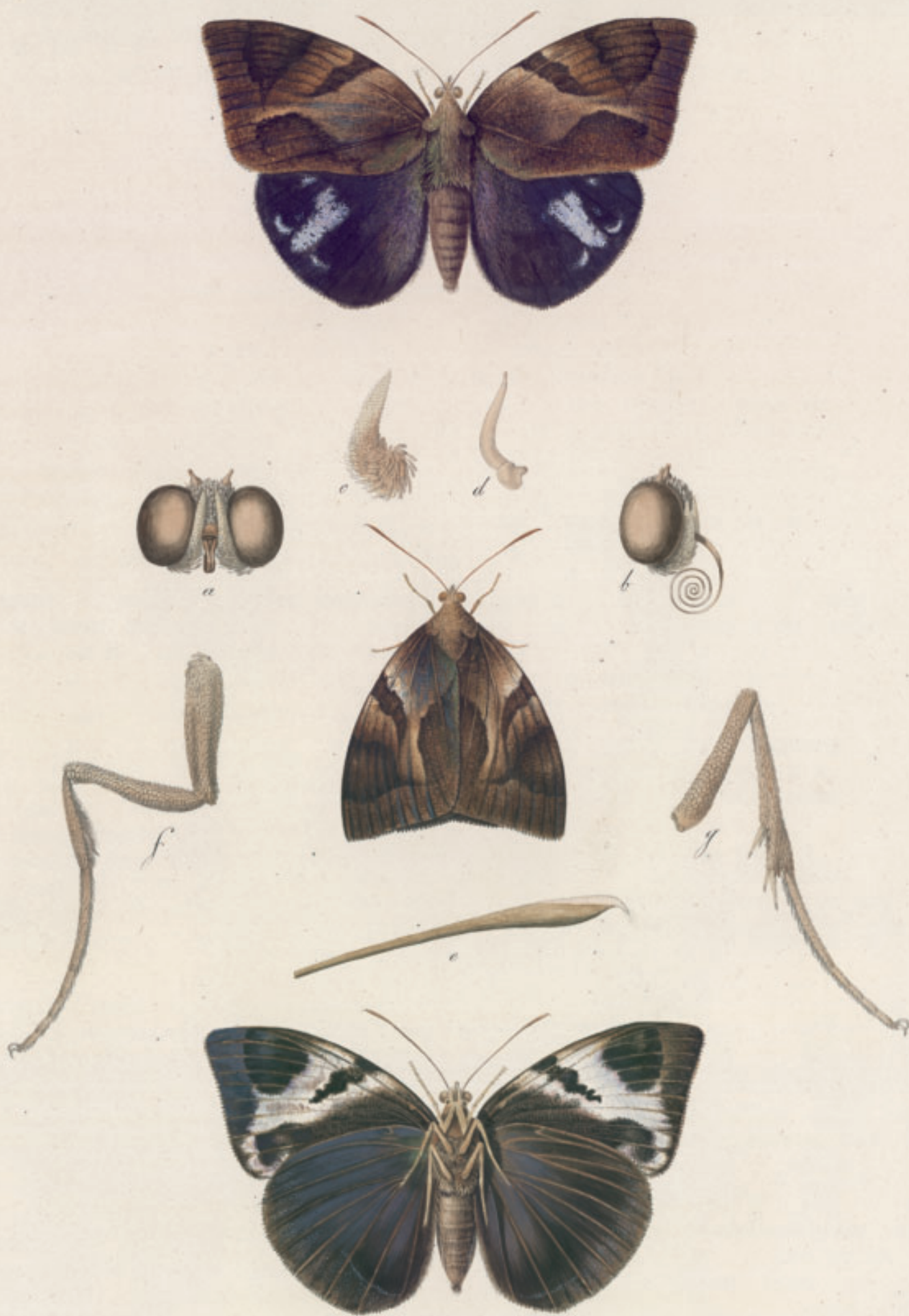
28 Schreibers, *Nachrichten*, v. 1 (1820) 150 und 151.

29 Mikan, 1833, 98.



Castnia schreibersi, borboleta, comprimento do corpo 6cm, envergadura 14cm. Mikan denominou esta borboleta, coletada por ele em 1817 na Bahia, em homenagem a Karl von Schreibers. Seu habitat está restrito ao Brasil. NHMW

MICHAEL SANDLER
Castnia schreibersi, litografia colorida à mão, impressa pelo Instituto Litográfico de Viena, 1820. A borboleta foi dedicada ao diretor do Gabinete Imperial de História Natural, Karl von Schreibers. NHMW



Castnia Schreibersi.

Em 1823, Mikan solicitou que o seu salário anual fosse aumentado em 1.000 florins, em reconhecimento aos seus méritos relativos à missão austríaca no Brasil. O chanceler de Estado Metternich, a quem esse requerimento foi apresentado, pediu a opinião de Schreibers. Desde o início contra a participação de Mikan na expedição, Schreibers não quis se pronunciar antes de que todos os resultados do material coletado tivessem sido apresentados, mas concluiu sua resposta observando não ter certeza se o valor da coleção de Mikan correspondia ao valor do equipamento adquirido. Depois de pedir a opinião de outros especialistas, Metternich conseguiu que Mikan obtivesse um prêmio extraordinário de algumas centenas de florins além das suas demandas.³⁰

Mikan publicou as novas descrições de várias famílias de plantas e animais em 1820-1825 no luxuoso volume *Delectus faunae et florum brasiliensis*, que se destaca principalmente pela elevada qualidade das ilustrações, feitas por Buchberger, Bauer, Knapp, Stoll, etc.

Buchberger é o único artista ilustrador da obra que de fato esteve no Brasil. Os desenhos da maior parte das plantas foram feitos com base no herbário, pois os artistas só dispunham de algumas poucas plantas vivas. Mikan dedicou a obra ao chanceler de Estado Metternich, e não ao imperador.

Ao Freiherr von Stifft, o diretor máximo dos estudos de medicina e primeiro médico privado do imperador, Mikan dedicou a primeira família descrita no livro com a espécie única *Stiftiachrysantha*, em sinal de gratidão por ele ter sugerido o seu nome para participar da expedição.

Em homenagem a Metternich, denominou a planta da família das *Solanaceae*, *Metternichia princeps*, segundo Schott, *Gloxinia Schottii*. O gênero botânico *Esterházya* com a espécie *Esterházya splendida*, da família das *Scrophulariaceae*, dedicou ao príncipe Nikolaus Esterházy, grande mecenas da botânica e colecionador de plantas raras.

Ao diretor do Gabinete Imperial de História Natural, Mikan dedicou a espécie de borboleta *Castnia schreibersi*. Entretanto, Mikan não pôde cuidar com mais afinco dos espécimes zoológicos trazidos do Brasil porque lhe foi proibido usar o acervo zoológico, indicando que era o domínio de Natterer e que ele não deveria se beneficiar dos louros dos outros.³¹

MICHAEL SANDLER

Com base em modelo de Johann

Buchberger, *Esterházy splendida*, litografia colorida à mão, impressa pelo Instituto Litográfico de Viena, 1820. Mikan dedicou esse gênero da família das *Scrophulariaceae* ao príncipe Nikolaus Esterházy, grande mecenas da botânica e colecionador de plantas raras.

NHMW

30 Cf. Kadletz-Schöffel, 238-239.

31 Blaas, *Österreichs Beitrag* (1976), 31 e 59.



Esterházya splendida.



JOHANN KNAPP

Segundo Ferdinand Lukas Bauer, *Stiffia chrysantha*, litografia colorida à mão, impressa por Adolph Friedrich Kunike, 1820.

Mikan dedicou o gênero de planta ao seu mecenas Andreas Stiff, o médico particular do imperador.

A planta foi colhida em Sebastianópolis. NHMW

Stiffia chrysantha MİK[an], *Mikm*, coletada por Johann Christian Mikan no Brasil. Mikan dedicou o gênero a Andreas Stiff, o seu mecenas e médico particular do imperador. O exemplar é do herbário de Jacquin [Hb.Jacq.]. NHMW

NATURHISTORISCHES
MUSEUM WIEN
V 0066539 -





JOHANN CHRISTIAN MIKAN
 Franz Kolb, segundo modelo de Johann
 Buchberger, *Echites tenuifolia*, litografia
 colorida à mão, impressa pelo Instituto
 Litográfico de Viena, 1820.
 NHMW

JOHANN CHRISTIAN MIKAN
 Michael Sandler, segundo modelo de
 Leopold von Stoll, *Jacchus chrysophyggus*,
 Natterer, litografia colorida à mão,
 impressa pelo Instituto Litográfico de
 Viena, 1820. O exemplar foi abatido por
 Natterer em Ipanema e entregue a Mikan,
 que o levou para a Áustria.
 NHMW



Jacchus chrysopygus Natterer

Heinrich Wilhelm Schott

Heinrich Wilhelm Schott³² nasceu em 1794, em Brünn, filho do jardineiro Heinrich Schott (1759-1819). Aos sete anos de idade, mudou-se para a capital com o pai, que recebeu o cargo de jardineiro-chefe do Jardim Botânico da Universidade de Viena. Depois de terminar o ginásio na escola beneditina (*Schottengymnasium*), estudou botânica, agricultura e química na universidade de Viena, com Nikolaus Joseph e Joseph Franz von Jacquin, entre outros. De 1809 a 1813 foi assistente do pai no Jardim Botânico da universidade e, a partir de 1815, no jardim da "Flora Austríaca" no palácio Belvedere Superior, acumulando o cargo depois como assistente na faculdade botânica. Uma monografia sobre o gênero *Silene*, iniciada na época, ficou inconclusa. Desde o início, o nome de Schott fora selecionado para participar da missão para o Brasil. Depois de seu regresso, em 1822, foi nomeado para o cargo de jardineiro adjunto nos jardins botânico e zoológico de Schönbrunn, em 1828 para o cargo de jardineiro principal que, a partir de 1840, dirigia ainda o jardim "Flora Austríaca", no palácio Belvedere Superior, e, em 1845, diretor geral do jardim da corte e da coleção de animais vivos (Menagerie). Na Menagerie implantou um trato justo com os animais. Deve-se a ele a transformação de uma parte do parque do palácio de Schönbrunn do estilo francês para o jardim inglês, valorizando a paisagem natural. O jardim de plantas alpinas – que existe até hoje no palácio de Belvedere – teve origem em uma coleção que Schott fez de plantas rupestres de montanhas no mundo inteiro. Ao lado disso, criou um vasto herbário. Cientificamente, ocupou-se principalmente com a família das aráceas, tornando-se o maior especialista no assunto. Mandou fazer, do próprio bolso, mais de 3.400 imagens de aráceas, bem como numerosas pranchas de outras famílias botânicas. Descreveu e denominou muitos gêneros de plantas hoje conhecidas como ornamentais, como *Philodendron*, *Spathiphyllum*, o gênero de samambaia *Nephrolepis* etc.

Considerado o mais relevante entre os jardineiros da corte do ponto de vista científico, Schott também se destacou como patrono de jovens cientistas. Seus trabalhos científicos lhe renderam várias honrarias, como o título de doutor em filosofia da universidade de Jena, em 1858; membro correspondente da Academia das Ciências; cavaleiro da ordem austríaca imperial Francisco José; oficial da ordem mexicana de Guadalupe; membro honorário em numerosas associações e sociedades. Morreu em 1865, em Schönbrunn, próximo de Viena.

Schott escreveu numerosos trabalhos científicos, como a *Meletemata Botanica*, com Endlicher, em 1932. Não deu continuidade à sua obra sobre samambaias, iniciada com quatro fascículos, depois que Karl Presl também publicou um trabalho sobre samambaias. Sabe-se pouco sobre a sua família. Teve pelo menos cinco filhos, entre os quais há documentos³³ de Sophie, Rosa e Marie. Seu filho Ferdinand (1830-1889) foi um renomado anatomista que se tornou professor de anatomia, patologia e histologia na universidade de Innsbruck, em 1869.



HEINRICH WILHELM SCHOTT
Berthold Winder, cópia em papel
albuminado, Viena, cerca de 1860.
NHMW

32 Biografia baseada em grande parte no livro de Christa Riedl-Dorn, *Schott, Heinrich Wilhelm* In: NDB vol.23 (2007), 494-495.

33 Carta de Johann Natterer para Karl von Schreibers, 10/11/1817, ÖNB Coleção de autógrafos Autographen 463/34-1.

Schott e o jardim de aclimação

O jardineiro científico Heinrich Wilhelm Schott responderia a Mikan. O diretor do jardim botânico Hofgarten, Franz Boos (1753-1832), o professor de botânica e química Franz Joseph Jacquin (1766-1836) e o botânico, conselheiro imperial e médico da corte, Nicolaus Thomas Host (1761-1834), elaboraram as instruções para ele. No dia 18 de fevereiro de 1817, o imperador ordenou que essas instruções deveriam ser “entregues tanto ao professor Mikan quanto ao jardineiro Schott, para serem estritamente observadas”.³⁴

Schott não viajou no mesmo navio do professor Mikan. Como o *Augusta* já se tornara inavegável no dia 11 de abril, permanecendo bastante tempo no porto de Chioggia (Chiozza), Schott começou ali mesmo a formar suas primeiras coleções. Enviou um pacote com plantas e outro com sementes para Schreibers. Além das listas com plantas, descreveu aquelas que considerou novas. Já no dia 7 de fevereiro de 1818, as descrições e as listas, além da carta que as acompanhava, foram publicadas no jornal *Erneuerte vaterländische Blätter für den österreichischen Kaiserstaat*.³⁵ Schott também fez um relato sobre a utilização de plantas medicinais nas farmácias. As remessas subsequentes de plantas vieram de Gibraltar, onde o navio aportou no dia 17 de junho e permaneceu até 1º de setembro, e de Algeciras (Espanha).³⁶

Além da viagem com Mikan, Schott permaneceu nos arredores do Rio de Janeiro. Depois da partida de seu superior, passou a receber a mesma remuneração de Natterer e Pohl.

Enquanto os demais participantes remanescentes empreenderam viagens exploratórias através do país, Heinrich Wilhelm Schott foi obrigado a permanecer no Rio de Janeiro, uma vez que devia preparar as plantas vivas e os animais vivos para a travessia para a Europa e as novas condições que os esperavam ali. Para esta finalidade, criou um jardim de aclimação, designado de “jardim botânico imperial”, que pertencia à legação austríaca. A atividade de coleta de Schott se restringia aos arredores do Rio de Janeiro, mas ele também precisou supervisionar as coleções de Natterer e Pohl até o transporte por navio. Como o jardineiro não encontrou ajudante apropriado, escreveu para Metternich em 1819, pedindo ajuda financeira para empacotar as plantas adequadamente e um ajudante de jardinagem a quem pudesse confiar os cuidados pelas plantas durante a travessia. Pediu ainda que, junto com esse ajudante, fossem-lhe enviados fardos de papel de mata-borrão, garrafas de tamanhos diversos e 15 mil alfinetes para espetar insetos.³⁷

O aprendiz Joseph Schücht foi mandado pelo chefe do jardim botânico imperial, Boos, a Schreibers, para que este o conhecesse pessoalmente. Schreibers examinou o futuro jardineiro e o considerou “recomendável”³⁸ do ponto de vista do comportamento e do aspecto físico. No dia 18 de agosto de 1819, o imperador autorizou que Schücht viajasse ao Brasil, a fim de acompanhar para a Europa as coleções ali preparadas.³⁹

A viagem não foi muito simples: Schücht deveria partir no início de outubro com o carro postal para Berlim, a fim de se encontrar ali com o tenente-coronel Feldner, da Silésia. O tenente-coronel teria de decidir a partir de que porto – Bremen, Hamburgo, Londres ou Lisboa – partiriam para o Rio. Esses portos pareciam mais vantajosos do que o de Trieste, uma vez que os austríacos já poderiam estar no Brasil em fevereiro, a melhor época do ano, no verão. De Trieste, os navios partiriam bem mais tarde, fazendo com que chegassem ao Brasil somente na época das chuvas, em junho.⁴⁰ Planejou-se uma viagem terrestre que duraria um mês, além de três meses de viagem marítima. Por meio de uma circular, todas as legações e todos os consulados imperiais da área de influência daquele porto, do qual Schücht partiria, foram instruídos a garantir ao jardineiro o apoio necessário, como os gastos pela sua travessia para o Rio, ou um acordo com o comandante de que, na chegada ao Rio de Janeiro, a legação local pagaria os custos.⁴¹

34 Carta ao diretor von Schreibers, Viena, 18/2/1817, HHStA St.-K. Brasilien 2, Konv. 2.

35 *Erneuerte vaterländische Blätter für den österreichischen Kaiserstaat* 11 (7 de fevereiro de 1818), 41-44.

36 *Isis* ou *Encyclopädische Zeitschrift* von Oken [g 1818 H 1 (Jena 1818), 818-822.

37 Cf. HHStA, St. K. Brasilien, Kon 1819, Fasz 6, Kt 4.

38 HHStA St.-K. Brasilien 1317 Karl v. Schreibers, Viena, 5 de agosto de 1819.

39 HHStA St.-K. Brasilien Kaiser Franz, Schönbrunn, 18 de agosto de 1819.

40 31 de agosto de 1819, Schreibers

41 HHStA Wiss 3/6-266 Schücht, 10 de outubro de 1819.

JOSE. HERR. PALAT. VINDOB.
SCHOTT ARDIDAE Nr. 177.



Caladium hastatum Lam.

Leopold. p. 177.



HEINRICH WILHELM SCHOTT
Wenzel Liepoldt,
Diffenbachia barguiniana,
guache, s/d.
NHMW

HEINRICH WILHELM SCHOTT
Johann Oberer,
Anthurium affine Schott,
guache, s/d.
NHMW



Schücht, que chegou em março de 1820 no Brasil, passou a responder a Schott e recebia a mesma remuneração de Sochor.

No dia 4 de junho de 1820, Schott partiu para a sua primeira viagem independente. Ele permaneceu mais tempo na região de Aldeia da Pedra e São Fidélis, para depois voltar até o Rio de Janeiro via São Salvador, Fazenda São João de Paraíba, Quissamã, Magé, Medruza e Porto Velho, chegando à capital no dia 1º de outubro de 1820.⁴²

Junto com o pintor Frick, liberado por Leopoldina, Schott viajou de janeiro a março de 1820 pela província do Rio de Janeiro até Macacu e o distrito de Cantagalo, explorando toda a região. Seus relatos de viagem foram publicados em 1822 como anexo do segundo volume da obra de Schreibers, *Nachrichten von den kaiserlich-österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit*.⁴³ Assim como ocorreu com os outros cientistas, Schott não se restringiu à coleta de objetos naturais, mas adquiriu também objetos etnológicos, produziu listas de vocabulário das línguas nativas (amostras linguísticas dos Camé, Coropo e Puri)⁴⁴ e visitou diferentes tribos indígenas.⁴⁵ Ele e seus companheiros foram obrigados a cancelar outras viagens planejadas devido às turbulências políticas. O rei Dom João VI deixou o Brasil no dia 26 de abril de 1821 por causa das graves agitações, voltando para Portugal. Em abril de 1821, a missão naturalista foi extinta e todos os naturalistas receberam ordens de voltar para a Europa. Uma última tentativa de Schott, Frick e Natterer de continuarem suas viagens com menos recursos e abrindo mão de seus adiantamentos pessoais foi negada.

Schott iniciou sua viagem de volta em 1821, seguindo ordens da legação. Frick também voltou, porque deixou de receber sua remuneração.

Poucas semanas depois da partida de Pohl, em 21 de junho de 1821, Schott deixou o Rio de Janeiro acompanhado do embaixador austríaco a bordo do navio francês *Egmont*. Ficaram para trás apenas Natterer, Sochor e Rochus Schüch, este último a serviço da princesa Leopoldina.

Do Brasil, Schott levou ou enviou para o Gabinete Imperial de História Natural na Áustria, em três remessas: “212 anfíbios (dos quais 118 eram de Schücht), 3 peixes, 19.149 insetos (dos quais 2.442 de Schücht), 1 crustáceo, 1 animal da família radiata, 43 armas e equipamentos [dos

Cesta de carga
Heinrich Wilhelm Schott
(1794 Brünn – 1865 Viena),
26cm x 11cm x 7cm.
coleção Schott.
Weltmuseum Wien

42 Schreibers, *Nachrichten* Vol. 2 (1822), 105.

43 Cf., Heinrich Schott, *Tagebücher des k.k. Gärtners, Hrn. H. Schott in Brasilien, von dessen Reisen in die Campos am Paraíba und Paraíbauna – Flüsse und durch den Distrikt von Santa Gallo; dann nach Macacu und am Flüsse gleichen Namens, Von Rio de Janeiro aus* [Diários do jardineiro imperial, H. Schott, no Brasil, de suas viagens para Campos nos rios Paraíba e Paraíbauna e através o distrito de Santa Gallo, depois para Macacu e o rio do mesmo nome, partindo do Rio de Janeiro]. In: Schreibers, Karl von: *Nachrichten von den kaiserlich-österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit*. [Notícias dos naturalistas austríacos imperiais no Brasil e dos resultados de sua operosidade], v. 2 (Brünn 1822), Anexo I, 1-80; resumo em Schreibers, *Nachrichten*, v. 2 (1822), 105-108.

44 Bettina Kann, (1992), 105.

45 Publicado em Schreibers, *Nachrichten*, v.2, 1822, anexo.

46 Archiv für Wissenschaftsgeschichte Nhm, Tabellarisch-summarische Uebersicht...Akten: Brasilianisches Museum.

47 HHStA OMeA 1856 67/L.

Resultados científicos da coleta de Schott



Puri, dos Camé e dos Coropó], 196 sementes, 9.554 plantas e 199 amostras de madeira.⁴⁶ 76 caixas cheias de plantas vivas foram mandadas para o palácio de Schönbrunn.⁴⁷

Numerosas plantas de interior ganharam seus nomes científicos de Schott, como, por exemplo, o *Philodendron*.

Das coleções de Schott, chegaram à Menagerie (Coleção Zoológica Imperial), no Hof-Burggarten de Viena, aves como Hocco (*Crax alector*) e Mitu (*Mitu tuberosa*), bem como um "jacaré muito selvagem (*Champsia fissipes*)"⁴⁸, o qual, no entanto, viveu muito pouco tempo. Sobre isso a revista *Isis* relatou:

"um jacaré brasileiro (*Crocodilus Sclerops*) de tamanho repetível, com um comprimento de 5 pés e 3 polegadas, provavelmente o maior espécime entre os poucos crocodilos que até agora foram trazidos vivos para a Europa e geralmente eram do tipo que vive na América do Norte e ali é conhecido pelo nome de aligátor (*Crocodilus Lucius Cuv*). Ele foi obtido pelo jardineiro imperial sr. Schott em setembro de 1819 em uma viagem no distrito de Cantagalo, próximo de S. Salvador, proveniente de um lago, tendo sido levado para o Rio de Janeiro, onde ficou 20 meses em cativeiro até a partida desse transporte. Ao chegar parecia muito bem alimentado e a prova de que ainda tinha boas forças foi uma violenta mordida que deu em um dos guardas, desatento por causa da aparente lerdeza e morosidade e da suposta falta de flexibilidade daquele animal; no entanto, depois de quinze dias já faleceu inesperadamente e sem um sinal de doença, embora, como depois se revelou na autópsia, já sofresse da inflamação e de tumores cancerígenos do estômago. Esse belo exemplar de crocodilo não apenas ofereceu aos amigos cientistas locais a rara oportunidade de tomar conhecimento da aparência e do comportamento de um tal animal vivo, como também a oportunidade mais rara ainda de compará-lo com um verdadeiro crocodilo que pertence à família *Crocodilus acutus*, o qual chegou há cinco meses proveniente de Santo Domingo (ver nr. 98 desta revista) e ainda continua vivo."⁴⁹

Já em 1820, o texto *Neue brasilianische Pflanzen. Gesammelt und nach der Natur beschrieben von Heinrich Schott, k.k. Gärtner in Brasilien* [Novas plantas brasileiras. colhidas e descritas conforme a natureza por Heinrich Schott, jardineiro imperial no Brasil] foi publicado nos Anuários de Medicina (Medizin. Jb. Der k.k. Oest. Staates VI/2 (p. 59-67)). Sua descrição de viagem redigida em forma de diário saiu no segundo volume de Karl von Schreibers, *Nachrichten von den kais. Österr. Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit* [Notícias dos naturalistas austríacos imperiais no Brasil e dos resultados de sua produtividade] (Brünn 1822). Suas listas de vocábulos e as amostras linguísticas das tribos Camé, Coropó e Puri⁵⁰ também foram publicadas sob a forma de anexo, assim como descrições botânicas, como o Anexo II sobre "novas plantas brasileiras".

A exemplo de Mikan, que já coletara espécimes na viagem de ida em Pola, La Valletta (Malta), Gibraltar e Madeira, Schott também enviou logo para Viena os resultados de suas coletas de plantas europeias. As descrições de Schott sobre as plantas coletadas foram publicadas nas *Notícias* de Schreibers, bem como na revista *Isis* ou *Encyclopädische Zeitung* de Oken (Jena, 1818).⁵¹

48 Fitzinger, 1853, 189.

49 *Isis* ou *Encyclopädische Zeitung* VII, 721.

50 Heinrich Schott, *Tagebücher* [Diários], *Sprachproben von den Puri* 22, von den Camé 41-47, von den Coropó 48-51 [Amostras linguísticas dos puri, dos camé e dos coropó].

51 *Isis* ou *Encyclopädische Zeitung*, Lorenz von Oken (Jena 1818), 818-822.

JOHN. HERR. PALAT. VINDOB.
SCHOTT AMERICAN No: 2323.

HEINRICH WILHELM SCHOTT
Nickelli, *Tornelia spruceana* S.,
lapis, s/d.
NHMW

HEINRICH WILHELM SCHOTT
Eugenia schuechiana BERG, coletada
próximo do Rio de Janeiro e nomeada
em homenagem a Rochus Schüch,
professor de Leopoldina.
NHMW

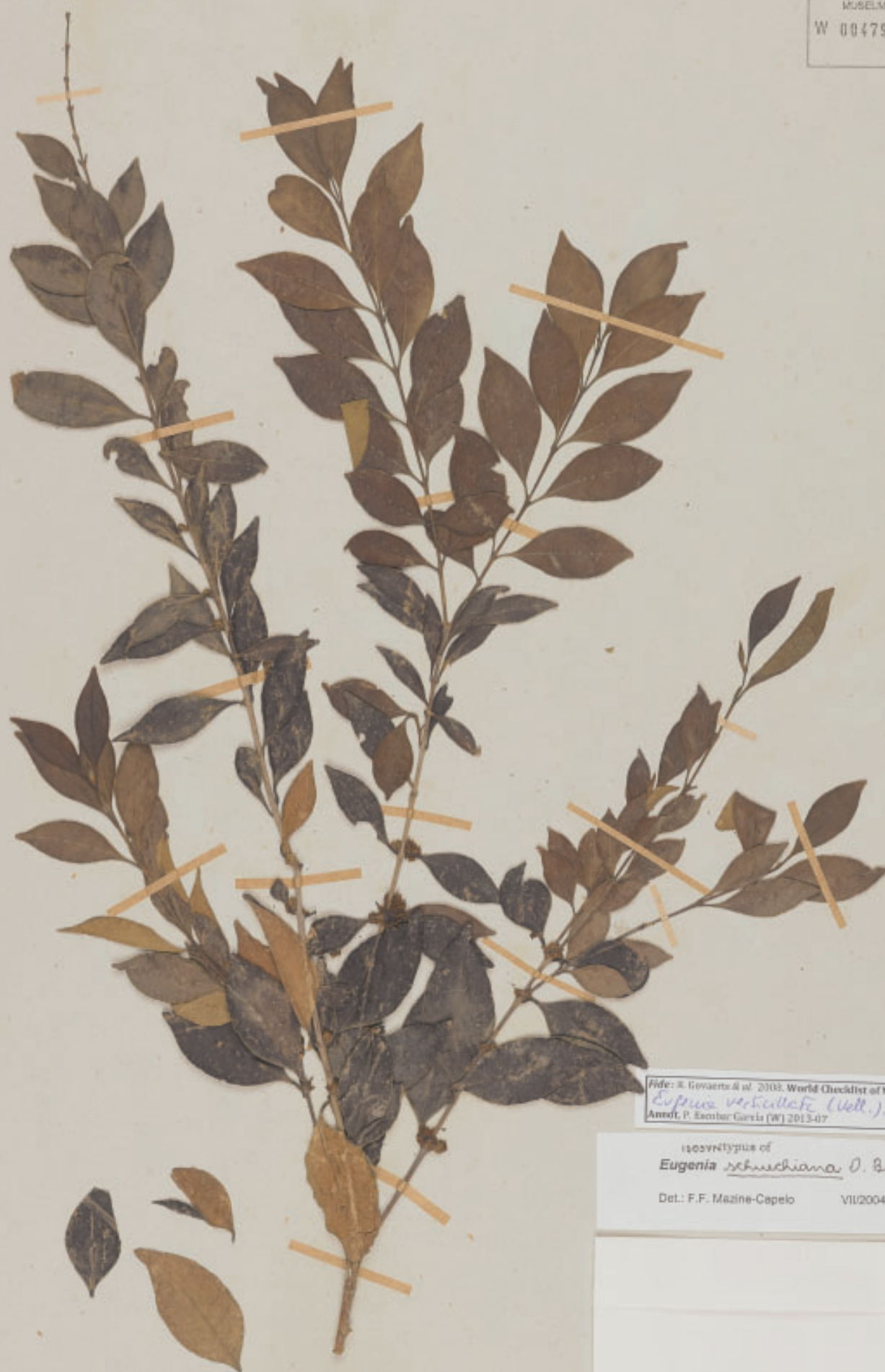


PHOTOTHEK
NR. 146

DATABASED
PHOTO

K.K. NATURHISTORISCHES HofMUSEUM WIEN
BOTANISCHE ABTHEILUNG

NATURHISTORISCHES
MUSEUM WIEN
W 0047932



Fide: R. Govaerts & al. 2003, World Checklist of Myrtaceae
Eugenia verticillata (Vahl.) A. J. A. P. J.
Annot. P. R. B. Garcia (W) 2013-07

isotypus of
Eugenia schubertiana O. Berg

Det.: F.F. Mazzei-Capelo VII/2004

Typus

5829.

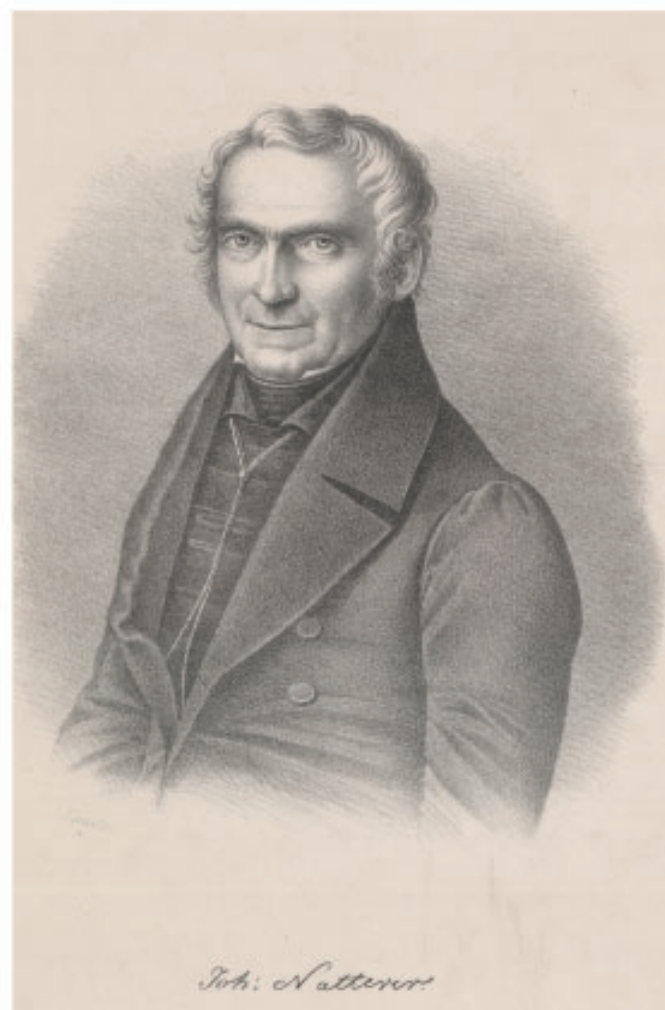
Eugenia schubertiana Berg. (det.)
Rio de Janeiro
(B. 10. 10. 1000).
Lohr

Johann Natterer

Johann Natterer nasceu em 9 de novembro de 1787, em Laxenburg, filho do último falcão do imperador, Joseph Natterer, e de sua esposa Maria Anna Theresia, nascida Schober. Seu pai vendia para o imperador seus animais preparados com excelência e administrava o recém-criado Gabinete Imperial Zoológico (*Zoologisches Hofcabinet*). Ali, o jovem Natterer teve oportunidade de ser introduzido pelo pai na arte da taxidermia. Depois de terminar o ginásio, frequentou cursos de História Natural na Academia Real e na Universidade de Viena. Também se formou em desenho. A partir de 1804 empreendeu algumas expedições de coleta de material pelos países que formavam o Império Austro-Húngaro. Em 1809 foi contratado pelo Gabinete Imperial Zoológico. Em 1810 acompanhou a transferência de objetos valiosos de todas as coleções para Timisoara (hoje, Romênia). Na ocasião, viajou até a fronteira com a Turquia com o caçador Sochor, seu fiel companheiro no Brasil, a fim de coletar objetos para as coleções de história natural e caçar. Pouco depois, foi incumbido de transportar para Viena, em uma viagem relâmpago, os bens privados da arquiduquesa Maria Ludovica – depois chamada de Marie Louise –, dos quais ela precisava para o seu casamento com Napoleão. Depois, voltou para Timisoara, a fim de repatriar os objetos protegidos dos franceses, levando-os de volta para Viena. Em 1815, a mando do imperador, Karl von Schreibers e Johann Natterer viajaram a Paris a fim de organizar a devolução dos tesouros artísticos, das bibliotecas e dos objetos do Gabinete de Moedas e de Antiguidades, sequestrados em 1809 da Áustria por Napoleão. O engajamento de Natterer em prol das coleções durante os anos de ocupação francesa e a recondução dos objetos estão entre os motivos da sua promoção, em 1816, para o cargo de “assistente de supervisão” no Gabinete Imperial de História Natural.

Natterer só regressaria a Viena em 1836, quando voltou à sua posição de curador adjunto no Gabinete Imperial de História Natural. Examinou suas coleções e começou a processar a rica coleta da viagem, principalmente as aves. Para este fim, visitou diversos museus e fez contatos com cientistas, com quem fazia intercâmbio de material. Entre as numerosas honrarias que recebeu merece destaque o título de *doutor honoris causa* da Universidade de Heidelberg. Natterer morreu no dia 17 de junho de 1843.

Em 1831, ele se casara em Barcelos com Maria Josepha do Rego (1807-1837), com quem teve três filhos. Dois morreram ainda antes de sua volta para a Europa; em 1837, em Viena, Natterer perdeu o filho de 11 meses, Adolph. Em dezembro daquele mesmo ano, a sua mulher também faleceu, vítima de uma doença pulmonar que Natterer atribuiu ao severo clima europeu.⁵² Sobreviveu apenas a sua filha Gertrud (1832-1895), cujo nome era em homenagem à pessoa que salvou a sua vida no Brasil. Ela se casou com Julius von Schröckinger-Neudenburg,⁵³ funcionário de finanças o qual, enquanto vice-presidente da Sociedade Zoológica-Botânica, também nutria interesse pela ciência. O famoso naturalista inglês Alfred Russel Wallace relata ter encontrado uma filha de Natterer, fruto de sua união com uma indígena,⁵⁴ durante sua viagem para a região dos rios Amazonas e Negro, entre 1848 e 1852.



52 Cf. Carta de Johann Natterer para Johann Carl Hocheder, Viena 30 de dezembro de 1838, WStLB, HS, 7888, 111-114; cf., Carta de Johann Natterer para J.G. Schwartz, Viena, 17 de fevereiro de 1838, WStLB, HS, 7888, 67-68. *Die Wiener Zeitung*, Nr. 283, de 12/12/1837, 1626, notícia o falecimento da esposa de Natterer, Maria Josepha, com a idade de 30 anos.

53 Julius Schröckinger Neudenburg (1814-1882, barão desde 1870) era vice-presidente da autoridade de Finanças da Baixa Áustria e chefe de seção no ministério da Agricultura, cf. ÖBL, v. 11 (1999), 228.

54 Ver A. Russel Wallace, *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro with an Account of the Native Tribes and Observations on the Climate, Geology and Natural History of the Amazon Valley* (Londres, 1853), 216.

JOHANN BAPTIST NATTERER
Michael Sandler,
litografia, Viena, s/d.
NHMW

Apesar de múltiplos apelos do governo da Áustria para que regressassem ao país (datados de 1821, 1827 e 1830, entre outros), Johann Natterer e Dominik Sochor – que morreu em 1826, em São Vicente (Mato Grosso) – continuaram no Brasil. Natterer driblou a primeira ordem para voltar à pátria, explicando que teria de encontrar Sochor, que o esperava em Ipanema, para buscar os equipamentos ali armazenados. Escreveu para Viena relatando ter conseguido fugir assim do embaixador e afirmando que a situação no Brasil havia melhorado.

Natterer só resolveu regressar em 1835, quando perdeu praticamente todo o seu patrimônio durante as revoltas em Belém (Pará), incluindo parte de seus diários e cadernos de anotação. A farta coleção de animais vivos, destinada à coleção zoológica imperial (*Menagerie*), foi roubada por saqueadores. Especialmente dolorosa foi a perda de um tapir, que logo foi devorado por eles.

Sobre as fontes: muita coisa foi destruída. Por volta de 1818, um transatlântico inglês foi assaltado e os relatórios da legação afundaram; nas agitações políticas do Pará, em 1835, foram destruídos objetos e anotações; e ainda em 1848, muitas anotações e duplicatas foram vítimas de um incêndio no último andar do Gabinete Imperial de História Natural. Mas entre os objetos destruídos não estavam os diários de Natterer, como se diz frequentemente. Na época, haviam sido emprestados. Há fragmentos dos diários tanto no arquivo do Naturhistorisches Museum (NHMW), quanto no Weltmuseum Wien.

O genro de Natterer, Julius von Schröckinger-Neudenburg, dividiu as viagens de seu sogro em 10 segmentos. O próprio Natterer descreveu seu itinerário de viagem em um fragmento de uma carta, datada de 1835.

Sua primeira viagem, desde a chegada até novembro de 1818, levou-o aos arredores do Rio de Janeiro; a segunda, até março de 1820, para a região Oeste da Capitania de São Paulo até Ipanema; a terceira, de julho de 1820 a fevereiro de 1821, de Ipanema até Curitiba e Paranaguá, e por via marítima até o Rio de Janeiro; a quarta, de fevereiro de 1821 até setembro de 1822, de Ipanema até as partes ainda não visitadas das províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro; a quinta, de outubro de 1822 a janeiro de 1825, até Cuiabá e a província de Mato Grosso; a sexta, de janeiro de 1825 a julho de 1829, de Caiçara até Vila Bela Cidade de Mato Grosso e S. Vicente; a sétima, ao longo da margem dos rios Guaporé e Madeira até Vila Borba; a oitava, de junho de 1830 até o início de 1831 pelos rios Amazonas e Negro até S. José de Marabitaná, depois pelos rios Xié, Icana e Vaupé até as cataratas e de volta pelo Rio Negro para Barcelos; a nona, de agosto de 1831 até 1834 através da província de Guiana pelo Rio Branco até o forte de São Joaquim, na fronteira com a Guiana Inglesa; finalmente, a décima, em 1835, até a província de Pará.

Natterer se queixou que, por razões administrativas, não lhe foi possível visitar a região Nordeste do Brasil. Por isso, Spix e Martius, os dois cientistas enviados pela Baviera, puderam coletar nessas regiões antes de Natterer.

Somente em 1903 o ictiólogo Franz Steindachner (1834-1919), último diretor do Museu Imperial de História Natural, conseguiu explorar as áreas do Nordeste que Natterer não percorreu. No requerimento por financiamento para essa expedição junto à Academia de Ciências, apontou-se exatamente para essa circunstância.

Natterer se considerava um colecionador. Ao ser instado a regressar, enfatizou reiteradamente a importância de sua viagem de coleta de material para enriquecer o museu ao qual servia como funcionário. Segundo ele, o objetivo era fazer chegar ao Museu Imperial a maior quantidade possível de objetos e espécies, conferindo, assim, ao Gabinete Imperial de História Natural uma posição de destaque em comparação com outros museus, como os de Munique ou Berlim. O pensamento competitivo almejava fazer com que os tesouros do Novo Mundo fossem primeiro processados e apresentados em Viena. Natterer compartilhava essa concepção com seus superiores, os quais, portanto, sempre autorizavam as prorrogações de sua estadia no Brasil.

Muitas pessoas contribuíram para as enormes coleções que ele juntou durante sua permanência de 18 anos no Brasil, dentre elas, diplomatas, comerciantes, autarquias locais e, como já mencionado, escravos, criados etc. Natterer comprara dois escravos e volta e meia alugava outros. Assim como Mikan, era acompanhado de tropeiros e criados. Objetos, como um cristal incrustado em uma raiz de árvore, ele recebeu do coronel Vicente da Fonseca. Da mesma forma, trocava animais com os indígenas por contas de vidro, principalmente aves. Levou três bombas de ar comprimido para as espingardas com que abatiam as aves, cujo transporte exigia duas mulas. A vantagem desses equipamentos pouco manejáveis era não fazerem ruído, permitindo vários tiros sucessivos e evitando atingir pássaros menores.

Coleção Johann Natterer:
 urubu-rei *Sarcorampbus papa*,
 Murungaba, 30 de março de 1821;
 Ara ararauna, Rio de Janeiro,
 13 de março de 1821;
 Tangara seledon, 19 de agosto de 1818,
 Scolopendra viridicornis, Rio Negro;
 Caranguejo de água doce *Dilocarcinus*
spinifer, Rio Paraguay;
 Caramujos *Patella caerulea*;
 Cristal de rocha incrustado em raiz,
 Mato Grosso.
 NHMW



Resultados científicos da coleta de Natterer

Ao todo, chegaram ao Gabinete Imperial de História Natural em Viena 12.293 exemplares de aves em 12 remessas. A dimensão da coleção rendeu a Natterer o apelido de “príncipe dos colecionadores” por parte do ornitólogo Philip Lutley Sclater.

De acordo com as instruções de von Schreibers, foram examinados todos os animais abatidos, relacionando os vermes de intestino que ele enviou separadamente para Viena em um total de 1.729 recipientes. Chegou ao ponto de enviar uma lombriga que ele próprio vomitara (*Ascarislumbricoides*). Registrou detalhadamente todas as observações dos animais coletados, enviando em intervalos regulares suas anotações e seus desenhos para von Schreibers.

“1.146 mamíferos, 12.293 aves, 1.678 anfíbios, 1.621 peixes, 32.825 insetos, 409 crustáceos, 951 conchas, 73 moluscos, 1.729 recipientes com vermes de intestino, 192 crânios, 242 sementes, 138 amostras de madeira, 430 minerais, 216 moedas.”

Com mais de 1.800 exemplares, a coleção Natterer é a maior coleção etnográfica da América do Sul no Weltmuseum Wien. Além disso, é a coleção etnográfica mais importante do mundo no tocante aos indígenas do início do século XIX. Inclui vastos acervos das tribos Bororo, Sateré-Mawé, Tikuna, Tukano, Baniwa, Macuxi e Mundurucu, bem como raros artesanatos com penas dos Parintintins, Karipuna e Apiaká.

Algumas das aves levadas vivas foram para a Menagerie do palácio de Schönbrunn; os demais pássaros, tartarugas, marsupiais, sapos etc., para os jardins do parque Burggarten. Animais de pequeno porte passavam o verão em gaiolas no terraço do Gabinete Imperial de História Natural, como o gambá macho *Didelphys cancrivora* (Marsupialia), enviado por Natterer em 1819 e que viveu até 1820. Sandler fez três litografias desse animal.

Quando Natterer voltou para Viena, em agosto de 1836, o Brasilianum estava sendo dissolvido, o que o decepcionou muito. Ele recebeu o cargo de curador-adjunto no Gabinete de História Natural. Nessa posição, examinou suas coleções e começou a processar a rica coleta, sobretudo dos pássaros. Para este fim, visitou diversos museus e fez contato com cientistas, com os quais também trocou materiais. Entre as diversas honrarias que recebeu se destaca o doutor *honoris causa* da universidade de Heidelberg.

Como Natterer não teve mais oportunidade de processar sua coleção inteira – ele próprio redigiu apenas dois artigos –, cientistas do mundo inteiro se utilizaram de suas anotações e de seus objetos para descrever a fauna brasileira. Várias pessoas trabalharam com a coleta de Natterer. A.v. Pelzeln e J.A. Wagner pesquisaram os mamíferos; J.J. Temminck, J. Gould, E.A. Goeldi, Malherbe, A.A. Steubel, H.G.L. Reichenbach, F.H.O. Finsch, A.v. Pelzeln, H. Schlegel, P.L. Sclater e C.v. Schreibers investigaram as aves; J. J. Heckel, R. Kner e F. Steindachner se debruçaram sobre os peixes; V. Kollar trabalhou com insetos; C.M. Diesing, com os vermes de intestino; e L. Fitzinger e F. Siebenrock, com anfíbios.

O nome de Natterer ficou eternizado na denominação de várias espécies animais por ele descobertas.

É possível admirar os objetos coletados por Natterer na coleção exposta no recém-inaugurado Weltmuseum Wien (antigo Museu de Etnologia), assim como os animais por ele coletados e empalhados no Naturhistorisches Museum Wien.

No Weltmuseum Wien existe até hoje um comprovante de venda do dia 12 de julho de 1820, emitido em nome de Natterer: “Hoje vendo para ao senhor Johann Natterer, Sua Majestado (sic) Apostólica, em título permanente, o meu escravo José Africano da nação Congo, de cerca de 20 anos, estatura pequena, pela soma de 300 mil reais.” Em Cuiabá, Natterer comprou outro jovem africano, a respeito do qual escreveu ao seu irmão: “É um belo rapaz de seus 12 a 15 anos, oriundo de Moçambique. Pretendo levá-lo, se continuar vivo. Os outros dois eu tenho ainda!”⁵⁵

Em seu relato de viagem na região dos rios Amazonas e Negro, no período de 1848 a 1852, o famoso naturalista inglês Alfred Russel Wallace fala de um antigo escravo, comprado por Natterer no Rio e libertado em 1835. Wallace contratara o homem, que, por sua vez, já era dono de escravos, como caçador de aves em Pará. O negro falou de suas atividades com o “doutor”, como costumava chamar Natterer, para quem abatia animais e ajudava com a sua conservação. Para cada ave empalhada, Natterer lhe dera um pequeno presente.⁵⁶

Os escravos José e Candido, que pertenciam a Natterer, bem com a escrava de sua mulher, Laureana, também viajaram para a Europa. Entretanto, não quiseram ficar por causa do clima severo, voltando em 1837 para o Brasil.⁵⁷

No Brasil, a escravidão só foi abolida em 1888. Embora, desde o início do século XIX, cientistas contemporâneos como Humboldt se opusessem à escravidão e, no Congresso de Viena, em 1815, tivesse sido publicada uma “Declaração das potências sobre a abolição do tráfico negreiro.

MICHAEL SANDLER

Didelphis cancrivora (Marsupialia Beutelratte), litografia colorida, 1829. Este animal, do qual Sandler fez três litografias, viveu até 1820. NHMW

- 55 Carta ao irmão (carta de Johann Natterer para Joseph Natterer, Cuiabá, 16 de dezembro de 1824 / 18 de fevereiro de 1825, WStLB, HS, J.N.7882.
- 56 ver A. Russel Wallace, *A Narrative of Travels on the Amazon an Rio Negro, and Observations on the Climate, Geology and Natural History of the Amazon Valley* (Londres, Nova York, Melbourne 1889), 77 ff. 148.
- 57 Carta de Johann Natterer para Johann Neumann, Viena, 18 de dezembro de 1837 WStLB, HS, Natterer 7888, 10. Cf. Schmutzer (2011), 248.



Neotoma cancrivora Sm.
 1819 von Kottner gesendet.
 Gehört zu d. Schenke des Naturalien-Cabinetes.

coloured by



JOHANN BAPTIST NATTERER

Vista lateral de um manguruiú,
Pseudopimelodus zungaro.

[Nº] 17

Silurus

Cuiabá, 6 de fevereiro de 1824.

Ma guwe

NHFW

JOHANN BAPTIST NATTERER

Vista lateral de um acará-cascudo,
Aequidens tetramerus

(Perciformes, Cichlidae).

Dorsal] 15/25, caudal] 38, anal] 3/10,
ventral] 1/6, peitoral] 14.

Nº 108, macho

Acara viridis [espécie] nova

[Vila Bela do] Mato Grosso,

30 de agosto de 1828,

25 de janeiro de 1829.

NHFW

JOHANN BAPTIST NATTERER

Vista lateral de uma guensa-verde,

Crenicichla lepidota

(Perciformes, Cichlidae).

[Nº] 120

Crenicichla lepidota [espécie] nova

[Vila Bela do] Mato Grosso,

fevereiro de 1829.

NHFW



Johann Baptist Emanuel Pohl

No início de 1817, Mikan sugerira completar o time da expedição com um especialista em mineralogia. Por intermédio do conde Franz Anton von Kolowrat-Liebsteinsky, administrador do castelo de Praga, Johann B. Emanuel Pohl integrou-se à equipe da missão na condição de mineralogista.

Pohl nasceu em 1782, na cidade de Česká Kamenice, na Boêmia. Desde a idade de nove anos, foi criado pelo seu tio em Boletice nad Labem. Cedo, o tio, que era botânico amador, despertou no sobrinho o amor pela natureza. Pohl cursou o ginásio em Praga com louvor e concluiu com êxito o estudo da medicina em Praga. Já durante seu período de universidade iniciou o seu precioso herbário e redigiu artigos botânicos e mineralógicos. Ainda estudante, foi contratado como bibliotecário e inspetor do Gabinete de História Natural da princesa Kinsky.

Em 1808 e 1809 foi suplente durante as ausências de Mikan nas cadeiras de botânica e história natural geral e especial na universidade de Praga. Depois disso, foi enviado como médico para o hospital militar imperial de campo em Náchod. Os livros que começara a escrever, *Flora Pragensis* e *Flora Ruralis*, não foram concluídos devido ao seu serviço em hospitais durante as guerras. Depois do acordo de paz, publicou, entre outros, dois volumes – *Tentamen Florae Bohemiae* (Praga, 1814) e *Systematischer Überblick der Reihenfolge der einfachen Fossilien* [Visão geral da sequência dos fósseis simples] (Praga, 1816).

Depois de seu regresso do Brasil, em 1821, foi curador do Gabinete Natural para Mineralogia e Botânica no Brasilianum. Foi membro de numerosas sociedades e associações científicas. Já em 1807 se tornou membro honorário da sociedade botânica de Regensburg e, pouco depois, foi nomeado membro da Sociedade Científica de Altenburg. Naquele mesmo ano, tornou-se membro da Sociedade de Ciência de Zurique pelo seu artigo "Observações sobre a duração da vida de certos anfíbios" e da Sociedade de Mineralogia de Jena, pelo seu trabalho sobre a *sillimanite*.⁵⁸ Pouco antes de sua morte em Viena, em 1834, tornou-se membro da famosa Academia Alemã Leopoldina dos Cientistas Naturais. Recebeu o codinome de Marcgravius, em homenagem a Georg Markgraf. Também grafado como Marggraf (1610-1644), foi um naturalista alemão na América do Sul que criou um vasto herbário no Brasil, além de ter feito anotações astronômicas, meteorológicas, cartográficas e botânicas. O gênero de plantas *Marcgravia* foi a ele dedicado por Charles Plumier e depois absorvido por Linné, e não a Pohl, como consta em algumas publicações.⁵⁹

Sabe-se pouco sobre a família de Pohl. Seu filho Josef Pohl (1825-1900) tornou-se químico e professor de tecnologia química na Escola Politécnica (hoje Universidade Técnica) de Viena. Ele foi um dos pioneiros da fotografia na Áustria.



JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
František Tkadlík,
Dr. J[ohann] E[manuel] Pohl,
litografia, Viena, 1823.
NHMW

58 Cf. Wilhelm Rudolph Weilenweber, *Johann Emanuel Pohl*. In: *Lotus* 3 (1853), 26.
59 E.g. ÖBL Vol. 5.8 (1980), 154.

Remuneração

É muito elucidativa a avaliação feita dos membros da expedição naquela época a partir da remuneração autorizada. Os artistas recebiam os honorários mais baixos. Assim, o diretor da expedição, professor Mikan, fazia jus a uma diária de 12 florins. Dr. Pohl e Natterer recebiam 9 florins cada, fato que originou uma queixa de Pohl, pelo fato de Natterer não ser acadêmico. Apesar de sua formação científica, Schott ganhava 6 florins, como os dois artistas, Ender e Buchberger, e o caçador Sochor. Os dois desenhistas ainda recebiam um soldo de 2.000 florins por ano, uma vez que os demais membros da expedição, com exceção de Pohl, continuavam recebendo seu salário. Sochor ainda recebeu um adicional de 200 florins para o uniforme.

Partida

Os navios austríacos *Austria* e *Augusta* partiram de Trieste em 9 de abril de 1817.

A bordo do *Austria* iam Johann Christian Mikan e esposa, Thomas Enders, Spix e Martius. Poucos dias antes da partida, em 20 de março de 1817, Mikan se casou com Johanna Maria Woltech (nascida Woitrich), de 35 anos, na catedral de São Estêvão. Durante a travessia, não tiveram direito a uma cabine, apenas a uma rede. Caroline Pichler, que Johanna conheceu em Praga em 1825, conta em seus *Denkwürdigkeiten aus meinem Leben* [Fatos memoráveis da minha vida]⁶⁰ que ela já estivera nos Montes Urais com seu primeiro esposo, um oficial russo, tendo experiência em expedições.

Johann Natterer, Dominik Sochor e Heinrich Wilhelm Schott viajaram no *Augusta*. Sochor não tinha cabine própria. Também precisou se satisfazer com uma rede.

Já no dia 11 de abril as fragatas austríacas foram surpreendidas por uma violenta tempestade no Mar Adriático e, gravemente danificadas, obrigadas a aportar em Chioggia, perto de Veneza. O *Austria* logo seguiu viagem, enquanto o conserto do *Augusta* demandou mais tempo. A Marinha Imperial era muito mal equipada. Foi preciso buscar em Paris as instruções para a rota, só havia um cronômetro à disposição e foi preciso pegar emprestado com um comandante da Marinha um sextante que era de sua propriedade particular.

“... Os senhores doutor Pohl e Buchberger, no entanto, por terem sido nomeados mais tarde, estavam em companhia do senhor R. Schüch, ex-curador do Gabinete Imperial de História Natural e atualmente bibliotecário a serviço direto de Sua Alteza Imperial, a arquiduquesa e princesa, e do senhor Frick, nos mesmos serviços como pintor naturalista, a bordo da comitiva da excelentíssima arquiduquesa, a noiva, nos navios reais de linha portuguesa no porto de Livorno...”⁶¹ relatou Schreibers.

Da mesma forma estavam a bordo do navio real português São Sebastião, que partiu de Livorno no dia 5 de agosto de 1817, o médico da princesa e ornitólogo, Dr. Johann Kammerlacher, o desenhista e assistente de Rochus Schüch, Franz Josef Frühbeck, bem como o naturalista Joseph Raddi.

O navio *Augusta* se reuniu aos navios portugueses em Gibraltar. Metternich e Schreibers receberam os primeiros relatórios sobre investigações e coleções dos cientistas em suas escalas em Pola, Gibraltar e Madeira. A arquiduquesa Leopoldina também fez coletas para seu planejado gabinete no Brasil.

60 Pichler, *Denkwürdigkeiten*, 1914, vol. 2, 203.

61 Schreibers, *Nachrichten* (Notícias), vol. 1 (1820), V-VI.

Chegada ao Rio de Janeiro

O *Austria* atracou no porto do Rio de Janeiro já no dia 14 de junho de 1817. Entusiasmado com as belezas naturais, Mikan relatou: “A região é romanticamente bela, mas também é selvagem e impenetrável.”

Até a chegada dos demais participantes, Mikan começou sua atividade de coleta nos arredores do Rio de Janeiro.

“Bem mais tempo e esforço do que a coleta propriamente dita exigem o preparo e a conservação. A fim de proteger o material coletado contra a devastação por formigas ou pelos cupins, ainda piores, precisa ser pendurado ao ar livre ou então passar uma camada de piche nos pés da mesa onde os objetos são colocados, ou então pôr os mesmos em bacias com água. Há poucos dias alguém perdeu uma mala inteira de roupa por causa da voracidade dos cupins”;⁶²

escreveu em 15 de agosto de 1817, para Carl von Schreibers. Antes disso ainda foi preciso buscar um local para abrigar os naturalistas, pois o seu alojamento não fora organizado antes. Até fim de agosto, moravam na Rua da Alfândega, no centro da cidade. Depois, os austríacos se mudaram para uma moradia “mais agradável e confortável”⁶³ no bairro do Catumbi, na periferia, mas ali também apareceram “milhares” de cupins. Os cientistas foram obrigados a aplicar uma camada de arsênio nas caixas com o material coletado, bem como nas frestas do assoalho, depois de lavar o chão com uma solução de tabaco.

Mikan estabeleceu contato com Langsdorff, Eschwege e o major Feldner, os quais consideraram totalmente fora da realidade os parâmetros estabelecidos com base nos relatos de viagem de Mawe e Koster. A excursão mais distante até a chegada dos demais participantes da missão levou Mikan até a fazenda Mandioca, de propriedade de Langsdorff, próximo de Inhomirim (no caminho de Petrópolis).

No dia 4 de novembro aportaram no Rio de Janeiro o navio *Augusta* e a frota portuguesa. As primeiras excursões foram empreendidas ainda naquele mesmo dia.

Apesar de todas as animosidades, poucos dias depois da chegada Natterer relatou que o professor Mikan “já coletou vários belos insetos e diversos pássaros”.⁶⁴

JOHANN CHRISTIAN MIKAN
Michael Sandler, segundo modelo de
Funk, *Oxyrhynchus serratus*, litografia
colorida à mão, impressa pelo Instituto
Litográfico de Viena, 1820.
NHMW

62 Schreibers, *Nachrichten von kaiserlich österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit* (Brünn, 1820 e 1822) 1820, 68.

63 Idem, 69.

64 Carta de Johann Natterer para Karl von Schreibers, 10/11/1817, ÖNB Coleção de autógrafos Autographen, 463/34-1.



Oxyrhynchus serratus.

Antes de prosseguirem com a empreitada, os cientistas buscaram aconselhamento junto a especialistas que já se encontravam no Brasil havia mais tempo, como Langsdorff. Este os alertou que, enquanto grupo grande viajando junto, teriam dificuldade em conseguir alojamento e víveres em quantidade suficiente. Além disso, não faria sentido todos coletarem material nos mesmos locais. Segundo Langsdorff, para além das suas respectivas especialidades, os naturalistas poderiam coletar espécimes nas áreas dos demais pesquisadores.

Como uma excursão do grupo inteiro de pesquisadores não parecia objetiva, os participantes decidiram dividir a missão em três grupos que explorariam o Brasil por trajetos diversos. Planejaram um trajeto para o norte, até Cabo Frio; outro para noroeste, até Cantagalo; e a terceira viagem para o sul do Rio de Janeiro, até Ilha Grande. De acordo com as instruções recebidas, os planos deviam ser submetidos ao embaixador, o conde Eltz. Considerando os gastos estimados, porém, o embaixador não quis assumir a responsabilidade pela autorização da proposta dos pesquisadores e decidiu perguntar primeiro ao governo na Áustria, perdendo tempo valioso. Solicitou-se aos naturalistas que estivessem no Rio de Janeiro quando as fragatas austríacas partissem em março, impedindo, em um primeiro momento, outras expedições mais longas.

Os participantes da expedição se dividiram em três grupos: Spix e Martius, que não quiseram esperar pela decisão, separaram-se dos austríacos e viajaram rumo a São Paulo no fim de 1817. O pintor Thomas Ender se juntou a eles, mas pouco depois abandonou a expedição por problemas de saúde, voltando para o Rio de Janeiro. “Uma fadiga física e moral se apoderou de mim de tal forma que eu ficava deitado, exausto, sem conseguir ficar em pé. Uma viagem para a raiz da Serra dos Órgãos, onde eu tomava banho de rio gelado de manhã e à noite, animou-me um pouco. Mas o clima foi tão pernicioso para a minha saúde e o meu trabalho que fui obrigado a deixar o país”,⁶⁵ lembrou-se depois. Os dois alemães coletaram material no Brasil até abril de 1820, atravessando as províncias de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Piauí e Maranhão, chegando até a fronteira do Peru. Regressaram a Munique em dezembro de 1820 com farto material coletado.

Os dois outros grupos partiram no início de 1818. Mikan, Schott e Buchberger rumariam para o norte do Rio de Janeiro, subindo ao longo da costa até Cabo Frio e voltando via Campos. O grupo de Pohl, Natterer e Sochor devia ir para Cantagalo.

65 Ankiewicz-Kleehoven, 28.

A expedição rumo a Cabo Frio

A partir das cartas enviadas do Brasil ao seu cunhado Franz Berger, professor de história natural especial na Universidade de Praga, Mikan montou a sua descrição de viagem (*Aus Brasilien. Küstenreise nach Cabofrio* [Do Brasil. Viagem pelo litoral até Cabo Frio]), que só foi publicada em 1833 com complementos na obra *Kinder meiner Laune, ältere und jüngere, ernste und scherzhafte* [Filhos do meu humor, velhos e jovens, sérios e divertidos]. A renda decorrente da venda do livro reverteu para as viúvas e os filhos órfãos das vítimas de cólera na Boêmia.

O cunhado de Mikan, no entanto, não estaria mais vivo quando ele regressou.

Mikan arranhou animais para cavalgar e para carga. “Escolhi os mais úteis; especialmente para o artista botânico, senhor Buchberger, que até mesmo no animal mais manso sempre tinha um medo infundado, foi encontrado um cavalo extremamente manso”,⁶⁶ escreveu ao cunhado Franz Berger em abril de 1818. A mulher de Mikan não queria ficar para trás no Rio de Janeiro e se juntou à expedição, montando uma pequena mula. “O cônsul-geral imperial russo senhor Von Langsdorff, que me ajudou em todas as coisas com solicitude verdadeiramente gentil, conseguiu o animal para mim”,⁶⁷ relata Mikan. Os viajantes tiveram à disposição “sete mulas para cavalgar, sete para carregar a bagagem e duas de sobre, para carregar as plantas vivas que ainda seriam coletadas”.⁶⁸ Os pesquisadores levaram caixinhas para insetos, pinças, redes para pegar borboleta, alfinetes especialmente fabricados em Karlsbad (hoje, Karlovy Vary, República Tcheca) de vários tamanhos, recipientes de lata para cobras e lagartixas, garrafas com álcool, três enormes maços de papel que Mikan trouxe de Viena para secar plantas, uma prensa para plantas, tampas de cartolina embebidas em óleo e envernizadas, cordas, facas, sabão de arsênio para preparar as aves abatidas, facas de caça que formavam uma serra para cortar galhos, caldeiras para cozinhar e pratos de lata, bem como uma tenda, colchões, cobertores de lã e lençóis de linho. Todos os equipamentos foram cobertos com peles cruas de boi a fim de protegê-los das esperadas chuvas. Para comer, levaram torrada, carne seca, galinhas vivas, rum, vinho, café, açúcar, arroz, ovos. Os ovos ficavam conservados em farinha de mandioca (*Jatropha Maihot* = *Jatropha manihot*), que levaram para fabricar pão.⁶⁹

O grupo dessa expedição era composto de Mikan, sua mulher, Schott, o artista botânico Buchberger, o tenente dos marinheiros da fragata imperial austríaca *Austria*, Pastrovich e serviçais. Pastrovich era um caçador apaixonado e bom atirador; mas Mikan, como ele próprio escreve “nem uma coisa, nem outra”, além do que tinha muito o que fazer coletando e conservando plantas, sementes insetos e répteis.⁷⁰ Tanto o comandante do *Austria* quanto o embaixador austríaco autorizaram a participação de Pastrovich. Assim, Mikan conseguiu aves que depois iriam para o Gabinete Imperial de História Natural. O tenente ainda contratou como guarda-costas um marinheiro chamado Zacarias.

Buchberger levou um criado inglês, Mikan, um negro e um alemão e Pastrovich, o marinheiro Zacarias. Schott tinha dois ajudantes, um africano e um mulato para cavar as plantas e transportá-las. O grupo foi complementado ainda por um africano para ajudar a coletar e um criado alemão para servir e vigiar os bens. Além disso, havia um tropeiro responsável por cuidar e tocar as mulas. “Para desencavar e transportar as plantas vivas, o senhor Schott contratou dois ajudantes (um negro e um mulato).”⁷¹ Tanto o criado alemão quanto o inglês foram de cavalo, o resto dos serviçais e o tropeiro iam a pé.

66 Mikan, 1833, 96.

67 idem.

68 Mikan, 1833, 97.

69 Mikan, 1833, 104.

70 Mikan, 1833, 97.

71 Mikan, 1833, 99.



Diplusodon virgatus.

MICHAEL SANDLER,
Diplusodon microphyllus.
 In: *Plantarum Brasiliæ icones et
 descriptiones hactenus ineditae*, volume 1,
 litografia colorida à mão, Viena, 1827.
 NHMW

MICHAEL SANDLER
 segundo modelo de Fank, *Morpho
 Reinwardti*, litografia colorida à mão
 impressa pelo Instituto Litográfico
 de Viena, 1820.
 NHMW



O cônsul-geral Langsdorff, a serviço da Rússia, ensinara a mulher de Mikan a eviscerar as aves, chegando a afirmar logo que sua discípula era melhor do que ele próprio. Ela também ajudou o marido a conservar as plantas colhidas e coletar insetos. Além disso, durante todas as viagens preparava as refeições para o grupo inteiro. A contribuição da mulher de Mikan no resultado da expedição foi ressaltada na revista (especializada em ciências) *Isis*, de Arnold von Oken.⁷²

Em pouco tempo, um poodle e um macaco-prego vieram complementar o grupo. A esposa de Mikan adotou o macaquinho órfão, depois que a mãe foi abatida por um caçador. "Enquanto cavalgava, o macaquinho ficava abraçado à sua nuca, protegido contra os raios quentes do Sul e contra a chuva pela aba larga do seu chapéu."⁷³ O macaco morreu três anos depois da volta para Viena, onde participava de quase todos os eventos sociais da família Mikan.

Muitas vezes a selva era tão fechada que o grupo precisava de algum tempo para encontrar as aves abatidas que caíam das árvores. Enquanto procuravam, Buchberger desenhava "as plantas mais insólitas" e o resto do grupo caçava pássaros.⁷⁴

"A continuação da nossa viagem começou com a necessidade de prosseguir nosso caminho para Geitado cruzando o lago. Nós, viajantes com bagagens, enchemos alguns barcos, e aqueles que ali iam sentados seguravam as rédeas das mulas que iam nadando; na outra margem, os animais de carga foram sendo novamente carregados ou montados. Em seguida, o caminho passou por arbustos e mata baixa, tanta que não conseguíamos enxergar o caminho por causa da quantidade de curvas, e um acaso fez com que o grupo se separasse."⁷⁵ Na escuridão do mato, Mikan aconselhou que todos gritassem alto os nomes dos demais para que ninguém se perdesse. A escuridão era tão grande que só conseguiram se orientar pelo terno branco e pelo chapéu do tropeiro.

As mulas não apenas se livravam frequentemente das bagagens, como também dos cavaleiros. Mikan também caiu uma vez da mula, mas sem consequências, ao contrário do pintor Buchberger.

No dia 2 de março deixaram Geitado de manhã para alcançar Parati e, no dia seguinte, chegaram até Cabo Frio. Mikan era o último do grupo. Schott veio correndo em sua direção: "Buchberger se acidentou. Ninguém sabe se ele vai se safar!"⁷⁶ A esposa de Mikan cuidou do ferido.

JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
Antonia ovata POHL, da família das
Antoniaceae, coletada por Pohl no
distrito do Rio de Janeiro.
O gênero foi chamado assim por Pohl
em homenagem ao arquiduque
Antonio Vitorio, irmão do imperador.
NHMW

72 *Isis* ou *Encyclopädische Zeitung* de Lorenz
Oken (1823) Suplemento nr. 9.
O Museu Brasileiro em Viena.

73 Mikan, 1833, 102.

74 Mikan, 1833, 122.

75 Mikan, 1833, 142-143.

76 Mikan, 1833, 159.

DATABASED
PHOTO

K.K. NATURHISTORISCHES HofMUSEUM WIEN
BOTANISCHE ABTHEILUNG

NATURHISTORISCHES
MUSEUM WIEN
W 0053336 -



HERBARIUM VADENSE - WAGENINGEN

Antonia ovata Pohl

Holotype

det. A. J. M. Lescurier

195

Typus

W 0053336

Antonia

Pl. Bras. icon. descr. 2 (1): 13-14 (1828)

typificavit J. Walter (W) 2014-08

Pohl, J. B. E. D. 811 = K. u. L. no. 1910, 3142

1910, 3142.

Antonia ovata

In campis siccis Cap. Rio Janeiro, ad S. Joze de
Botantins, L. Silva, Indes Taberna & Noll & Noll

Holotype



JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
Franciscea uniflora (POHL) coletada por
 Pohl próximo do Rio de Janeiro, gênero
 nomeado por Pohl em homenagem ao
 imperador Francisco I (II) (= hoje *Brunfelsia*
uniflora).
 NHMW

JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
 Michael Sandler, *Franciscea uniflora*.
 In: *Plantarum Brasiliæ icones et*
descriptiones hactenus ineditæ, volume 1,
 litografia colorida à mão, Viena, 1827.
 NHMW



Franciscea uniflora.

Illustr. vel herb. deline. et in lapid. express.

No dia seguinte, Mikan enviou um relatório ao embaixador:

“Apenas um triste acaso deteve ontem o progresso da nossa viagem. Herr Buchberger despençou de costas de uma mula arreada e caiu de modo tão infeliz sobre um pedaço de madeira vertical entre os arbustos que este entrou 6 polegadas pelo seu reto por dentro do corpo. Antes que alguém pudesse acorrer, movido pelos seus gritos de dor, ele próprio tirou o pedaço de madeira e o manteve em seu punho cerrado, dessa forma foi mais carregado do que conduzido, todo ensanguentado, pálido de dor e susto e próximo de desmaiar, para uma venda pela qual acabáramos de passar. Ali mandei lavar a ferida com água morna com um pouco de vinho; em seguida, o ferido foi levado de maca de volta para o nosso alojamento local. Soubemos que a 3 léguas de distância morava um médico curandeiro hábil, bem equipado de instrumentos cirúrgicos. Imediatamente enviamos um mensageiro a cavalo, o qual voltou ainda naquela noite, acompanhado do médico.... Foram necessários banhos, injeções e curativos, inclusive de manhã foi feita uma sangria no acidentado, cujo pulso estava exaltado, para evitar infecções e queimaduras. Embora a ajuda tenha trazido algum alívio, o escoamento normal da urina está inibido e, depois de se acumular na bexiga, faz o seu caminho através da ferida, não sem dificuldades. Isso indica uma ferida não da bexiga, mas da uretra, o que torna o estado do senhor Buchberger bastante complicado. Queiram os céus que neste, como em tantos outros casos, a natureza expresse seus poderes curativos que tantas vezes são milagrosos!”⁷⁷

Buchberger foi levado de volta para o Rio em difíceis caminhadas de mais de dez dias. O grupo chegou no dia 16 de março de 1816. O pintor passou a ser tratado por Johann Kammerlacher,⁷⁸ cirurgião privado de Leopoldina. Depois do seu regresso a Viena, Kammerlacher se tornou cirurgião da corte e, a partir de 1833, médico particular do imperador.

Depois de uma breve melhora inicial, o estado de Buchberger piorou de tal forma que ele precisou voltar para casa.

A expedição de cinco semanas começou no Rio de Janeiro e a rota foi pelo litoral, via Praia Grande, Perteninga, Tocaia, Buraco Ponte Negra, Saguereime, até Geitado. Apesar dos problemas e esforços, Mikan se entusiasmou em suas cartas com a natureza brasileira.

“Qualquer pessoa com alguma emoção estética pela beleza da natureza deve ser tomada de um sentimento muito especial ao penetrar em uma floresta brasileira em que jamais árvore alguma tombou vítima de mãos humanas, em que todas ainda estão onde sempre estiveram, tal qual colunas que sustentam o domo elevado do templo da natureza sempre verdejante.”⁷⁹

Ou:

“Quão imensamente atraentes são, para os naturalistas, essas regiões selvagens e belas! Por toda parte, a plêiade das formas de plantas mais diversas e surpreendentes, que não sofrem com nenhuma geada de inverno, os pássaros mais coloridos e as mais maravilhosas borboletas.”⁸⁰

JOHANN BUCHBERGER
Campanula cervicaria,
aquarela, antes de 1817.
NHMW

77 Carta de Mikan para Eltz, Geitado 3/3/1818, HHStA, St. K. *Brasilien*, K. 2, fascículo 4.

78 Kammerlacher não era médico da legação, como Schreibers afirmou em *österr. Naturforscher* (1820) 104. O médico da legação era Pratschewitz cf. Mikan (1833) 168. Kammerlacher escreveu: *Heilung der Beinbrüche* (Viena 1835), *Bruchstücke aus dem Gebiete der Chirurgie* (Viena, 1842). Ele era cavaleiro da Real Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição. Em 1817, foi contratado como médico particular de Leopoldina com um salário de 3.000 florins em moedas de prata.

79 Mikan, 1833, 131.

80 Schreibers, *Nachrichten* vol. 1 (1820), 67.



Campanula cervicaria?

No início de 1817, Mikan reclamou a falta de um especialista em mineralogia. Por intermédio do administrador do castelo de Praga, o conde boêmio Franz Anton von Kolowrat-Liebsteinsky, Johann Baptist Emanuel Pohl foi acolhido como mineralogista no círculo dos participantes da expedição. Ele próprio só recebeu a informação oficial no dia 4 de maio. No dia seguinte, escreveu às autoridades locais que, na melhor das hipóteses, só poderia partir no dia 11 ou 12 daquele mês, pois precisava fazer os preparativos de viagem necessários e empacotar e deixar em lugar seguro sua valiosa coleção de minérios e a sua biblioteca.⁸¹ Em meados de maio, deveria partir para Viena, e de lá viajar em direção a Livorno.

Pohl aproveitou o tempo restante até a partida, no dia 5 de agosto de 1817, para visitar institutos científicos em Florença e para se preparar para a expedição.⁸² Não obteve permissão para fazer outras excursões, como uma viagem para a ilha de Elba.

Sobre a travessia, Pohl relata que duas crianças nasceram a bordo do João VI e do São Sebastião,⁸³ antes da chegada, no Rio de Janeiro, em 4 de novembro de 1817. Mikan acolheu Pohl, Raddi e Buchberger até que eles encontrassem alojamento.⁸⁴

O grupo de Pohl, Natterer e Sochor, que pretendia viajar até Cantagalo, foi dividido. Pohl explorou as áreas próximas do Rio de Janeiro e Ilha Grande, enquanto Natterer e Sochor se encaminharam para Santa Cruz e Sepetiba por via marítima. Pohl, um criado europeu e um tropeiro foram em mulas. Dois indígenas contratados a peso de ouro foram a pé, levando três mulas com a bagagem.⁸⁵

No caminho, o naturalista teve um acontecimento muito desagradável:

"Jamais haverei de esquecer aquele dia! Considero-o um dos mais difíceis e férteis da minha vida. A primeira inconveniência foi termos errado o caminho logo depois de partir. Uma ponte velha ruiu quando uma das nossas mulas passou, o que nos atrasou por mais de uma hora. Finalmente, tudo foi resolvido e continuamos a viagem. ... Rendemo-nos à agradável esperança de uma viagem feliz, mas logo fomos decepcionados, de uma maneira que quase nos fez desistir de prosseguir. Diante de nós estava a Serra de Angra, montanhas altas totalmente cobertas de mata escura... Foi preciso escalar as montanhas. O caminho era extremamente difícil. Subimos, passamos por rochas pontiagudas, entre as quais a chuva cavara leitos de rios... Os fortes galhos e os arbustos dificultaram mais ainda a passagem. Naquele caminho horrível, as mulas não tinham segurança. Apesar de tudo, superamos todas as dificuldades, chegando ao cume por volta do meio dia... Grave e terrível era a profundidade desmedida para a qual precisamos descer. A picada era extremamente íngreme e logo se tornou tão perigosa, que saltamos dos nossos animais para não sermos jogados pelas nas curvas sinuosas. Uma mula depois da outra caíram, e os obstáculos de todo tipo aumentaram de um modo quase insuportável. Depois de passar ainda por vários pântanos, chegamos finalmente ao posto de guarda, exaustos com o monstruoso esforço... Outra vez passamos por pântanos durante duas horas, nos quais nossos pobres animais fatigados andavam imersos até o peito... uma vez até fiquei preso pelo pescoço nos galhos que pendiam, enquanto o meu animal afundou em uma cavidade. Só a agilidade dos meus criados me salvou naquela situação perigosa."⁸⁶

81 HHStA ISt.-K Brasilien. Carta de Pohl ao k.k. Landespräsidium no dia 5 de maio de 1817: "Minhas questões domésticas – a aquisição das necessidades mais fundamentais, o empacotamento e a guarda da minha considerável coleção de minérios, do herbário e da biblioteca, mesmo com todo o empenho e esforço, exigem que a data da minha partida seja no dia 11 ou 12 deste mês." Ele só foi informado oficialmente no dia 4 de maio sobre a sua viagem para o Brasil, até lá só escutou rumores sobre a sua participação.

82 Cf. *Vaterländisch. Blätter* 17 (28/2/1818), 66.

83 Pohl, *Reisen* v. 1, 224-25.

84 Idem, 33.

85 Idem, 126.

86 Pohl, *Reisen* [Viagens], v. 1, 149-151, publicado por Christa Riedl-Dorn, *Haus der Wunder*, 106-107.

No dia 24 de fevereiro de 1818, Pohl voltou a encontrar Natterer em Sepetiba. O zoólogo lhe arranjava um alojamento naquela localidade, no qual todos os insetos coletados até aquele momento foram devorados por formigas.⁸⁷ Originalmente, Natterer deveria tê-lo acompanhado até Angra dos Reis, mas acabou desistindo. Pohl entregou suas coleções para Natterer e continuou a sua viagem no dia 5 de março em direção a São João Marcos.⁸⁸

Dessa forma, Pohl voltou no início de abril e Natterer, por outro caminho, no dia 7 de maio para o Rio de Janeiro, onde todas as coleções foram empacotadas para serem transportadas no dia 1º de junho para a Europa pelas fragatas imperiais *Austria* e *Augusta*.

Depois que Mikan partiu, Pohl assumira também a tarefa de coletar material botânico. Suas experiências foram semelhantes às do ex-diretor da missão.

“Por mais que os novos objetos encontrados nos estimulem a coletar, essa alegria logo arrefece quando não encontramos oportunidade de secar o papel e as plantas; quando o ar úmido causa mofo e fungos e tudo o que foi conquistado com muito esforço precisa ser jogado fora. Ou quando, de uma hora para a outra, os cupins aparecem até mesmo dentro de casa, anunciando uma guerra de destruição à qual só se pode escapar mediante a fuga; sim, até mesmo nas cidades maiores, é preciso vigiar os tesouros dia e noite, durante semanas a fio, até conseguir juntar tábuas e pregos em quantidade suficiente para montar algumas caixas para o seu empacotamento.”

Pohl, Natterer e Sochor, o qual por um breve momento cogitara regressar para a Áustria junto com Mikan, esboçaram planos de viagem. A ideia era viajar para a província de Goiás por diferentes trajetos e se reencontrar na capital da província de Vila Boa (=Cidade de Goiás). Em seguida, Pohl pretendia visitar a província de Minas Gerais, rica em minérios, acessando primeiro Vila Rica (=Ouro Preto).

Estes planos precisavam ser apresentados ao embaixador. Havia grandes obstáculos administrativos a serem superados antes do início da expedição. Inicialmente, os austríacos haviam mandado fazer passaportes apenas para a província do Rio de Janeiro, e não para o Brasil inteiro. Por isso, foi preciso solicitar novas autorizações de viagem que foram examinadas pelas autoridades. As permissões para viagens de estrangeiros para visitar as minas de ouro e diamantes no interior de Minas Gerais eram concedidas com muita hesitação. Em seu relatório de viagem, Pohl indica o seguinte motivo: “Essa cláusula foi motivada pela afirmação jocosa de uma pessoa pertencente a uma legação estrangeira que queria visitar Minas Gerais, tendo declarado em algumas oportunidades não querer voltar para casa sem um saco de diamantes.”⁸⁹ Pohl recebeu a permissão de visitar as regiões por ele escolhidas, exceto o distrito de Diamantino.

Os pesquisadores receberam novas instruções da legação: todos os meses, deveriam enviar para a embaixada breves relatos e, depois de alguns meses, relatórios gerais. Além disso, deveriam fazer listas das coleções com várias cópias. Tudo o que poderia ser de interesse além do campo das ciências naturais deveria ser registrado também.

87 Idem, 134.

88 Idem, 136.

89 Pohl *Reisen*, v. 1, 175.





LUKAS BETZIC

Rota de viagem, Mapa do Brasil com a indicação das viagens dos naturalistas imperiais Dr. Pohl e Johann Natterer, litografia colorida à mão. A rota de viagem de Pohl está assinalada em azul.

De POHL

Cristal de rocha, Serra dos Cristais, Minas Gerais;
Cianita, Serra da Conceição, Minas Gerais;
Itacolomita (Mega Ponte, Goiás);
Caixa de madeira com minério de topázio do Rio dos Americanos, Minas Gerais.
NHMW

Em 8 de setembro, Pohl iniciou a segunda viagem, que o levaria para as províncias de Goiás e Minas Gerais. Coletou em regiões onde nenhum europeu havia explorado antes dele.

Em meados de outubro alcançou São João del Rei, onde visitou garimpos. Embora tivesse recebido conselhos de voltar para o Rio de Janeiro por causa da época das chuvas que estava começando, prosseguiu sua viagem para Vila de Paracatu do Príncipe. No dia 22 de janeiro de 1819 chegou à capital da província, Goiás (=Vila Boa). Devido às chuvas, foi obrigado a passar três meses ali, interrompidos por uma breve excursão de 6 a 21 de fevereiro de 1819 até o Rio Claro. Pohl teve o primeiro contato mais próximo com indígenas com membros da tribo Kayapó do sul em São José de Mossamedes, a sudoeste de Goiás. Pohl só foi capaz de prosseguir a sua viagem de Goiás em direção às regiões meridionais da província em 22 de abril de 1819.

Gravemente doente, percorreu o Rio Maranhão durante três semanas. Voltou para Porto Real e, de lá, para Vila Boa, onde chegou em janeiro de 1820. A época das chuvas e seus acessos de febre dificultaram sua partida para a província de Minas Gerais. Passando pelo Rio Jequitinhonha, em cujos arredores encontrou índios botocudos, e por Vila de Fanado, chegou no dia 6 de dezembro de 1820 em Vila Rica (=Ouro Preto). Passou vários meses naquela cidade por motivos de doença, antes de chegar de volta ao Rio de Janeiro no dia 28 de fevereiro de 1821 com grandes coleções. Enviara várias caixas para o Rio durante a excursão, sendo ajudado, entre outros, por Eschwege. Muitas vezes, os minérios pesados e as amostras de rocha eram transportados por navio.

Já durante a sua expedição, Pohl enviou um requerimento ao imperador, pedindo para poder voltar à pátria por motivos de saúde. Poucos dias antes de sua chegada ao Rio houvera rebeliões pesadas. Solicitou-se que os naturalistas interrompessem as viagens planejadas e voltassem para a Europa.

Acompanhado de seu criado particular, de três tratadores de animais e do ajudante de jardineiro Schücht, Pohl iniciou a viagem de volta a bordo do navio inglês *Northumbria* no dia 15 de abril de 1821.

Em seu relato de viagem, Pohl narrou as dificuldades pelas quais passou. As coleções não eram só ameaçadas por insetos; em muitos trechos, descreve problemas com os animais de transporte de pessoas e de cargas. Era preciso organizar mulas e tropeiros. Os animais jogavam a carga no chão e as garrafas quebravam, os pacotes e as malas ficavam destruídos, o barômetro quebrou. Rearrumar a carga custava muito tempo, era preciso prender as mulas que haviam fugido por falta de bom pasto, e assim uma busca morosa interrompia a viagem. Na direção da Serra d'Angra, seguiram por uma picada estreita, onde foi preciso caminhar e puxar os animais para não caírem nas curvas íngremes. Os animais não tinham sempre solo firme para pisar. Caíam e jogavam a carga no chão. Ao passar pelos pântanos, afundavam até a altura do peito. Muitas vezes eram obrigados a voltar porque os rios e riachos estavam tão inchados pela chuva que os animais afundavam ou caíam. As selas quebradas feriam os animais e precisavam ser consertadas. As coleções foram várias vezes destruídas por cupins ou formigas ou pela umidade. Os mosquitos lhes tiraram o sono.

Por outro lado, as coleções também eram ameaçadas pelos próprios seres humanos. Em uma queda perigosa de um criado, o barômetro de Pohl e os tubos de segurança quebraram.

Em Arraial Nossa Senhora da Oliveira, um mendigo ameaçou matar o macaco de Pohl, caso não recebesse uma esmola.⁹⁰ Dois de seus criados não quiseram prosseguir viagem em Vila Barbacena.⁹¹ Como não encontrou substitutos, Pohl teve bastante trabalho e convenceu um deles a continuar viagem.

Pohl ficava abalado. Volta e meia descreve maus tratos com escravos e os castigos exagerados e métodos repulsivos com que eram tratados.

Certa vez, um escravo africano que matara seu dono, por quem era torturado, foi decapitado e teve as mãos decepadas. A cabeça foi colocada à mostra em um morro espetada em uma vara comprida.⁹² Outra vez, notou “*milhões de moscas*” em uma venda, até descobrir que era a consequência de uma cabeça e de mãos colocadas à mostra do público.⁹³

Diferentemente de Natterer, Pohl criticava a escravidão, como se depreende da seguinte narrativa:

“...deleitamo-nos com uma bela vista sobre a localidade de Ribeirão do Alberto Dias, situada no vale, e, para sul, sobre a igreja de Villa Barbacena... Ali encontramos um grande grupo de escravos negros que haviam sido comprados no Rio de Janeiro e foram levados até o interior do país. Eram por volta de trinta, jovens entre 10 e 13 anos. Essa caravana era uma imagem verdadeiramente triste. De constituição fraca, esfomeadas e magras, essas pobres e lamentáveis criaturas, desacostumadas a caminhadas, arrastavam-se com muito esforço... Vários deles que não conseguiam prosseguir apoiavam-se em bastões de madeira e mancavam, avançando mais lentamente do que os mais fortes. No final vinham o dono desses escravos e um escravo liberto, a cavalo, dos quais cada um levava atrás de si, no cavalo, um negro doente. Outro, meio paralítico, vinha mancando da melhor maneira, agarrando o rabo do cavalo.”⁹⁴

Pohl também revelou compreensão para com os indígenas, como os Kayapó, que já não podiam mais viver apenas para a caça e a pesca, como era a sua tradição, mas eram obrigados a trabalhar nas plantações.⁹⁵ Reconhece a miséria e as consequências daquilo que sofreram com os brancos e não economiza críticas.

90 Pohl, *Reisen*, v. 1, 226.

91 Idem, 602.

92 Pohl, *Reisen*, v. 2, 580.

93 Idem, 206.

94 Idem (1837), 601.

95 Idem (1832), 399-400.

"O navio, para o qual se levaram quase 1.600 plantas vivas, em 63 grandes contêineres com terra, mais de 260 animais vivos de todas as espécies e 57 caixas com produtos naturais empacotados, deixou o porto do Rio de Janeiro no dia 16 de abril, mas a sua reserva de água potável se tornou podre tão inesperadamente rápido, não sem influência sobre a vida e a saúde de diversas plantas e diversos animais, que o capitão se viu obrigado a fazer escala no porto brasileiro da Bahia. Ali se encontrou o que se procurava e se necessitava com tanta urgência, mas ao mesmo tempo começou uma calmaria altamente indesejada que, aliada aos maus ventos nos mares, esticou a travessia até a Europa para um espaço incômodamente longo de 109 dias. Só no dia 2 de agosto o navio entrou no porto de Amsterdã."⁹⁶

Toda a carga foi colocada em um navio do Reno que os levou até Mogúncia e, de lá, ainda pela hidrovia, até Würzburg. Naquela cidade, estufas foram colocadas à disposição para que as plantas sensíveis pudessem passar o inverno sob a supervisão do jardineiro Schücht. Pohl levou os tesouros restantes até Regensburg (Ratisbona) e, dali, até Viena, de navio.

No dia 16 de outubro de 1821, a revista *Wiener Zeitschrift für Kunst, Literatur, Theater und Mode* [Revista Vienaense para Arte, Literatura, Teatro e Moda] noticiou:

"O sr. Dr. Pohl voltou na tarde de ontem feliz com um respeitável carregamento de raridades naturais brasileiras. De Amsterdam, onde aportou, levou tudo de navio até Würzburg por via marítima, ali deixou para trás as plantas vivas, que já tinham sofrido pela longa viagem marítima de 109 dias e não poderiam mais ser transportadas sem risco por causa do tempo frio inesperado, levando o restante por via terrestre até Regensburg e de lá por navio pelo Danúbio até aqui. Entre outros trouxe dois botocudos, um homem e uma mulher, além de seu filho. Entre as raridades naturais, estão um crocodilo! um armadillo ou tatu, um casuar(ave), um urubu-rei etc.

Um anúncio mais detalhado desses tesouros tão interessantes para a ciência será publicado proximamente nesta revista."⁹⁷



96 Isis von Oken 1823, 2 volumes. Caderno VII-XII Hier VII (Jena 1823), 724.

97 Wiener Zeitschrift für Kunst, Literatur, Theater und Mode. Quinta-feira, 18 de outubro de 1821, n.125, 1064.

Botocudos em Viena

Faixa de carregar criança.

Krahô, Leste do Brasil, em torno de 1821.

Lã vegetal, garras de animal, sementes, resina,
C. 86 cm.

Col. Pohl

Acerca do presente contexto, Pohl escreve:

"No dia 12 de agosto navegamos adiante com bom tempo, e nos aproximamos de São Pedro d'Alcântara. Já de longe percebemos uma enorme multidão de krahôs [Krahô] reunidos à margem, também os soldados do registo haviam se postado [...] Os krahôs apareceram completamente nus, armados de arco e flecha, pintados de vermelho com urucu, em parte com os rostos enegrecidos. Apenas seu "capitão" se mostrava com calças azuis de tecido de lã vegetal, uma camisa e uma touca de dormir. [...] Também consegui adquirir uma das faixas de carregar criança mencionadas acima, que ali igualmente encontrei sendo usadas por todas as mulheres; a proprietária não quis abrir mão dela até que o alferes Morreira [Moreira] lhe deu de presente um pedaço de tabaco em rolo." (JEP)
Weltmuseum Wien

Os botocudos chamaram bastante atenção em Viena. O embaixador austríaco conseguira a autorização para que Pohl levasse os dois indígenas para a Áustria. Eles tinham sido selecionados entre 50 indígenas, os quais foram levados para o Rio de Janeiro como "prova de uma civilização em progresso", a fim de serem apresentados ao rei.

Logo saíram os primeiros retratos em gravura de Carl von Saar no suplemento *Die Botocuden-Indier in Wien* [Os índios botocudos em Viena] para os assinantes da revista *Wiener Zeitschrift für Kunst, Literatur, Theater und Mode*.⁹⁸

"Os índios botocudos em Viena, trazidos do Brasil pelo naturalista pesquisador sr. Dr. Pohl. Esses dois indivíduos, um homem e uma mulher, chamados João e Francisca, pertencem às tribos originais do Brasil e habitam a margem do Rio Jequitinhonha na capitania de Minas Gerais, o qual desemboca no mar em Vila Belmonte."⁹⁹

Já no artigo intitulado "Curiosidades da natureza brasileira em Viena", o jornal informou aos vienenses:

"Entre esses habitantes originários da América do Sul, que costumam ser pegos pelos plantadores portugueses ou acolhidos, nos casos em que buscam abrigo voluntariamente, está o casal que Dr. Pohl houve por bem levar para a Europa e que veio de livre e espontânea vontade. Com exceção de uma breve estadia entre plantadores portugueses, de cuja língua compreendem algumas coisas, ambos – o homem de 20 anos e a mulher, de 21 – vieram por assim dizer diretamente das mãos da natureza para um povo refinado e têm características muito mais nítidas de suas tribos do que o jovem botocudo que o príncipe de Neuwied levou e os dois outros sul-americanos que os eruditos bávaros transplantaram de sua pátria para a Europa..."¹⁰⁰

Os botocudos ficaram brevemente em exposição pública em 1821 no parque de Burggarten.¹⁰¹ Naquele mesmo ano, ainda puderam ser vistos como figuras de cera no Gabinete Natural de Johann Georg Dubskey von Wittenau, no parque de diversões Prater, em Viena.

Ambos os botocudos viviam na corte imperial e fizeram formação de jardinagem. Frequentemente eram convidados como atração para eventos sociais, como noites dançantes. Enquanto Francisca gostava de dançar e de conversar com as pessoas, João ficava recluso e mudo. Logo descobriu a sua paixão pela cerveja. Como João maltratava Francisca, cada um deles ganhou seu próprio apartamento. De uma ligação amorosa com um soldado ela deu à luz um filho que morreu pouco depois do parto. Francisca solicitou ao imperador a permissão de voltar para o seu país, mas morreu de pneumonia durante os preparativos de seu regresso, em 23 de outubro de 1823. João voltou para a sua família no Brasil em novembro de 1823. O imperador pediu informações precisas sobre o seu regresso.

A criança mencionada na matéria do jornal de 16 de outubro de 1821, uma filha, viera ao mundo em Mogúncia. Foi batizada em Viena e recebeu o nome de Barbara, mas morreu depois de poucos dias.

Ainda em 1824, o jornal *Allgemeine Theaterzeitung und Unterhaltungsblatt für Freunde der Kunst, Literatur und des geselligen Lebens* deu notícia do destino dos botocudos em Viena.¹⁰²

98 Idem 138. Sábado, 17 de novembro de 1821, 1167-1168.

99 Idem 145, (1821), 1167.

100 Idem 145, (1821), 1219.

101 Mauthe, *Brasilienexpedition* (1994), 20.

102 *Allgemeine Theaterzeitung und Unterhaltungsblatt für Freunde der Kunst, Literatur und des geselligen Lebens* 11 (24 de janeiro de 1824), 41-42.

Resultados Científicos de Pohl

Pohl não coletou sozinho os seus minérios, animais e plantas. Conseguiu muitas das peças por meio de troca ou compra. Com os botocudos, por exemplo, o naturalista trocou a sua faca por arco e flecha¹⁰³ e sal e tabaco por adornos de orelha.¹⁰⁴ Na região do antigo Arraial S. Antonio do Descoberto dos Montes Claros, adquiriu um par de botas feitos com a pele de uma cobra gigante, que fora pescada no Rio dos Montes Claros.¹⁰⁵ Na região da Aldeia Cocal Grande, à margem do Rio Maranhão, depois de muito esforço, Pohl conseguiu trocar um machado de cerimonial indígena por várias facas.¹⁰⁶ Em sua viagem rumo a Boa Vista, Pohl viu minas de topázio. Com o intuito de comprar um belo e grande cristal de topázio para o imperador, Pohl procurou o dono das minas, que lhe mostrou belos exemplares, mas só queria vender pedras feias, com o resultado de que nenhum foi adquirido.¹⁰⁷

A expedição austríaca também saiu na imprensa brasileira, o que ocasionou convites de apoio a Pohl, por exemplo de um padre.¹⁰⁸ Ele também adquiriu animais exógenos, como prosímios da África.

Seis aves e 13 mamíferos durante a viagem de volta morreram. O próprio Pohl eviscerou os animais, entre eles um puma (*Felis concolor*), uma onça (*Felis Onca*), dois *Felis brasiliensis*, duas lontras (*Lutra brasiliensis*), um porco-do-mato (*Sus Tayassu*), um *Antilope tragocamelus*, quatro macacos-prego (*Simia cephus*, simia sabaea = *Chlorocebus sabaeus*, simia capucina = *Cebus capucinus*), um *Simia cephus* do Velho Mundo e um lêmur (*Lemur nigrifrons*) de Madagascar.¹⁰⁹

As coleções de Pohl, que chegaram em quatro remessas, incluíam: “6 mamíferos, 6 pássaros, 22 anfíbios, 49 peixes, 2.124 insetos, 200 conchas, 10 espécies da família radiata, 4 vermes de intestino, 115 armas e equipamentos, 110 sementes, 31.746 plantas e 4.464 minerais.”¹¹⁰ A pedido de Metternich, o anatomista e antropólogo alemão Johann Friedrich Blumenbach enviara uma lista objetos de desejo datada de 7/12/1816. Começou com uma série de perguntas estatísticas e antropológicas sobre a população do Brasil e pediu, se fosse possível, o crânio de um habitante original e, na área da zoologia, crânios animais conservados em álcool para pesquisas sobre o cérebro e insetos. Pediu também que os cientistas atentassem para animais fossilizados, principalmente moluscos amonoides e belemnites, tendo em vista que Humboldt não encontrara espécimes nas regiões por ele exploradas. Blumenbach também estava interessado em ouro de 24 quilates e desejava conclusões geológicas sobre minérios. Finalmente, pediu livros brasileiros para a biblioteca universitária de Göttingen. Pohl foi escolhido para responder a lista de perguntas de Blumenbach, mas só pôde fazer isso depois de sua volta, porque haviam esquecido de entregar a lista a ele antes da sua viagem. Em 1822, Blumenbach agradece as “respostas extremamente instrutivas do excelente Sr. Dr. Pohl ...”, transmitidas a ele pela legação austríaca em Hannover.¹¹¹

103 Pohl, *Reisen*, v. 2 (1837), 455.

104 Idem, v. 2 (1837), 449.

105 Idem v.1 (1832), 285-286.

106 Idem v. 2 (1837), 195.

107 Idem v. 2 (1837), 590.

108 Idem v.1 (1832), 278.

109 AfW NHMW Brazilianum IV remessa
*Vögel und Säugetiere welche Hr Dr.Pohl
während der Reise gestorben sind und von
demselben abgebalget wurden. Erhalten 8.
Oktober 1821* [Aves e mamíferos, que
morreram durante a viagem de Sr. Sr.
Pohl e foram empalhados pelo mesmo.
Recebido em 8 de outubro de 1821].

110 Archiv, NHMW, Tabellarisch-
summarische Uebersicht...Akten:
Brasilianisches Museum, Wien.

111 Abgedruckt bei Kadletz-Schöffel, 219.

Livros científicos

Com um estilo brilhante, Pohl eternizou as suas experiências no livro “A viagem no interior do Brasil”, em que os resultados estritamente científicos, que interessam apenas a um pequeno círculo de especialistas, são apresentados separadamente da descrição do país e de seus habitantes para um público mais geral, sem formação especializada. O relato de viagem se torna especialmente precioso pela diversidade de observações sociológicas e etnográficas, até hoje uma fonte importante para historiadores e etnólogos brasileiros que desejam conhecer a estrutura da sociedade do Brasil da época.¹¹² Também são valiosas as amostras linguísticas dos Caiapó e dos Xavante.

Antes de ser impressa, era preciso levantar os recursos para o financiamento da publicação. Em 1823, Metternich fez um relato sobre a obra de viagem de Pohl ao imperador.

Somente no final de 1825, o imperador escolheu o chanceler Metternich-Winneburg para a seleção das ilustrações e a supervisão da realização de gravuras em cobre para a obra. O conde Caspar von Sternberg foi incumbido pelo imperador da edição da obra.¹¹³ O censor Gentz, ele próprio um amante das flores e a quem agradara muito a edição botânica de luxo de Pohl *Plantarum Brasiliae...*, não gostava do estilo do texto de Pohl. Assim, a primeira parte da descrição de viagem, dedicada à Imperatriz Carolina Augusta da Áustria, só saiu em 1832.

Entre vários desenhos, às vezes apenas esboçados, Metternich escolheu aqueles que, a seu ver, melhor caracterizavam o país. Os gravuristas Axmann e Passini fizeram as chapas de cobre.

Como Ender só aprontara 786 aquarelas e regressou logo em seguida, o próprio Pohl se viu obrigado a desenhar. Fotografou o mundo tropical com ajuda de uma câmera lúcida de Wollasto, dispositivo ótico usado para ajudar os desenhistas. Thomas Ender realizou alguns desenhos com base nessas imagens.¹¹⁴ Previu-se que o desenhista também representasse objetos etnográficos a serem publicados no segundo volume.

Voltaram a faltar recursos para financiar o segundo volume. Em janeiro de 1834 foi feito um requerimento ao imperador para um adiantamento. Pohl morreu quatro meses depois. O segundo volume saiu publicado só em 1837, com base no diário do acervo de Pohl, graças à mediação de Sternberg junto a Metternich, ao médico do imperador, Stifft (1760-1836), e ao imperador Francisco I (II), bem como o seu filho Ferdinando (1793-1875). Enquanto isso, os relatos de viagem de Spix e Martius saíram já em 1828 e 1831 com generoso apoio financeiro do rei Maximiliano I e seu sucessor Luís I da Baviera (1786-1868).

Paul Partsch redigiu o “anexo geognóstico e mineralógico para o segundo volume”, de quase 30 páginas.

112 Riedl-Dorn, 1998, *Haus der Wunder*, 111-113.

113 Pohl, *Reisen* [Viagens], v. I, (1832) XIII.

114 Idem, v. I (1832), Esclarecimentos.



Índios botocudos in: suplemento da revista *WienerZeitschrift* 138/1821, gravura a água-forte de Carl Rahl, segundo desenhos de Carl von Saar, Viena, 1821. NHMW

Botas de pele de jiboia, antes de 1820. Adquiridas por Pohl na região de Santa Luzia, Goiás. Coleção Pohl Weltmuseum Wien

Machado cerimonial, Porecramecan, Cocal Grande, adquirida no Rio Maranhão por Pohl antes de 1819. Coleção Pohl Weltmuseum Wien



Clava trompette de guerra, atadura de joelho para dança e cesto de transporte Kayapó meridionais, região da nascente do rio Araguaia, Brasil, em torno de 1820. Madeira, chifre, bambu, folha de palmeira, tiras de folha de palmeira, cálcio de penas, garras de animal, barbante de ráfia, C. máx. 97,5 cm.

Coleção Pohl

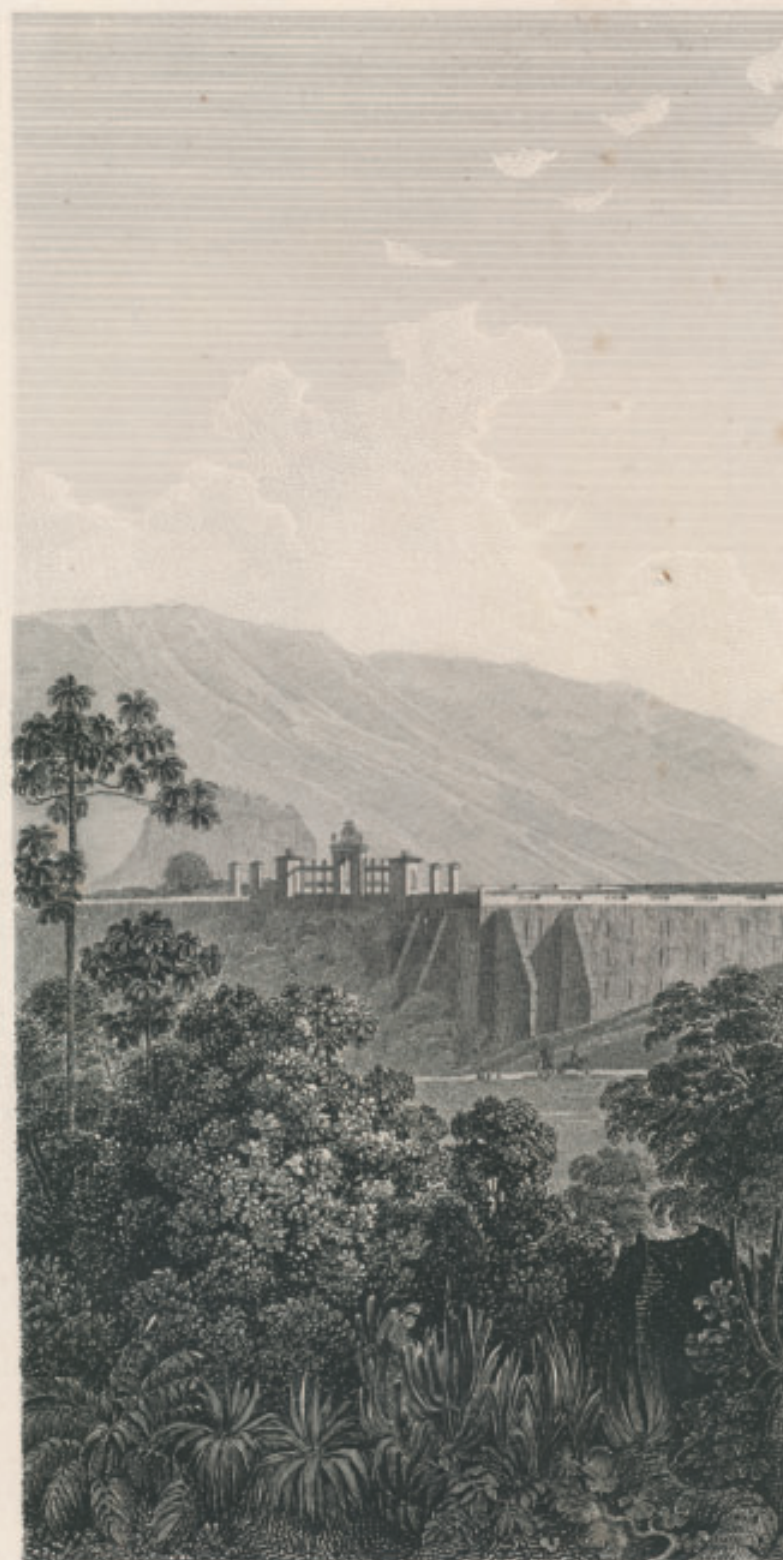
Os Kayapó meridionais foram o primeiro grupo indígena com o qual Johann Emanuel Pohl entrou em contato. Ele juntou 31 objetos entre eles e em seu relato de viagem descreveu detalhadamente sua utilização e o modo como os adquiriu. No relato há também uma caracterização impressionante das precárias condições de vida na aldeia, em que elas são comparadas com o "estado selvagem", o modo de vida tradicional dos índios na floresta. Conforme o relato de Pohl, tornou-se cada vez mais difícil convencer os Kayapó a aceitar a vida na aldeia; muitos deles teriam voltado a fugir de dentro dela depois de pouco tempo. Isso fez com que doenças se espalhassem também em regiões mais distantes, e com certeza contribuiu para que alguns grupos optassem por evitar totalmente qualquer contato como estratégia de sobrevivência. (CA)

Weltmuseum Wien





Palácio Real da Quinta da Boa Vista,
residência da família imperial,
São Christóvão, perto do Rio de Janeiro.
Gravura em cobre de Passini, s/d.
NHMW



Königlicher Sommerpalast



J. Papini sculp.

Palast, Boa vista bey S. Christovão, in der Nähe von Rio de Janeiro.

POHL, Johann Baptist Emanuel

Plantae Brasiliae icones et descriptiones hactenus ineditae

Dois grossos volumes, maravilhosamente ilustrados por Michael Sandler (1790-1850), resumem os resultados científicos de Pohl no ramo da botânica.

O desenhista de flores Michael Sandler recebeu o Prêmio Gundel da Academia de Belas Artes em 1807 e 1809. Era casado com Magdalena Schubert, prima do famoso compositor Franz Schubert. Endlicher desaconselha a continuação das ilustrações de plantas brasileiras por Sandler, por achar que “o acúmulo de tais imagens sem alma e vida é uma carga cara e inútil”.¹¹⁵

Pohl denominou uma série de espécies de plantas que descobriu homenageando membros da casa imperial; a espécie *Franciscea*¹¹⁶ da família das solanáceas em homenagem ao imperador Francisco I. (II.); a *Augusta*, uma espécie de café segundo a quarta esposa do imperador; a *Ferdinandusa*, igualmente um gênero de café, segundo o príncipe-herdeiro Ferdinando; *Antonia*, na moderna sistemática a representante de uma família própria, as *Antoniaceae*, segundo um irmão do imperador, o arquiduque Antonio Vitorio (1779-1835).

A partir de 1828, Carolina Augusta, esposa do imperador, mandou fazer pratos com motivos de plantas pela Manufatura de Porcelana Viena, segundo desenhos do livro de Pohl, *Plantae Brasiliae*. Esses pratos com flores eram usados como pratos de sobremesa.

Schreibers divulgou a obra; entre outros, escreveu para Goethe. Entre os 97 subscritores encontrava-se também o amigo de Goethe, Carlos Augusto, grão-duque de Saxe-Weimar. Em uma carta a Sua Alteza Real, Carlos Augusto, Goethe se refere à obra de Pohl, em especial à mandioca (*Manihot utilissima*); achou o exemplar ilustrado especialmente agradável: “foi-me especialmente agradável ver o gênero *Manihot* tão bem equipado; as folhas-caule da *utilissima* têm uma característica relevante que aponta para outras características insólitas da planta.” (Weimar 9.12.1826)¹¹⁷

Manihot utilissima, a mandioca, um dos principais alimentos vegetais, foi descrita pela primeira vez por Pohl. Goethe conheceu Pohl pessoalmente em Eger, em 1822, tendo conversado longamente com ele sobre a expedição ao Brasil e minérios no país tropical.¹¹⁸ Em carta a Schreibers do dia 29 de janeiro de 1826, Goethe descreve Pohl como um homem digno, no qual pensou muitas vezes depois de travar o seu conhecimento em Eger.¹¹⁹ “Desejo sorte a todos nós, se o possível de suas conquistas for comunicado...”¹²⁰ Goethe também desejava alguns exemplares do herbário do “bom Pohl”, como escreveu ao grão-duque Carlos Augusto.¹²¹ Schreibers enviou sementes do Brasil ao grão-duque Carlos Augusto, como as da araucária (*A. angustifolia*).¹²² Para a sua coleção de minérios, Goethe pediu a Schreibers, entre outros, um topázio brasileiro¹²³ (23 de fevereiro de 1821).

Já antes da viagem ao Brasil, Goethe se dirigira ao diretor do Gabinete Imperial de História Natural para encomendar objetos naturais, a pedido do grão-duque, mas também para si próprio.

JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
Michael Sandler, *Manihot utilisima*.
In: *Plantarum Brasiliacicones et
descriptioneshactenusineditae*, volume 1,
litografia colorida à mão, Viena, 1827.
NHMW

115 Stephan Endlicher, *Bericht und Vorschlag über die Anstellung eines Zeichners am Musée* 2.1.1837 [Relatório e proposta sobre a contratação de um desenhista no museu, 2/1/1837]. AfW NHMW Berichte und Verordnungen Botanisches Cabinet, 1837.

116 *Franciscea* hoje: *Brunfelsia*.

117 Goethe-WA-IV, Bd.41, S.250 zitiert nach Schneider, 113.

118 Goethe Tagebuch 30. Juni 1822. Abgedruckt in Schneider, 140-141 und Brief Goethe an Carl Ludwig von Knebel, 23. August 1822, abgedruckt in Schneider, 107.

119 Carta de Goethe para Schreibers, 29 de janeiro de 1826. WA IV 40, 269-272 (v. 10 B/1, Weimar 2004; 242).

120 Idem.

121 De Goethe para o grão-duque Carlos Augusto, 30 de dezembro 1825. WA IV 40, 211 (Bd 10 B/1, Weimar 2004; 235).

122 Schneider, 102-105.

123 Carta de Goethe para Schreibers, Weimar, 23 de fevereiro de 1821, publicado em Schneider, 97-98.



DATABASED
PHOTO

NATLHISTORISCHES
MUSEUM WIEN
W 0053559



JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
Augusta oblongifolia POHL coletada por
Pohl "ante Corgo de Jaraguá", gênero
dedicado por Pohl à esposa do imperador,
Carolina Augusta.
NHMW

JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
Michael Sandler, *Augusta oblongifolia*.
In: *Plantarum Brasiliacicones et
descriptiones hactenus ineditae*, volume 2,
litografia colorida à mão, Viena, 1831.
NHMW

Isotypus W 0053559
Augusta oblongifolia Poe.
Pl. Bras. icon. descr. 2 (1): 4-5; tab. 105 (1828)
= *Augusta longifolia* (Swenz.) Rosen var. *longifolia*
1995 (Sant) J. Walter (W) 2014-08 Pohl E.H. 2079

HERBARIUM
MUSEI CAESAREI
PALATINI VIENNOENSIS

2079. Pl. Bras.
Augusta oblongifolia Poe.
(ante Corgo de Jaraguá, Pohl)



Augusta oblongifolia.



Lophostachys floribunda.

JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
 Michael Sandler, *Lophostachys*
floribunda. In: *Plantarum Brasiliæ icones*
et descriptiones hactenus ineditæ, volume 2,
 litografia colorida à mão, Viena, 1831.
 NHMW

JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
 Michael Sandler, *Lobelia thapsioides*.
 In: *Plantarum Brasiliæ icones*
et descriptiones hactenus ineditæ, volume 2,
 litografia colorida à mão, Viena, 1831.
 NHMW



Isso evidencia que o material da expedição ao Brasil não foi apenas encaminhado para instituições científicas, como o Museu Universitário de Praga, o Johanneum de Graz, o Museu dos Mequitaristas em Viena etc. mas também para particulares. Na Universidade para Ciências do Solo existe uma cianita trazida por Pohl e que veio do acervo do príncipe Rodolfo.¹²⁴ Em seu relato de viagem, Pohl menciona que, em dezembro de 1820, foi hóspede, em Vila Rica (desde 1822, Ouro Preto, Minas Gerais), do montanhista e pioneiro da mineração industrial no Brasil, o alemão Wilhelm Ludwig von Eschwege, e que encontrou cianita próximo da casa dele.¹²⁵

Por intermédio do conde Sternberg, partes das coleções botânicas foram entregues para outros especialistas para classificação, uma vez que o volume da coleta excedia a capacidade de um único pesquisador.¹²⁶

No herbário do professor de botânica e química, Joseph Franz von Jacquin (1766-1839), também havia exemplares coletados pelos participantes da expedição.

Por outro lado, Martius homenageou Pohl com o gênero *Pohlana*, da família das rutáceas.

Os animais vivos cresceram pouco à Coleção Zoológica (Menagerie) de Schönbrunn nos anos de 1818, 1819 e 1821, uma vez que o imperador Francisco mandava transferir a maior parte para a sua coleção zoológica nos jardins do parque de Burggarten em Wien e seu jardim particular no Rennweg.

Pohl levou mais de 50 aves vivas para a Áustria, entre elas araras pequenas e grandes, cacatuas, um casuar, bem como gambás (*Didelphys*), macacos e tartarugas terrestres, que foram todos para a Menagerie imperial em Hof-Burggarten. Em 1820 haviam sido construídas edificações novas para a Menagerie e para as fartas remessas de animais, uma vez que as estufas do terraço já não eram suficientes. O imperador os visitava quase diariamente durante várias horas, só ou com a família.

Com o início da viagem, Pohl se demitira de seu cargo de Praga. Em relação aos demais integrantes da expedição, que continuavam a receber o salário cheio durante a viagem, ele recebia apenas as suas diárias. No fim de 1821, voltou-se para Metternich. Apontou para seus méritos durante a expedição, a coleção imensa, as publicações previstas e uma proposta do imperador de lhe confiar a direção do museu. Enquanto curador, só respondia pelas partes botânica e mineralógica. Enquanto isso, Joseph Natterer, irmão de Johann Natterer, cuidava da parte zoológica do *Brasilianum*. Quando Natterer voltou do Brasil, queixou-se de que Pohl se tornara curador imediatamente, enquanto ele próprio continuava com o mesmo cargo de curador-adjunto que já ocupava antes da viagem.

JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
Michael Sandler, *Coutarea pubescens*.
In: *Plantarum Brasiliæ icones et
descriptiones hactenus ineditæ*, volume 2,
litografia colorida à mão, Viena, 1831.
NHMW

124 Otto Fitz, *Eine Sammlung erzählt* [Uma coleção conta] (Viena 1993) 25

125 Pohl, *Reisen*, v.2 (1837) 579

126 Schweizer, zur Geschichte der österreichischen Brasilienexpedition (1998/99) 76; Schweizer, Sternberg (2006) 102



Coutarea pubescens.

Rochus Schüch

Rochus Schüch (1788, Linhartice, hoje República Tcheca – 1844, Brasil) foi o único que permaneceu no Brasil. Depois de concluir seus estudos na universidade em Praga, em 1808, tornou-se professor de matemática, história natural e estudos da natureza no ginásio jesuíta de Troppau (Opava) e chegou em 1813 como curador ao Gabinete Imperial de História Natural em Viena. Também foi professor de mineralogia da jovem Leopoldina de 16 anos na corte imperial.

Como já foi mencionado, ainda antes de sua partida, Dona Leopoldina o indicou para ser bibliotecário da corte no Rio de Janeiro. Além disso, continuou sendo o seu conselheiro mais próximo em todas as questões científicas. Ele se ocupava zelosamente com mineralogia e metalurgia e se descobriu jazidas de ouro e prata no antigo Saco do Alferes.¹²⁷ Em sua condição de conselheiro, participou da fundação do Gabinete de História Natural de Dona Leopoldina no palácio de São Cristóvão, que deu origem posteriormente ao Museu Nacional. Da mesma forma, aconselhou Leopoldina no estabelecimento de um Jardim Botânico e de um parque zoológico em Santa Cruz.

A própria Leopoldina enviou plantas e animais vivos à sua irmã predileta, Marie Louise, e ao seu pai, bem como peles e aves empalhadas, minerais e borboletas. Com seu antigo professor Von Schreibers, o diretor do Gabinete Imperial de História Natural, trocou objetos naturais. Uma prova é o exemplar de concha *Chione paphia* enviada por ela para Viena em 1821.

Também Dom Pedro presenteou o seu sogro, o imperador Francisco I (II), com produtos naturais, entre eles, a chamada "caixa Dom Pedro", por ocasião do matrimônio, em 1817. As cascas polidas de uma *Cyrena* foram retrabalhadas para uma caixa de tabaco (*tabatière*). Com o fechamento do Brasilianum, em 1836, foram para o Gabinete Imperial de História Natural.

Apesar de todos os seus indiscutíveis méritos em prol do desenvolvimento intelectual do Brasil, Schüch perdeu o seu cargo depois da morte de Dona Leopoldina, em 11 de dezembro de 1826. Dom Pedro não tinha interesse pelo seu trabalho. Assim sendo, Schüch se retirou para a província de Minas Gerais, riquíssima em recursos minerais, onde fundou uma aciaria que produzia um excelente aço com um processo especial. Isso tampouco agradou. A xenofobia que germinava, cujas consequências Natterer sentiu de maneira tão dolorosa no Pará e que ainda encontrou apoio legal por parte do imperador, terminou por expulsá-lo com a justificativa formal da lei de estrangeiros, fazendo com que tentasse regressar à sua pátria por intermédio do encarregado austríaco e diretor Schreibers e lá encontrar um cargo. A fim de melhorar a sua posição, enviou coleções de minerais e outros objetos naturais ao Gabinete de História Natural da corte (1826) e aos arquiducos Rainer, Anton e Johann em Viena. Entretanto, a esperança não se cumpriu. Em contrapartida, depois da renúncia de Dom Pedro I, Schüch recebeu a honrosa tarefa de atuar como educador e professor de alemão de Dom Pedro II, missão pedagógica que cumpriu com brilho, ganhando crescente influência sobre o jovem monarca.

Schüch casou-se com Josefina Roth, uma imigrante suíça (de Nova Friburgo). Seu filho adotivo Wilhelm (Guilherme)¹²⁸ de Capanema (1824-1908), nascido em Timbopea, no Brasil, fez amizade com Dom Pedro II, que depois o mandou para Viena, para estudar na Escola Politécnica, precursora da Universidade Técnica. Wilhelm Schüch tornou-se engenheiro-chefe e reorganizou as coleções de história natural no Rio de Janeiro, introduziu o telégrafo no Brasil e dirigiu toda a área da telegrafia no país. O imperador o incumbiu ainda de tarefas diplomáticas, como foi o caso dos conflitos de fronteira entre Brasil e Argentina. Em 1881, foi elevado à categoria de barão.

Uma espécie do gênero *Eugenia* foi batizada em homenagem a Rochus Schüch. Um exemplar da *Eugenia schuechiana*, coletada pelo jardineiro Schott, ainda pode ser admirado hoje no Naturhistorisches Museum Wien.

HEINRICH WILHELM SCHOTT

Eugenia schuechiana BERG, coletada

próximo do Rio de Janeiro e nomeada em homenagem a Rochus Schüch, professor de Leopoldina.

NHFW

127 N. da T.: Próximo do local onde fica hoje a rodoviária do Rio de Janeiro.

128 AfW NHFW Carta de Rochus Schüch para Endlicher, Boa Vista, 15/11/1841, publicada em Riedl-Dorn, *Stephan Ladislaus Endlicher* (dissertação não-impressa da Universidade de Viena, 2017), 789-790.

PHOTOTHEK
NR. 146

DATABASED
PHOTO

K.K. NATURHISTORISCHES HofMUSEUM WIEN
BOTANISCHE ABTHEILUNG

NATURHISTORISCHES
MUSEUM WIEN
W 0047932 -



Fide: R. Govaerts & al. 2008. World Checklist of Myrtaceae
Eugenia verticillata (Vell.) Trpky
Annot. P. Eschsch. García (W) 2013-07

isotype of
Eugenia schubertiana O. Berg
Det.: F.F. Mazina-Capelo VII/2004

Typus

5829

Eugenia schubertiana Ag. (det.)
Rio de Janeiro
(8. 10. 1890).
Lobelt

Os artistas da expedição

Com a doença de Ender e o grave acidente de Buchberger, os artistas haviam voltado para Viena e discutiu-se a sua substituição. Foi cogitado o nome do artista G.K. Frick, que viera na comitiva de Leopoldina e já fizera alguns quadros para a expedição. Sobretudo o secretário da embaixada, Neveu, apoiou a ideia. Mas o diretor do Gabinete Imperial de História Natural, Schreibers, foi contra a contratação do pintor. Sugeriu que os desenhos fossem pagos por unidade ou que o artista recebesse uma diária. Não houve acordo.

Franz Josef Frühbeck viera para o Brasil na comitiva da arquiduquesa como assistente de Rochus Schüch. Além de sua atividade, fazia desenhos, enquanto autodidata, que levou para Viena em outubro de 1818. Ele se casou e foi para a região da Styria como comerciante. Em 1829, anunciou em Viena a sua “Grande viagem ótica de gabinete para o Brasil”. Naquela exposição, exibiu 12 de seus quadros da viagem e do Rio de Janeiro. Devido ao grande sucesso de público, a exposição foi reexibida no ano seguinte e ainda na Alemanha no final de 1830.¹²⁹

O Museu Brasileiro (*Brasilianum*)

O *Austria* e o *Augusta* deixaram o Rio em 1º de junho de 1818 levando os primeiros integrantes da expedição e caixas com objetos coletados. Em março, o cirurgião Kammerlacher voltou para Viena com uma remessa de objetos naturais. No mês seguinte foi enviada outra remessa com as coleções adquiridas por Pohl e Natterer e com animais vivos, chegando em Viena em 8 de novembro de 1819.

As primeiras coleções grandes já chegaram ao Gabinete Imperial de História Natural em 1819. O diretor Schreibers, cujo apartamento funcional ficava acima do Gabinete, viu-se obrigado a armazenar parte do material em seus aposentos privados por falta de espaço. Quando se anunciou a próxima remessa, em 1821, Schreibers ameaçou deixar as caixas na alfândega se não fosse criado um espaço próprio para as coleções.

Alugou-se um imóvel no centro de Viena, a Harrach'sches Haus, na Johannsgasse 972 (hoje, número 7), onde o *Brasilianum* ficou de 1821 a 1835.

Desde o início estava programado que essa dependência do Gabinete Imperial de História Natural seria apenas temporária. Consistia de 13 cômodos, além de laboratórios e almoxarifados. Joseph Natterer, irmão de Johann Natterer, cuidava das coleções zoológicas, espalhadas por sete salas; a coleção botânica ocupava três cômodos. Em 1833, Schmidl, um contemporâneo, menciona 60.000 espécimes vegetais. Os minerais ocupavam duas salas; a coleção etnográfica e os quadros de Thomas Ender enchiam uma sala, junto com as mais de mil representações de plantas brasileiras, confeccionadas pelo desenhista de plantas Michael Sandler por encomenda de Pohl.

129 Schmutzer, Feest, 281.

O museu ficava aberto todo sábado de 9h as 12h para o público em geral. “Amigos da ciência e especialistas” podiam agendar visitas todos os dias.

Os ingressos podiam ser adquiridos com Joseph Natterer e Pohl, que morava no segundo andar do museu.¹³⁰

A disposição e a organização eram as mesmas do *Naturalienkabinet*: cada objeto tinha uma etiqueta, “anotada de acordo com as pessoas que sistematizam, descobrem e informam”.¹³¹

Durante o 10º Congresso dos Naturalistas e Médicos Alemães em Viena, de 18 a 27 de setembro de 1832, o *Brasilianum* foi a atração principal. Ao longo de três dias ficou aberto exclusivamente para os participantes da conferência.

As coleções do novo museu cresceram constantemente, atingindo um volume nove vezes maior do que o da inauguração até 1835.

O contrato de aluguel venceu em 1835 e o proprietário quis vender o imóvel. Começou uma busca febril por outra opção para abrigar as coleções. Metternich chegou a propor uma nova obra para o museu. Mas durante a conferência de estado lembrou-se que o *Brasilianum* deveria ser fundido com o Gabinete Imperial de História Natural, conforme tinha sido programado.

Depois do fechamento do *Brasilianum*, em 1835, foi preciso inserir as coleções no Gabinete Imperial de História Natural. O curador Paul Maria Partsch trabalhou meses a fio, separando material útil de minérios e rochas coletados sem critério – em primeira linha, Pohl era botânico e só fora contratado como mineralogista na missão por insistência de Stifft; a maior parte dessas coleções seguiu no dia 9 de agosto de 1836 para as grutas construídas em Laxenburg em 8 carros, acondicionada em 19 caixas com minérios, bem como 2 peças grandes, entre elas 5 madeiras fossilizadas.¹³² Os objetos etnográficos ainda passaram algum tempo sendo expostos na *Kaiserhaus*, na Ungargasse 349, e hoje podem ser vistos em aquarelas que representam as diversas vitrines. As armas e os equipamentos eram dispostos em padrões geométricos. De 1840 até o ato de criação do Naturhistorisches Museum, em 1876 (aberto em 1889), os objetos ficaram guardados em diferentes lugares.

Embora o bibliotecário, botânico e sinólogo Stephan Ladislaus Endlicher (1804-1849) tivesse sido previsto como sucessor de Johann Baptist Emanuel Pohl, falecido em 22 de maio de 1834, não aceitou o cargo devido a intrigas. Em 1836, tornou-se primeiro curador do Gabinete Imperial de Botânica e, quatro anos depois, professor de botânica da universidade de Viena.

130 Weis, 1832, 30.

131 Schmidl, 1833, 163.

132 AfW NHMW *Brasilianum* Minérios IV: Confirmação de transferência: Certificado da direção do palácio e do jardim imperiais de Laxenburg, 9 de agosto de 1836. E AfW NHMW *Brasilianum* Minérios IV: anúncio do transporte para as 7h30 da manhã do dia 9 de agosto de 1836, datado de 6 de agosto de 1836.



Brasilianum (Museu Brasileiro)
Harrach'sches Haus I, Johannesgasse 76.
NHMW

JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
Michael Sandler, *Antonia ovata*.
In: *Plantarum Brasiliæ icones et
descriptiones hactenus ineditæ*, volume 2,
litografia colorida à mão, Viena, 1831.
NHMW



HERB. PALAT. VIENNA.
 POHL JOH. PLANT. BR. LIL.

no. 165.



JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
 Michael Sandler, *Augusta lanceolata*,
 desenho em nanquim, depois de 1821.
 O desenho foi feito com base no herbário
 levado para a Áustria.
 NHMW

JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
 Michael Sandler, *Augusta oblongifolia*,
 desenho em nanquim, depois de 1821.
 O modelo foi a planta seca e prensada.
 NHMW





Edm. Sw. nat. del.

Die vorzüglichsten lästigen Insecten Brasiliens



Ecoss

Se ainda em 1817 os jornais publicaram longos relatos sobre a expedição, o interesse logo sofreu um refluxo, recrudescendo depois da volta de Pohl com o índio botocudo. Com a morte precoce da imperatriz Leopoldina, em 1826, a ligação com o Brasil foi interrompida e o interesse no país tropical murchou. Sochor e Natterer estavam no Interior do Brasil, de onde cada vez menos notícias chegavam até Viena.

As prestações de contas dos participantes da expedição demoraram a ser entregues. Assim, ainda em 1835, Schott e Schücht foram solicitados a prestar contas sobre adiantamentos recebidos.¹³³ Schücht, que entretempos se tornara jardineiro em Laxenburg, foi instado algumas vezes a prestar contas sobre os 400 florins que gastou do total de 700 florins que recebeu.

ERICH CORRENS

Dr. Carl Fr[iedrich] Ph[ilip]v. Martius,
litografia, Munique, 1850.

JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL
Michael Sandler, segundo modelo de
Johann Buchberger, *Oxalis musciformis*,
litografia colorida à mão, impressa pelo
Instituto Litográfico de Viena, 1820.
Como modelo, Buchberger usou uma
planta viva que levou para a Áustria.
NHMW



- 133 HHStA OMeA 1835 34/18a.
134 Johann Baptist Spix (1781 Höchststadt
an der Aisch – 1826 Munique)
Naturalista, zólogo.
135 Franz Palacky (orig.), *Leben des Grafen
Kaspar Sternberg, von ihm selbst
beschrieben* [Vida do conde Kaspar
Sternberg, descrita por ele próprio].
(Praga 1868), 121.
136 Schneider, 108.
137 Heinrich Wilhelm Schott, *Tagebücher
des k.k. Gärtners H. Schott, in Brasilien*
[Diários do jardineiro imperial H.
Schott no Brasil]. (Brünn 1820).
138 Johann Emanuel Pohl, *Die Reise im
Inneren von Brasilien* [A viagem no
interior do Brasil], em 2 volumes (1832
e 1837), o segundo volume é póstumo.
139 Johann Baptist Spix, Carl Friedrich
Philipp von Martius, *Reise in Brasilien
auf Befehl S.M. Maximilian Joseph I.,
Königs von Bayern, im Jahre 1817-1820
gemacht und beschrieben* [Viagem no
Brasil a mando de Sua Majestade
Maximilian Joseph I, rei da Baviera,
feita e descrita nos anos 1817-1820],
3 volumes (Munique 1823-1831).
140 Giuseppe Raddi (1770-1829) participou
da missão austríaca no Brasil a mando
do grão-duque da Toscana.

Publicação da Flora Brasiliensis por Martius e Endlicher



141 Carl Philipp Martius (Hg.), *Flora brasiliensis seu enumeratio plantarum Brasiliae tam sua sponte quam accente cultura provenientium, quas in itinere auspiciis Maximiliano Josephi L. Bavariae regis annis 1817-1820 peracto collegit, partim descripsit*, 2 volumes (Stuttgart/Tübingen 1829 e 1833), cf., TL v.3, 332. No segundo volume, Nees descreveu as gramíneas; o primeiro volume foi dedicado às criptógamas descritas por Eschweiler e Nees von Esenbeck. Sobre a gênese da obra cf., Hans Walter Lack, *Nees von Esenbeck und die Biodiversität der Gefäßpflanzen*. In: Benno Parthier (org), Christian Gottfried Nees von Esenbeck, *Die Bedeutung der Botanik als Naturwissenschaft in der ersten Hälfte des 19. Jahrhunderts – Methoden und Entwicklungswege* (=Acta Historica Leopoldina 47; Stuttgart 2006) 157-171, aqui: 161-164.

142 Franz de Paula von Schrank (1747 Vornbach – 1835 München), jesuíta, naturalista, primeiro diretor do Jardim Botânico de Munique, fundado em 1809.

143 Carta de Endlicher para Martius de 27/1/1841. Biblioteca Estadual da Baviera, Munique: *Martiusiana* II, A, 2 Stephan Ladislaus Endlicher Mappe II.

Carl Philipp Friedrich Martius (1794-1868), da Real Academia Bávara de Ciências, participara da expedição austríaca para o Brasil, em 1817, junto com o zoólogo Johann Baptist Spix¹³⁴ por ordem do rei bávaro Maximiliano I José e voltara para a Europa com vastas coleções. Pouco depois de Pohl chegar a Viena, ele viajou em 1822 com Kaspar Graf Sternberg, via Regensburg para Munique, a fim de conversar com Martius e Spix sobre a publicação de uma obra conjunta sobre o Brasil, “para que as belezas naturais brasileiras, aparecendo em dobro com nomes diferentes, não dificultem mais ainda a ciência”.¹³⁵ Até Goethe estava muito interessado em um projeto conjunto, como evidencia a sua carta para Sternberg de 26 de agosto de 1822.¹³⁶ Mas Pohl partira sem resultados e, agora, estava dedicado à criação do *Brasilianum*.

Foram publicados relatos de viagem da expedição, como os de Heinrich Wilhelm Schott,¹³⁷ Pohl,¹³⁸ Spix e Martius,¹³⁹ e trabalhos menores sobre a flora do país tropical, como os de Mikan, de Schott, a magnífica obra em dois volumes *Plantarum brasiliensium icones et descriptiones* do precocemente falecido Pohl e o livro inconcluso *Plantarum brasiliensium nova genera Pars I* (1825) do naturalista toscano Giuseppe Raddi.¹⁴⁰ A intenção de Martius era a de editar uma obra completa do universo da flora brasileira. Era evidente que, para tal empreitada, era preciso contratar colaboradores. Martius conseguiu ganhar o apoio de Christian Gottfried Daniel Nees von Esenbeck e Franz Georg Eschweiler para a causa. Em 1829, Martius publicou o primeiro volume de *Flora brasiliensis seu enumeratio plantarum Brasiliae tam sua sponte quam accente cultura provenientium, quas in itinere auspiciis Maximiliano Josephi L. Bavariae regis annis 1817-1820 peracto collegit, partim descripsit*.¹⁴¹ Entretanto, depois da publicação do segundo volume, em 1833, a publicação foi descontinuada.

Depois da morte do imperador, em 1835, o *Brasilianum* foi fechado e os objetos, absorvidos pelo Gabinete de História Natural. Somente a coleção botânica de Pohl abarcava mais de 30 mil exemplares.

Martius, que era professor de botânica desde 1826, foi nomeado sucessor de Franz de Paula von Schrank em 1836,¹⁴² tornando-se primeiro diretor do Jardim Botânico e das coleções botânicas. Depois de um acerto com Endlicher, nomeado curador do Gabinete Botânico da Corte em 1836, foi planejada a edição de uma *Flora Brasiliensis*, com base nas coleções de Viena e de Munique. O livro deveria ser publicado pelo Gabinete Imperial de História Natural.

Logo os botânicos concordaram em procurar tanto o imperador Ferdinando quanto o rei Luís da Baviera para darem o seu “de acordo” em figurarem juntos na capa. As primeiras partes da obra foram publicadas “sob os auspícios” de Ferdinando I, de Luís I da Baviera e de Pedro II do Brasil.

Apesar de todas as dificuldades, foi “uma honra” e “a maior alegria” para Endlicher publicar a obra juntamente com Martius. “Com nada eu me gabei mais na minha vida do que com essa publicação conjunta.”¹⁴³

Endlicher participou dos primeiros volumes, de 1840 até 1847. Depois da morte de Martius, em 1868, seu discípulo August Wilhelm Eichler (1839-1887) assumiu a edição e, depois de seu falecimento, Ignaz Urban, em 1887. O último dos 15 volumes (em 40 volumes parciais) saiu em 1906. Desta obra monumental participaram 66 botânicos.

Inspirados pela missão austríaca ao Brasil: exploradores austríacos no Brasil depois de 1821

Através de suas coleções, os naturalistas disponibilizaram o material, criando as condições para a pesquisa científica até hoje. Nunca mais na história austríaca das coleções naturais uma tal quantidade e diversidade de objetos de uma única expedição chegaria até os museus do país.

Depois desse empreendimento, houve outras expedições de austríacos ao Brasil, complementando as coleções sobre o Brasil nos museus.

O tirolês Johann K. Hocheder, adepto do movimento montanhista, passou os períodos de 1830-32, 1833-35 e 1836-40 em Minas Gerais a serviço de uma empresa de mineração inglesa, onde chegou ao cargo de superintendente, e enviou várias amostras de minérios para a Áustria. Por seu intermédio, seu amigo Virgil von Helmreichen zu Brunnfeld, geólogo de Salzburg e igualmente adepto do montanhismo, viajou para o Brasil em 1936, para trabalhar como especialista em mineração. Helmreichen elaborou 3 perfis geológicos da província de Minas Gerais.

Além de publicações e de coleções mineralógicas, botânicas, zoológicas e etnográficas enviadas para a Áustria, o mapa geológico da América do Sul produzido em 1854 por F. Foetterle, de acordo com dados de Hocheder e Helmreichen, é testemunho da sua atuação no Brasil.

Entre 1846 e 1848, a corajosa vienense Ida Pfeiffer, nascida Reyer (1797-1858), muito admirada por Humboldt, visitou o Brasil em sua primeira volta ao mundo. Mesmo tendo sofrido um assalto em uma de suas excursões, não se deixou desencorajar e avançou até a área da tribo dos Puri, nos Andes. Embora não fosse cientista, foi capaz de divulgar as particularidades do país e de seu povo em amplos círculos. Muito interessada em coisas da natureza, levou os objetos mais diversos, como minérios, plantas, conchas e caramujos, para o Gabinete Imperial de História Natural em Viena. O navio de guerra *Novara*, reformado para servir de embarcação de pesquisas e que deu a volta ao mundo de 1857 a 1859, permaneceu no Rio de Janeiro durante quatro semanas e trouxe coleções naturais. Os navios da marinha de guerra eram solicitados a registrar observações científicas durante viagens de instrução e trazer coleções para instituições científicas. Além de objetivos comerciais e científicos, as missões da marinha de guerra imperial serviram também para tratar de relações diplomáticas. Entre outras, ancoraram no Brasil as corvetas *Carolina* (1857/58), *Saida* (1879/80, 1884/86, 1888/87, 1890/92), *Helgoland* (1872/73), *Aurora* (1884/85) e *Frunderberg* (1896/97).

O arquiduque Fernando Max, que depois se tornaria imperador do México, fundou coleções botânicas com o médico naval e botânico H. Wawra von Fernsee e o jardineiro F. Maly. Animais empalhados e pinturas das florestas de J. Selleny complementaram a rica coleta.

Richard Payer (1836-1912?), irmão mais velho do famoso explorador do Ártico Julius Payer, dedicou 30 anos de sua vida à exploração das regiões do Amazonas e dos Andes.

Franz Steindachner (Viena, 1834 - Viena, 1919), ictiólogo e último diretor do Museu de História, visitou o Brasil duas vezes. Em 1903, junto com O. Reiser e F. Penzler, percorreu as regiões¹⁴⁴ que Natterer não visitou devido à guerra civil. Tanto essa empreitada quanto uma expedição botânica anterior foram financiadas pela Academia Austríaca das Ciências.

De forma geral, somada às atividades subsequentes de Natterer, a expedição austríaca para o Brasil do período 1871-1821 pode ser considerada o ápice das viagens científicas promovidas pela Áustria para países exóticos antes da expedição *Novara* de 1857 a 1859, em relação à qual teve a vantagem de ter resultados mais profundos e completos, trazendo uma importância duradoura para o conhecimento da natureza e da cultura indígena do Brasil.

144 Nordeste do Brasil.



Os integrantes da missão brasileira na Ilha das Onças, próxima do Pará, na sangria de uma seringueira, da esquerda para a direita: Radax, Goeldi, Franz Steindachner, Reisner Sartorius. Cópia de gelatina de prata, parcialmente colorizada, 1903. NHMW



Fontes e bibliografia

Naturalistas austríacos no Brasil

- AfW NHMW
Arquivo de História da Ciência
do Naturhistorisches Museum Wien,
Acervo Endlicher.
Brasilianum (Museu Brasileiro)
- Bayerische Staatsbibliothek München
(Biblioteca Estadual da Baviera, Munique)
Martiusiana II.
- HHStA (Arquivo Estatal da Áustria, Viena,
Depto. Haus-, Hof- und Staatsarchiv):
- ST-K (Staatskanzlei), *Brasilien*,
caixa 1-1 (1814-1816).
- ST-K (Staatskanzlei), *Brasilien*,
caixas 1-2 (1817), 1-79.
- ST-K (Staatskanzlei), *Brasilien*,
caixas 3-4 (1818).
- ST-K (Staatskanzlei), *Brasilien*,
caixas 1-7 (1817-1821).
- ST-K Wissenschaft, Kunst und Literatur
(Ciência, Arte e Literatura) 6-52, Pohl, Johann
Emanuel (1821).
- ST-K Staatskanzlei, Dipl. Korr., Hannover,
caixa 10 (1816).
- OMeA (Obersthofmeisteramt)
1829-1869.
- ÖNB HS (Österreichische Nationalbibliothek,
Biblioteca Nacional Austríaca, coleção de
autógrafos), Autographen 463/34 1.
- WStLB (Wiener Stadt und Landesbibliothek,
Biblioteca Municipal e Estadual de Viena):
HS JN Natterer 7882, 7888.

REVISTAS

- *Allgemeine Literatur-Zeitung*
- *Allgemeine Theaterzeitung und Unterhaltungsblatt
für Freunde
der Kunst, Literatur und des
geselligen Lebens*
- *Isis ou Encyclopédique Zeitung de Lorenz Oken.*
- *Österreichischer Beobachter*
- *Vaterländische Blätter für den österreichischen
Kaiserstaat*
- *Wiener Zeitschrift für Kunst, Literatur, Theater
und Mode*
- *Wiener Zeitung*

FRANZ KOLB

Metternichia principis

Litografia colorida à mão, impressa pelo
Instituto Litográfico de Viena, 1820.
O exemplar coletado por Schott próximo
de Sebastianópolis serviu de modelo
para o artista.
NHMW

BIBLIOGRAFIA

- ANKWICZ-KLEEHOVEN, Hans. *Eine
unbekannte Selbstbiographie des Malers Thomas
Ender* [Uma autobiografia desconhecida do
pintor Thomas Ender]. In: *Mitteilungen der
Gesellschaft für vergleichende Kunstforschung in
Wien*, n. 2, ano 7 (dezembro 1954).
- BERDING, Helmut. *Die Ächtung des
Skavenshandels auf dem Wiener Kongress
1814/15* [A condenação do tráfico negreiro no
Congresso de Viena 1814/15]. In: *Historische
Zeitschrift* 219 (1974) 265-289.
- BERTHELS, D.E. – KOMISSAROV, B.N.
– LYSSENKO, T.I. *Materialien der Brasilien-
Expedition 1821-1829 des Akademienmitgliedes
Georg Heinrich Freiherr von Langsdorff* (Grigorij
Ivanovic Langsdorff) [Materiais da expedição
brasileira 1821-1829 do membro da Academia
Georg Heinrich Freiherr von Langsdorff]
(= *Tratados etnográficos* 7), (Berlim, 1979).
- BETHEL, Leslie. *The independence of Brazil*. In:
The Cambridge History of Latin America,
Vol 3. From Independence to c. 1870, org por.
Leslie BETHELL (Cambridge / Nova York/
Melbourne, 1985), 157-192.
- No Brasil, BETHELL, Leslie. *A independência
do Brasil*. In: BETHELL, Leslie (org.). *História
da América Latina: da independência a 1870*. v.
III. Trad. Maria Clara Cescato. 1ª reimpr. São
Paulo: Edusp; Brasília, DF: Fundação Alexandre
de Gusmão, 2004. p. 187-230.
- BITTERLI, Urs. *Alte Welt – neue Welt. Formen
des europäisch-überseeischen Kulturkontaktes
vom 15. bis zum 18. Jahrhundert* [Velho mundo,
novo mundo. Formas do contato europeu-
transatlântico entre os séculos 15 e 18]
(Munique, 1992).
- BITTERLI, Urs. *Die “Wilden” und die
“Zivilisierten”. Grundzüge einer Geistes- und
Kulturgeschichte der europäisch-überseeischen
Begegnung* [Os “selvagens” e os “civilizados”.
Fundamentos de uma história das ideias e da
cultura do encontro europeu-transatlântico]
(Munique 2, 1991).
- BITTERLI, Urs. *Die Entdeckung Amerikas. Von
Kolumbus bis Alexander von Humboldt*
[A descoberta da América. De Colombo a
Alexander von Humboldt] (Munique 4, 1992).
- BLAAS, Richard. *Österreich und Brasilien in der
ersten Hälfte des 19. Jahrhunderts* [A Áustria e
o Brasil na primeira metade do século 19]. In:
Thomas Ender (1793 - 1875). *Zeichnungen und
Aquarelle*. Exposição, 20 de março a 24 de maio
de 1964. Coleção gráfica Albertina (Viena,
1964), 22-34.
- BLAAS, Richard. *Die Anfänge des
österreichischen Brasilienhandels*
[Os primórdios do comércio da Áustria
com o Brasil]. In: *MÖSTA* 17/18 (1964/65),
209-285.
- BLAAS, Richard. *Österreichs Beitrag zur
Erforschung Brasiliens 1815 – 1848*
[A contribuição da Áustria para a
exploração do Brasil, 1815-1848].
In: *Zeitschrift für Lateinamerika* 11
(1976), 20-39.
- FITZ, Otto. *Eine Sammlung erzählt. Beitrag
zu Inhalt und Geschichte der Mineralien-
und Gesteinssammlung an der Abteilung
Baugeologie des Institutes für Bodenforschung
und Baugeologie* [Uma coleção conta.
Contribuição para conteúdo e história
da coleção de minérios e rochas no
departamento de Geologia de Obras do
Instituto para Pesquisas do Solo e Geologia
de Obras], Universität für Bodenkultur
Wien (Viena, 1993) (Ed.) E.H. Weiss, B.
Schweighofer.
- FITZINGER, Leopold Joseph. *Geschichte
des kais. könig. Hof-Naturalien-Cabinetes zu
Wien. 3 Abteilungen* [História do Gabinete
Imperial de História Natural de Viena. 3
seções] (Viena, 1856-1868).
- FITZINGER, Leopold. *Versuch einer
Geschichte der Menagerien des Österreichisch-
kaiserlichen Hofes mit besonderer
Berücksichtigung der Menagerie zu
Schönbrunn nebst einer Aufzählung der in
den selben gehaltenen Thiere von der ältesten
bis auf die neueste Zeit* [História tentativa
das coleções zoológicas da corte imperial
austríaca, com ênfase na Menagerie do
palácio de Schönbrunn, incluindo uma
listagem dos animais] (Viena, 1853).
- HASSINGER, Hugo. *Österreichs Anteil an
der Erforschung der Erde. Ein Beitrag zur
Kulturgeschichte Österreichs* [A participação
da Áustria na exploração do mundo. Uma
contribuição para a história cultural
da Áustria] (Viena, 1950).
- KADLETZ-SCHÖFFEL, Hedwig. *Metternich
und die Wissenschaften* [Metternich e
a ciência], 2 volumes (= dissertação da
universidade de Viena 234) (Viena, 1992).
- KAISER, Gloria – WAGNER, Robert (Ed.).
Thomas Ender. Brasilien-Expedition 1817
[Thomas Ender, expedição para o Brasil]
(Graz, 1994).
- KANN, Bettina. *Die österreichische
Brasilienexpedition 1817-1836 unter
besonderer Berücksichtigung der
ethnographischen Ergebnisse*
[A missão austríaca no Brasil 1817-1836,
com ênfase nos resultados etnográficos]
(monografia não-publicada) (Viena, 1992).

KANN, Bettina. *Zwischen Ordnungslust und Naturschwärmerei. Naturwahrnehmung bei den Teilnehmern der österreichischen Brasilienexpedition 1817-1835 und Kronprinzessin (resp. Kaiserin) Leopoldine*. In: Arquivo Etnográfico 51 (2002), 13-22.

KANN, Peter. *Von wilden und zahmen Indiern. Johann Natterers Brasilienammlung (1817-35)* [De índios selvagens e mansos. A coleção brasileira de Johann Natterer, 1817-1835]. In: Museum für Völkerkunde Wien (Braunschweig, 1981), 13-19.

KANN, Peter, RIEDL-DORN, Christa. "[...] und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit". *Die österreichische Brasilien-Expedition 1817-1836*. In: (Ed.) Wilfried Seipel Die Entdeckung der Welt. Die Welt der Entdeckungen. Österreichische Forscher, Sammler, Abenteurer. Catálogo de exposição, 27 de outubro de 2001 a 13 de janeiro de 2002 (Viena, 2001), 217-228.

LANGSDORFF, Georg Heinrich von. *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803-1807* [Observações de uma volta ao mundo nos anos 1803-1807] (Frankfurt/Main, 1812).

MARSCHALEK, Otto. *Österreichische Forscher. Ein Beitrag zur Völker- und Länderkunde* [Pesquisadores austríacos. Uma contribuição para a ciência dos povos e dos países] (Mödling, 1949).

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp, ENDLICHER Stephan Ladislaus. *Flora Brasiliensis, enumeratio plantarum in Brasilia hactenus detectarum: quas suis aliorumque botanicorum studiis descriptas et methodo naturali digestas partim iconibus illustratas*.

MAUTHE, Gabriele. *Die österreichische Brasilienexpedition 1817-1836* [A missão austríaca ao Brasil, 1817-1836]. In: (Ed.) HELBIG, Jörg Brasilianische Reise 1817 Carl Friedrich Philipp von Martius zum 200. Geburtstag. Catálogo expositivo (Munique, 1994), 13-27.

MAWE, John. *Travels in the Interior of Brazil*. London 1815. Viagens ao interior do Brasil, Edusp/Itatiaia, 1978.

MIKAN, Johann Christian. *Kinder meiner Laune, ältere und jüngere, ernste und scherzhafte* [Filhos do meu humor, velhos e jovens, sérios e divertidos]. (Praga, 1833), 95-170.

MIKAN, Johann Christian. *Delectus... Delectus faunae et florum brasiliensis* (Vindobonae, 1820).

OBERACKER, Karl H. *Kaiserin Leopoldine. Brasiliens erste Kaiserin. Ihr Leben und ihre Zeit (1797-1826)* (São Leopoldo, 1980).

OBERACKER, Carlos H. *Leopoldine. Habsburgs Kaiserin von Brasilien* [Leopoldina, a imperatriz Habsburgo do Brasil] (Viena/Munique, 1988).

OBRY, Olga. *Grüner Purpur. Brasiliens erste Kaiserin Erzherzogin Leopoldine* [Púrpura verde. A arquiduquesa Leopoldina, primeira imperatriz do Brasil] (Viena, 1958).

PICHLER, Karoline. *Denkwürdigkeiten aus meinem Leben* [Fatos memoráveis da minha vida] (Munique, 1844).

POHL, Johann Emanuel. *Plantae Brasiliae icones et descriptiones hactenus ineditae*. 2 Vol (Vindobonae, 1827).

POHL, Johann Emanuel. *Reise im Inneren von Brasilien. Auf allerhöchsten Befehl seiner Majestät des Kaisers von Österreich, Franz des Ersten, in den Jahren 1817-1821 unternommen und herausgegeben. Erster Theil* (Viena, 1832).

POHL, Johann Emanuel. *Reise im Inneren von Brasilien. Auf allerhöchsten Befehl seiner Majestät des Kaisers von Österreich, Franz des Ersten, in den Jahren 1817-1821 unternommen und herausgegeben. Zweyter Theil* (Viena, 1837).

PODJAVERSEK, Gerlind. *Erzherzogin Leopoldine und die brasilianische Unabhängigkeit* [A arquiduquesa Leopoldina e a independência do Brasil] (monografia inédita), (Graz, 1998).

POMIAN, Krystof. *Der Ursprung des Museums. Vom Sammeln* [As origens do museu. Sobre a coleta] (= Wagenbachs Taschenbuch 302), (Berlim, 1998).

PRANTNER, Johanna. *Kaiserin Leopoldine. Der Beitrag des Hauses Habsburg-Lothringen und österreichischen Geistesgutes zur Entwicklung Brasiliens während der Monarchie im 19. Jahrhundert* [A contribuição da casa real de Habsburgo-Lothringen e do ideário austríaco para o desenvolvimento do Brasil durante o século XIX] (Viena/Munique, 1974).

FRUTSCH, Ursula. *Österreichische Brasilienforschung* [A exploração do Brasil pela Áustria] In: (Ed.) Drekonja-Kornat, Gerhard, Lateinamerikanistik. Der österreichische Weg (Lateinamerikanistik 1), (Viena/Münster, 2005) 345-359.

REISSEK, Siegfried. *Die österreichischen naturforschenden Reisenden dieses Jahrhunderts in fernen Erdteilen. Ein Vortrag* [Viajantes naturalistas austríacos desse século em continentes distantes. Uma conferência], (Viena, 1861).

RIEDL, Harald. *Heinrich Wilhelm Schott. 100^o aniversário de seu falecimento, em 5 de março de 1965*. In: Ann. NHM Wien 68 (1965), 3-8.

RIEDL, Harald. *Heinrich Wilhelm Schott 1794-1865*, in: Taxon 14 (1965), 209 ff.

RIEDL-DORN, Christa. *Stephan Ladislaus Endlicher und seine Kontakte mit Wissenschaftlern seiner Zeit dargestellt an Hand der im NHMw befindlichen Korrespondenz* (dissertação inédita da universidade de Viena, 2017).

RIEDL-DORN, Christa. *Expedições austríacas no século XIX*. In: Olhares Cruzados Áustria-Brasil (Brasil, 2016), S.118-127.

RIEDL-DORN Christa, *Die Erforschung Brasiliens durch Österreicher im 19. Jahrhundert*. In: (Ed.) Tayfun Belgin, Brasilien. Von Österreich zur Neuen Welt. (Kunsthalle Krems, Wien 2007), 9-17.

RIEDL-DORN, Christa. *Austrian Explorers in Latin America in the Nineteenth Century* [Exporadores austríacos na América Latina no século 19]. In: (Ed.) K. Elsterer und G. Bischof, Transatlantic Relations. Austria and Latin America in the 19th and 20th Centuries (=Transatlântica 1; Innsbruck, Viena, Bozano 2006), 57-84.

RIEDL-DORN, Christa. *Der Nachwelt erhalten-Tiere aus der Menagerie Schönbrunn am Naturhistorischen Museum Wien* [Conservados para a posteridade: animais da Menagerie do palácio de Schönbrunn no Museu de História Natural]. In: (Ed.) Pechlaner, Schratter, Heindl: Von Kaiser bis Känguru. Neues zur Geschichte des ältesten Zoos der Welt (Braumüller, Viena, 2005), 249-284.

RIEDL-DORN, Christa. *Tiere auf weiter Fahrt. Expeditionen für Tiergarten und Museum* [Animais em viagens. Expedições para o jardim zoológico e o museu]. In: (Ed.) Mitchell G. Ash, Lothar Dittrich Menagerie des Kaisers – Zoo der Wiener. 250 anos do jardim zoológico do palácio de Schönbrunn. (Viena, 2002), 345-375.

RIEDL-DORN, Christa. *Johann Carl Hocheder und Virgil von Helmreichen*. In: (Ed.) Wilfried Seipel Die Entdeckung der Welt. Die Welt der Entdeckungen. Österreichische Forscher, Sammler, Abenteurer. Katalog zur Ausstellung 27. Oktober 2001 bis 13. Jänner 2002 (Viena, 2001), 347-350.

RIEDL-DORN, Christa. *Johann Natterer und die österreichische Brasilienexpedition* (Petrópolis, 2000).

RIEDL-DORN, Christa. *Johann Natterer e a Missão Austríaca*. (Petrópolis, 1999).

RIEDL-DORN, Christa: *Das Haus der Wunder. Zur Geschichte des Naturhistorischen Museums in Wien* [A casa dos milagres. História do Museu de História Natural de Viena]. (Viena, 1998).

RIEDL-DORN, Christa, *Österreichische naturforschende Reisende des 19. Jahrhunderts. Viajantes naturalistas austríacos do século XIX* [In: *Philosophia Scientiae. Travaux d'histoire et de philosophie des sciences* (Estudos sobre história e filosofia da ciência), caderno especial 2 (Nancy 1998-1999) S. 155 – 180.

RIEDL-DORN Christa: *Blumen eines Kaisers. Maximilian von Mexiko und seine Brasilienexpedition 1859-1860* [As flores do imperador. Maximiliano do México e sua expedição para o Brasil, 1859-1860]. In: *Amerika – zur Entdeckung – Kulturpflanzen-Lebensraum Regenwald* (=catálogo do OÖ Landesmuseums Nr.61; Linz, 1991) 3-153.

RIEDL-DORN Christa: *Die Grüne Welt der Habsburger* [O mundo verde dos Habsburgo] (1989).

RIEDL-DORN Christa, RIEDL, Harald: *Heinrich Wilhelm Schott's botanical collections at the Vienna Natural History Museum* [As coleções botânicas de Heinrich Wilhelm Schott no Museu de História Natural de Viena]. In: *Taxon* 37 (IAPT, Utrecht 1988) 846 ff.

SCHEMBOR, Friedrich Wilhelm: *Von der Windbüchsenpumpmaschine zum Kohlendioxidverflüssigungsapparat. Ein Beitrag zur Technikgeschichte des 19. Jahrhunderts* [Da bomba para espingarda de pressão ao aparelho de liquefação de ácido carbônico. Uma contribuição à história da técnica no século XIX]. In: *Blätter zur Technikgeschichte* 53/54 (1991/92) 59-123.

SCHMIDL, Adolph: *Wien, wie es ist. Ein Gemälde der Kaiserstadt und ihrer nächsten Umgebung in Beziehung auf Topographie, Statistik und geselliges Leben, mit besonderer Berücksichtigung wissenschaftlicher Anstalten und Sammlungen* [Viena, como ela é. Um retrato da cidade imperial e arredores no tocante a topografia, estatística e vida social, com ênfase nas instituições científicas e coleções] (Viena, 1833).

SCHMUTZER, Kurt, FEEST Christian: *Brazil in Vienna: Encounters with a Distant World* [O Brasil em Viena: encontro com um mundo distante] In: *arquivo do Weltmuseum Wien*, 63-64 (Viena, 2014) 267-285.

SCHMUTZER, Kurt, *Der Liebe zur Naturgeschichte halber. Johann Natterers Reisen in Brasilien 1817-1836* [Por amor à natureza. As viagens de Johann Natterer no Brasil, 1817-1836]. (Viena, 2011).

SCHOLLER, Hubert: *Johann Natterer zum Gedächtnis. Feste zur Enthüllung seiner Gedenktafel an Natterers Geburtshaus in Laxenburg am 19. Mai 1955* [Em memória de Johann Natterer. Alocução por ocasião da inauguração da placa comemorativa na casa natal de Natterer em Laxenburg, 19 de maio de 1955]. In: *Annals des Naturhistorischen Museums*, 60 (Viena, 1955) 36-42.

SCHOLLER, Hubert, *Österreichs Anteil an der naturgeschichtlichen Erforschung Brasiliens* [A participação da Áustria na exploração científica do Brasil] In: *Brasilianisches Museum. Exposition especial do Museu de História Natural*, catálogo, Viena, 1954.

SCHRÖCKINGER-NEUDENBERG, Julius von: *Zur Erinnerung an einen österreichischen Naturforscher* [em memória de um naturalista austríaco] In: *Verhandlungen des zoologisch-botanischen Vereins in Wien* 5 (1855) 727-732.

SCHNEIDER, Syll: *Goethes Reise nach Brasilien. Gedankenreise eines Genies* [A viagem de Goethe para o Brasil. Viagem imaginária de um gênio] (Weimar, 2008).

SCHOTT Heinrich: *Tagebücher des k.k. Gärtners, Hrn. H. Schott in Brasilien, von dessen Reisen in die Campos am Paraíba und Paraíbauna – Flüsse und durch den Distrikt von Santa Gallo; dann nach Macaçu und am Flüsse gleichen Namens, Von Rio de Janeiro aus.* In: *Schreibers, Karl von: Nachrichten von den kaiserlich-österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit*. V. 2 (Brünn, 1822), anexo I, 1-80; resumo, ver *Schreibers: Nachrichten*, v.2 (1822) 105-108.

SCHREIBERS, Karl v., *Nachrichten von den kaiserl.österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit* [Notícias dos naturalistas austríacos imperiais no Brasil e os resultados de sua operosidade] 2 volumes (Brünn, 1820 e 1822).

SCHÖNITZER, Klaus, *Ein Leben für die Zoologie. Die Reisen und Forschung des Johann Baptist Ritter von Spix* [Uma vida dedicada à zoologia. As viagens e pesquisas de Johann Baptist Spix] (Munique, 2011).

SCHÜCH, Rochus. *Memória sobre algumas experiências e empenhos mineralógicos e mineralúrgicos* (Rio de Janeiro, 1840).

SCHWEIZER, Claudia, *Naturforschung im Spielfeld der Wissenschaftspolitik im Vormärz die Beziehungen der k.k. Hofnaturalienkabinette in Wien zur Gesellschaft des Vaterländischen Museums in Böhmen.* In: *Johannes Seidl* (Ed.), *Eduard Sueß und die Entwicklung der Erdwissenschaften zwischen Biedermeier und Sezession* (= Schriften des Archivs der Universität Wien 14; Göttingen 2009) 145-159.

SCHWEIZER Claudia: *Kaspar Sternberg (1761-1838) und das Vaterländische Museum in Prag als Ausgangspunkt wissenschaftlicher Netzwerke* [Kaspar Sternberg e o Vaterländisches Museum de Praga como ponto de partida de redes científicas]. In: *Mensch – Wissenschaft – Magie. Mitteilungen der Österreichischen Gesellschaft für Wissenschaftsgeschichte* 24 (2006) 95-109.

SCHWEIZER, Claudia: *Zur Geschichte der k.k. vereinigten Hofnaturalienkabinette in Wien. Kaspar Maria Graf Sternbergs Einfluss in den Jahren des Vormärz* [Sobre a história do Gabinete Imperial de História Natural em Viena. A influência de Kaspar Maria Graf Sternberg] In: *Mensch – Wissenschaft – Magie. Mitteilungen der Österreichischen Gesellschaft für Wissenschaftsgeschichte* 1 (2001) 67-90.

SCHWEIZER, Claudia, *Zur Geschichte der österreichischen Brasilienexpedition 1817-1835. Briefe Johann Emanuel Pohls an Goethes Altersfreund Kaspar Maria Graf von Sternberg* [Sobre a história da missão austríaca para o Brasil 1817-1835. Cartas de Johann Emmanuel Pohl ao amigo de Goethe, Kaspar Maria Graf von Sternberg] In: *Jahrbuch des Wiener Goethe-Vereins* 102/103 (1998/99) 73-97.

SPIX, Johann Baptist von - MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von: *Reise in Brasilien in den Jahren 1817 – 1820. 3 Bde. und ein Atlasband* (= *Quellen und Forschungen zur Geschichte der Geographie und der Reisen* 3) [Viagem pelo Brasil, 1817-1820] (Munique 1823-1831, reeditado em Stuttgart em 1980).

WAGNER, Robert – BANDEIRA, Júlio (Hg.): *Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender 1817-1818. 3 volumes.* (Petrópolis, 2000, Kapa Editorial)

WEIS, Johann Baptist: *Wien's Merkwürdigkeiten mit ihren geschichtlichen Erinnerungen. Ein Wegweiser für Fremde und Einheimische* [Curiosidades de Viena com suas memórias históricas. Um guia para estrangeiros e nativos]. (Viena, 1832).

OBRAS DE CONSULTA

- Allgemeine Deutsche Biographie (ADB) 55 Vol. (Leipzig/Berlin, 1875-1912).
- Österreichisch Biographisches Lexikon 1815-1950 (ÖBL) (Wien/Graz/Köln 1957-201) 5 bisher 14 Vol.
- Neue Deutsche Biographie (NDB) (Berlin 1971-2017) bisher 27 Vol.
- WURZBACH, Constant von: *Biographisches Lexikon des Kaiserthums Oesterreich* [Enciclopédia Biográfica do Império da Áustria], 60 vol. (Viena 1856-1891, reedição 2001).



Cronologia de viajantes

Vitor Vieira
Hugo Moss

Adorno de cabeça com cobertura de nuca Makuna-ui, Guaianas, região de fronteira Brasil/Venezuela, em torno de 1830. Penas, peles ressecadas de pássaros, fibra vegetal, C. 96 cm. Col. Natterer
Adornos em pena são usados em Guaianas, sobretudo, e em alguns grupos indígenas exclusivamente, por homens e em contexto ritual. No contexto xamânico, penas e peles ressecadas de pássaros permitem visualizar a estreita ligação com seres espirituais passeriformes, os espíritos auxiliares preferidos dos xamãs. Esse adorno de cabeça feito de um anel ao qual é preso o cocar com pena e uma cobertura de nuca feita de partes de pele de pássaro ressecadas é típico da região fronteira entre o Brasil e a Venezuela. A atribuição étnica a um grupo chamado Makuna-ui permanece pouco clara, no entanto: embora existam os Makuna no sul da Colômbia, os adornos em pena que eles usam hoje em dia correspondem aos dos grupos Tukano, e se diferenciam estilisticamente com bastante clareza da presente peça. (CA)
Weltmuseum Wien

NICOLAS-ANTOINE TAUNAY
(1755-1830) França
Viagens no Brasil: Rio de Janeiro
Pintor. Participou da missão artística francesa. Esteve no Brasil entre os anos de 1816 a 1821. Foi um dos fundadores da Academia Imperial de Belas Artes.

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
(1756-1815) Brasil
Viagens no Brasil: Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá
Naturalista. Foi membro da Real Academia das Ciências de Lisboa. Esteve no Brasil entre os anos de 1783 e 1792 e chefiou durante este período a expedição filosófica a mando da rainha Dona Maria I rumo ao centro-norte da colônia brasileira. Produziu um vasto número de manuscritos e parte desses deu origem à publicação de *Viagem ao Brasil* pela Kapa Editorial em 2002.

JOHN MAWE
(1764-1829) Inglaterra
Viagens no Brasil: Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro
Mineralogista. Esteve no Brasil entre os anos de 1807 a 1811. Publicou em 1812, *Travels in the interior of Brazil, particularly in the gold and diamond districts of that country, by authority of the prince regent of Portugal: including a voyage to the Rio de la Plata and an historical sketch of the revolution of Buenos Aires*. A obra foi traduzida para o português em edição de 1978 da Editora da Universidade de São Paulo com o título *Viagens ao interior do Brasil*.

JEAN-BAPTISTE DEBRET
(1768-1848) França
Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina
Pintor. Um dos nomes mais proeminentes da pintura do período. Seus trabalhos já foram objeto de estudo de diversos pesquisadores e constituem riquíssima fonte historiográfica. Chegou ao Brasil em 1816 como pintor da Missão Artística Francesa e retornou à França no ano de 1831. Publicou entre os anos de 1834 e 1839 em Paris *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou Séjour d'un Artiste Français au Brésil*. A obra teve sua publicação em edição brasileira, em 1940 pela editora Martins, com o título *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*.

JOHANN CHRISTIAN MIKAN
(1769-1844) Áustria
Viagens no Brasil: Rio de Janeiro
Catedrático de história natural da Universidade de Praga. Foi um dos chefes da expedição científica austríaca. Esteve no Brasil durante os anos de 1817 e 1818.

GEORG HEINRICH VON LANGSDORFF
(1774-1852) Alemanha (naturalizado russo)
Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Amazônia
Médico e cônsul geral russo. Chefiou a expedição russa Langsdorff entre os anos de 1822 e 1829 e escreveu diversas páginas em seus diários que hoje constituem importante documentação histórica sobre o Brasil à época. Seus textos deram origem à publicação *Os diários de Langsdorff*, pela Editora Fiocruz em 1997.

WILHELM LUDWIG VON ESCHWEGE
(1777-1855) Alemanha
Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais
Engenheiro e geólogo. Chegou ao Brasil em 1809 e permaneceu até seu retorno a Europa, em 1821. Publicou em 1833 *Brasilien: Die neue Welt in topographischer, geognostischer, bergmännischer, naturhistorischer, politischer und statistischer Hinsicht während eines elfjährigen Aufenthaltes von 1810 bis 1821; mit Hinweisung auf die neueren Begebenheiten* (1830); *Beiträge zur Gebirgskunde Brasiliens* (1832) e *Pluto brasiliensis: Eine Reihe von Abhandlungen über Brasiliens Gold-, Diamanten und anderen mineralischen Reichthum, über die Geschichte seiner Entdeckung, über das Vorkommen seiner Lagerstätten, des Betriebs, der Ausbeute und die daraufbezügliche Gesetzgebung u.s.w., com edição em Português disponível em <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/136/pluto-brasiliensis-memorias-sobre-as-riquezas-do-brasil-em-ouro-diamantes-e-outros-minerais-v-1>.*

AUGUST FRANÇOIS CESAR PROVENCIAL DE SAINT HILARE
(1779-1853) França
Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul
Botânico. Esteve no Brasil entre os anos de 1816 a 1822. Publicou diversos textos sobre suas viagens, sendo *Voyages dans l'intérieur du Brésil*, publicado em 1830, uma de suas mais importantes obras. Diversos textos seus estão disponíveis em <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/atores/25/auguste-de>.

CLARKE ABEL
(1780-1826) Inglaterra
Viagens no Brasil: Rio de Janeiro
Médico e naturalista. Publicou em 1818 em Londres *Narrative of a journey in the interior of China, and of a voyage to and from that country, in the years 1816 and 1817; containing an account of the most interesting transactions of Lord Amherst's embassy to the court of Peking, and observations on the countries which it visited*; texto disponível em <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044107242307>.

JOHANN BAPTIST VON SPIX

(1781-1826) Alemanha

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará, Amazonas
Zoólogo. Participou da expedição científica austríaca. Esteve no Brasil entre os anos de 1817 a 1820. Spix retornou para a Europa com uma vasta coleção de plantas e animais. Publicou em 1823, em Munique, em coautoria com Carl Friedrich Philipp von Martius, o primeiro volume de *Reise in Brasilien*, uma das mais importantes obras da história natural do Brasil. A obra foi traduzida para o Português em 1938 pela editora Imprensa Nacional com o título de *Viagem pelo Brasil*; edições posteriores foram publicadas desde então.

ADELBERT VON CHAMISSE

(1781-1838) Alemanha

Viagens no Brasil: Santa Catarina
Naturalista. Fez parte da expedição russa Rurik, comandada por Otto von Kotzebue, como botânico.

JOHANN BAPTIST EMANUEL POHL

(1782-1834) Áustria

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás
Médico e botânico. Fez parte da expedição científica austríaca. Permaneceu no Brasil entre os anos de 1817 e 1821. Publicou em 1832, em Viena, *Reise im innern von Brasilien*; disponível em <http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/17962>. Há uma edição traduzida da obra, publicada em 1951 pelo Instituto Nacional do Livro, com o título *Viagem no interior do Brasil*; empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de Sua Majestade o Imperador da Áustria Francisco Primeiro.

MAXIMILIAN ZU WIED-NEUWIED

(1782-1867) Alemanha

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia
Príncipe de Wied-Neuwied. Esteve no Brasil entre os anos de 1815 a 1817. Acompanhou os naturalistas alemães Georg Freyreiss e Friedrich Sellow. Publicou entre os anos de 1820 e 1821 *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*, com edição em Português disponível em <http://www.brasilliana.com.br/obras/viagem-ao-brasil-nos-anos-de-1815-a-1817>; além de outras obras sobre a história natural do Brasil.

JOHANN BAPTIST NATTERER

(1787-1843) Áustria

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Goiás, Mato Grosso, Amazonas, Pará, Acre
Naturalista. Fez parte da expedição científica austríaca. Permaneceu no Brasil entre os anos de 1817 a 1835. Produziu, ao longo desses anos, um dos mais importantes acervos de ciência natural com materiais coletados no Brasil. Diferentemente de outros viajantes, não publicou relatos sobre seus trabalhos ou mesmo algo de cunho autobiográfico, senão relatórios oficiais.

JOAQUIM CÂNDIDO GUILLOBEL

(1787-1859) Portugal

Viagens no Brasil:
Rio de Janeiro, Maranhão
Pintor e arquiteto. Participou das obras do Palácio Imperial de Petrópolis, estando vinculado à Imperial Academia Militar. Chegou ao Brasil em 1808, onde permaneceu até seu falecimento.

GEORG WILHELM FREYREISS

(1789-1825) Alemanha

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia
Ornitólogo. Veio ao Brasil em 1813. Esteve em Minas com Eschwege. Fundou a colônia alemã de Leopoldina, na Bahia. Tornou-se ainda, em 1816, correspondente da Real Academia de Ciências em Estocolmo. Foi publicada postumamente, em 1968, sua obra *Reise in Brasilien*. A obra foi traduzida para o Português e publicada em 1982, pela Editora Itatiaia, com o título *Viagem ao interior do Brasil*.

FRIEDRICH SELLOW

(1789-1831) Alemanha

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul
Naturalista. Participou como botânico da expedição do príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied. Enviou ao Museu de História Natural de Berlim uma vasta quantidade de materiais coletados e produzidos no Brasil.

AUGUSTUS EARLE

(1793-1838) Inglaterra

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia
Pintor. Esteve no Brasil entre os anos de 1820 a 1824. Produziu algumas ilustrações para a obra *Journal of a voyage to Brazil, and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823* de Maria Graham, publicada em 1824. Earle, mais tarde, participaria da expedição de Darwin a bordo do HMS Beagle.

JACQUES ETIENNE VICTOR ARAGO

(1790-1854) França

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro
Escritor, pintor e teatrólogo. Visitou o Rio de Janeiro em 1817. Publicou em 1839 *Voyage autour du monde: souvenirs d'un aveugle*.

THOMAS MARIE HIPPOLYTE TAUNAY

(1793-1864) França

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Espírito Santo, Pernambuco, Ceará, Minas Gerais, Mato Grosso, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Maranhão
Pintor. Publicou, em coautoria com Jean-Ferdinand Denis, em 1822, *Le Brésil, ou, Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*; texto disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7176>.

THOMAS ENDER

(1793-1875) Áustria

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo
Pintor. Esteve junto à expedição científica de Spix e Martius. Uma das maiores publicações sobre o artista em português é *Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender*, obra em três volumes publicada pela Editora Kapa em 2000.

RENÉ PRIMEVÈRE LESSON

(1794-1849) França

Viagens no Brasil: Santa Catarina
Naturalista e ornitólogo. Esteve no Brasil no ano de 1822, junto à expedição de Louis Isidore Duperrey de volta ao mundo. O relato sobre esta passagem pelo Brasil pode ser encontrado em seu *Voyage autour du monde exécuté par Ordre du Roi, sur la Corvette de Sa Majesté, La Coquille pendant les années 1822, 1823, 1824 et 1825, sous le ministère et conformément aux instructions de S. E. M. Marquis de Clermont-Tonnerre, ministre de la marine; et publié sous les auspices de son excellence Mgr le Cte de Chabrol, ministre de la Marine et des colonies, par M. L. Duppyery, capitaine de frégate, chevalier de Saint-Louis et membre de la légion d'honneur, commandant de l'expédition*, publicado em 1826 em Paris; disponível em <https://archive.org/details/voyageautourdumoolessgoog/page/n6>.

HEINRICH WILHELM SCHOTT

(1794-1865) Áustria

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo
Botânico. Participou da expedição científica austríaca e permaneceu no Brasil durante os anos de 1817 a 1821.

CARL FRIEDRICH PHILIPP VON MARTIUS

(1794-1868) Alemanha

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará, Amazonas
Médico e botânico. Participou da expedição científica austríaca. Esteve no Brasil entre os anos de 1817 a 1820. Publicou em 1823, em Munique, em coautoria com Carl Friedrich Philipp von Martius, o primeiro volume de *Reise in Brasilien*, uma das mais importantes obras da história natural do Brasil. A obra foi traduzida para o português em 1938 pela editora Imprensa Nacional com o título de *Viagem pelo Brasil*; edições posteriores foram publicadas desde então. Coube a Martius, após o falecimento de Spix, a publicação dos outros volumes da obra.

LOUIS CHORIS

(1795-1828) Ucrânia

Viagens no Brasil: Santa Catarina
Pintor. Fez parte da expedição russa Rurik, comandada por Otto von Kotzebue. Esteve no Brasil no ano de 1815. Publicou nos anos de 1820 a 1823, em Paris, *Voyage Pittoresque Autour de Monde*, que conta com representações de Santa Catarina feitas pelo autor; disponível em https://archive.org/details/cihm_17102/page/n5.

HENRY CHAMBERLAIN

(1796-1844) Inglaterra

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais
Oficial da Artilharia Real Britânica, pintor e desenhista. Esteve no Brasil entre os anos de 1819 e 1820. Publicou em 1822 *Views and costumes of the city of Rio de Janeiro*; edição em português disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/227375>.

JACQUES ETIENNE VICTOR ARAGO

(1790-1854) França

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro
Escritor, pintor e teatrólogo. Visitou o Rio de Janeiro em 1817. Publicou em 1839 *Voyage autour du monde: souvenirs d'un aveugle*.

PIETER GODFRED BERTICHEN

(1796-1866) Holanda

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro
Pintor. Chegou ao Brasil no ano de 1837. Publicou em 1856 no Rio de Janeiro, graças aos esforços de Eduard Rensburg, *O Brasil pitoresco e monumental*.

PAUL HARRO-HARRING

(1798-1870) Dinamarca

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro
Pintor. Colaborou com o jornal abolicionista inglês *The African Colonizer*, que o incumbiu de ir ao Brasil para relatar as condições dos escravos. Esteve no país no ano de 1840.

JEAN-FERDINAND DENIS

(1798-1890) França

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Espírito Santo, Pernambuco, Ceará, Minas Gerais, Mato Grosso, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Maranhão

Um dos mais expoentes viajantes franceses, correspondente do Museu de História Natural de Paris. Esteve no Brasil entre os anos de 1817 a 1819. Publicou, em coautoria com Hippolyte Taunay, em 1822 *Le Brésil, ou, Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7176>.

CHARLES LANDSEER

(1799-1879) Inglaterra

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo

Pintor. Participou da missão do embaixador inglês, Sir Charles Stuart. Esteve no Brasil entre os anos de 1825 e 1826.

PETER WILHELM LUND

(1801-1880) Dinamarca

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Minas Gerais

Um dos naturalistas dinamarqueses mais importantes. Ficou conhecido como o “Pai da Paleontologia do Brasil”. Esteve pela primeira vez no Brasil em 1820 e retornou em 1833, onde permaneceu até sua morte. Em português, foram publicados *Memórias sobre a Paleontologia Brasileira*, pela editora Instituto Nacional do Livro, em 1950, e *Memórias científicas* pela Biblioteca Mineira de Cultura, em 1935.

ALCIDE DESSALINES D'ORBIGNY

(1802-1857) França

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro

Naturalista e paleontologista. Esteve no Brasil no ano de 1826. Publicou em 1835, em Paris, *Voyage dans l'Amérique Méridionale: (le Brésil, la république orientale de l'Uruguay, la République argentine, la Patagonie, la République du Chili, la République de Bolivie, la République du Pérou), exécuté pendant les années 1826, 1827, 1828, 1829, 1830, 1831, 1832, et 1833*. Chegou ainda a publicar no ano de 1836, também em Paris, *Voyage pittoresque dans les deux Amériques*, obra que se propõe a ser um grande resumo dos relatos de viagens disponíveis à época, contemplando autores dos séculos XVI ao XIX; disponível em <https://archive.org/details/voyagepittoresqueoorbirich/>. A obra teve tradução parcial e foi publicada com o título *Viagem pitoresca através do Brasil* pela Editora da Universidade de São Paulo em 1976.

JOHANN MORITZ RUGENDAS

(1802-1858) Alemanha

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, Mato Grosso, Espírito Santo, Bahia

Pintor. Esteve no Brasil entre os anos de 1822 a 1825. Publicou em 1835 *Voyage Pittoresque dans le Brésil*. A obra foi traduzida para o português e publicada em 1976 pela Editora da Universidade de São Paulo com o título *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. Suas pinturas tornaram-se emblemáticas representações da natureza e habitantes do Brasil à época.

ANTOINE HERCULE ROMUALD

FLORENCE

(1805-1879) França

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso, Pará

Naturalista e desenhista. Participou da expedição Langsdorff. Chegou ao Brasil em 1824 e permaneceu no país pelo resto de sua vida. Um de seus mais importantes manuscritos deu origem, em 1941, à publicação brasileira *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*, disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/188906>.

CHARLES ROBERT DARWIN

(1809-1882) Inglaterra

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco

Naturalista. Um dos maiores nomes da ciência moderna. Esteve no Rio de Janeiro no ano de 1832 e em 1836, em viagem de retorno à Inglaterra, fez paradas em Salvador e Recife. O relato sobre sua passagem pelo Brasil pode ser encontrado em *The Voyage of the Beagle*, publicado em 1839, obra que conta com diversas edições em português.

CHARLES BUNBURY

(1809-1886) Inglaterra

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, Minas Gerais

Naturalista. Esteve no Brasil entre os anos de 1833 e 1835. Redigiu neste período o manuscrito *Account of a journey in Brazil* in 1833-35, que deu origem ao texto *Narrativa de viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1833-1835), publicado em 1940 em uma das edições dos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, disponível em http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1940_00062.pdf.

FRANCIS DE CASTELNAU

(1810-1880) França

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso

Geógrafo. Comandou a expedição científica Castelnau, que esteve no Brasil entre os anos de 1842 e 1845. Publicou em Paris *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud: de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para*, obra composta de sete partes e dezesseis volumes, publicados ao longo dos anos de 1850 a 1859; disponível em <https://archive.org/details/expeditiondansles7113cast>; com edição em português disponível em <http://www.brasilliana.com.br/obras/expedicao-as-regioes-centrais-da-america-do-sul-v1>.

GEORGE GARDNER

(1812-1849) Inglaterra

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Ceará, Piauí, Goiás, Maranhão

Médico e botânico. Esteve no Brasil entre os anos de 1836 a 1841. Publicou em 1846 *Travels in the interior of Brazil*, 1836-1841; edição em português disponível em <http://www.brasilliana.com.br/brasilliana/colecao/obras/125/Viagens-pelo-Brasil-Principalmente-nas-provincias-do-Norte-e-nos-Distritos-do-Ouro-e-do-Diamante-durante-os-anos-de-1836-1841>.

RICHARD SPRUCE

(1817-1893) Inglaterra

Viagens no Brasil: Amazonas

Botânico. Spruce chegou no Brasil em 1849 e inicialmente se uniu a Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates em Santarém, no rio Amazonas, antes de explorar os rios Trombetas e Negro. Apesar de problemas de saúde como surdez parcial e dor nas costas crônica, passou 15 anos explorando o Brasil, Peru, Equador e Venezuela. Em 1908, Wallace editou os diários de Spruce no livro *Notes of a Botanist on the Amazon and Andes*.

JOSEPH ALFRED MARTINET

(1821-1875) França

Viagens no Brasil: Rio de Janeiro

Gravurista. Dedicou ao imperador D. Pedro II o álbum *O Brasil pitoresco, histórico e monumental*, publicado em 1847, por ele criado e ilustrado; disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon211917/icon211917.pdf.

RICHARD FRANCIS BURTON

(1821-1890) Inglaterra

Viagens no Brasil: Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul

Navegador. A partir de 1865, o grande explorador inglês passou três anos como cônsul britânico em Santos. Durante sua estadia realizou uma expedição para as serras de Minas Gerais, viajando a extensão do rio São Francisco de canoa, além de visitar os campos de batalha da Guerra do Paraguai. Publicou os livros *Explorations of the Highlands of Brazil, with a Full Account of the Gold and Diamond Mines, also Canoeing Down the Great River São Francisco, from Sabará to the Sea* e *Letters from the Battlefields of Paraguay in 1869 e 1870*, respectivamente.

ALFRED RUSSEL WALLACE

(1823-1913) Inglaterra

Viagens no Brasil: Pará, Amazonas

Naturalista. Chegou no Brasil em 1848 com Henry Walter Bates e passou os anos subsequentes navegando o Rio Negro e colecionando espécimes, que infelizmente foram todos perdidos num naufrágio naufrágio durante a viagem de volta em 1852. De volta à Inglaterra, Wallace publicou os livros *Palm Trees of the Amazon e Travels on the Amazon*, e mais tarde desenvolveria a teoria da evolução também desenvolvida por Charles Darwin (em 1858, publicaram juntos os primeiros artigos a respeito).

HENRY WALTER BATES

(1825-1892) Inglaterra

Viagens no Brasil: Pará, Amazonas

Naturalista. Passou 11 anos no Brasil, chegando em 1848 com Alfred Russel Wallace e colecionando mais de 14.712 espécies das regiões dos rios Amazonas e Tocantins. Com a saúde fragilizada, Bates voltou para a Inglaterra em 1859 e em 1863 publicou o relato *The Naturalist on the River Amazons*.

Créditos fotográficos

KHM Museumsverband

capa, p. 5, 33, 44, 63, 64, 65, 67, 79, 85, 89, 90, 97, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 119, 120, 121, 125, 126/127, 157, 158, 159, 160/161, 163, 180, 181, 189, 192, 193, 194, 195, 229, 265, 266/267, 196, 296, 297.

NHMW

Dominik Riedl

p. 6, 11, 26, 27, 28, 29, 30, 34, 35, 37, 53, 55, 56, 59, 60, 61, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72/73, 74, 75, 82/83, 86, 91, 92, 94, 99, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 128/129, 132, 133, 140/141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 155, 174, 175, 190, 191, 197, 199, 202, 203, 204/205, 206, 207, 209, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 230, 231, 232, 234, 237, 238, 239, 240, 243, 246, 249, 250, 251, 253, 256, 257, 264, 268/269, 271, 272, 273, 274, 275, 277, 279, 282, 283, 284, 285, 286/287, 288, 289, 291, 291, 292.

José Paulo Monteiro Soares

p. 16, 17, 18, 19, 20, 40, 41, 42, 43, 48, 49, 50, 51, 137, 211.

Acervo Kapa Editorial

p. 22, 23, 27, 47, 77, 198.

George Milek

p. 45.

Note bem

Naturhistorisches Museum Wien (NHMW)

Museu de História Natural de Viena

Weltmuseum Wien

Museu do Mundo de Viena (antigo Museu Etnológico)

Akademie der bildenden Künste Wien

Academia de Belas Artes de Viena

Agradecimentos dos Editores

Claudia Augustat

Ilse Jung

José Cândido Ferrão Monteiro Soares

Julia Araújo

Dominik Riedl

Sabine Eggers

WeltMuseum Wien

Naturistorisches Museum Wien

Cooperativa dos Produtores Culturais do Estado de São

Paulo- Coopcesp e equipe

Agradecimentos especiais

Thiago Kling

Lucas Haddad

Este livro foi composto com os tipos da família tipográfica Proforma, impresso nas oficinas da Ipsis Editora Gráfica, em papel Euroboulk 170g, para Kapa Editorial & Editora Index, no ano de comemoração dos 40 anos das editoras.